

A arquitetura em sua função social:

Proposta de sede para a CUFA Campo Grande



Julia Otto Gnutzmann

Orientador: Dr. Alex Nogueira Rezende

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Campo Grande

2024



ATA DA SESSÃO DE DEFESA E AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA - 2024-2

No mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e quatro, reuniu-se de forma presencial a Banca Examinadora, sob Presidência do Professor Orientador, para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul em acordo aos dados descritos na tabela abaixo:

DATA, horário e local da apresentação	Nome do(a) Aluno(a), RGA e Título do Trabalho	Professor(a) Orientador(a)	Professor(a) Avaliador(a) da UFMS	Professor(a) Convidado(a) e IES
06 de dezembro/2024 Auditório Arq Jurandir Nogueira 14 horas CAU-FAENG-UFMS Campo Grande, MS	Julia Otto Gnutzmann - RGA 2020.2101.023-3 Título: A arquitetura em sua função social: Proposta de sede para a CUFA Campo Grande	Prof. Dr. Alex Nogueira	Prof. Dr. Gilfranco Alves	Arq. Thiemy Shinzato (Casa Muxarabi)

Após a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso pela acadêmica, os membros da banca examinadora teceram suas ponderações a respeito da estrutura, do desenvolvimento e produto acadêmico apresentado, indicando os elementos de relevância e os elementos que couberam revisões de adequação.

Ao final a banca emitiu o **CONCEITO A** para o trabalho, sendo **APROVADO**.

Ata assinada pelo Professor Orientador e homologada pela Coordenação de Curso e pela Coordenação da disciplina de TCC.

Campo Grande, 06 de dezembro de 2024.

Prof. Dr. Alex Nogueira
Professor Orientador

Profa. Dra. Helena Rodi Neumann
Coordenadora do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAENG/UFMS)

Profa. Dra. Juliana Couto Trujillo
Presidente da Comissão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)



Documento assinado eletronicamente por **Alex Nogueira Rezende, Professor do Magistério Superior**, em 06/12/2024, às 16:55, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Couto Trujillo, Professora do Magistério Superior**, em 06/12/2024, às 17:03, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helena Rodi Neumann, Professora do Magistério Superior**, em 09/12/2024, às 11:39, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5305127** e o código CRC **20C6DDDE**.

FACULDADE DE ENGENHARIAS, ARQUITETURA E URBANISMO E GEOGRAFIA

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.033813/2021-56

SEI nº 5305127

Agradecimentos _____

Aos meus pais, Sandra e Ricardo, pelo suporte emocional e material durante todo esse tempo. Sei que cada conquista minha é carregada de anos de sacrifícios e cuidados que vocês tiveram comigo e com meus irmãos. Sei, também, que é um privilégio ter o apoio de vocês para sair de casa em busca da graduação, serei eternamente grata pelo incentivo de vocês.

Aos meus irmãos, pelo carinho e pela torcida, em especial à minha irmã Débora, que me acolheu em sua casa durante o último ano e segurou as pontas para que eu pudesse me dedicar a esse trabalho.

Aos meus amigos, por se animarem com minhas conquistas e não me permitirem diminuí-las. Especialmente, aos meus colegas de curso, Marcos, Laura, Isadora, Carol, Luiza e Pedro, que foram essenciais para a minha trajetória acadêmica, mas que também se tornaram lar, quando eu me sentia tão distante do meu.

Ao meu amor, Luiz, por ser um ombro, um parceiro e sonhar os meus sonhos comigo. Espero, em breve, conquistar os nossos.

Agradeço aos funcionários e docentes do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMS, por nos auxiliarem durante a jornada acadêmica e nos passarem o amor pela Arquitetura. Agradeço imensamente pelo meu orientador, professor Dr. Alex, que enxergou e avivou o meu potencial durante o desenvolvimento deste trabalho, você me inspira.

Sou grata também à Letícia, à toda equipe por trás da existência da CUFA em Campo Grande e às crianças da organização, não somente por me auxiliarem durante a pesquisa de dados, mas também por me acolherem tão bem durante meu voluntariado.

Por fim, pela vida, esforço e capacidade, a mim concedidos, de não somente desenvolver esse trabalho, mas também percorrer os cinco anos de graduação com dedicação, entregando a maior parte da minha energia a esse curso tão apaixonante. Por cada dia cansativo em que eu não desanimei e que me fizeram chegar até aqui.

Resumo _____

O presente trabalho tem como missão propor o projeto arquitetônico uma nova sede para a CUFA Campo Grande. CUFA é uma organização sem fins lucrativos, que auxilia, impulsiona e dá voz às favelas do Brasil e do mundo. O trabalho analisa o contexto histórico do surgimento das favelas no Brasil e, posteriormente, o nascimento de organizações e coletivos em prol da melhoria da qualidade de vida nesses espaços. Através de um olhar sensível, pretende-se observar como a arquitetura pode transformar esses espaços, garantindo acolhimento, pertencimento, cultura e cidadania.

Palavras-chave: Favelas; organizações não-governamentais; terceiro setor; arquitetura social;

Abstract _____

This undergraduate thesis aims to propose the architectural project for a new headquarters for CUFA Campo Grande. CUFA is a non-profit organization that assists, empowers, and gives voice to favelas of Brazil and the world. The paper analyzes the historical context of the emergence of favelas in Brazil and, subsequently, the birth of organizations and collectives aimed at improving the quality of life in these places. Through a sensitive lens, the intention is to observe how architecture can transform these areas, ensuring inclusivity, a sense of belonging, culture, and citizenship.

Keywords: Favelas (slums); non-governmental organizations; third sector; social architecture;

Lista de figuras _____

Figura 1: Fotografia de 1975 do arquiteto Vilanova Artigas	11
Figura 2: Fotografia “Paraisópolis.”	14
Figura 3: “Uma limpeza indispensável”: caricatura divulgada na revista <i>O Malho</i> , sobre o plano de saneamento liderado por Oswaldo Cruz	16
Figura 4: Informativos sobre as ações da CUFA durante as enchentes no RS	22
Figura 5: Reportagem publicada no ano de 1976 sobre a Favela do Querosene	23
Figura 6: Mapa das favelas atendidas pela CUFA Campo Grande	25
Figura 7: Mapa do perímetro urbano de Campo Grande, relacionando o rendimento <i>per capita</i> mensal médio dos bairros e a locação de praças públicas	27
Figura 8: Desenhos do Parque feitos pelos participantes da Oficina Fazendinhando	31
Figura 9: Crianças colorindo gibis produzidos pelos alunos da disciplina de Construir e Habitar II/2023.2 - CAU/UFMS	31
Figura 10: Espaço Acolhedor BE	33
Figura 11: Planta e perspectiva axonométrica do Espaço Acolhedor BE	34
Figura 12: Imagens e detalhes do Espaço Acolhedor BE	34
Figura 13: Fachada do Espaço Comunitário De Hué	35
Figura 14: Diagrama do processo criativo	35
Figura 15: Planta e corte do Espaço Comunitário De Hué	36
Figura 16: Diagrama volumétrico	36
Figura 17: Imagens internas do Espaço Comunitário De Hué	37
Figura 18: Vista aérea da Nave Multiprograma	37
Figura 19: Vista aérea da inserção da Nave Multiprograma	38
	38

Figura 20: Relação com o entorno e corte da Nave Multiprograma	38
Figura 21: Quadra poliesportiva e esquema estrutural da Nave Multiprograma	39
Figura 22: Plantas do primeiro e segundo pavimento da Nave Multiprograma	39
Figura 23: Fachada e corte do Centro Cultural Lá da Favelinha	40
Figura 24: Plantas do térreo, primeiro e segundo pavimento da Nave Multiprograma e esquema isométrico	40
Figura 25: Corte longitudinal do Centro Cultural Lá da Favelinha	41
Figura 26: Imagens internas e externas do espaço	41
Figura 27: Implantação do projeto	42
Figura 28: Escadaria, marco do projeto	42
Figura 29: Antes e depois da área de projeto	43
Figura 30: Imagem do fim da escadaria e corte do projeto	43
Figura 31: Mapa do Mato Grosso do Sul com destaque para o município de Campo Grande, destacando o perímetro urbano do município	44
Figura 32: Mapa do perímetro urbano de Campo Grande com destaque para o bairro São Conrado e para a localização da sede da CUFA Campo Grande	44
Figura 33: Mapa apresentando os zoneamentos em que o Bairro São Conrado está abrangido	45
Figura 34: Mapa da hierarquia viária das ruas do entorno da sede	46
Figura 35: Mapa das condições de mobilidade urbana no entorno da sede da CUFA Campo Grande	46
Figura 36: Mapa da rede de abastecimento de água e esgoto no entorno da sede da CUFA Campo	47
Figura 37: Mapa de abrangência dos equipamentos comunitários e fotos dos equipamentos	47
Figura 38: Mapa de uso do solo do entorno da sede da CUFA Campo Grande	48
Figura 39: Mapa do terreno com destaque para a topografia e arborização existente	49
Figura 40: Perfil topográfico do terreno	49

Figura 41: Radiação solar e predominância dos ventos	49
Figura 42: Planta layout da edificação existente	50
Figura 43: Fotos da atual sede da CUFA Campo Grande	50
Figura 44: Relação da organização com a arte	51
Figuras 45: Alguns dos desenhos entregues pelos participantes da dinâmica	53
Figuras 46: Vinicius auxiliando a autora na medição do espaço existente da CUFA	54
Figura 47: Desenho de Vinicius, representando um galinheiro, uma borboleta, um sofá e o pateta	54
Figura 48: Diagrama de conceitos	56
Figura 49: Organograma dos eixos	57
Figura 50: Fluxograma	58
Figura 51: Imagens destacando os elementos que consolidaram o partido arquitetônico	58
Figura 52: Croquis	59
Figura 53: Diagrama de volumes	60
Figura 54: Elementos da materialidade do projeto	61
Figura 55: Axonométrica estrutural dos blocos 1 e 2	62
Figura 56: Axonométrica estrutural do bloco 3	63

Lista de gráficos _____

Gráfico 01: Representação dos principais interesses analisados na dinâmica	53
---	----

Lista de tabelas _____

Tabela 01: Quadro 8 da Nota Metodológica “Sobre a mudança de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas”	18
Tabela 02: Itens recomendados em cada zoneamento que o terreno está inserido	45
Tabela 03: Programa de necessidades	57

Sumário _____

Introdução	08	2	4
Introdução			
Justificativa			
Objetivos			
Metodologia			
1			
Meu nome é favela	13		
1.1 Surgimento e oficialização das favelas			
1.2 Organizações da sociedade civil e o potencial de impacto nas favelas			
1.3 Nascimento e trajetória da CUFA: das primeiras reuniões até sede em Nova York			
1.4 Chegada da CUFA no MS e sua atuação em Campo Grande			
1.4.1 Panorama geral e invisibilidade das favelas no MS			
1.4.2 A “capital sem favelas” e a CUFA Campo Grande			
Arquitetura e espaços comunitários	26		
2.1 Espaços públicos e comunitários			
2.2 Identificação e acolhimento			
2.3 Feito <i>para</i> eles e <i>com</i> eles: a tendência de participação popular na arquitetura			
3			
Embasamento projetual	32		
3.1 Precedentes			
3.1.1 Precedentes conceituais			
3.1.2 Precedentes temáticos			
3.2 Terreno: Localização e diagnóstico urbano			
3.3 O espaço construído existente			
3.4 As relações entre a população e a sede da CUFA Campo Grande			
Proposta de sede para a CUFA Campo Grande	55		
4.1 Conceitos			
4.2 Programa de necessidades			
4.3 Partido arquitetônico			
Considerações finais	86		
Referências bibliográficas	87		
Apêndices	90		



ntrodução

Introdução

A transição entre os séculos XIX e XX, marca o início de um processo urbano que transforma a cidade do Rio de Janeiro e, igualmente, o Brasil: o surgimento e expansão das favelas. O termo tem relação direta com a Guerra de Canudos, principalmente com a retratação feita na obra *Os Sertões* (2013¹), de Euclides da Cunha (1866-1909). Esse fenômeno, tão presente na configuração urbana atual do país, tem sua origem diretamente relacionada à desigualdade socioespacial brasileira.

Paralelo à intensificação dos contrastes socioeconômicos, há a emergência do Serviço Social e de instituições de apoio às classes menos abastadas, sempre com grande caráter assistencialista. Entre os anos 1964 e 1985 o Brasil passou por um processo político intenso, a Ditadura Militar. Este período foi marcado pela censura em diversos âmbitos e pelo abuso das autoridades de força, esse evento acaba, indiretamente, produzindo uma elucidação política da população. Assim, ainda durante o regime, a partir da década de 1970, inicia-se uma politização popular no país, e o espírito de coletividade se intensifica. Tal momento dá espaço para o surgimento de diversos grupos focados em causas populares, como o movimento estudantil e as lideranças sindicais. O fim dessa era política tão repressora, somado ao avanço do acesso à informação, reforça o desenvolvimento de organizações comunitárias no Brasil, as organizações não-governamentais (ONGs) (DOIMO, 1995).

O movimento *Hip Hop* surgiu em Nova Iorque, por volta da década de 1970, que se popularizou no Brasil a partir da década de 1990. No país, o movimento ganhou força, principalmente, nas favelas, sendo visto como uma maneira de narrar o cotidiano dessa população e contestar a ausência do Estado (LOURENÇO, 2010). A fim de discutir esse

aliado de expressão política, um grupo de jovens, moradores de favelas do Rio de Janeiro, se reúne e dá início a uma organização em prol de impulsionar a cultura da favela e seus artistas locais (SANTIAGO, 2011, p. 14).

É nesse cenário de juventude ativa, mais especificamente em 1998, que a Central Única das Favelas (CUFA) dá seus primeiros passos para se tornar uma das organizações mais influentes do Brasil. Atualmente, está presente nas 27 unidades federativas brasileiras e em outros 15 países. A CUFA é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), que tem como eixo principal facilitar o acesso à arte, à cultura, ao esporte, ao empreendedorismo e a uma série de direitos básicos para os moradores de favelas (SANTIAGO, 2011, p. 2).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as favelas são uma tipologia de território popular que nasce a partir da necessidade de moradia e demais usos, em resposta à ineficácia das políticas públicas associadas ao direito à cidade. Ainda segundo o IBGE, entre os critérios de reconhecimento de favelas (que serão debatidos mais profundamente no subcapítulo 1.1) não há requisito quanto ao relevo local, logo, uma favela pode desenvolver-se em morros ou em áreas planas. Isso aponta para um preconceito no imaginário da maioria da população, que associa favelas ao clássico estereótipo de ocupação de encostas e morros, caso comum das favelas cariocas, por exemplo.

No contexto da cidade de Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, a primeira favela que se tem registro foi a Favela do Querosene, reconhecida em 1976 (Correio do Estado, 2017). Mesmo após quase 50 anos, a sociedade sul-mato-grossense ainda tem dificuldades em admitir a existência de favelas no estado. Em 2021, o então prefeito da capital, Marquinhos

¹ Edição de 2013, originalmente publicado em 1902.

Trad, afirmou para o jornal *Correio do Estado* que Campo Grande não tinha favelas, apenas “áreas ocupadas de maneira irregular.” Nesse mesmo ano, a liderança da CUFA em Campo Grande, Letícia Polidório, já contabilizava 38 favelas na cidade (Correio do Estado, 2021).

Assim como a CUFA, a CUFA MS² funciona como uma mediadora entre a população que reside em favelas e projetos socioculturais, educacionais e de saúde pública. Segundo a coordenadora da CUFA MS, Lívia Lopes Correa (2024), no presente momento, a Central está ativa em cinco municípios do estado, sendo eles: Campo Grande, Corumbá, Três Lagoas, Amambai e Ivinhema. Por estar na capital, o que permite alcance a mais patrocinadores e voluntários, a sede de Campo Grande é a mais operante do estado e já atingiu a marca de cerca de 46.000 pessoas atendidas (CORRÊA; POLIDÓRIO, 2024).

Em 2024, a sede da CUFA em Campo Grande se localiza no bairro São Conrado, em um espaço que antes sediava a associação de moradores local. Com uma área construída de pouco mais de 110 metros quadrados, Letícia Polidório realiza campanhas e projetos que buscam apoiar, motivar e acolher aqueles que, muitas vezes, precisam de incentivo e suporte.

Contudo, é inegável que a organização conseguiria fazer muito mais com um ambiente maior, melhor planejado e que atendesse às diversas atividades e demandas que a CUFA Campo Grande possui. Portanto, pretende-se alcançar neste trabalho o projeto de uma sede funcional e eficiente, que parte da análise do contexto histórico e social da organização, do local onde está inserida e da população que é atendida.

Justificativa _____

No Brasil, a partir da década de 1970, o senso de comunidade aumenta entre a população, que passa a enxergar na união uma forma de conquistar objetivos em comum. Sobre essa mudança de consciência do povo brasileiro pós-1970, Ana Maria

Doimo (1995, p. 75) escreve:

Parece que, no vácuo da falência do nacional-desenvolvimentismo — ideologia tecnocrática que dominou a geração dos anos 1954-64 (Pécaut, 1990) (sic) —, finalmente se descobria que somente o povo poderia, “de baixo para cima”, produzir as necessárias transformações históricas.

Na escala da favela, isso não é diferente. A desigualdade socioespacial é visível e permeia não só a distância física da favela, mas o acesso a uma infraestrutura digna. A população residente encontra em movimentos coletivos o apoio e a força para pedir por mais. A pesquisadora Paula S. de Barros Santiago (2011, p. 14) reflete sobre a CUFA ter iniciado seus trabalhos em um cenário de renúncia do Estado, da mídia e até mesmo de seu público alvo. Para além disso, quando olha-se para a História, percebe-se que a rejeição pelas favelas aparece como um personagem onipresente no cotidiano desses espaços. Logo, não seria diferente com as organizações que lutam pela melhoria da qualidade de vida das populações marginalizadas.

A CUFA Campo Grande possui projetos e campanhas que repercutem na vida de pouco mais de 300 famílias diretamente. A autora deste trabalho aproximou-se desta organização em meados do segundo semestre de 2023, por meio de uma disciplina extensionista do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul). A disciplina foi conduzida pelos professores Dr. Alex Nogueira Rezende e Dr. Gilfranco Alves, tendo como principal objetivo trabalhar a área de educação patrimonial com as crianças atendidas pela ONG. A partir disso, a autora manteve contato com a equipe da organização e passou a voluntariar nesta, trabalhando diretamente com a coordenação e com a população local.

A sede atual, localizada no bairro São Conrado, além de estar posicionada entre ruas não pavimentadas, o que dificulta seu acesso, possui uma área construída insuficiente para a demanda da organização. Percebe-se que seu espaço físico atual não acompanha o alcance significativo da organização. Essa realidade precisa de atenção e a partir da análise deste trabalho, pode-se alcançar a visibilidade necessária para mudar esse cenário. Ademais, faz-se imprescindível um estudo que resulte em uma proposta arquitetônica para a sede, que seja planejada para atender, especificamente, às demandas da ONG e que não seja apenas um espaço genérico ocupado por ela.

² Segundo Corrêa (2024), internamente, a CUFA não limita sua nomeação em “CUFA” (nacional), ou “CUFA MS”, por exemplo, contudo, neste trabalho será usada essa nomenclatura a fim de explicar a gestão da instituição e também, evidenciar de qual sede comenta-se no momento. Sempre que a palavra CUFA aparecer, sem acompanhamento de siglas de estados ou nomes de cidades, trata-se da CUFA a nível nacional.

Para João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), arquiteto, urbanista e professor, a arquitetura não deve ser encarada apenas como arte, mas também como uma manifestação cultural do povo e de um momento histórico-político (1989). Artigas (1989, p. 72) fala ainda sobre a comunicabilidade do edifício e o quanto a arquitetura é capaz de dialogar sobre o contexto de sua época:

E, quando falo isso a vocês, é como quem apela à juventude para ter a sensibilidade de fazer com que cada um de seus edifícios, por mais modestos que possam ser, tenha uma coisa a dizer, com os tijolinhos empilhados, com a simplicidade do fato de construir.

Propor locais para a existência de organizações como a CUFA, é permitir que a história da favela e de seus moradores seja mostrada. É propor espaços de qualidade e tecnologia arquitetônicas, sem apagar a essência da cultura da favela. Dessa forma, este trabalho é resultado da união do apelo de Artigas, da relevância da CUFA para a cidade de Campo Grande, sua necessidade de melhores condições e do apreço pessoal da aluna pela atuação da organização.

Figura 1: Fotografia de 1975 do arquiteto Vilanova Artigas



Fonte: Arquivo Agência O Globo *apud* Revista Casa e Jardim, com edições da autora.

Objetivos _____

Objetivo geral

Por meio deste trabalho, pretende-se desenvolver o projeto arquitetônico de uma sede para a organização não-governamental Central Única das Favelas em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, usando conceitos da arquitetura comunitária e de estratégias de colaboração dos usuários.

Objetivos específicos

Como objetivos específicos, o trabalho visa:

- a) Informar e contextualizar sobre a formação das favelas brasileiras, a fim de promover uma conscientização acerca da desigualdade socioespacial;
- b) Refletir sobre a CUFA enquanto organização de cunho social, suas origens e efeitos dentro da sociedade civil, valorizando o terceiro setor como aliado da população perante ao poder público;
- c) Examinar a invisibilidade das favelas no Mato Grosso do Sul, e conseqüentemente, em Campo Grande, com a finalidade de denunciar o apagamento político da temática;
- d) Debater sobre a arquitetura em sua função social, principalmente como agente no planejamento e produção de espaços comunitários multifuncionais, trazendo precedentes e referências projetuais.

Metodologia _____

A partir da conceituação de Lakatos e Marconi (2017), entende-se que a elaboração deste trabalho se constituiu a partir de três principais técnicas de pesquisa: a documentação indireta, a observação direta intensiva e a observação direta extensiva.

A documentação indireta refere-se ao recolhimento de dados e informações sobre a temática, conhecendo previamente o assunto a ser tratado (LAKATOS; MARCONI, 2017). Neste caso, a pesquisa documental foi feita a partir do levantamento de documentos e legislações de órgãos do poder público, de institutos de pesquisa e de acervos históricos, disponibilizados gratuita e digitalmente, através do acesso a portais eletrônicos oficiais. Outra maneira de recolher dados utilizada foi a pesquisa bibliográfica, que englobou a leitura e análise de livros, artigos científicos, monografias, entrevistas e reportagens. A bibliografia usada perpassa por temáticas como arquitetura, o terceiro setor, as favelas e a relação entre arquitetura e sociedade. A maioria dos textos foi alcançada em acervos digitais como o Google Acadêmico, algumas acessadas através de empréstimo físico pela Biblioteca Central do câmpus Cidade Universitária da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e outros ainda, obtidos por meio do empréstimo de bibliotecas particulares.

A observação direta intensiva tem como característica o uso dos sentidos para analisar fatos, aspectos ou fenômenos (LAKATOS; MARCONI, 2017). Neste presente trabalho, foram aplicadas as tipologias de observação sistemática e assistemática. Em todos os casos, a observação ocorreu por meio do contato direto com os membros da CUFA Campo Grande e com algumas das pessoas atendidas pela organização, durante o voluntariado da autora na instituição. Além disso, outra forma de observação direta intensiva são as entrevistas não estruturadas, que foram feitas com membros da coordenação, a fim de compreender a história e atuação da ONG, descritas nos apêndices deste trabalho.

Por fim, a observação direta extensiva envolve a recolha de informações a partir de

questionários, formulários, medidas de opinião e/ou técnicas mercadológicas (LAKATOS; MARCONI, 2017, p. 216). Neste trabalho, foi aplicado uma dinâmica com as crianças ativas na instituição, com o objetivo de compreender a relação dessa população com o espaço físico da organização e ouvir, de certa forma, a opinião dos usuários mais assíduos desse ambiente.

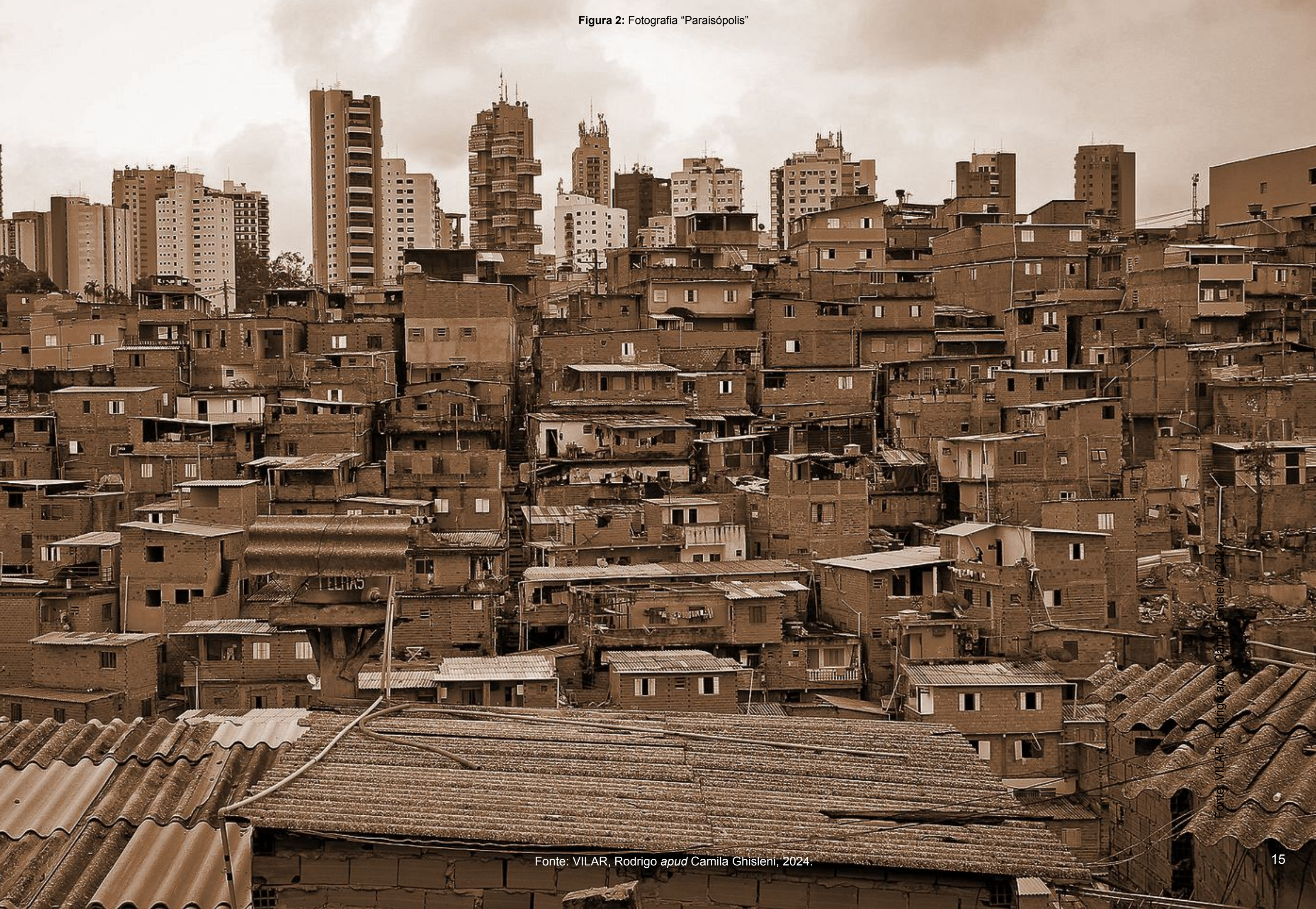
Outro recurso utilizado para a fundamentação projetual foi a pesquisa e análise de projetos arquitetônicos correlatos ao tema, que ajudaram a definir estratégias e conceitos a serem seguidos. Dados sobre a área de intervenção e seus parâmetros urbanísticos foram retirados do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Campo Grande (PDDUA-CG/Lei Complementar n. 341/2018) e da Lei de Uso e Ocupação do Solo de Campo Grande (Lei Complementar n. 74/2005). Por fim, evidencia-se que o presente trabalho é resultado da análise e interseção destas diversas fontes de informação.

Por fim, outros instrumentos essenciais para o entendimento das relações existentes no atual terreno e construção foi o levantamento arquitetônico, métrico e fotográfico, realizado *in loco* pela autora e que forneceu dados apresentados no capítulo 3 deste trabalho.

Meu nome é favela

O capítulo que se segue discorre sobre a gênese das favelas, o desenvolvimento do processo de favelização e os principais momentos históricos que formaram o que, hoje, é conhecido por favela. Após a contextualização histórica dessa tipologia espacial, será analisada a relação deles com os movimentos populares e a formação de organizações comunitárias, principalmente sobre o laço de união trazido por esses coletivos. Por fim, avalia-se o nascimento da CUFA, tanto no Rio de Janeiro, quanto no Mato Grosso do Sul e em Campo Grande, entendendo sua trajetória e seu impacto no cotidiano das favelas.

Figura 2: Fotografia "Paraisópolis"



Fonte: VILAR, Rodrigo *apud* Camila Ghisleni, 2024.

Fonte: VILAR, Rodrigo *apud* Camila Ghisleni, 2024.

1.1 Surgimento e oficialização das favelas

No penúltimo Censo (2010) realizado pelo IBGE, o Brasil possuía cerca de 11 milhões de habitantes distribuídos entre 6.329 favelas, espalhadas por 323 municípios (IBGE, 2024). De acordo com a pesquisa *Data Favela*, em 2023, o número de favelas brasileiras mais que dobrou, chegando a 13.151 favelas, ocupadas por 17,9 milhões de cidadãos (Agência Brasil, 2023). Mesmo que apresente números altos e que seu processo de formação tenha iniciado há mais de um século, ainda há muito o que ser definido e estudado sobre esse fenômeno urbano.

Neste trabalho, o foco principal é designado à formação das favelas pela dinâmica histórica e urbanística. Contudo, se faz necessário também um recorte socioeconômico. Segundo Carvalho (2018, p. 140) não é possível identificar com precisão o momento em que a pobreza surgiu, mas sim, que esse fenômeno acompanha a vida humana desde suas origens. As primeiras comunidades sobreviveram em um cenário de extrema escassez e essa situação só muda com o surgimento de técnicas de uso do solo e de criação de animais. De acordo com a autora (CARVALHO, 2018, p. 141-142):

[...] ao tempo em que o ser humano consegue melhorar a sua capacidade de produção, também consegue promover o acúmulo de bens necessários à sobrevivência e com isso altera as relações sociais estabelecidas entre os homens. O excedente da produção surge a partir da potencialização da capacidade humana pelo trabalho e ao mesmo tempo gera uma nova riqueza social.

Nesse sentido, a partir do momento que surge o excedente da produção surge também uma parte da população que não precisa produzir para se manter. Dá-se assim, uma divisão social e econômica do trabalho.

Com a segmentação socioeconômica e o estabelecimento de modelos de produção que intensificam essas divisões de classe, como o feudalismo e o capitalismo, a maior problemática da vida em sociedade se institui: a desigualdade social.

A partir desse recorte, entende-se que há uma infinidade de eventos que culminam no surgimento das favelas, assim como de outros fenômenos urbanos que escancaram o viés socioeconômico da segregação espacial urbana. Certamente, ninguém decide viver em situação de risco socioambiental. Agora, observando de maneira enfática o período em que as favelas começam a surgir, é possível desenhar uma linha cronológica um pouco mais detalhada.

No final do século XIX, as elites brasileiras, inspiradas pelo modelo de vida europeu, começaram a se incomodar com a presença da pobreza nas cidades. Após um crescimento demográfico acelerado, os efeitos atingem diretamente o espaço urbano. Somado a isso, ocorre o *boom* dos estudos europeus sobre urbanismo, o que incentiva os pensadores e políticos a “embelezar” as cidades brasileiras. Especificamente no Rio de Janeiro, a representação da pobreza eram os cortiços³, que se tornaram o centro das propostas de “limpeza” da cidade. Para Lícia do Prado Valladares (2005, p. 24), pesquisadora de favelas, os cortiços foram a semente da favelização:

Definido como um verdadeiro “inferno social”, o cortiço carioca era visto como o antro da vagabundagem e do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral. Percebido como espaço propagador da doença e do vício, era denunciado e condenado através do discurso médico higienista, levando à adoção de medidas administrativas pelos governos das cidades.

As primeiras políticas adotadas foram baseadas em buscar soluções através da remoção. Para muitos, principalmente para engenheiros e médicos, a cidade do Rio de Janeiro era um paraíso natural e a presença dos cortiços “sujava” a imagem da cidade. A fim da “limpeza” desse cenário, o governo inicia a destruição desses cortiços e posteriormente, ao fim do século XIX, a Prefeitura do Rio de Janeiro divulga a proibição da construção de novos (VALLADARES, 2005, p. 24). Com o fim dos cortiços, a população que neles residia se vê conduzida a buscar outras alternativas.

³ Segundo Silva (2018), os cortiços eram antigos casarões da elite abandonados que passaram a ser ocupados pelas populações mais pobres, que precisavam morar mais próximos do trabalho.

A origem da favela, teria como fonte algumas crises que o Rio de Janeiro passou no fim do século XIX. Além da crise habitacional, advinda do momento demográfico acelerado, a problemática do alojamento de ex-combatentes da Revolta da Armada (1893-1894) e da campanha militar de Canudos (1896-1897) propiciaram as primeiras ocupações irregulares (ABREU, 1994).

Após o fim da Revolta da Armada, por falta de opção, autorizou-se que os soldados que retornaram do conflito se instalassem em um convento, localizado no Morro Santo Antônio. O alojamento foi insuficiente para atender a todos os ex-combatentes e seus familiares, logo, foi autorizada a montagem de “barracões” nas encostas do morro (ABREU, 1994). Essa é uma das primeiras formações mais próximas do que as favelas viriam a ser.

O Morro da Providência também é destacado como um dos primeiros que passaram por esse tipo de ocupação. Inicialmente, este morro recebe a apropriação por ex-combatentes da Guerra de Canudos, que desejavam pressionar o governo por pagamentos atrasados (VALLADARES, 2005). Nesse contexto, merece destaque que na obra literária *Os Sertões* (CUNHA, 2013), Morro da Favella⁴ é um ponto estratégico para o conflito, recebendo esse nome pela presença da planta Favella.

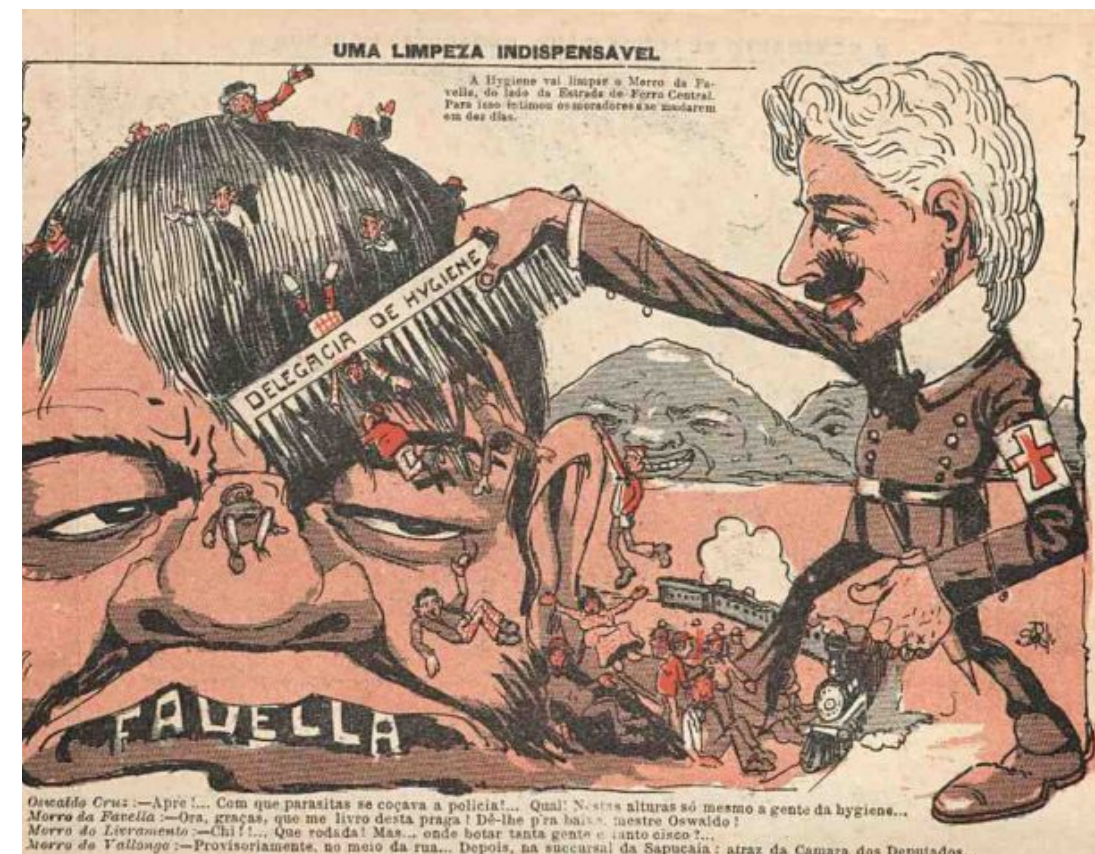
Seja pela presença da planta, pela semelhança física com o morro de Canudos ou pelo caráter de luta por direitos, o Morro da Providência passa a ser chamado Morro da Favella. Pouco a pouco, o vocabulário popular passa a usar o termo favela como substantivo para qualquer aglomeração de habitações precárias e sem acesso a infraestrutura básica (VALLADARES, 2005, p. 26).

Com a expansão do fenômeno da favelização, surgem novamente as preocupações governamentais com a estética urbana carioca. Em 1907, durante a reforma proposta pelo prefeito Pereira Passos (1836-1913), o médico sanitariano Oswaldo Cruz (1872-1917), baseado em condutas higienistas, liderava um plano de saneamento das favelas cariocas. A partir deste, muitos outros planos de “embelezamento” urbano começam a aparecer. Na maioria das vezes, não foram executados ou se mostraram ineficazes contra o crescente espalhamento das favelas cariocas (VALLADARES, 2005,

⁴Atualmente, a escrita correta é favela, com apenas uma letra “l”, porém isso só foi transformado na Reforma Ortográfica de 1942, logo alguns textos, quando se referem a períodos anteriores a 1942, usam a ortografia original (VALLADARES, 2005).

p. 27).

Figura 3: “Uma limpeza indispensável”: caricatura divulgada na revista *O Malho*, sobre o plano de saneamento liderado por Oswaldo Cruz



Fonte: *O Malho*, ed. 247, 1907 *apud* Hemeroteca

Além do projeto de Oswaldo Cruz, entre as principais ações que envolveram soluções para o “problema”⁵ da favela estão, cronologicamente, o Programa de Casas Populares (1926-1927), por Mattos Pimenta⁶, o Plano Agache (1927-1930), por Alfred Agache⁷ e o reconhecimento pelo Código de Obras (1937)⁸ (VALLADARES, 2005, p. 45). Todos esses atos têm algo em comum, representando o pensamento da sociedade carioca nesse período, que é enxergar como única “solução” a eliminação das favelas da paisagem urbana do Rio de Janeiro.

⁵ Na maior parte dos planos que nasceram nesse período, a favela era vista como um problema a ser sanado. As soluções trazidas por eles, na maioria das vezes, incluíam a transposição dessa população, com ou sem destinação prevista.

⁶ João Augusto de Mattos Pimenta (1889-1979), foi uma importante figura para o mercado imobiliário e para a construção civil no Brasil (VALLADARES, 2005).

⁷ Alfred Hubert Donat Agache (1875-1959), arquiteto francês, um dos primeiros a fazer uma análise mais sociológica sobre as favelas (VALLADARES, 2005).

⁸ Influenciado pelo prefeito Pedro Ernesto e sua política clientelista, o Código de Obras reconhece a existência das favelas, trazendo direitos e deveres para moradores e governo, contudo ainda reiterando o objetivo de eliminação destas (VALLADARES, 2005).

O reconhecimento pelo Código de Obras de 1937 (PMRJ, p. 47) é um marco histórico, apesar de ainda prever a extinção das favelas, podendo ser este considerado um dos primeiros documentos onde há uma definição oficial do que era visto como favela:

Art. 349.º — A formação de favelas, isto é, de conglomerados de dois ou mais casebres regularmente dispostos ou em desordem, construídos com materiais improvisados ou em desacordo com as disposições deste Decreto, não será absolutamente permitida.

§ 1.º — Nas favelas existentes é absolutamente proibido levantar ou construir novos casebres, executar qualquer obras nos que existem ou fazer qualquer construção.

Entre as décadas de 1940 e 1960, a favela passa por uma mudança de personalidade perante a sociedade. Inicia-se uma valorização do espaço enquanto comunidade e uma busca por conhecer, quantificar e trazer dados sobre esse ambiente. Em 1948, é feito o primeiro recenseamento específico para as favelas cariocas, e posteriormente no Censo de 1950, as favelas são nomeadas dessa maneira pela primeira vez pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (VALLADARES, 2005).

Segundo os pesquisadores do Centro de Defesa dos Direitos Humanos Bento Rubião (CDDH Bento Rubião, 1993, p. 71), somente após a abertura política nos anos 1980, essa concepção muda e o que se entende é que as favelas existem, estão consolidadas e precisam de urbanização:

Entretanto, a partir do início da década de [19]80, como fruto fundamentalmente da luta das Organizações Não-Governamentais e comunitárias em geral, e da Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (FAFERJ) em particular, o poder público e uma parcela da opinião pública foram, pouco a pouco, assimilando o discurso da permanência e urbanização das favelas. O discurso da urbanização e da integração progressiva ao espaço urbano se disseminou, sendo cada vez mais difícil encontrar quem defendia publicamente uma nova política de remoção.

Portanto, precisou-se de cerca de 50 anos do nascimento da primeira favela carioca para que se oficializasse essa nomenclatura, e quase um século da existência das favelas para que o interesse em remoção passasse para o desejo de urbanização destas.

A partir de informações trazidas pelo CDDH Bento Rubião (1993, p. 71), para a maioria dos moradores de favelas, a chegada de serviços urbanos na década de 1980, principalmente o primeiro deles, o “Programa de eletrificação de favelas” da *Light*⁹, diminuíram o medo da expulsão. Contudo, atitudes urbanizadoras pontuais como essa, aos poucos, exterminaram o interesse coletivo pelos títulos de propriedade dos lotes:

Dentro dessa perspectiva, a entrada da Light (sic) nas favelas foi um marco na opinião de muitos moradores e lideranças comunitárias, afastando, quase que definitivamente, o “fantasma” da remoção. Conseqüentemente (sic), a questão do título de propriedade foi paulatinamente sendo deixada de lado, não encontrando mais ressonância entre os moradores.

É importante ressaltar que muito do que foi trazido aqui refere-se, particularmente, ao processo de favelização na cidade do Rio de Janeiro, considerada o principal berço do fenômeno (VALLADARES, 2005). Isso não anula a presença das favelas em outras cidades brasileiras, mesmo que em períodos posteriores, como é o caso das favelas paulistanas, datadas da década de 1940 (LARA, 2012, p. 119). A segregação socioespacial também é a origem da favelização em Brasília, um caso mais recente de crescimento sociodemográfico acelerado que impactou diretamente o espaço urbano (FERNANDEZ; OLIVEIRA, 2020).

Na década de 1990, a ausência de uma definição do termo favela era vista como mais uma representação do descaso governamental com a população residente nesses locais. Ainda segundo os pesquisadores do CDDH Bento Rubião (1993, p. 79-80), até o início 1980, usava-se dois requisitos para reconhecimento de uma favela: inexistência de documentação que comprovasse o titular da propriedade e a carência de serviços de infraestrutura urbana. Com as transformações do espaço e das relações sociais nas favelas, a adoção desses parâmetros ficou cada vez mais inviável.

Em 2024, três décadas após a publicação do estudo do CDDH Bento Rubião (1993), o IBGE

⁹ *Light* é a concessionária de energia e eletricidade do Rio de Janeiro há mais de 100 anos (LIGHT, 2023).

legítima o uso de Favela em substituição do termo “Aglomerados Subnormais”. Em nota metodológica lançada pelo instituto, no ano de 2024, afirma-se que os critérios para reconhecimento das favelas devem ser alterados a partir dos próximos estudos, contudo, a entidade declara uma pré-reformulação desses requisitos, já usada no último Censo (2022). Os novos requisitos adotados pelo IBGE podem ser vistos na Tabela 01, através de um quadro comparativo entre os conceitos usados em 2010.

Tal mudança é fruto da cobrança da Central Única das Favelas (CUFA), e de outras organizações populares, pelo posicionamento do Instituto em relação ao uso de termos que reforçam a estigmatização que esses espaços sofrem. Através do movimento “Favela no Mapa”, a organização não só auxiliou o instituto nos levantamentos do último Censo (2022), mas também apoiou a mudança de terminologia nos estudos do IBGE, a fim de levantar-se cada vez mais dados e estatísticas sobre as favelas brasileiras. Assim como essa, muitas outras conquistas para as favelas tiveram origem no apoio de organizações comunitárias, tais como a CUFA.

Tabela 01: Quadro 8 da Nota Metodológica sobre a mudança de Aglomerados Subnormais para Favelas e Comunidades Urbanas

CENSO 2010	CENSO 2022 (pré-reformulação)
Aglomerados Subnormais	Aglomerados Subnormais (atualmente, Favelas)
Um conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando, ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa. A identificação dos aglomerados subnormais é feita com base nos seguintes critérios:	Formas de ocupação irregular de terrenos de propriedade alheia (públicos ou privados) para fins de habitação em áreas urbanas e, em geral, caracterizados por um padrão urbanístico irregular, carência de serviços públicos essenciais e localização em áreas que apresentam restrições à ocupação. A identificação dos aglomerados subnormais deve ser feita com base nos seguintes critérios:
Ocupação ilegal da terra , ou seja, construção em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular) no momento atual ou em período recente (obtenção do título de propriedade de terreno há dez anos ou menos); e possuir pelo menos uma das seguintes características:	Caso haja ocupação ilegal da terra , ou seja, quando os domicílios estão em terrenos de propriedade alheia (pública ou particular), agora ou em período recente (obtenção do título de propriedade de terreno há dez anos ou menos) e quando se soma à ocupação irregular da terra uma ou mais das características a seguir:
Precariedade de serviços públicos essenciais , tais quais energia elétrica, coleta de lixo e redes de água e esgoto; ou	Precariedade de serviços públicos essenciais , tais quais energia elétrica, coleta de lixo e redes de água e esgoto; e/ou
Urbanização fora dos padrões vigentes - refletido por vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos.	Urbanização fora dos padrões vigentes - refletida pela presença de vias de circulação estreitas e de alinhamento irregular, lotes de tamanhos e formas desiguais e construções não regularizadas por órgãos públicos e/ou
	Restrição de ocupação , quando os domicílios se encontram em área ocupada em desacordo com legislação que visa à proteção ou restrição à ocupação com fins de moradia como, por exemplo, faixas de domínio de rodovias, ferrovias, áreas ambientais protegidas e áreas contaminadas.

Fonte: IBGE (2011, 2020 *apud* 2024)

1.2 Organizações da sociedade civil e o potencial de impacto nas favelas _____

“O homem é a maior alegria do homem” é um poema islandês milenar que dá nome a uma dos tópicos do livro Cidade Para Pessoas (2010), de Jan Gehl. Neste tópico, Gehl reflete como a humanidade desde sempre está em busca pelo contato com o outro e, quando esses encontros ocorrem, é a cidade que serve de cenário.

No cenário da favela, isso não é diferente. Segundo o CDDH Bento Rubião (1993, p. 33), as principais relações entre moradores de favelas são as de solidariedade e parceria:

A organização social do espaço na favela implica numa grande proximidade entre as casas, dado, inclusive, o adensamento populacional verificado nos últimos 15 anos, conforme apontam os diversos perfis das comunidades pesquisadas. Este padrão de convivência responde às necessidades desse grupo social, e muitos encaminhamentos, ou mesmo soluções, de problemas individuais ou coletivos, encontram aí sua possibilidade mais concreta de realização. É uma população que conta consigo mesma, acima de tudo.

A pesquisa considera, ainda, que esse relacionamento atue de três formas: sendo um possível mecanismo de sobrevivência; se mostrando um suavizador dos problemas sociais dessa população, e por fim, sendo um precursor de uma identidade de pertencimento, seja a um grupo ou à favela. Fica evidente, portanto, que o povo entende que pode, e deve, apoiar-se em si.

Já na introdução deste presente trabalho, cita-se a virada de consciência popular, a partir dos anos 1970. De acordo com Doimo (1995, p. 75-76), essa mudança foi consequência do período político intransigente da Ditadura Militar (1964-1985) e de ociais dessa população, e por fim, sendo um precursor de uma identidade de pertencimento, seja a um grupo ou à favela. Fica evidente, portanto, que o povo entende que pode, e deve, apoiar-se em si.

Já na introdução deste presente trabalho, cita-se a virada de consciência popular, a partir dos anos 1970. De acordo com Doimo (1995, p. 75-76), essa mudança foi consequência do período político intransigente da Ditadura Militar (1964-1985) e de declarações, feitas por agentes sociais importantes, como a Igreja Católica e os segmentos de esquerda, sobre a capacidade ativa do povo. Para a autora, esses discursos são precursores do que hoje se entende por ONGs:

Os efeitos dessas disposições começam a ser sentidos logo nos anos 1972 e 1973, quando as diversas pequenas organizações, até então identificadas com o espírito assistencialista dos programas para a Aliança para o Progresso, passam a abandonar essa estratégia e a incorporar tanto o método Paulo Freire de “educação popular”, quanto o princípio de que só a participação direta e integral do povo seria capaz de conduzir o país ao desenvolvimento. Era o início das chamadas organizações não-governamentais, logo amplamente estimuladas como um novo formato de participação sócio-política. (DOIMO, 1995, p. 76).

Antes de discorrer sobre a ação das ONGs, é preciso voltar e entender as entidades assistencialistas que perpassam a história da favela. A Igreja Católica foi um dos importantes atores dentro das favelas brasileiras. Segundo Valladares (2005), a instituição adentra o mundo da favela, a partir da década de 1940, primeiramente, com o desejo de evitar a presença do Partido Comunista. É inclusive nesse contexto que a Fundação Leão XIII é criada, no ano de 1947. Apesar de seu nascimento controverso, a Fundação foi um suporte em alguns aspectos, além de ser uma representante da Igreja dentro da favela (VALLADARES, 2005).

Outras propostas da Igreja Católica foram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que funcionam até hoje com a missão de evangelizar esses espaços. Mesmo com o caráter conservador, a Igreja foi uma das responsáveis por ajudar em lutas coletivas, através da oferta de espaços onde a população se reunia e se organizava (CDDH Bento Rubião, 1993, p. 80).

A partir da segunda metade da década de 1970, a presença de grupos comunitários dentro das favelas se inicia, trazendo grandes frutos para a união popular. Inicialmente, era muito comum que essas organizações se formassem a partir de condições externas,

como a necessidade de melhorias na educação infantil. Nesse primeiro momento, a união de mulheres (muitas vezes, mães) em prol da formação de creches e outros equipamentos comunitários, acabou formando grupos e clubes de mães dentro das favelas (CDDH Bento Rubião, 1993, p. 85).

As primeiras organizações tiveram muita influência do modelo pedagógico de atuação da Igreja Católica, onde as atividades caracterizavam-se por reuniões, assembléias e pelo apelo frequente pela participação dos moradores. Por mais que carregassem o adjetivo “comunitário”, muitas delas deixavam a desejar quanto ao peso de decisão e de opinião que davam aos moradores, de certa forma centralizando as escolhas da organização. Além disso, os grupos encontravam dificuldades em convencer a população a apoiar, seja financeiramente ou fisicamente, os projetos propostos (CDDH Bento Rubião, 1993).

Após essa análise, é possível compreender que o surgimento das ONGs e das Associações de Bairro ocorreu de forma coerente com o período político que o país vivenciava. A união da população já consolidada, somada ao ganho de força política dessas organizações após 1970, só pôde resultar no crescimento e expansão desse modelo de instituição.

Na favela, uma prática antiga era a de organizar datas para ir até a casa de amigos ou familiares, auxiliar no término da construção ou de ampliação da residência. Após a chegada das ONGs e Associações de Moradores, essa ação de ajuda mútua com intensa participação de moradores passa a ser nomeada “mutirão”, podendo configurar desde finalização de obras de edificações ou até mesmo limpeza de espaços públicos de lazer (CDDH Bento Rubião).

O final dos anos [19]70 e início da década de [19]80 foi um período de grande mobilização e demonstração de força política das organizações comunitárias. Por um lado, havia constantes denúncias na imprensa das péssimas condições de moradia nas favelas e da necessidade urgente de obras públicas [...]. Por outro lado, as comunidades organizadas e suas lideranças “desmontavam”, na prática, o argumento do Estado sobre a impossibilidade técnica e o alto custo da realização de tais obras, uma vez que várias delas já vinham sendo feitas em mutirão, com o apoio da Igreja católica e de várias ONGs. (CDDH Bento Rubião, 1993, p. 96-97).

Para Safira Bezerra Ammann (1991), um movimento social se apresenta como “uma ação coletiva de caráter contestador, no âmbito das relações sociais, objetivando a transformação ou a preservação da ordem estabelecida na sociedade.” Deste modo, as organizações e associações, com foco em atender favelas ou outros pontos críticos quanto à questão habitacional, podem ser vistas como parte integrante de um movimento social, por tomarem como partido o desejo de modificar a realidade da população residente:

Daí porque a luta de inúmeros Movimentos Populares de Bairro passa pela questão da educação, ao lado das questões de saúde, de habitação e de infra-estrutura (sic) urbana. Em outras palavras, a classe trabalhadora protesta contra a regressão do social, sua negação no interior das políticas estatais, a amplificação da exploração, em suma, a economização do social. (AMMANN, 1991, p. 34-35)

A partir das décadas de 1980 e 1990, entra em cena uma nova terminologia: o terceiro setor. Resultado da soma do Estado (primeiro setor) com o mercado (segundo setor), o novo setor engloba a atuação a partir de iniciativas privadas, porém sem visar fins lucrativos, direcionando suas atividades para o bem social (LEITE, 2003). Logo, o terceiro setor enquadra quaisquer ONGs, associações e/ou grupos de caráter assistencialista, que não possuam vínculo estritamente estatal.

Em 1999, é regulamentada uma nova legislação direcionada ao terceiro setor: a Lei de número 9.790. É importante evidenciar que esta não foi a primeira norma que dispunha sobre atividade de caráter comunitário. Segundo Leite (2003), já existiam duas leis acerca do assunto, uma de 1935 e outra de 1993. Até o regimento de 1999, as organizações da sociedade civil já possuíam alguns direitos, mediante qualificação nas seguintes opções: Registro Civil, que garantiria a isenção de pagamento do Imposto de Renda, Registro no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), que possibilitaria o acesso a recursos federais, Utilidade Pública Federal, que permitia a doação de pessoas físicas dedutíveis do Imposto de Renda e a desobrigação de pagamento do Imposto de Importação, e fim, o Certificado de Filantropia, que liberava a instituição da contribuição patronal da previdência social (LEITE, 2003, p. 3).

A Lei n. 9.790/99 propõe uma reforma a fim de incentivar o crescimento do terceiro setor e o empoderamento desses agentes sobre as decisões do poder público. As principais diferenças trazidas pela “Nova Lei do Terceiro Setor”, como ficou conhecida, foram: acelerar e diminuir os custos do processo de qualificação das organizações; aumentar a abrangência de instituições sociais que anteriormente não eram contempladas pela legislação; desburocratizar o acesso a recursos públicos; e sugerir uma estratégia de gestão mais otimizada dos projetos que envolvessem receita pública (FERRAREZI; REZENDE, 2001, p. 21).

A Lei n. 9.790/99 ainda traz os requisitos para qualificação como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Para receber tal titulação, segundo o regimento, a entidade deve: ser pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos; não se apresentar como nenhuma das tipologias de instituições listadas no artigo 2º da Lei; visar um ou mais dos objetivos sociais listado no artigo 3º da Lei; ser regida a partir de estatutos que estejam de acordo com o que pede o artigo 4º da Lei; finalmente, para receber o título, as instituições interessadas devem apresentar toda a documentação disposta no artigo 5º da Lei (BRASIL, 1999). Logo, fica evidente que nem todas as ONGs recebem o título de OSCIP, contudo, toda OSCIP pode ter sido, originalmente, uma ONG.

Apesar de cerca de três décadas do início desses movimentos sociais dentro das favelas brasileiras, e mesmo com a oficialização e regulamentação desses agentes, no fim da década de 1990, muitos obstáculos ainda se faziam presentes no cotidiano dos moradores. É nesse contexto de invisibilidade, rejeição e desejo de mudança, que a juventude de algumas favelas cariocas passa a se reunir e debater temas que faziam parte de suas vivências, com o objetivo inicial de impulsionar a cena cultural da favela. Em pouco tempo, esses encontros cresceram e deram origem, mais precisamente no ano de 1998, à Central Única das Favelas (CUFA), que hoje se apresenta como uma das OSCIPs mais influentes do país.

1.3 Nascimento e trajetória da CUFA: das primeiras reuniões até sede em Nova York

A partir da década de 1980, o movimento *Hip Hop* chega ao Brasil, tornando-se popular no país a partir dos anos 1990. O berço mundial da corrente é a megalópole Nova York, mas são as periferias paulistanas que recebem o título de precursoras do movimento no país. O *Hip Hop* engloba três expressões artísticas: música (*rap*), dança (*break*) e pintura (grafite) (LOURENÇO, 2010).

Para a psicóloga, doutora e mestre em Psicologia Social, Mariane Lemos Lourenço (2010), o movimento *Hip Hop* entrelaça arte, cultura e política, abrindo espaço para a expressão da juventude das favelas e convidando essa população a participar da esfera pública. Ainda segundo Lourenço (2010), o movimento pode ser visto como um novo sujeito político, que se apresenta de forma não convencional:

O *Hip Hop* como "cultura de rua", engloba ações comunitárias e questões políticas; promove o encontro dos jovens para a formação de grupos não apenas artísticos, mas, políticos, em que podem atuar discutindo questões sociais e políticas. O Movimento se constitui assim como uma possibilidade de intervenção político-cultural construída na periferia, que promove, atuando na esfera cultural, formas não tradicionais de se fazer política.

É nesse contexto de expressão sociopolítica das favelas, que o movimento inspirou a criação da ONG CUFA. Segundo o portal oficial da CUFA (2024), a organização foi fundada em 1998 pelo produtor Celso Athayde, juntamente com os *rappers* MV Bill e Nega Gizza, na cidade do Rio de Janeiro. Segundo a pesquisadora Paula Santiago (2011), a CUFA nasce da união de jovens, residentes de favelas cariocas, que eram ligados ao movimento *Hip Hop* e desejavam debater sobre a discriminação sofrida pelo movimento, seja pela sociedade como um todo, seja pela própria população moradora das favelas.

Para Paula, são essas primeiras reuniões as precursoras do que mais tarde se tornaria a CUFA.

Segundo a fala do atual presidente da CUFA, Preto Zezé (informação verbal¹⁰), a organização surge inicialmente “para organizar algumas ideias ali na rua, numa quebrada, na favela e tentar transformar o que a gente já tinha, que era o caos, em alguma coisa positiva.” Com o tempo, os encontros começam a receber cada vez mais jovens e faz-se necessário encontrar um espaço físico para os debates. Inicialmente, a solução foi emprestar uma sala onde era disponibilizado curso preparatório para vestibulares.

Em 1999, ocorre o lançamento do “Fórum Permanente da CUFA”, o primeiro programa da organização, que ocorreu na favela Cidade de Deus e tinha como objetivo trazer discussões sobre os mais diversos assuntos, através de parcerias com empresas ou palestrantes de “fora”¹¹ da favela. Os temas foram variados, chegando a tratar sobre preconceito, cultura e inovações científicas, e o evento chegou a reunir por volta de 150 jovens (COSTA, 2009; SANTIAGO, 2011). É a partir desse ato que a CUFA percebe que não somente o movimento *Hip Hop* e a cultura “de rua”, mas ciência, tecnologia e outros assuntos também interessavam a população. Em entrevista, um dos fundadores, Celso Athayde (ATHAYDE, 2008 *apud* COSTA, 2009) fala sobre o Fórum:

E passamos a perceber que ali tinha uma série de pessoas que podiam fazer parte da tal revolução sonhada, que era simplesmente juntar mais pessoas e ter condição de falar com outras pessoas que não fossem nós mesmos. [...] (sic) Então a gente começou a buscar esses parceiros, não que eles fossem nos dar cultura, mas que a gente pudesse trocar informação de várias áreas [...] (sic) com um monte de gente que fazia parte de um outro universo.

Com base nisso, a CUFA passa a não somente contestar a ausência de oportunidades para moradores de favela, mas também gerar tais possibilidades para essa população. Para Santiago (2011, p. 16), muito do que a CUFA se tornou tem origem em sua aproximação com o Estado, ocorrida primeiramente no ano de 2003. Ainda segundo a pesquisadora, além da comunicação mais direta com o Estado garantir mais recursos, e conseqüentemente mais incentivos para os cidadãos que vivem nas favelas, esse contato também caracteriza, aos

¹⁰A fala foi obtida através da entrevista de Preto Zezé para o *podcast* “Flow Podcast” no ano de 2021, disponibilizada na plataforma *YouTube*.

¹¹O uso das palavras “dentro” e “fora” é recorrente nos textos para diferenciar pessoas e coisas que fazem parte ou não do cotidiano de favela, assim como o termo “asfalto” para se referir ao restante da cidade que não é favela. Esse palavreado evidencia o quanto a segregação espacial, sofrida pelos residentes de favelas, influencia as relações sociais.

poucos, a instituição como aliada do poder público. É nesse sentido que acontece também a transição da CUFA de ONG para OSCIP.

Além do “Fórum Permanente”, a CUFA realizou diversos projetos voltados para aproximar a favela de temáticas como cultura, música, artes, esporte e empreendedorismo. Em 2000, realiza o primeiro *Hutúz Rap Festival*, que trouxe artistas renomados e abriu caminhos para cantores e músicos crescidos na favela. A promoção de esporte também é uma marca da instituição, sendo a Liga Internacional de Basquete de Rua (LIIBRA) (2002) e a Taça das Favelas do Rio (2012), que depois se expandiu tornando-se um campeonato nacional, alguns dos seus maiores sucessos (CUFA, 2024).

Outra vertente de atuação da CUFA é o estímulo ao empreendedorismo dentro da favela. A *Favela Holding* e a *Expo Favela Innovation* são projetos realizados pela organização, que acredita no potencial econômico das favelas. Para Celso Athayde (informação verbal¹²), é preciso mudar a forma que as favelas e seus moradores são vistos:

[...] Mesmo considerando os espaços físicos onde as pessoas vivem em desvantagem social [favelas], e mesmo considerando esses números de 15 milhões de pessoas [habitantes de favelas], em média, a gente está falando de um território que consome, e portanto, produz, anualmente, 80 bilhões [de reais], [...] o que corresponde a economia de dois países [...] como Bolívia, por exemplo, e Paraguai, somados. Quer dizer, então, que a gente está falando de um espaço que, realmente, é *pulsante*. Então, a gente não pode chamar esses territórios de comunidades carentes, mas, na verdade, de comunidades *potentes*.

Atualmente, a instituição está ativa em todos os 26 estados brasileiros, além do Distrito Federal, e também já chegou a outros países, como Chile e Estados Unidos, onde hoje possui uma sede em Nova Iorque. A organização discursou na Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, quando recebeu três cadeiras para a instituição: Habitação, Afrodescendência e Juventude (CUFA, 2024).

Com o passar dos anos, a organização acumulou diversos projetos, alguns desativados, outros repaginados. Sempre atenta no cenário mundial, a CUFA teve grande destaque

com ações humanitárias, sendo uma das primeiras organizações a oferecer auxílio direto às famílias vulneráveis durante a pandemia de Covid-19. Recentemente, durante as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul (RS), a CUFA também prestou apoio à população atingida, através de campanhas de doações de mantimentos, como é possível ver na Figura 3 (CUFA, 2024).

Em 2023, a CUFA inicia uma mobilização pela oficialização do termo favela. O projeto “Favela no Mapa”, que consolida a participação da organização no Censo 2023, juntamente com o IBGE, viabilizando o trabalho de recenseadores nas favelas do país (Exame, 2023). Em 2024, o IBGE oficializa a substituição do termo “Aglomerados Subnormais” para “Favelas e Comunidades Urbanas” (IBGE, 2024). Isso evidencia a força e influência da organização e o quanto sua existência é necessária para a representatividade da população residente nas favelas. Com a oficialização do termo, a CUFA levanta a *hashtag* “Meu Nome é Favela”, como forma de reconhecer a importância por trás do avanço.

No período da pandemia global de Covid-19, a CUFA MS teve uma atuação imprescindível no estado e na capital, Campo Grande. A então liderança estadual, Lívia Lopes, organizou e formou uma equipe para propor campanhas de ajuda humanitária e distribuição de doações, vindas da sede nacional ou de outras parcerias. Segundo Lívia (CORRÊA, 2024), foi nesse momento que ela percebeu o tamanho e o potencial de impacto da organização, que poderia abrir muitos caminhos para os moradores de favelas, principalmente, em um estado que, constantemente, invisibiliza a presença das favelas.

Figura 4: Informativos sobre as ações da CUFA durante as enchentes no Rio Grande do Sul



Fonte: Portal oficial da CUFA, 2024.

¹² A fala foi obtida através da entrevista de Celso Athayde para o programa *Roda Viva*, da rede de televisão *TV Cultura*, no ano de 2018, disponibilizada na plataforma *YouTube*.

1.4 Chegada da CUFA no MS e sua atuação em Campo Grande

1.4.1 Panorama geral e invisibilidade das favelas no MS

No dia 13 de abril de 1976, o jornal *Correio do Estado* noticiou a existência da Favela do Segredo, também chamada de Favela do Querosene. Segundo o jornal, a favela localizava-se às margens do Córrego Segredo, nas imediações do Horto Florestal¹³ era ocupado por cerca de 100 casebres, cada um com seis moradores em média. No mês seguinte, o jornal retorna ao local, mas a favela já não existe mais. Segundo a matéria, a Prefeitura ofertou lotes e recurso financeiro para que as famílias se mudassem do local, com a finalidade de dar continuidade às obras de canalização do Córrego Segredo (Correio do Estado, 2015).

Figura 5: Reportagem publicada no ano de 1976 sobre a Favela do Querosene



Fonte: Correio do Estado, 2015. Com edições da autora.

No ano de 2010, segundo o IBGE, o Mato Grosso do Sul (MS) apresentava oito “aglomerados subnormais”, ficando em 25º lugar entre todas as 27 unidades federativas. Em 2020, o IBGE lança uma nota técnica referente ao mapeamento preliminar dos aglomerados subnormais brasileiros. Na nota, analisou-se o crescimento desta tipologia habitacional e o estado de Mato Grosso do Sul aparece contabilizando 6.766 domicílios ocupados em aglomerados subnormais, o que representava 0,76% dos domicílios ocupados no estado. No *ranking* com todos os estados brasileiros, o estado aparecia com a menor porcentagem. Nesse mesmo período a CUFA MS já contabilizava, ao menos, 38 favelas na capital, e o IBGE (2020) estimava outras 16 favelas pelo interior do estado (Correio do Estado, 2023).

A partir dos dados apresentados, entende-se que, em comparativo com outras unidades federativas do país, a situação das favelas sul-mato-grossenses aparenta menor urgência. É justamente essa falsa sensação de estabilidade e as ações de maquiagem política, que incentivam estereótipos de ausência de favelas no estado. Essa realidade invisibiliza a existência de milhares de famílias em risco socioambiental e sem acesso à infraestrutura urbana básica.

Em meio a esse estigma, em 2007, a CUFA chega ao estado do Mato Grosso do Sul. Segundo Santiago (2011), após a aproximação da CUFA com o Estado, a organização passou a ter mais parceiros e financiadores, o que permitiu que a entidade se expandisse para outros estados brasileiros. A CUFA entrava em contato com lideranças comunitárias que se encaixavam nos princípios da organização e assim, conseguia instalar sedes pelo país.

Em 2011, a CUFA tinha bases em sete municípios sul-mato-grossenses, porém atualmente, esse número caiu para cinco (SANTIAGO, 2011; CORRÊA, 2024). Um dos principais projetos da CUFA MS foi o *Conexão Hip Hop*, que procurou levar oficinas e mostras culturais por municípios do estado. No ano de 2009, a CUFA Dourados, uma das sedes do estado, conseguiu lançar o *CD demo* do grupo Brô MC's, por meio do projeto *Hip Hop* na Aldeia. Hoje, o Brô MC's se consolida como o primeiro grupo, desse gênero musical, que é formado por indígenas (SANTIAGO, 2011).

Esse fato demonstra que, muitas vezes, organizações como a CUFA podem propor projetos que não se reduzem apenas ao seu público-alvo. A região de Dourados enfrenta

¹³ O Horto Florestal é o que se tornou o antigo Parque Municipal de Campo Grande, tombado como patrimônio histórico da cidade.

problemáticas socioeconômicas e políticas com os povos indígenas, logo, a sede da CUFA no município trouxe programas que viabilizam oportunidades para essa população também.

A partir do ano de 2019¹⁴, a representante da CUFA MS é a produtora e artista Livia Lopes Correa, realidade que se mantém até a data de desenvolvimento deste trabalho. Para Livia (informação verbal¹⁵), a invisibilidade das favelas no estado é uma questão que dificulta a atuação da organização. Segundo a produtora, muitas vezes, os residentes de favelas não têm boa aceitação com o termo e nem se reconhecem como moradores de favela. Em 2020, com uma equipe um pouco mais estruturada, Livia inicia o mapeamento das favelas da capital, Campo Grande, sua cidade natal e onde a CUFA MS consegue atuar mais e com maior frequência.

1.4.2 A “capital sem favelas” e a CUFA Campo Grande

Em 2021, o então prefeito de Campo Grande, Marquinhos Trad, afirmou que a cidade não possuía favelas. Nas palavras dele, na época, “não existe um amontoado de pessoas, pessoas que vivem embaixo de lonas. Existem áreas ocupadas de maneira irregular, que estamos buscando regularizar” (Correio do Estado, 2021). Essa fala denota como existem estereótipos e desinformação em relação às favelas. No mesmo ano em que Trad afirmou a inexistência de favelas em Campo Grande, Livia Lopes e Leticia Polidorio já tinham conseguido mapear 38 favelas na cidade.

Segundo Polidorio (informação verbal¹⁶), sua aproximação com a organização se iniciou entre os anos 2019 e 2020, após ela ver uma postagem no *Facebook* de Corrêa, pedindo auxílio com uma arrecadação de alimentos. Inicialmente, ela chegou à CUFA como uma apoiadora, e juntamente com Corrêa, fez um trabalho de campo minucioso, indo em busca das favelas da cidade:

[...] E aí a gente começa a trabalhar nessa arrecadação, eu fico dois meses como uma apoiadora da CUFA, enquanto Slam Camélias, e aí a gente já tinha uma demanda muito grande, porque daí chegou a pandemia aqui no estado e aí começaram os pedidos das mães, e a nossa necessidade de mapear e ir para as

favelas mesmo, fazer o trabalho real dentro das favelas. Então, eu e a Livia começamos a fazer um trabalho de formiguinha mesmo, eu até brinco que a gente era “caça-favelas”, a gente parava o carro e ia procurando favelas. E eu lembro que, nesses dois meses, meu primeiro contato com a favela foi o Mandela [favela de Campo Grande], foi em um domingo de Páscoa, eu nunca me esqueço disso, e foi assim um contato que eu tive que, eu vou pro segundo plano e vou me lembrar ainda disso, que foi um momento que me impactou assim [...]

Como já citado anteriormente, a CUFA chegou no estado do MS em 2007, contudo, não se tem muitos registros da organização antes de 2019, quando se inicia a gestão de Corrêa. Segundo a coordenadora (CORRÊA, 2024), apesar de representar uma liderança da CUFA em todo o MS, seu trabalho se restringiu mais à capital, onde atuou com projetos culturais e ações humanitárias, como a distribuição de doações para a população de favelas durante a pandemia de Covid-19.

Com a entrada de Polidorio para a organização, a dupla sentiu a necessidade de fazer um levantamento das favelas de Campo Grande, não somente do espaço, mas também das pessoas residentes desses locais (POLIDORIO, 2024). Ainda segundo Polidorio, a cada ação que a CUFA organizava, as pessoas atendidas eram cadastradas, através de um formulário no *Google Docs*, e o número de cadastros chega a cerca de 46 mil:

Então a gente conseguia ir e cadastrar ali na hora. Tipo, eu cadastrava [uma pessoa], você cadastrava o “Chico”, sabe assim? E a gente cadastrou desse jeito. A gente entregou, Julia, na época da pandemia, 56 toneladas de alimento. Só alimento. Sem contar frango, gás, cartão que a gente tinha.

Como já mencionado, no último levantamento feito pela CUFA, em 2021, a cidade de Campo Grande possuía 38 favelas. Em 2024, a psicóloga e pesquisadora Tatiana Quintana Samper Lovatto, juntamente com a CUFA, realizou uma nova pesquisa de campo, que resultou em 60 favelas, considerando apenas aquelas que são atendidas pela organização (LOVATTO, 2024). Um crescimento de, pelo menos, 57,9% no número de favelas da capital. O mapeamento realizado por Tatiana pode ser visualizado na Figura 5 e apresenta favelas, aldeias urbanas e quilombos atendidos pela organização.

Dessa forma, a CUFA Campo Grande criou não só um espaço para prestar apoio à essa população, mas também levantou dados que ainda não tinham sido levantados e que

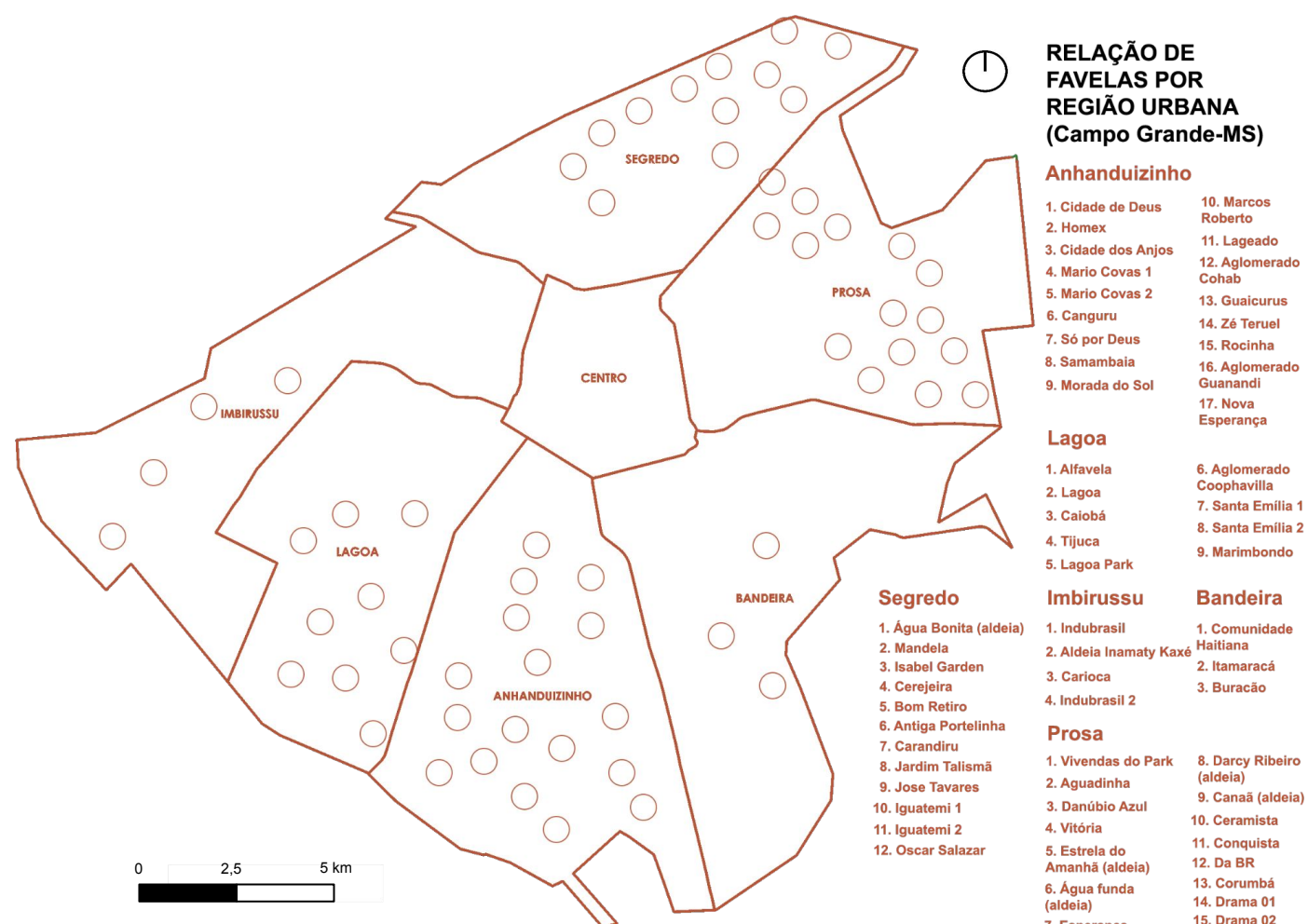
¹⁴ Não se conseguiu informações mais detalhadas sobre a atuação da CUFA MS entre 2007 e 2019, exceto o que já foi citado no 5º parágrafo deste subcapítulo.

¹⁵ Entrevista cedida por Livia Lopes, em 22 de março de 2024, para a autora deste presente trabalho.

¹⁶ Entrevista cedida por Leticia Polidorio, em 22 de abril de 2024, para a autora deste presente trabalho.

¹⁷Favela Corpo Feminino: uma investigação conduzida por mulheres da quebrada. Dissertação de autoria de Tatiana Quintana Samper Lovatto, a ser editada pelo programa de mestrado da UCDB (CG).

Figura 6: Mapa das favelas atendidas pela CUFA Campo Grande



Fonte: Mapa elaborado pela autora, com dados de LOVATTO, Tatiana Q. Samper, 2024.

e que poderiam embasar ações e políticas públicas mais eficazes. A partir desse levantamento, Letícia conseguiu identificar que dentre as famílias atendidas, 85% tinham uma mulher preta como chefe de família. Segundo a coordenadora, um dos objetivos atuais da CUFA Campo Grande é a criação de um sistema de dados, nomeado SisCUFA, que já está em desenvolvimento (POLIDÓRIO, 2024).

Atualmente, a CUFA Campo Grande tem quatro atividades fixas em sua programação: a aula de capoeira, que ocorre às terças e quintas-feiras, o reforço escolar, às segundas e quartas-feiras, que é seguido pelo judô, e o núcleo psicossocial, que faz atendimentos em grupo a cada 15 dias, sendo os três primeiros voltados para as crianças e o último focado nas mulheres, mães e idosas. Além disso, na maioria dos sábados, acontecem

oficinas, palestras ou ações sociais, trazidas por voluntários externos, seja em grupo ou individualmente. Em datas como a Páscoa, o Dia das Mães e o Dia das Crianças, a CUFA se organiza previamente para produzir suas próprias ações comemorativas.

Hoje, a organização está instalada em um terreno amplo, localizado no bairro São Conrado, que está entre os 12 bairros com o menor rendimento médio mensal de Campo Grande. O São Conrado está entre os 16 bairros mais populosos da capital, sendo o mais populoso da região Urbana do Lagoa (PLANURB, 2023). Desse modo, mesmo com um espaço que ainda não acompanha suas demandas, a CUFA Campo Grande tem atuado no combate às desigualdades sociais, oferecendo apoio e suporte para centenas de famílias em risco socioambiental e gerando oportunidades para crianças e jovens se reconhecerem no esporte, na educação e nas artes.

2

Arquitetura e espaços comunitários

Neste capítulo são analisados os espaços comunitários sob a ótica arquitetônica, observando as relação dos usuários com o ambiente e o potencial de pertencimento que esses ambientes são capazes de gerar. Inicialmente, o texto realiza uma síntese do histórico de espaços coletivos, observando seus tipos e características. Depois, reflete-se sobre conceitos que podem ser trabalhados nesses locais, discutindo a aplicabilidade da participação social em projetos de arquitetura e trazendo exemplos sólidos de processos correlatos ao assunto.

2.1 Espaços públicos e comunitários

O espaço coletivo é uma questão que permeia a Arquitetura desde que as primeiras cidades surgiram, muito antes do Urbanismo entrar em cena. Para Gehl (2010, p. 22): “Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece.”

De acordo com a Sociedade Brasileira de Urbanismo (SBU) [201-], o estudo da cidade surgiu na transição entre os séculos XIX e XX, com o objetivo de procurar soluções para problemas urbanos do período pós Revolução Industrial, como o aumento populacional e a insalubridade dos espaços. Além disso, pode ser visto como uma reação aos transtornos sofridos nos setores habitacionais e de mobilidade.

Para Jordi Borja (2006), o surgimento do espaço urbano público é fruto do interesse da burguesia em aparecer e “se mostrar”. Segundo o geógrafo e urbanista, a teoria fica evidente quando se relembra que as primeiras medidas urbanísticas, que surgem aos poucos na Europa, tem caráter estético, de monumentalização das cidades. Comentou-se anteriormente neste trabalho, o caso do Rio de Janeiro, em meados do século XX, com seus vários programas de “embelezamento” urbano.

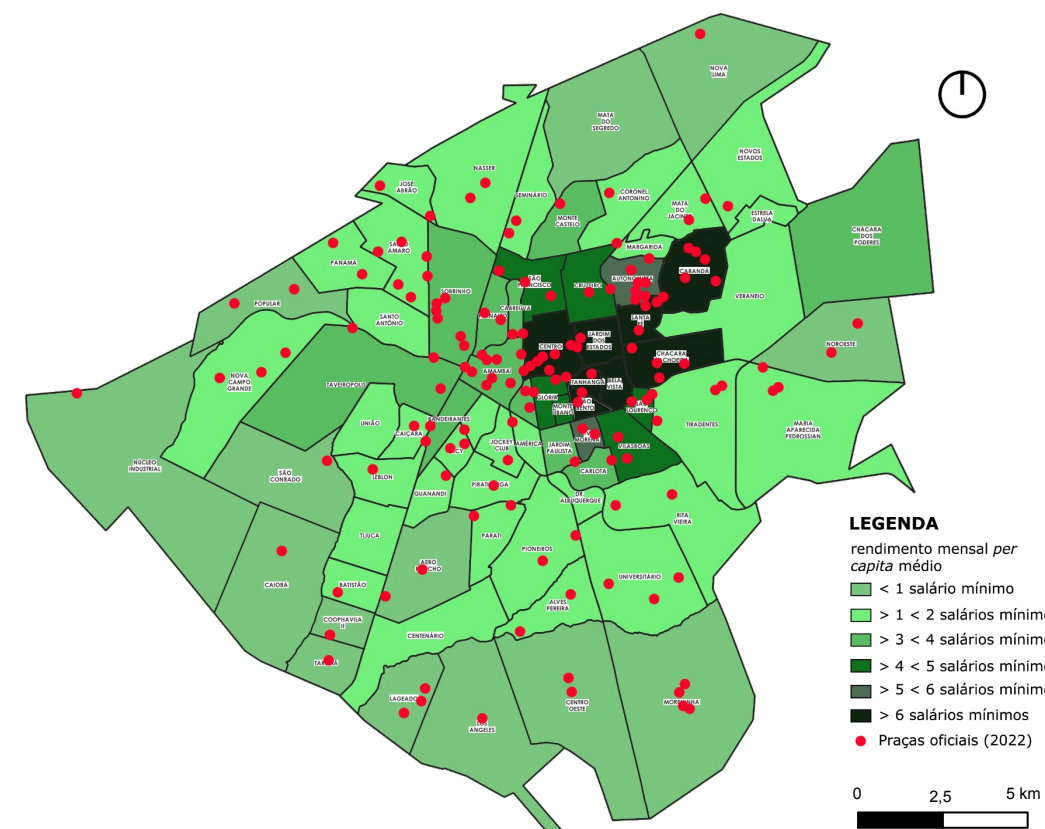
Roberto Segre (2005) afirma que “o lugar público deve ser concebido como um espaço urbano acessível onde se produz o encontro da diversidade”, logo, para ele, áreas comuns refletem exatamente aquilo que a cidade é, ou deveria ser: a diversidade sociocultural e econômica em convívio respeitoso. O arquiteto ainda complementa que uma cidade pode ser avaliada a partir da qualidade dos espaços públicos que fornece. São as praças, parques, calçadas, vias e tantas outras tipologias urbanas, que definem uma cidade viva, dinâmica e boa de se viver.

¹⁸Segundo o Perfil (PLANURB, 2023), os 12 bairros com os menores rendimentos mensais *per capita* de Campo Grande são: Núcleo Industrial, Popular, São Conrado, Caiobá, Tarumã, Aero Rancho, Lageado, Los Angeles, Centro Oeste, Moreninha, Noroeste, Mata do Segredo e Nova Lima.

Contudo, na prática, as coisas não tem funcionado dessa forma. O artigo 2º da Lei 10.257/2001 (BRASIL), conhecida como Estatuto da Cidade, dispõe sobre as diretrizes gerais para pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade. Nesse artigo, o primeiro item garante o direito “[...] a cidades sustentáveis, [...] à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações.” Portanto, o aproveitamento digno e total da cidade é imprescindível para provimento da cidadania.

Compreende-se que os espaços públicos de lazer e cultura potencializam a qualidade de vida nas cidades e que o acesso a eles é um direito dos cidadãos. De acordo com o Perfil Socioeconômico de Campo Grande de 2023, a capital possui 150 praças oficiais, uma das tipologias mais comuns de espaço público, no perímetro urbano ou nos distritos. Destas, oito estão localizadas no bairro Centro. Já os 12 bairros com as menores rendas *per capita* mensais da capital¹⁸, possuem, somados, apenas 21 praças, o que resulta uma média de menos de duas praças em cada bairro (PLANURB, 2023).

Figura 7: Mapa do perímetro urbano de Campo Grande, relacionando o rendimento *per capita* mensal médio dos bairros e a locação de praças públicas



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela PLANURB/CG (2023).

Em 2024, durante o Festival da Juventude, promovido pela UFMS, a CUFA Campo Grande conseguiu levar crianças e adolescentes, atendidas pela organização, para o evento, onde assistiram a palestras e oficinas culturais¹⁹. Portanto, a CUFA Campo Grande aproxima a população do esporte, da cultura e das artes, promovendo o direito ao uso pleno da cidade.

Em sua dissertação de mestrado, a arquiteta Laura P. Barreto Pardo (2018), analisou mais de 100 projetos ao redor do mundo que tinham o caráter de centro comunitário. Segundo a autora, foi adotado um recorte de espaços levantados a partir de iniciativas autônomas, sem ligação com políticas estatais. Ela explica seus requisitos:

[...] e por não ter sido encontrada uma definição *a priori*, no rigor acadêmico, do que seja um Centro Comunitário, o critério de seleção dessas obras, pautou-se por características que sugerem tal vocação para as populações dos locais onde estão inseridas. Como exemplo, citamos: uma cozinha coletiva; locais de ensino que possuam uma área para receber a comunidade; locais de esporte e lazer que possam também ter essa finalidade. (2018, p. 65).

Já o Instituto Alana (2024), organização da sociedade civil, focada em ações para crianças, define os espaços comunitários como:

um ambiente que estimula a convivência entre as pessoas, estreitando os laços entre os moradores de determinado território, facilitando os encontros, a interação, a troca de ideias e o desenvolvimento de ações conjuntas. Esse lugar pode ser utilizado com fins de descanso, alimentação, lazer, confraternizações sociais, cursos, jogos ou outros interesses da população local.

A partir dos referenciais teóricos trazidos, fica evidente que, mesmo não sendo um espaço livre, como uma praça ou parque, a CUFA Campo Grande trabalha diretamente com a democratização do lazer e da cultura. Erguida e movida pelas mãos da própria população, a organização pode ser vista, portanto, como um espaço comunitário. Desse modo, é necessário analisar esses espaços e a relação dos atendidos e dos membros com esses ambientes, sob uma visão arquitetônica. Tal investigação pretende

compreender o potencial de impacto da arquitetura em organizações do terceiro setor.

2.2 Identificação e acolhimento

Nossos lares não precisam nos oferecer abrigo permanente ou guardar as nossas roupas para que mereçam esse nome [...]. Lar pode ser um aeroporto ou uma biblioteca, um jardim ou um trailer de comida na beira da estrada.

Nosso amor pelo lar é, por sua vez, um reconhecimento do quanto a nossa identidade não é autodeterminada. Precisamos de um lar no sentido psicológico tanto quanto no físico: para compensar uma vulnerabilidade. (BOTTON, 2006, p. 107)

De acordo com a reflexão de Alain de Botton (2006), compreende-se que um lar não é necessariamente representado por uma residência edificada. Evidentemente, a identificação pessoal com um espaço e a sensação de acolhimento promovida por este, é resultante de diversos fatores socioculturais. Contudo, quando essa análise é feita sob um viés arquitetônico, pode-se elencar itens físicos capazes de enfatizar a acolhida de um ambiente.

Para o arquiteto Fernando Freitas Fuão (2014), a hospitalidade é equivalente ao acolhimento na arquitetura e representa a capacidade de “dar lugar ao lugar, abrir o lugar, dar passagem, dar passo ao outro, abrir, acolher a diferença.” De acordo com Fuão (2014, p. 11), as cidades têm se tornado cada vez mais hostis e inóspitas, o acolhimento tem se perdido. Para ele, a arquitetura deve ser vista como um ponto inicial de mudança:

A hospitalidade nunca é um terreno vazio, um loteamento do espaço e de um lugar, a hospitalidade é uma relação entre as pessoas, os 'ambi(entes)', o lugar que edifica o lugar. A pré-figuração do espaço, o projeto, é um ponto de partida, que pode dar certo ou não, nunca um ponto de chegada.

Celma Paese (2018) também segue o mesmo pensamento de Fuão. Para a arquiteta, não é necessária uma arquitetura específica para instaurar a hospitalidade em um espaço, porque esta nasce a partir de um interesse mútuo em acolher. Ambos os arquitetos têm como base referencial o filósofo Jacques Derrida (2003), que reflete sobre a hospitalidade e outros

¹⁹ Informações sobre o cronograma da CUFA Campo Grande têm fonte no voluntariado pessoal da autora na organização, durante o ano de 2024.

conceitos aplicáveis à arquitetura.

Entretanto, apesar do acolhimento estar mais relacionado com as relações interpessoais desenvolvidas em um espaço, a arquitetura é capaz de intensificar esse sentimento. Por meio de intervenções arquitetônicas, que envolvam o estímulo sensorial e a percepção humana, é possível melhorar o bem estar e potencializar determinadas sensações:

Os elementos e manifestações sensoriais da psicologia atingem os sentidos humanos através da arquitetura, e permitem que cada indivíduo faça uma leitura própria do espaço. Uma obra de arquitetura deve revelar ambientes e espaços que surpreendem e instigam os sentidos humanos, trazendo as pessoas mais próximas a si mesmas e aos outros, firmando uma relação de complemento. (DIAS; ANJOS, 2017, p. 2)

Nesse momento, é importante também falar sobre a identificação pessoal com um espaço. Existe uma relação entre acolhimento e identificação, mas estes não podem ser vistos como equivalentes. É possível se identificar com um espaço e, ao vivenciá-lo, não se sentir acolhido. Segundo Elvas e Moniz (2010, p. 461), a identificação e o pertencimento são diretamente proporcionais à qualidade de vida individual e coletiva:

Quanto maior for a intensidade dos elementos que identificam e definem as qualidades específicas do sentimento de comunidade, como: fazer parte de, influência, integração e satisfação das necessidades e partilha de ligações emocionais em relação a uma comunidade de residência, maior serão os benefícios quer a nível individual, quer a nível comunitário. Para os indivíduos, o benefício resultante do sentimento de comunidade providencia índices subjectivos (*sic*) de qualidade e satisfação de vida [...]

Eduardo Souza (2024) reconhece que os espaços públicos perderam algumas de suas funções, após a pandemia de Covid-19. O autor analisa o trabalho do escritório *Johnston Architects*, que usa de itens e aspectos tradicionais da arquitetura residencial unifamiliar para transformar a relação humana com os espaços coletivos. A finalidade é tornar esses espaços mais convidativos, que conversem com os usuários e que se pareçam, cada vez mais, com “casas”. Através da utilização de um *design* eclético, de um estudo da iluminação ideal e da mistura de cores, texturas e acabamentos, o escritório tem conseguido promover espaços de hospitalidade.

A CUFA Campo Grande recebe parte da população atendida diariamente. Adultos, jovens e crianças, que podem passar horas do seu dia ali. Essa convivência intensa aflora o sentimento de pertencimento. Tal sentimento evolui do acolhimento, e por fim, leva o usuário a se identificar com a organização. Um aspecto essencial para se sentir pertencente a um grupo ou organização é a participação direta no desenvolvimento desse espaço. As tendências de participação comunitária em projetos de espaço coletivos será debatida no próximo subcapítulo.

2.3 Feito para eles e com eles: a tendência de participação popular na arquitetura

Por volta da década de 1960, se inicia o uso do conceito de participação popular. Entendido como a ligação entre o indivíduo e a sociedade, o conceito se difunde rapidamente, devido ao contexto de incentivo à descentralização política. A partir do ano 2000, o conceito passou a aparecer frequentemente em discursos governamentais, de ONGs e de agências internacionais de desenvolvimento (ROCHA; BURSTZYN, 2005, p. 45).

No mercado de trabalho privado, a relação entre arquiteto e cliente envolve agentes mais objetivos: quem contrata, quem decide, quem avalia e quem aceita, ou rejeita, o produto. Entretanto, quando se trata da arquitetura de espaços comunitários de interesse público, como é o caso da CUFA Campo Grande, essa relação passa a ser entre arquiteto e *usuário*. Dentro dessa perspectiva, há novas condições de trabalho:

Nesse contexto, o arquiteto não pode defender a “sua Arquitetura”, mas a *Arquitetura do coletivo (do público)*. [...] Nesse contexto, parece não haver outra forma ética de trabalho que não seja de colaboração entre arquiteto e usuário: de participação das partes na solução do projeto. (NETO; MALARD; SIQUEIRA, 2023, p. 6594)

De acordo com Doris C. C. K. Kowaltowski (*et al*, 2006, p. 9), a participação, seja do cliente ou do usuário, durante a fase de concepção é encarada como uma maneira de diminuir erros durante o processo projetual. É a admissão de que o projetista não domina totalmente o problema a ser resolvido. Segundo a autora, algumas técnicas participativas são jogos, modelos em escala real e recursos visuais mais realistas. A arquiteta defende ainda o uso das maquetes físicas, como ferramenta explicativa para clientes e usuários que possuam menos conhecimento técnico (p. 15).

Sibelle Meyer Lana (2007, p. 27) define o projeto participativo em arquitetura como o processo em que o usuário possui função ativa e as decisões projetuais são compartilhadas pelo arquiteto e usuários. É evidente, contudo, que um projeto arquitetônico participativo carrega consigo complexidades e limitações.

A metodologia de projeto participativo pode demandar prazos maiores e disponibilidade material para abordar os usuários. Para diferentes circunstâncias, o arquiteto holandês Nicolaas John Habraken (1928-2023) indica o modelo de Arquitetura Aberta e propõe a Teoria dos Suportes (*apud* NETO; MALARD; SIQUEIRA, 2023, p. 6596-6597). Infeliz com o modelo habitacional repetitivo do período pós-guerra, que elimina a individualidade do usuário, Habraken elaborou o conceito de sistemas habitacionais que fossem desmontáveis e alteráveis, de maneira que a estrutura (suportes) e o interior fossem independentes entre si, gerando não apenas uma planta livre, mas um edifício livre. De acordo com Habraken, se a participação do usuário durante a concepção projetual fosse inviável, esta poderia ocorrer após a execução da habitação, através desse tipo de sistema (*apud* MORAIS, 2018).

Em sua dissertação “A casa é o pivô: mediações entre o arquiteto, o morador e a habitação rural”, a arquiteta Lúcia Z. Shimbo (2004) debate a complexidade de trabalhar em conjunto com o usuário, trazendo uma análise minuciosa de fatos, debates e programas governamentais dentro da esfera da habitação social:

Isso porque participação não significa, necessariamente, relações sociais democráticas, podendo significar, ao contrário, obrigatoriedade e cooptação. Sem tratar apenas dos extremos, a questão da participação abrange diversas ambigüidades, potencialidades e conflitos que dão

margem para interpretações e ações múltiplas - como se fosse a imagem de um prisma que, sob um mesmo feixe de luz branca, irradia um espectro de cores variadas.

A própria dissertação de Shimbo (2004) já se apresenta como um exemplo de desenvolvimento de projeto em conjunto com a população usuária. O produto final do trabalho envolve o projeto de residências para famílias de um assentamento rural que precisa estar dentro dos requisitos do programa de financiamento governamental. Durante o trabalho são descritas algumas reuniões com as famílias do assentamento, os conflitos e as discussões até a definição final do projeto. A particularidade do trabalho se encontra em mostrar a relação de confiança que vai sendo construída entre profissional e usuário.

Buscando exemplos de agentes que promovam essa tipologia de projeto, encontrou-se o Instituto Fazendinho, um movimento que busca requalificar espaços públicos através de um processo participativo da comunidade local. De acordo com o portal oficial do Instituto, foi em 2017 que a população deu os primeiros passos para um dos principais projetos que deu início ao movimento: a transformação de um lixão no Parque Fazendinha, no Jardim Colombo, em São Paulo (ARCHDAILY, 2020).

A fim de alcançar a participação dos moradores, o Instituto realizou, em 2020, o “Festival de Artes do Jardim Colombo”. Durante o evento, foi pedido que os moradores, principalmente crianças, desenhassem uma implantação do terreno, colocando seus desejos para o espaço. Por fim, foi proposto que eles montassem maquetes do terreno, preenchendo o espaço com massinha de modelar (vide Figuras 8 e 9). Essas atividades embasaram os profissionais a entender como a população enxergava o espaço, tanto antes, quanto depois da intervenção (ARCHDAILY, 2020).

Como já citado anteriormente, a autora deste trabalho conheceu a CUFA através da disciplina extensionista Construir e Habitar II, ofertada durante o segundo semestre de 2023, pelos professores Dr. Alex Nogueira Rezende e Dr. Gilfranco Alves, no curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMS. A proposta da disciplina envolvia o desenvolvimento de um gibi, que apresentasse uma história lúdica que tivesse como cenário algum edifício ou espaço público marcante da história de Campo Grande.

A participação das crianças se deu durante o desenvolvimento do material. Antes da finalização dos gibis, as equipes levaram suas histórias e personagens para que as crianças sugerissem ideias, nomes, cores e reconhecessem o patrimônio municipal. Ao fim da disciplina, produziu-se um almanaque com todas as histórias criadas, que foi impresso e doado à organização.

Retomando o olhar para a temática do trabalho, a proposta de sede para CUFA Campo Grande se encaminha para uma abordagem projetual mais participativa, levando em consideração a relação entre voluntários e membros da organização. É notório, porém, que por se tratar de um trabalho com prazos menores e com equipe operacional reduzida, é inviável, neste momento, adotar um projeto com intensa participação dos usuários.

Inspirada pelo referencial teórico e prático citado, com o desejo de ainda manter certo envolvimento da equipe e da população usuária do espaço, a autora desta pesquisa entrevistou membros da CUFA e realizou uma dinâmica mais lúdica e leve com as crianças participantes da organização. Tanto o contato com adultos, quanto com as crianças foi tomado por uma abordagem mais indireta, a fim de deixá-los livres para expressarem suas opiniões, e a partir das respostas, analisar as relações com o espaço existente da ONG. Os resultados e respostas serão interpretados no item 3.3 deste trabalho.

Figura 8: Desenhos do Parque feitos pelos participantes da Oficina Fazendinho



Fonte: Movimento Fazendinho *apud* ArchDaily, 2020.

Figura 9: Crianças colorindo gibis produzidos pelos alunos da disciplina de Construir e Habitar II/2023.2 - CAU/UFMS



Fonte: Acervo autoral.

3

Embasamento projetual

Neste capítulo serão apresentados os quatro pilares usados para análise do principal objeto de estudo: a sede atual da CUFA Campo Grande. Dividida em subcapítulos, a fundamentação da etapa projetual explora, inicialmente, cinco precedentes análogos. Depois, a pesquisa se aprofunda no terreno e no espaço físico existente, sob um contexto arquitetônico, urbano, ambiental e legal. Por fim, são interpretados os resultados das interações com a população usuária, buscando retirar dados relevantes para o desenvolvimento da proposta.

3.1 Precedentes

3.1.1 Precedentes conceituais

O conceito projetual ajuda a definir prioridades dentro do processo criativo. Partindo disso, entende-se que a busca por precedentes conceituais refere-se a encontrar projetos arquitetônicos com significados correlatos ao que se pretende adotar no estudo. Neste item foram analisados dois projetos: o Espaço Acolhedor BE e o Espaço Comunitário De Hué.

O projeto do **Espaço Acolhedor BE** tem como objetivo melhorar a relação entre homem e natureza, criando um espaço acolhedor dentro do cotidiano urbano intenso. Com o uso de elementos naturais, como terra, bambu e madeira, o edifício passa uma sensação de leveza, frescor e refúgio (ARCHDAILY, 2017).

O projeto está localizado no centro de Mao Khê, no Vietnã, país de clima tropical e tropical úmido, similar às características climáticas do Brasil, inclusive do Mato Grosso do Sul. Em planta (ver Figura 12), é possível identificar um leiaute incomum, que passa uma ideia de percurso. A partir das paredes e coberturas intercaladas, foram propostos cheios e vazios, aparentando existir apenas dois blocos principais, além de entregar espaços de contemplação externos (ARCHDAILY, 2017).

As técnicas construtivas adotadas foram: a taipa e a alvenaria, para levantamento das paredes, e o bambu, como estrutura do telhado. A cobertura foi feita por chapas de policarbonato de 12 milímetros e conta com sistema de água para refrigeração do espaço. A vegetação, somada às aberturas e aos espaçamentos da malha de bambus, geram um ambiente ventilado e iluminado naturalmente (ARCHDAILY, 2017).

O livro “Arquitetura sob o olhar do usuário: programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações” (VOORDT; WEGEN, 2013, p.195-200) sintetiza o resultado de

estudos realizados entre 1992 e 2002, sobre os impactos de ambientes construídos no bem estar humano. Segundo os autores, a vista para a luz natural permite uma melhor sensação de tempo e localização; o conforto térmico gera bem-estar e ganho de produtividade de 10% a 15%; e o acesso e visualização de jardins e elementos naturais traz relaxamento.

Figura 10: Espaço Acolhedor BE

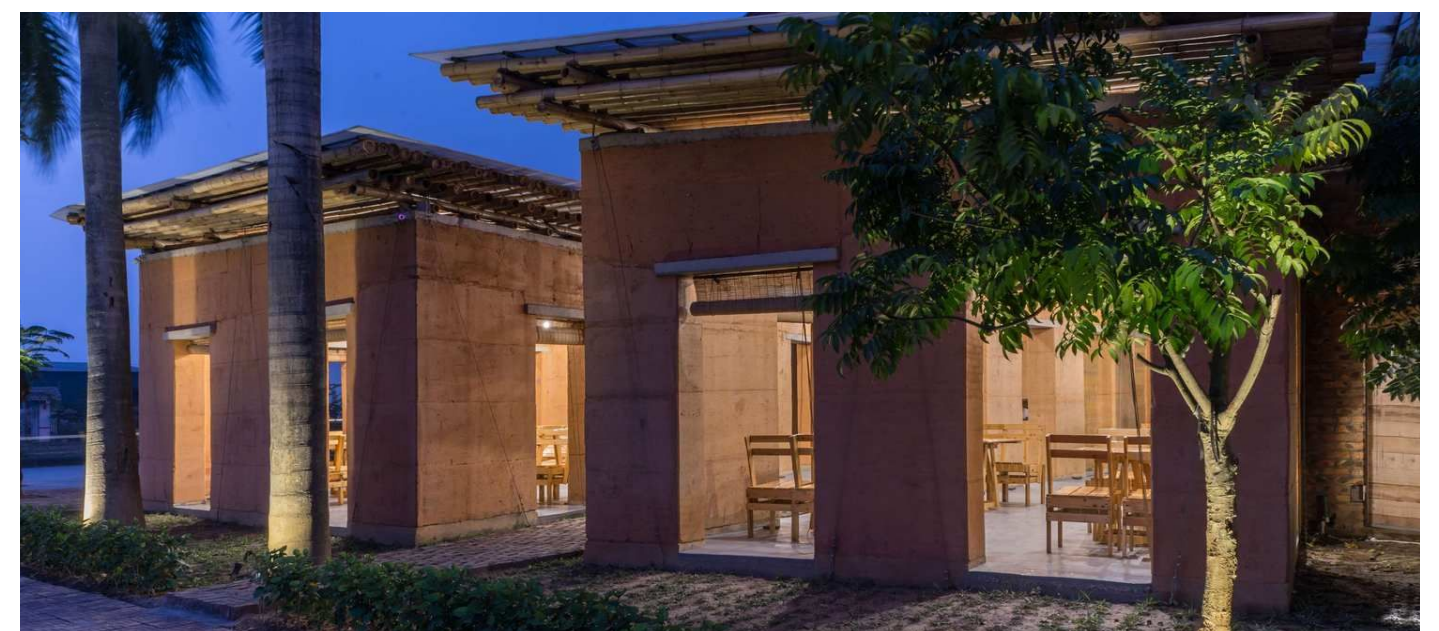
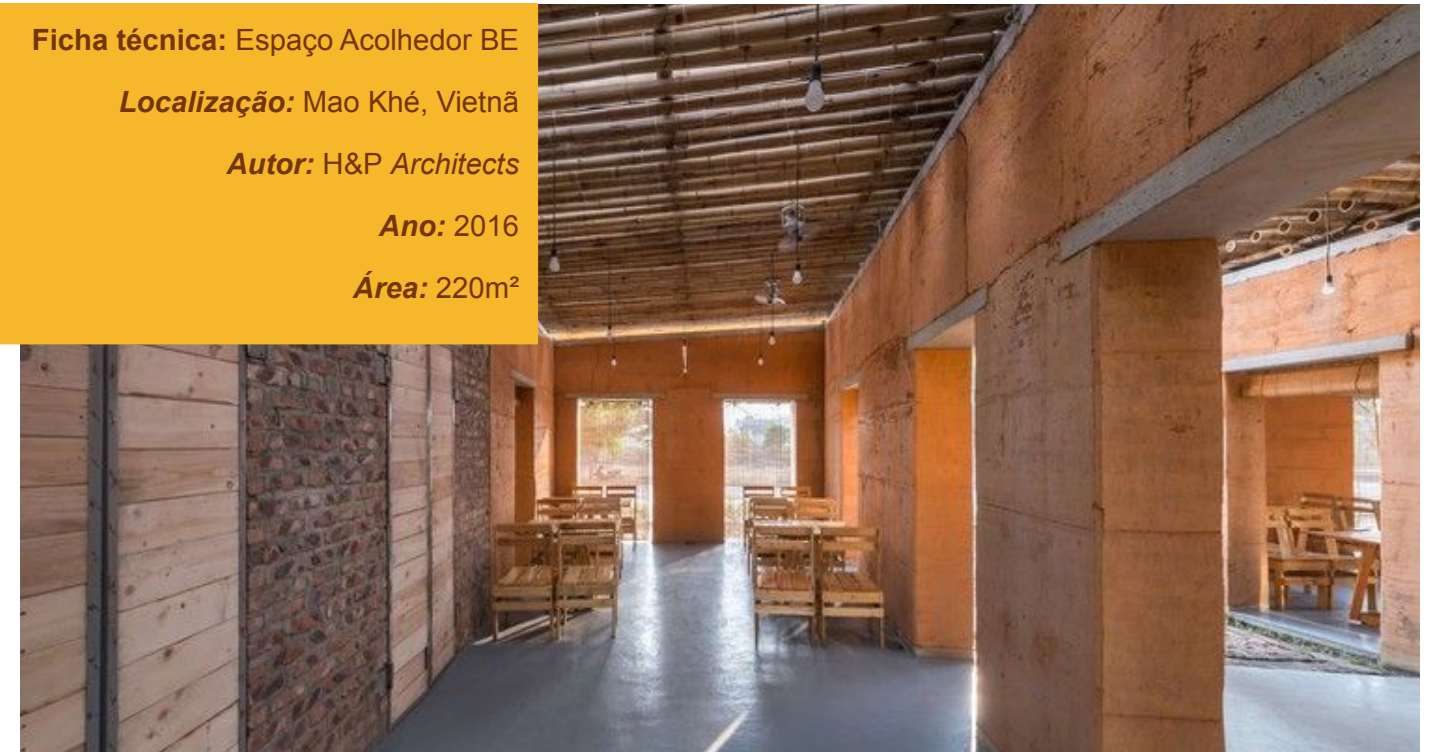
Ficha técnica: Espaço Acolhedor BE

Localização: Mao Khê, Vietnã

Autor: H&P Architects

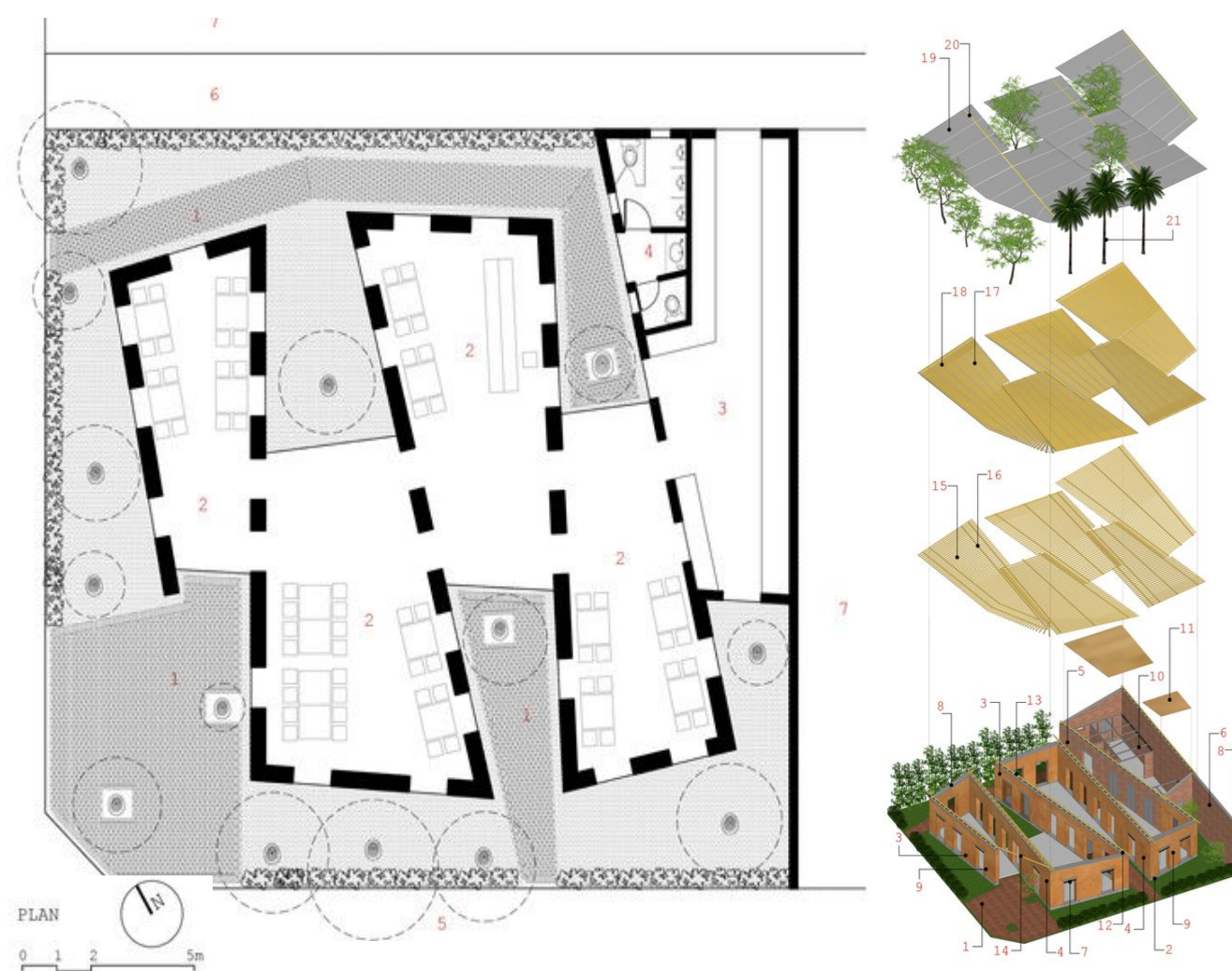
Ano: 2016

Área: 220m²



Fonte: Espaço Acolhedor BE. ArchDaily, 2017.

Figura 11: Planta e perspectiva axonométrica do Espaço Acolhedor BE



Fonte: Espaço Acolhedor BE. ArchDaily, 2017.

LEGENDA (AXONOMÉTRICA):

- | | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> 1. Piso de tijolinho aparente com paginação alternada 2. Contrapiso 3. Parede de taipa (h: 3,30m ; e: 40cm) 4. Parede de taipa (h: 3,60m ; e: 40cm) 5. Parede de tijolinho aparente (h: 3,30m ; e: 20cm) 6. Parede de tijolinho aparente (h: 4,50m ; e: 20cm) 7. Porta com fechamento em cortina de bambu 8. Viga de concreto para sustentação da cobertura 9. Cabo de aço interno 10. Steel frame para suportar laje do sótão 11. Laje do sótão 12. Estrutura de bambu transversal 13. Estrutura de bambu longitudinal | <ul style="list-style-type: none"> 14. Suporte de aço conectando estruturas de bambu 15. Estruturas horizontais da cobertura em bambu 16. Estruturas verticais da cobertura em bambu 17. Peças de bambu intercaladas com menor espaçamento. É uma camada-cortina entre estrutura e cobertura, ideal para refrescar dias de calor extremo. 18. Ripas de madeira 19. Telhado em chapas de policarbonato, com 12mm de espessura e camada interna de isolamento 20. Sistema de água para lavagem e refrigeração do telhado 21. Três coqueiros na fachada |
|---|--|

A partir dessas informações, pode-se extrair desse projeto, como inspiração para a proposta da sede da CUFA Campo Grande: o fácil acesso ou visualização de áreas externas ajardinadas, distribuindo muitas aberturas e incentivando a ventilação e a iluminação natural em quase toda a edificação; a escolha por uma materialidade que esteticamente remete a sensações de conforto e aconchego; e a decisão por uma planta singular, que consegue dispor espaços ora integrados, ora reclusos, através da aplicação de cheios e vazios.

Figura 12: Imagens e detalhes do Espaço Acolhedor BE



Fonte: Espaço Acolhedor BE. ArchDaily, 2017. Com diagramação da autora.

Igualmente instigante, o **Espaço Comunitário De Hué**, apresenta uma arquitetura que segue o contexto das edificações do entorno. Localizada em uma das principais vias de um bairro repleto de residências ajardinadas, a edificação mantém o padrão, propondo uma fachada transparente e cheia de vegetação (ARCHDAILY, 2024).

Figura 13: Fachada do Espaço Comunitário De Hué



Ficha técnica: Espaço Comunitário De Hué

Localização: Thành Phố Hué, Vietnã

Autor: Studio Voi

Ano: 2023

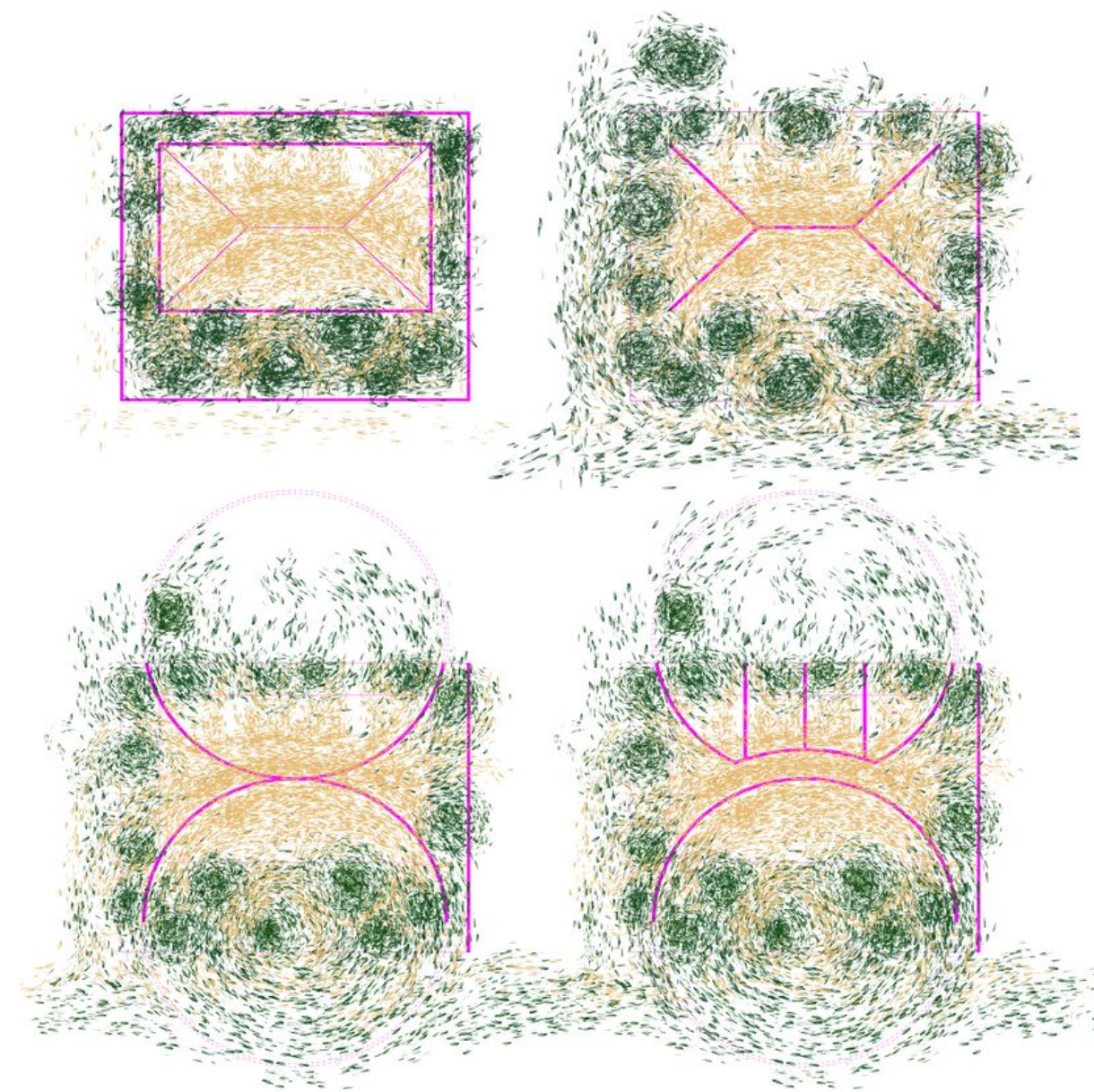
Área: 500m²



Fonte: Espaço Comunitário De Hué. ArchDaily, 2024. Com edição e diagramação da autora.

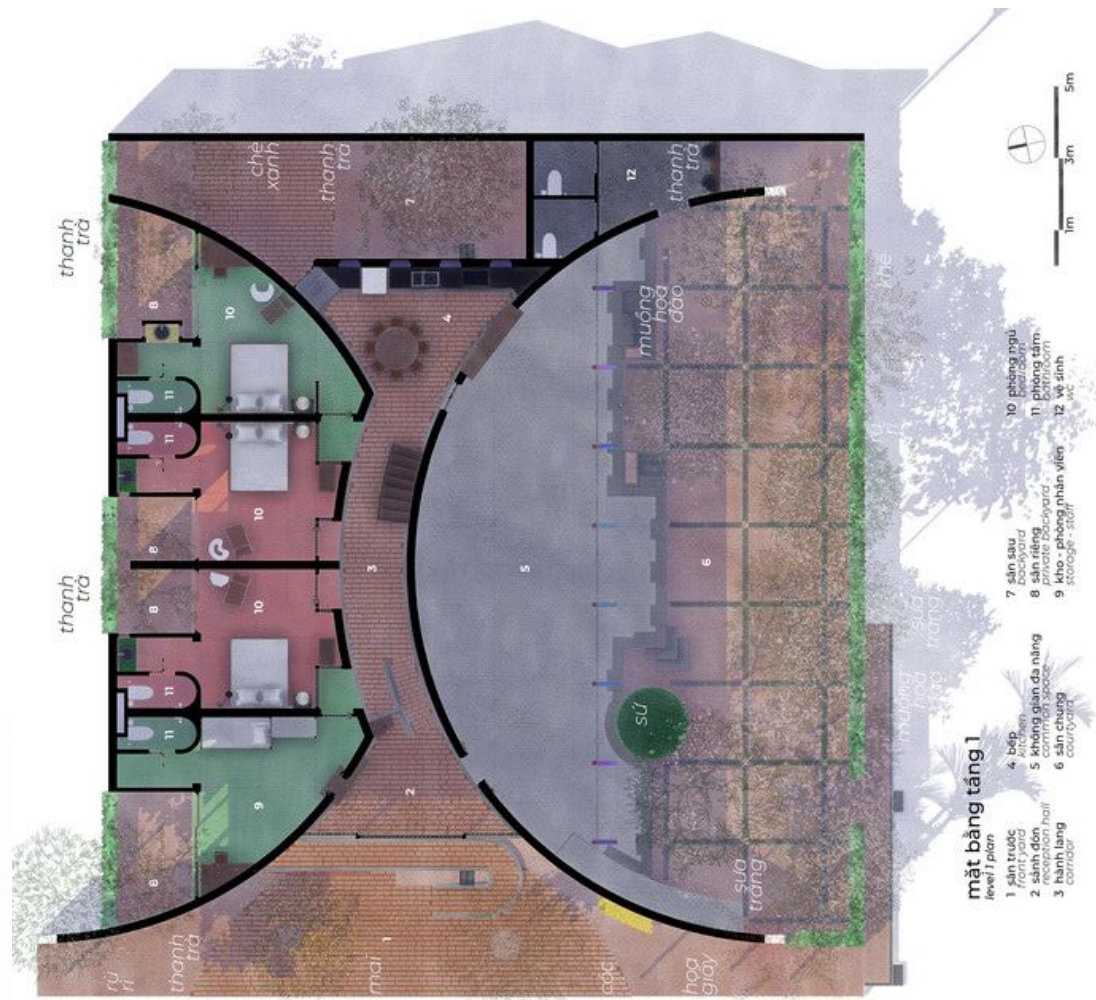
Brincando com a arquitetura, o projeto propõe uma planta inusitada, formada pela toque entre dois círculos. Os centros de cada círculo são justamente as áreas verdes do espaço. Projetado para servir como um local de acomodação para turistas, o espaço propõe áreas de convivência charmosas, enquanto é capaz de dividir as áreas íntimas através da circulação que tangencia os círculos. Apesar da aparência de pouca área construída, por meio de um segundo pavimento da ala íntima, o projeto conseguiu alocar sete quartos, uma cozinha e um espaço de apoio (ARCHDAILY, 2024).

Figura 14: Diagrama do processo criativo

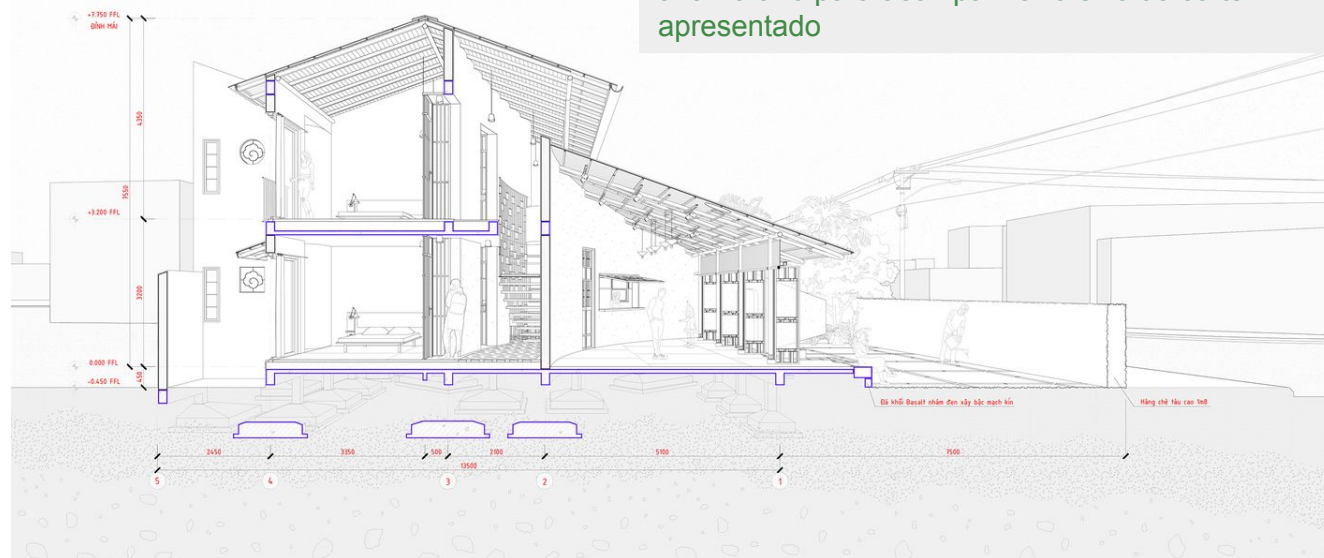


Fonte: Espaço Comunitário De Hué. ArchDaily, 2024.

Figura 15: Planta e corte do Espaço Comunitário De Hué



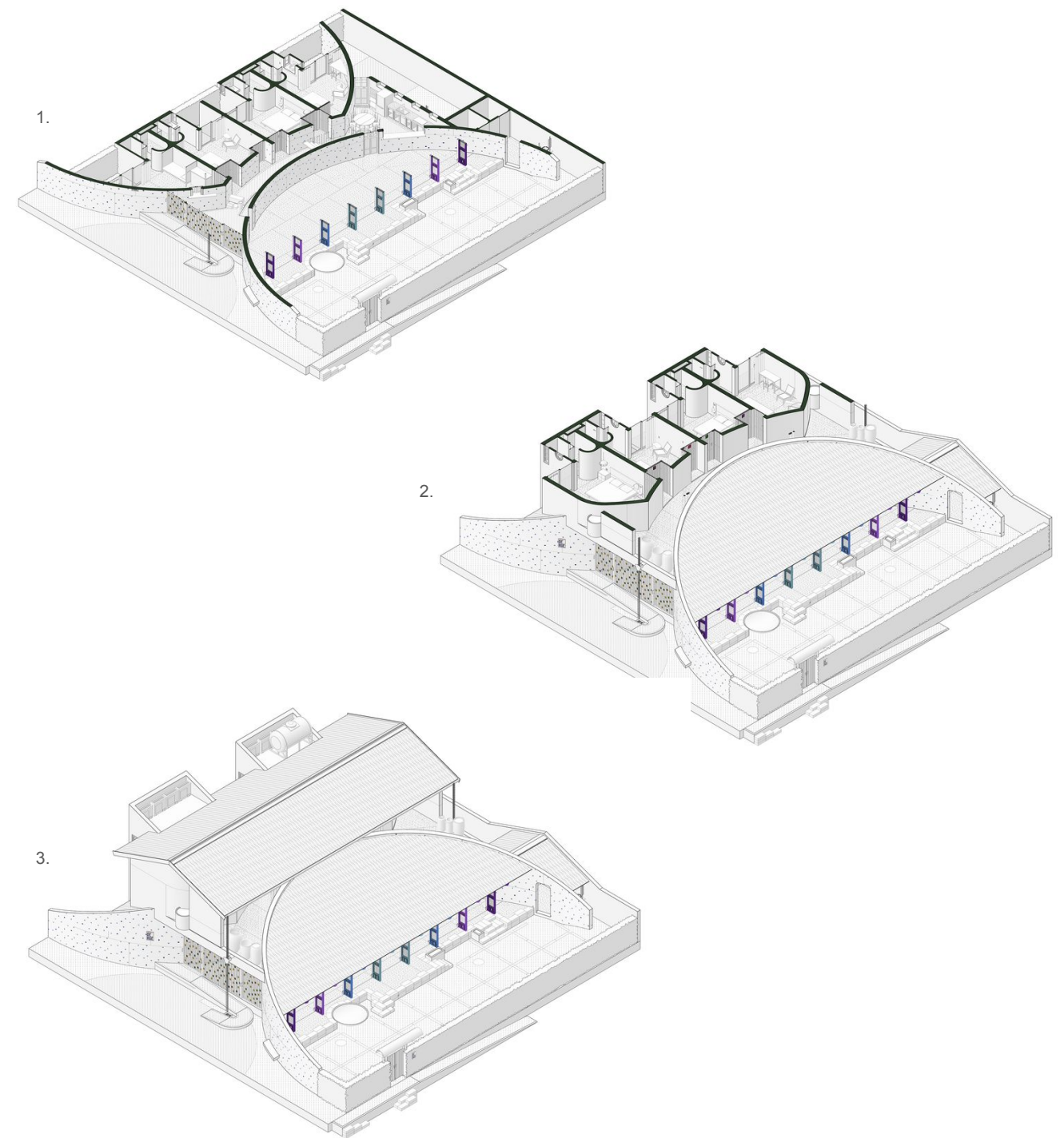
OBS.: Planta rotacionada 90° no sentido anti-horário para acompanhar o eixo do corte apresentado



Fonte: Espaço Comunitário De Hué. ArchDaily, 2024.

Observando a volumetria final na Figura 17 é possível compreender melhor a maneira que o terreno é ocupado e como a elevação da área íntima se camufla na fachada principal.

Figura 16: Diagrama volumétrico



Fonte: Espaço Comunitário De Hué. ArchDaily, 2024.

Outro aspecto analisado foi a estética apresentada no projeto. Com uma materialidade brutalista, o espaço encontra nos grandes vãos e aberturas, a saída para o acolhimento. A intensa entrada de iluminação e o uso dos jardins como protagonistas do projeto, são soluções aplicadas para garantir elegância, leveza e fluidez (ARCHDAILY, 2024).

Portanto, a partir desta análise, entende-se como os principais atributos desse projeto, que destacam a obra e que podem vir a auxiliar nas definições do projeto da sede da CUFA Campo Grande: a escolha dos jardins e áreas externas como ponto de partida para o desenho da edificação; a opção por uma planta criativa, capaz de integrar e segregar ambientes com funções distintas; a solução pela elevação de parte da edificação, como forma de ter uma área útil maior, sem propor uma verticalização intensa; e a escolha por materiais simples e modernistas, que remetem à simplicidade e ao aconchego, mas não se acomodam no simplismo.

Figura 17: Imagens internas do Espaço Comunitário De Hué

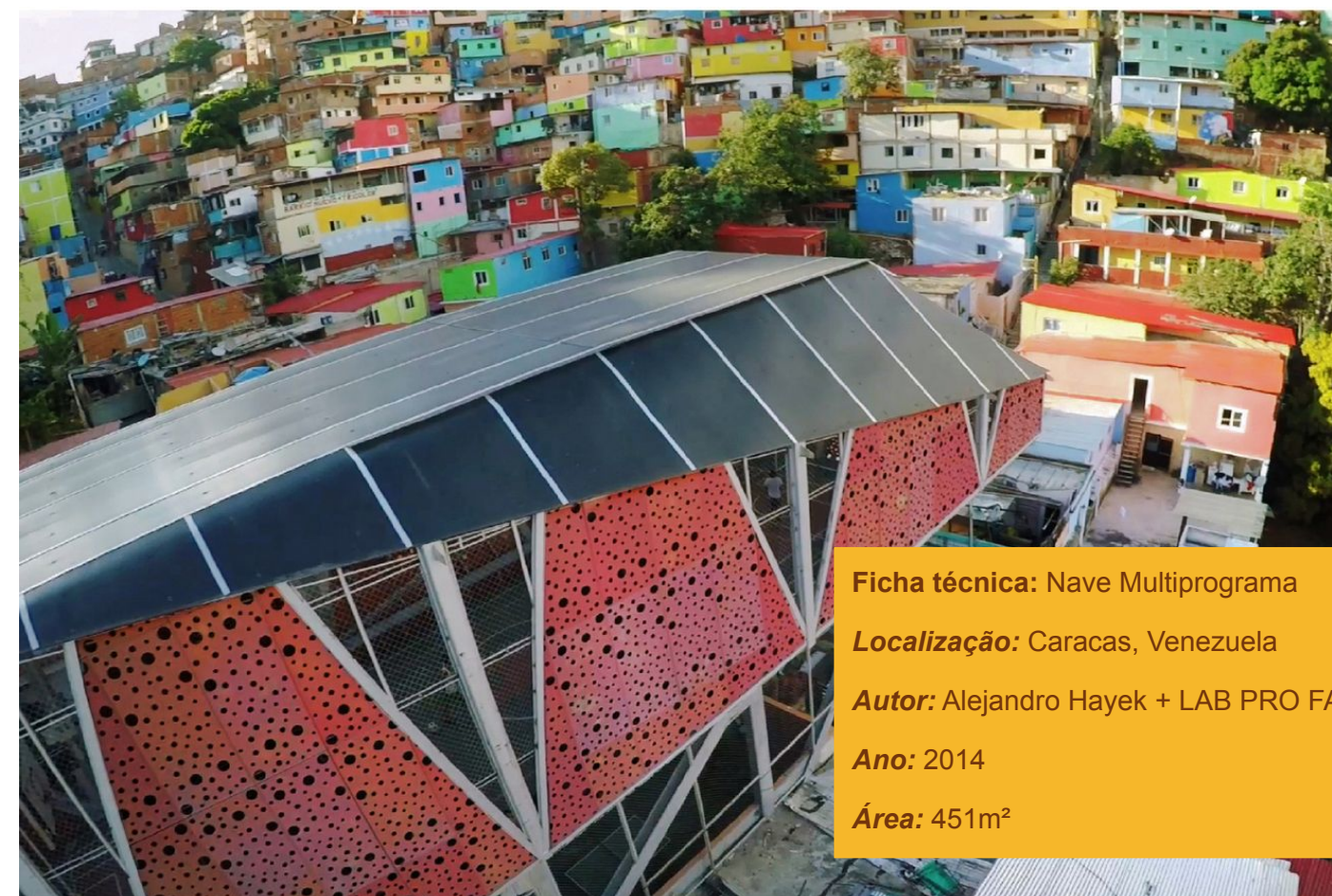


3.1.2 Precedentes temáticos

Os precedentes temáticos referem-se a projetos ou edificações que cumprem funções e missões similares com os ideais desejados para a proposta de sede da CUFA Campo Grande. Como fundamentação, foram analisados três projetos: a Nave Multiprograma, o Centro Cultural Lá da Favelinha e a intervenção urbana no Setor 3 da favela Nova Jaguaré.

A **Nave Multiprograma** é um espaço de lazer e esporte, projetado pelo arquiteto venezuelano Alejandro Hayek, co-fundador do grupo *Lab.Pro.Fab*, que promove intervenções urbanas de reengenharia e de infraestrutura social com participação popular (LAB.PRO.FAB, 2024). O espaço faz parte de um programa de incentivo e desenvolvimento do esporte na capital Caracas, focado em atuar na cultura e lazer em áreas de ocupação irregular, como as favelas, e é datado do ano de 2014 (ARCHDAILY, 2020).

Figura 18: Vista aérea da Nave Multiprograma



Fonte: Nave Multiprograma: sistema vertical de plataformas esportiva e cultural. ArchDaily, 2020.

Figura 19: Vista aérea da inserção da Nave Multiprograma

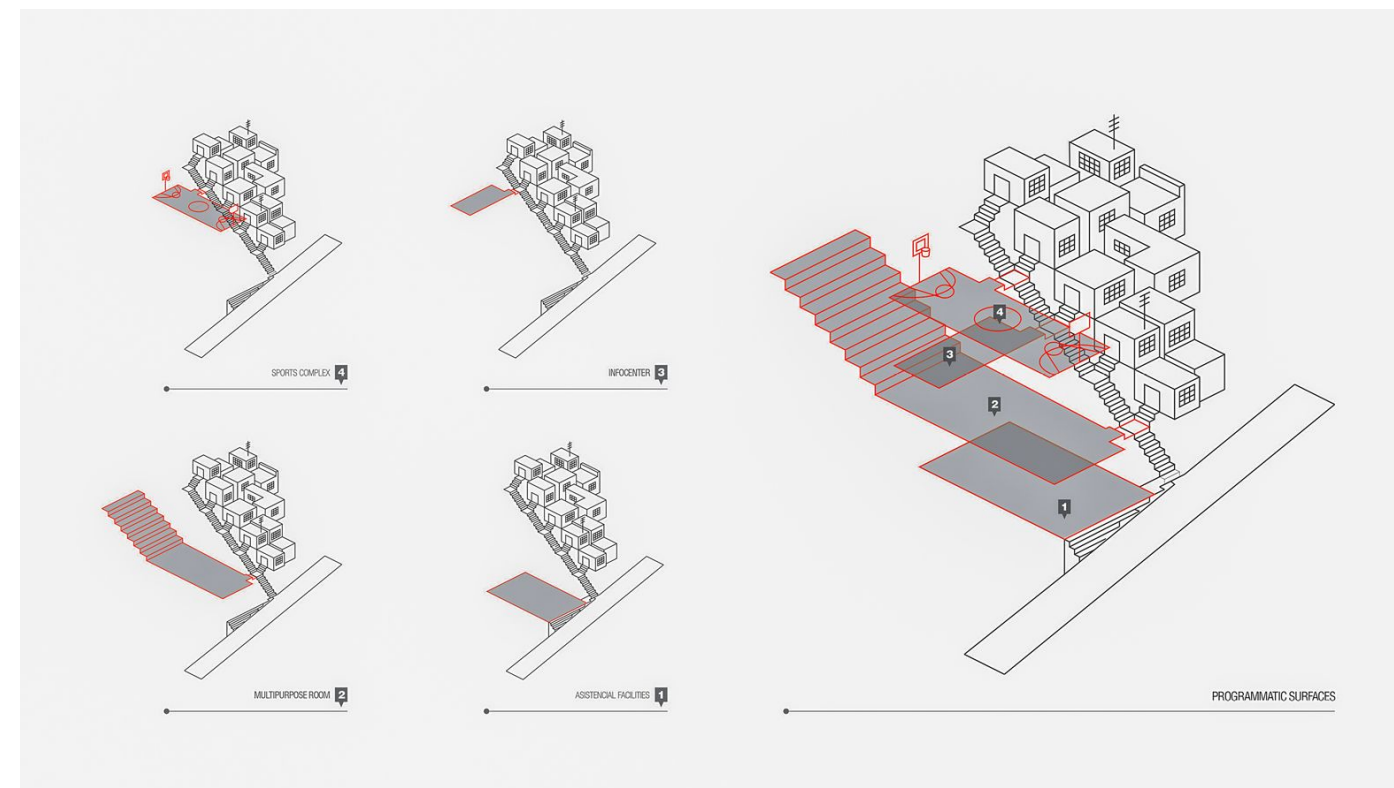


Fonte: Nave Multiprograma: sistema vertical de plataformas esportiva e cultural. ArchDaily, 2020.

De acordo com a equipe (ARCHDAILY, 2020), um dos principais conceitos usados no projeto foi a acupuntura urbana, que acredita na recuperação da cidade, por meio de intervenções pontuais e revitalizadoras (GALLO; SANTOS, 2017). Outro elemento norteador na Nave Multiprograma foi o da autogestão, que é definida pela atuação direta da população na manutenção dos espaços urbanos e nas tomadas de decisão (GODOY, 2009).

Por meio da verticalização, a Nave Multiprograma se relaciona com seu entorno e acolhe o formato de ocupação das favelas. Com três níveis, o ambiente se divide em: uma praça de alimentação e um centro de formação no térreo, em contato direto com a rua; um espaço multiuso que pode acolher desde reuniões a oficinas e aulas; e por fim, no último pavimento, uma quadra poliesportiva, que retoma a função esportiva. Outro detalhe interessante é a ocupação crescente da edificação, o térreo com 85 metros quadrados, o segundo nível com 140 metros quadrados e o último nível com 200 metros quadrados (ARCHDAILY, 2020).

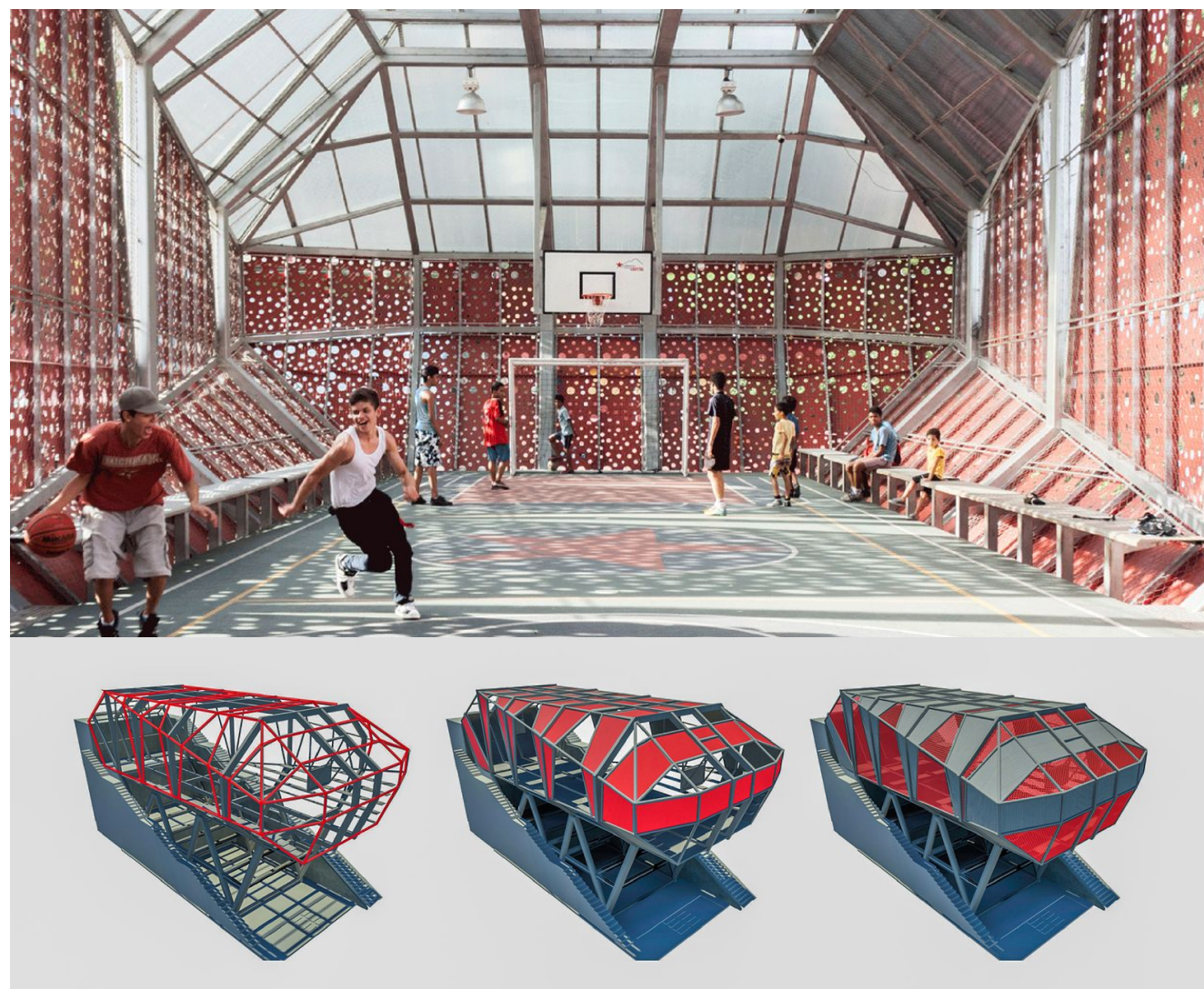
Figura 20: Relação com o entorno e corte da Nave Multiprograma



Fonte: Nave Multiprograma: sistema vertical de plataformas esportiva e cultural. ArchDaily, 2020.

Com esse programa multifuncional, o projeto permite que a ocupação do espaço aconteça conforme a necessidade local, o que incentiva a autonomia e aproxima essa população do direito à cidade.

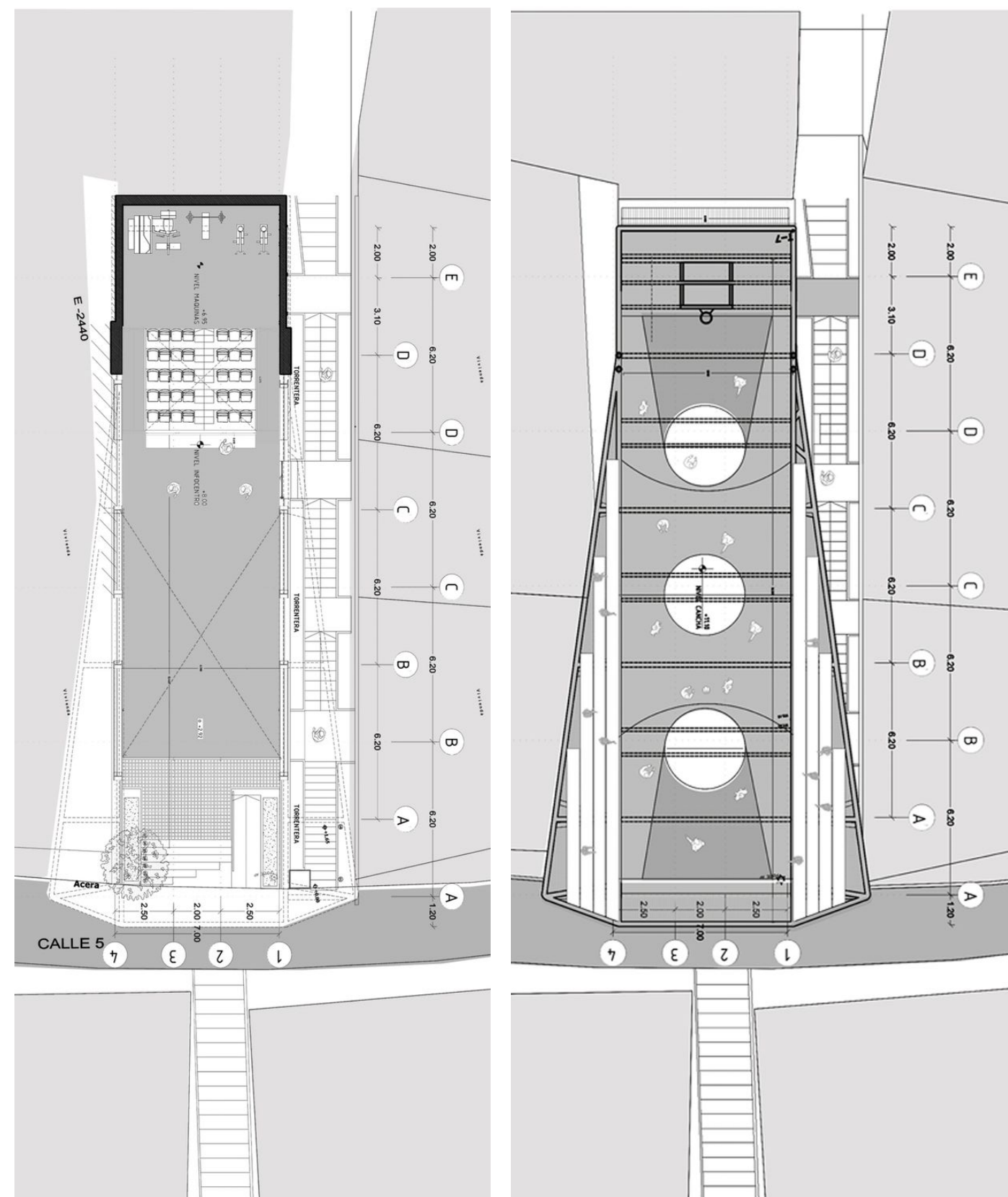
Figura 21: Quadra poliesportiva e esquema estrutural da Nave Multiprograma



Fonte: Nave Multiprograma: sistema vertical de plataformas esportiva e cultural. ArchDaily, 2020.

Dentre as características do projeto debatidas, as responsáveis por torná-lo relevante para o produto final deste trabalho são: a proposta volumétrica que dialoga com o entorno do terreno; o programa de necessidades que não limita as possibilidades de uso e que permite atividades de lazer e cultura para a população; o conceito de autogestão, que insere os usuários na manutenção do espaço e na colaboração para seu funcionamento.

Figura 22: Plantas do primeiro e segundo pavimento da Nave Multiprograma



Fonte: Nave Multiprograma: sistema vertical de plataformas esportiva e cultural. ArchDaily, 2020.

Outro projeto analisado foi o **Centro Cultural Lá da Favelinha**, projeto de reforma do coletivo LEVANTE, executado juntamente com a população local. Localizado no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, o centro busca incentivar a cultura, a expressão artística e o empreendedorismo da favela (ARCHDAILY, 2023).

Ocupando um terreno de 78,20 metros quadrados, o projeto conseguiu, a partir da verticalização em três níveis, uma área construída de 194,73 metros quadrados. O programa conta com um ambiente multifuncional aberto, três salas multiuso e um terraço, também sem uso definido, além de banheiros e vestiários. Outra intervenção proposta pelo projeto foi a inserção de um *parklet* em frente ao edifício, funcionando como um espaço público de contemplação (ARCHDAILY, 2023).

Figura 23: Fachada e corte do Centro Cultural Lá da Favelinha



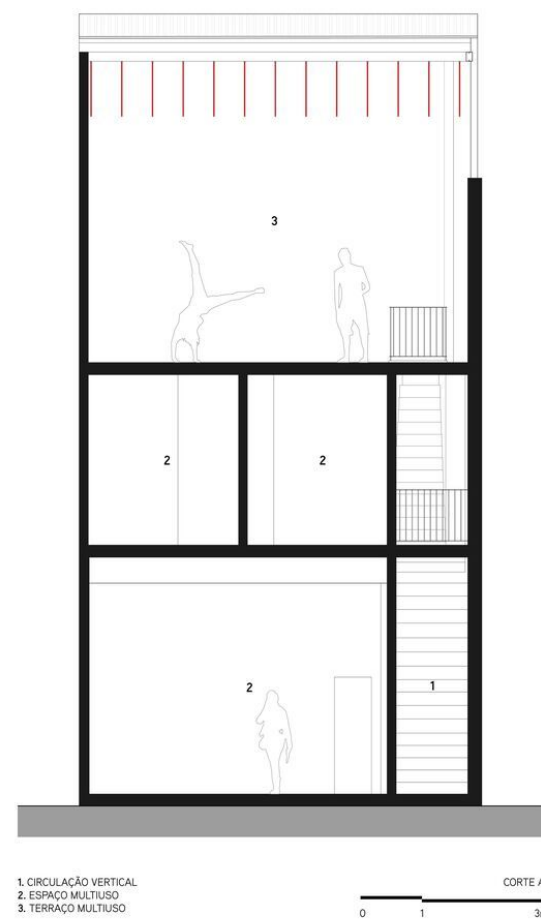
Ficha técnica: Centro Cultural Lá da Favelinha

Localização: Aglomerado da Serra, Belo Horizonte (MG)

Autor: Coletivo LEVANTE

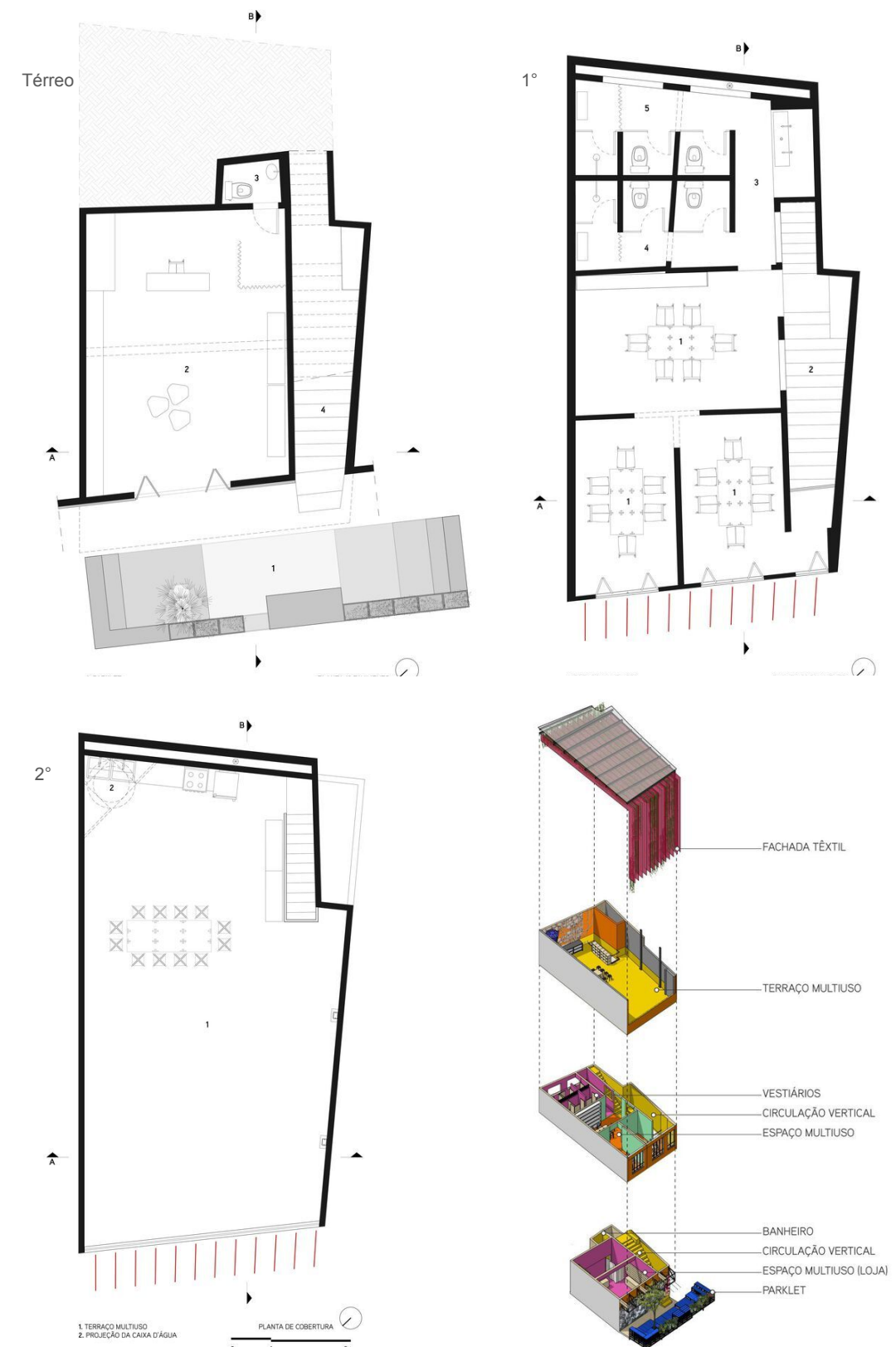
Ano: 2021

Área: 194m²



1. CIRCULAÇÃO VERTICAL
2. ESPAÇO MULTIUSO
3. TERRAÇO MULTIUSO
CORTE A
0 1 3m

Figuras 24: Plantas do térreo, primeiro e segundo pavimento da Nave Multiprograma e esquema isométrico



1. TERRAÇO MULTIUSO
2. PROJEÇÃO DA CAIXA D'ÁGUA
PLANTA DE COBERTURA
0 1 3m

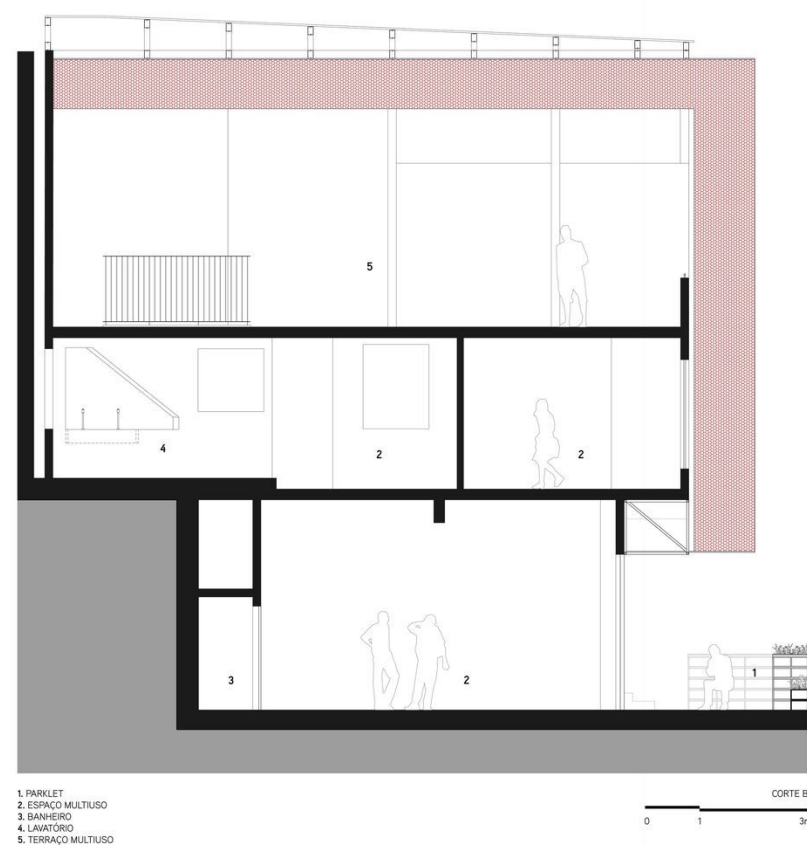
Fonte: Centro Cultural Lá da Favelinha. ArchDaily, 2023. Com diagramação da autora.

Fonte: Centro Cultural Lá da Favelinha. ArchDaily, 2023. Com diagramação da autora.

Com grandes aberturas e elementos vazados, o espaço consegue abusar de iluminação e ventilação naturais. Como forma de amenizar a insolação direta, foi implantado um sistema de faixas de tela agrária, que atuam como brises verticais e compõem uma fachada ativa e marcante. O espaço é usado para eventos culturais e conta com 13 oficinas gratuitas e semanais, além de intermediar parcerias com agentes impulsionadores da qualidade de vida nas favelas (ARCHDAILY, 2023).

A partir da Figura 26 é possível compreender melhor como o ganho de espaço foi potencializado a partir da verticalização. Segundo a própria equipe do LEVANTE (ARCHDAILY, 2023), a execução do projeto aconteceu com o apoio dos moradores da região e essa foi uma das razões pelas quais o espaço levou em torno de três anos para ser finalizado. Além de um ambiente dinâmico, o espaço conseguiu, ao mesmo tempo, se camuflar e se destacar, causando pouco impacto na paisagem onde está inserido

Figura 25: Corte longitudinal do Centro Cultural Lá da Favelinha



Fonte: Centro Cultural Lá da Favelinha. ArchDaily, 2023.

Dentre as razões pelas quais o projeto se faz relevante para o desenvolvimento do projeto de sede para a CUFA Campo Grande, estão: a delimitação de ambientes espaçosos, o que garante mais possibilidades de uso; a adoção de materiais e soluções eficientes e de baixo custo, o que viabiliza a execução e aproxima a participação da população; o caráter cultural do projeto, que se assemelha ao ideal da CUFA Campo Grande; a estética alegre, com uso de cores, texturas e elementos diversos; a camuflagem na paisagem urbana; e a implantação do *parklet*, que indica uma intervenção de espaço livre público.

Figura 26: Imagens internas e externas do espaço



Fonte: Centro Cultural Lá da Favelinha. ArchDaily, 2023. Com edição e diagramação da autora.

Por fim, o último precedente a ser analisado foi o projeto de intervenção urbana e paisagística no **Setor 3 da favela Nova Jaguaré**, uma das mais antigas de São Paulo. A escolha pela análise desse precedente se deu pelo seu caráter urbano-paisagístico em uma área que já havia recebido muitas propostas, mas todas com dificuldade quanto ao seu aproveitamento. Datado de 2012, o projeto tinha como missão o retorno de uma identidade pública no espaço, que passou por diversas ocupações irregulares de risco socioambiental. A intenção dos profissionais era desenvolver um espaço público lúdico e simbólico (ARCHDAILY, 2014).

Figura 27: Implantação do projeto



Ficha técnica: Intervenção urbano-paisagística

Localização: Setor 3 da favela Nova Jaguaré, São Paulo

Autor: Boldarini Arquitetura e Urbanismo

Ano: 2012

Área: 15.955m²

Fonte: Favela Nova Jaguaré - Setor 3. ArchDaily, 2014.

Figura 28: Escadaria, marco do projeto



Fonte: Favela Nova Jaguaré - Setor 3. ArchDaily, 2014.

Um dos elementos protagonistas do projeto é a circulação vertical que conecta dois pontos com mais de 35 metros de desnível entre si. O percurso é composto de escadarias e patamares que, além de garantirem a função de mobilidade, formam um componente estético memorável e um mirante para os usuários. Certamente, o grande clímax do projeto está no traçado orgânico criado e na sua relação com o entorno, mesmo diante da situação topográfica proposta (ARCHDAILY, 2014).

O programa conta ainda com um espaço com salas de informática, áreas de convivência, espaços contemplativos e murais feitos pelo artista Maurício Adnolfi (ARCHDAILY, 2014). O resultado retoma uma ideia de parque, ou praça, público, ocupando com responsabilidade socioambiental e promovendo o direito à cidade.

A escolha pela análise e observação dessa intervenção urbana e paisagística se dá pelo desejo de propor uma sede para a CUFA Campo Grande que, não somente abrigue um espaço para funcionamento da ONG, mas também um espaço livre urbano que atenda a população do entorno, com equipamentos de lazer, áreas de contemplação e elementos paisagísticos. A intervenção na favela Nova Jaguaré se apresenta como uma inspiração para a implantação de espaços públicos de qualidade em áreas marginalizadas da cidade.

Figura 29: Antes e depois da área de projeto



Fonte: Favela Nova Jaguaré - Setor 3. ArchDaily, 2014. Diagramação da autora.

Figura 30: Imagem do fim da escadaria e corte do projeto



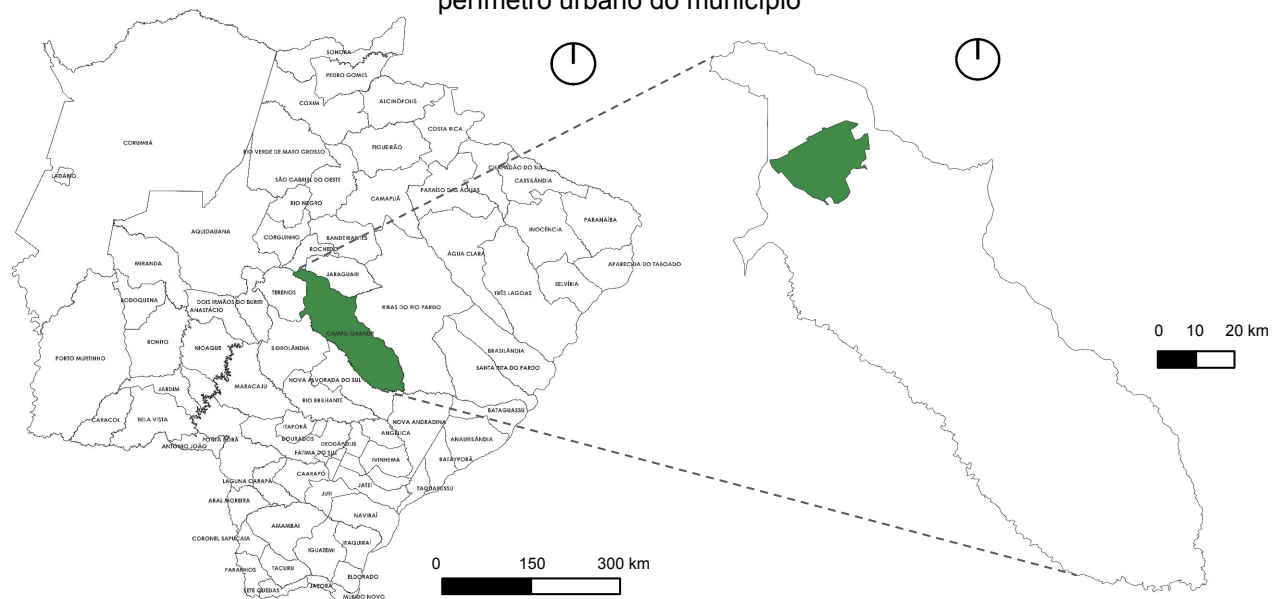
Fonte: Favela Nova Jaguaré - Setor 3. ArchDaily, 2014. Diagramação da autora.

3.2 Terreno: Localização e diagnóstico urbano

O espaço físico onde a CUFA Campo Grande está instalada se localiza na região oeste do perímetro urbano, mais especificamente na Região Urbana da Lagoa. Até 2020, a ONG não tinha uma sede definida, as ações aconteciam em espaços públicos e as doações eram armazenadas nas casas de membros da equipe. Posicionada no bairro São Conrado, a atual sede da organização era, anteriormente, a Associação de Moradores do Jardim São Conrado. A partir de 2020, a CUFA Campo Grande passou a ocupar este espaço, por meio de empréstimo da própria Associação (informação verbal²²).

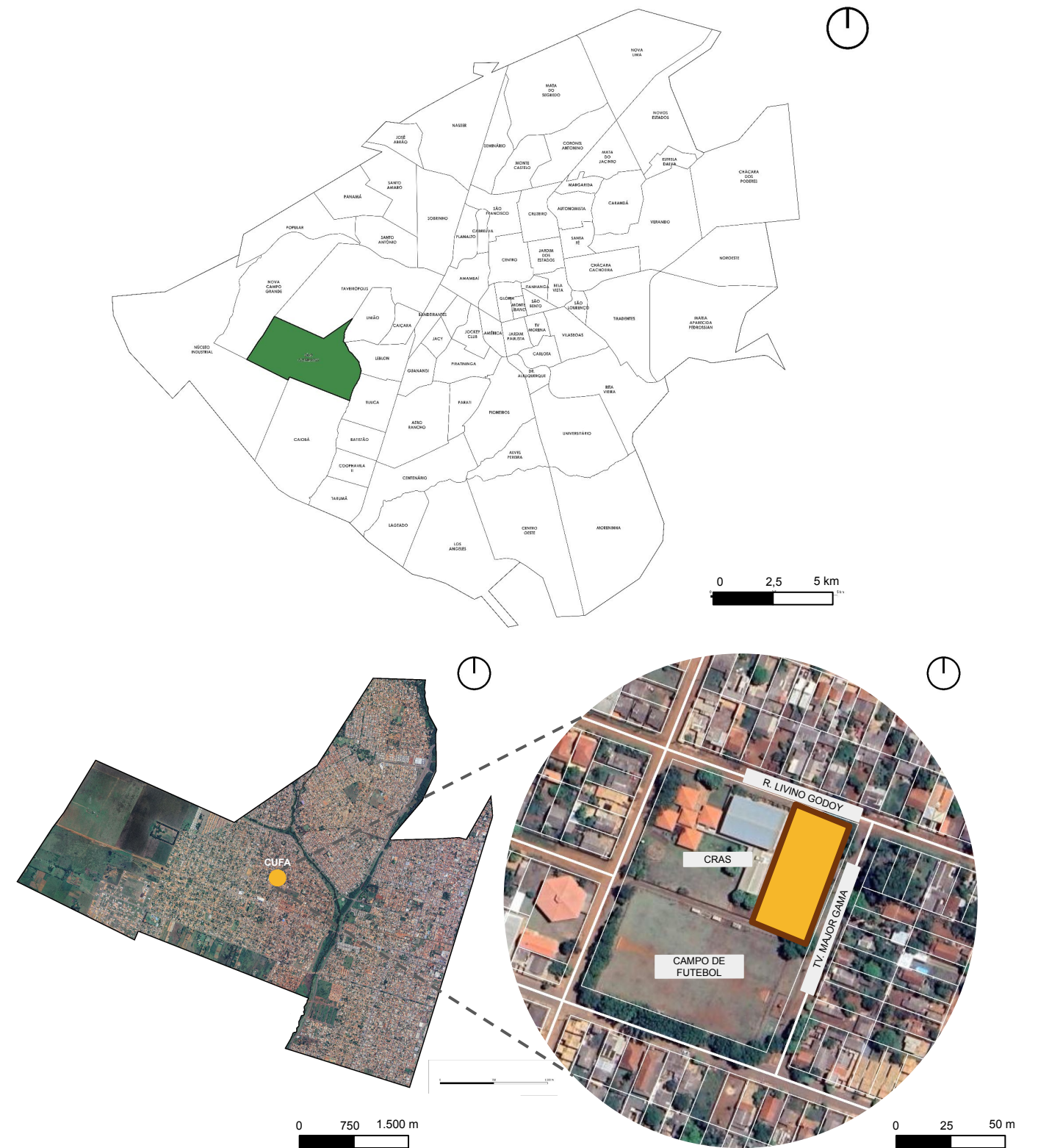
A sede está situada ao lado do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de mesmo nome. No lote dos fundos, funciona o Campo de Futebol Claudionor Falcão. A ONG está inserida no lote de esquina, acessada pelas vias Rua Livino Godoy e Travessa Major Gama. De acordo com os registros municipais (SEMADUR, 2020), a quadra onde a organização funciona não possui loteamento, contudo, isso não condiz com a realidade local, já que é possível perceber uma divisão clara de lotes.

Figura 31: Mapa do Mato Grosso do Sul com destaque para o município de Campo Grande, destacando o perímetro urbano do município



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG.

Figura 32: Mapa do perímetro urbano de Campo Grande com destaque para o bairro São Conrado e para a localização da sede da CUFA Campo Grande



Fonte: Mapas desenvolvidos pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG.

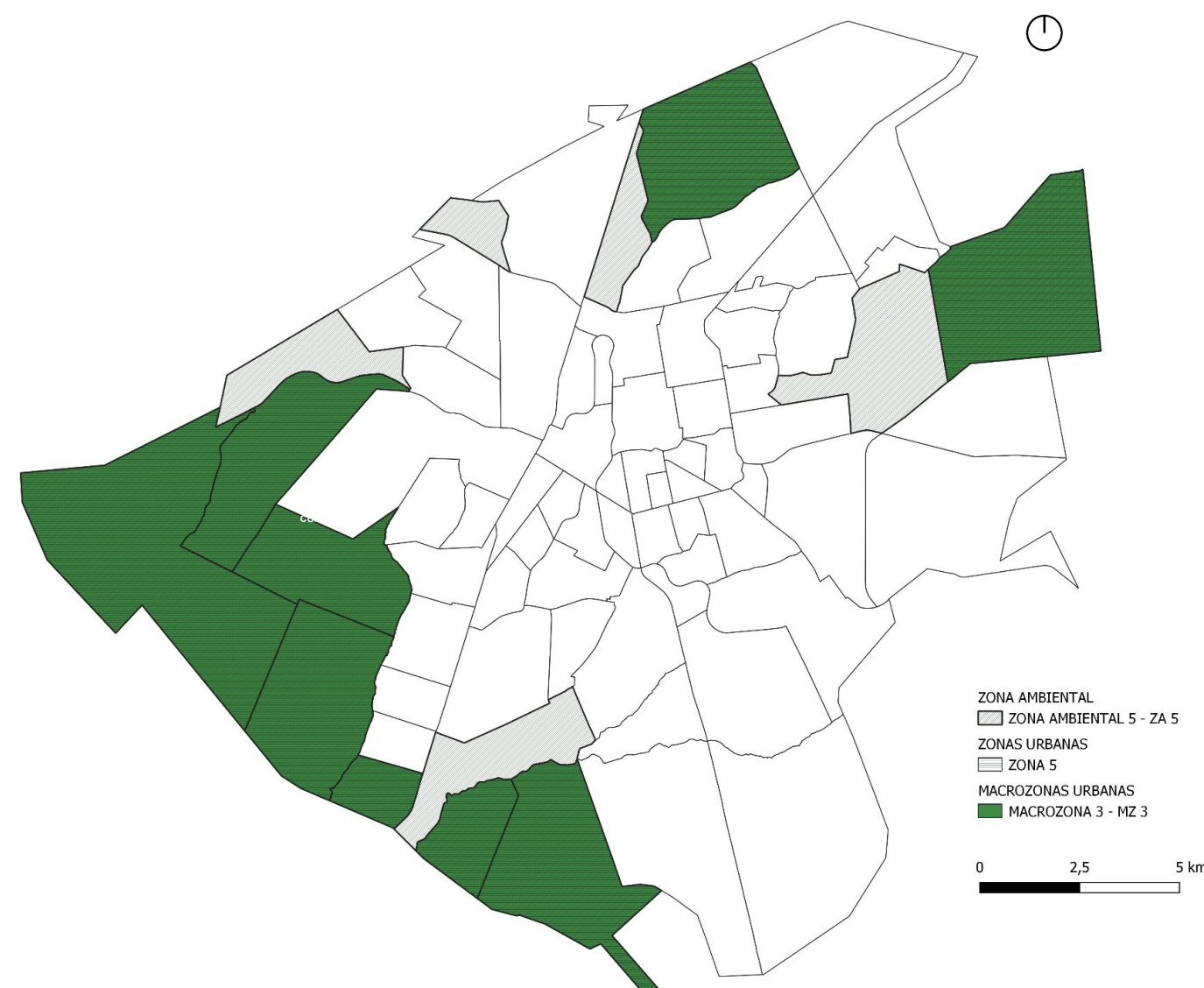
De acordo com a Lei Complementar n. 341/2018, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano e Ambiental de Campo Grande (PDDUA-CG), a sede da ONG está inserida dentro da Macrozona 3 (MZ3). A MZ3 abrange uma área onde o adensamento populacional deve ocorrer de maneira mais lenta e com restrições de uso, devido às características do meio físico. Esta macrozona prevê uma densidade demográfica de até 52 habitantes por hectare, com incentivo à construção de unidades habitacionais e práticas de agricultura urbana.

Ainda de acordo com o PDDUA-CG, o terreno de estudo compreende a Zona Urbana 5 (Z5) e a Zona Ambiental 5 (ZA5), o que define que a área permeável deve ser de, no mínimo, 30% do lote. A Tabela 02 sintetiza as informações referentes aos zoneamentos urbanos propostos e descreve o que cada um significa em termos construtivos. O lote onde a CUFA Campo Grande está inserida não é abrangido por nenhuma das zonas especiais.

Tabela 02: Recomendações de cada tipologia de zoneamento	
Tipo de zoneamento	Recomendações/exigências do PDDUA-CG
Macrozona Urbana 3 (MZ3)	<ul style="list-style-type: none"> → Estímulo à construção de unidades habitacionais, à prática de agricultura urbana e, em caso de bairros com mais de 20% de seu território urbanizado, é incentivada a diversificação de usos; → Densidade líquida: até 120 hab/ha; → Densidade demográfica: até 52 hab/ha.
Zona Urbana 5 (Z5)	<ul style="list-style-type: none"> → Taxa de ocupação (TO) = 0,5 → Coeficiente de Aproveitamento (CA) = 0,10 → Índice de elevação (IE) = 2 → Área mínima dos lotes = 250m² → Recuo frontal, lateral e fundos = livres → Se IE > 2, recuo lateral e fundos deve ser h/4, sendo no mínimo 3 metros.
Zona Ambiental 5 (ZA5)	<ul style="list-style-type: none"> → Taxa de Relevância Ambiental (TRA) Mínima = 0,50 → Taxa de Permeabilidade = 30%

Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG.

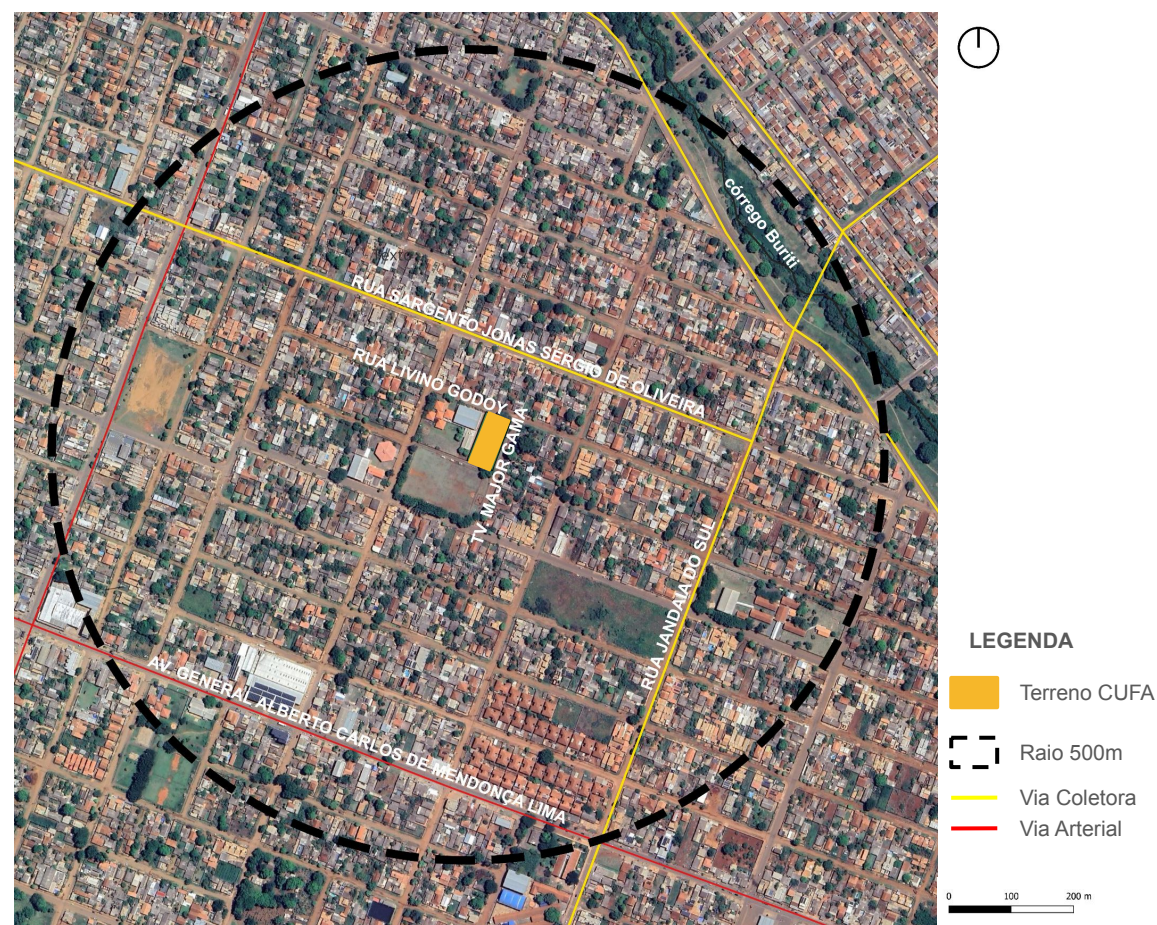
Figura 33: Mapa apresentando os zoneamentos em que o Bairro São Conrado está abrangido



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela PLANURB/PMCG.

A principal via de acesso à sede da CUFA Campo Grande é a Rua Livino Godoy, sendo esta a via da fachada norte da edificação, que apresenta o caminho de entrada. A Travessa Major Gama é perpendicular à Rua Livino Godoy, e se apresenta como uma segunda entrada, mesmo que não exista uma abertura, a mureta que cerca o espaço é baixa, o que permite o uso dessa fachada como acesso à edificação. As duas vias são elencadas como vias locais, de acordo com a Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo de Campo Grande (LC n. 74/2005, Anexo II, Planta 04).

Figura 34: Mapa da hierarquia viária das ruas do entorno da sede



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

A disposição de serviços de infraestrutura urbana garante o pleno funcionamento das atividades na cidade, desde usos residenciais a empreendimentos comerciais ou de serviços. A Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Gestão Urbana de Campo Grande (SEMADUR) elenca alguns itens como serviços de infraestrutura urbana, sendo alguns deles: redes de coleta de esgoto, de abastecimento de água e de gás natural; serviço de coleta de lixo domiciliar e seletiva; acesso ao transporte público ou ciclovias; pavimentação de vias públicas. Tais elementos serão analisados a seguir, em um raio de 500 metros do objeto de estudo.

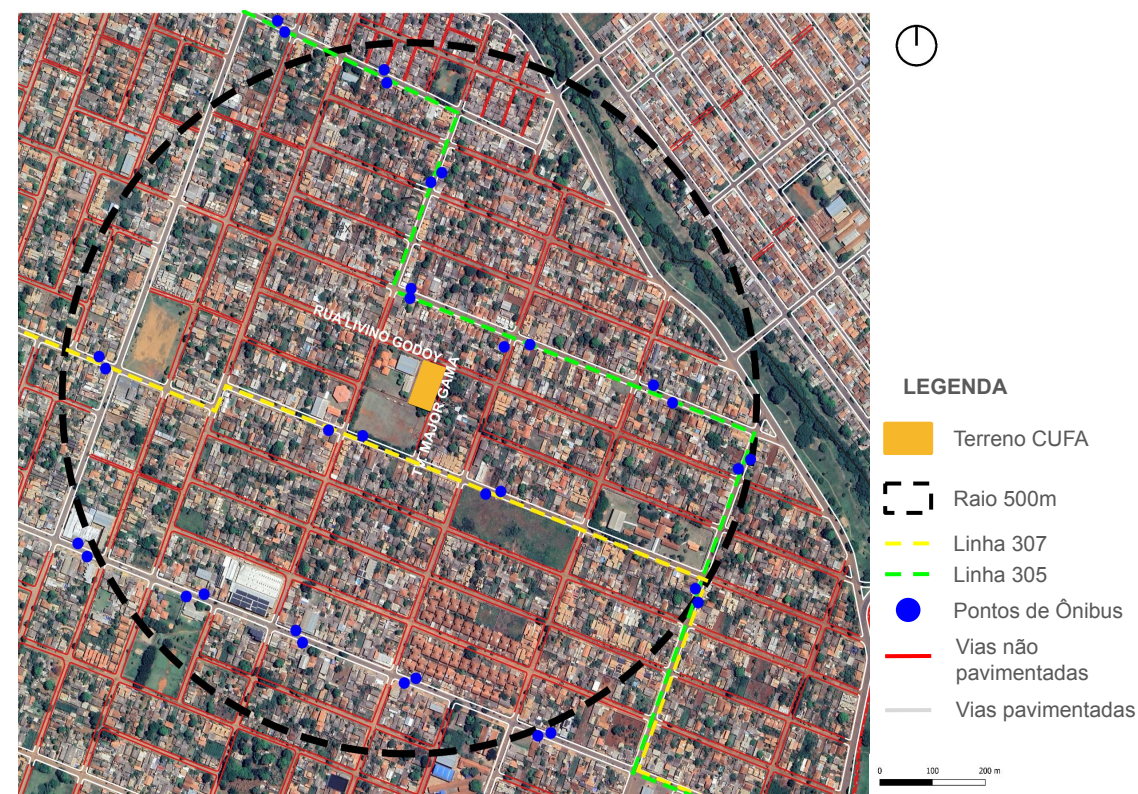
Ambas as vias que passam pela CUFA, assim como algumas das vias do entorno da sede, não são asfaltadas, o que indica uma dificuldade de mobilidade urbana. Sem pavimentação, não há definição dos passeios públicos e nem a disposição de infraestrutura urbana básica.

Outro item fundamental para a mobilidade é o acesso ao transporte público. De acordo com Jairo G. R. de Oliveira (2003, p. 24), os sistemas de transporte coletivo urbano são responsáveis tanto pelo desenvolvimento territorial, quanto pela definição de qualidade de vida das cidades:

Em contraste, outras formas de infraestrutura são de natureza mais atomísticas ou substituíveis, porém, investimentos em transporte induzem o crescimento por uma, e só uma razão: eles melhoram o acesso. É o acesso – a oportunidade de chegar a lugares com eficiência – que atrai novo crescimento.

Tomando como referência o Plano Diretor do Município de Goiânia (LC n. 349/2022), este considera que o raio de abrangência de um ponto de ônibus é de 500 metros. Analisando o entorno do terreno da CUFA, percebe-se que existem 26 pontos de ônibus em um raio de cerca de 500 metros, o que se apresenta como ideal. As principais linhas que funcionam no entorno da sede são a linha “305 - São Conrado/Jd. Antártica” e a linha “307 - São Conrado/Terminal Bandeirantes”. Em relação a outros modais de transporte urbano, a área de entorno da sede não possui ciclovia.

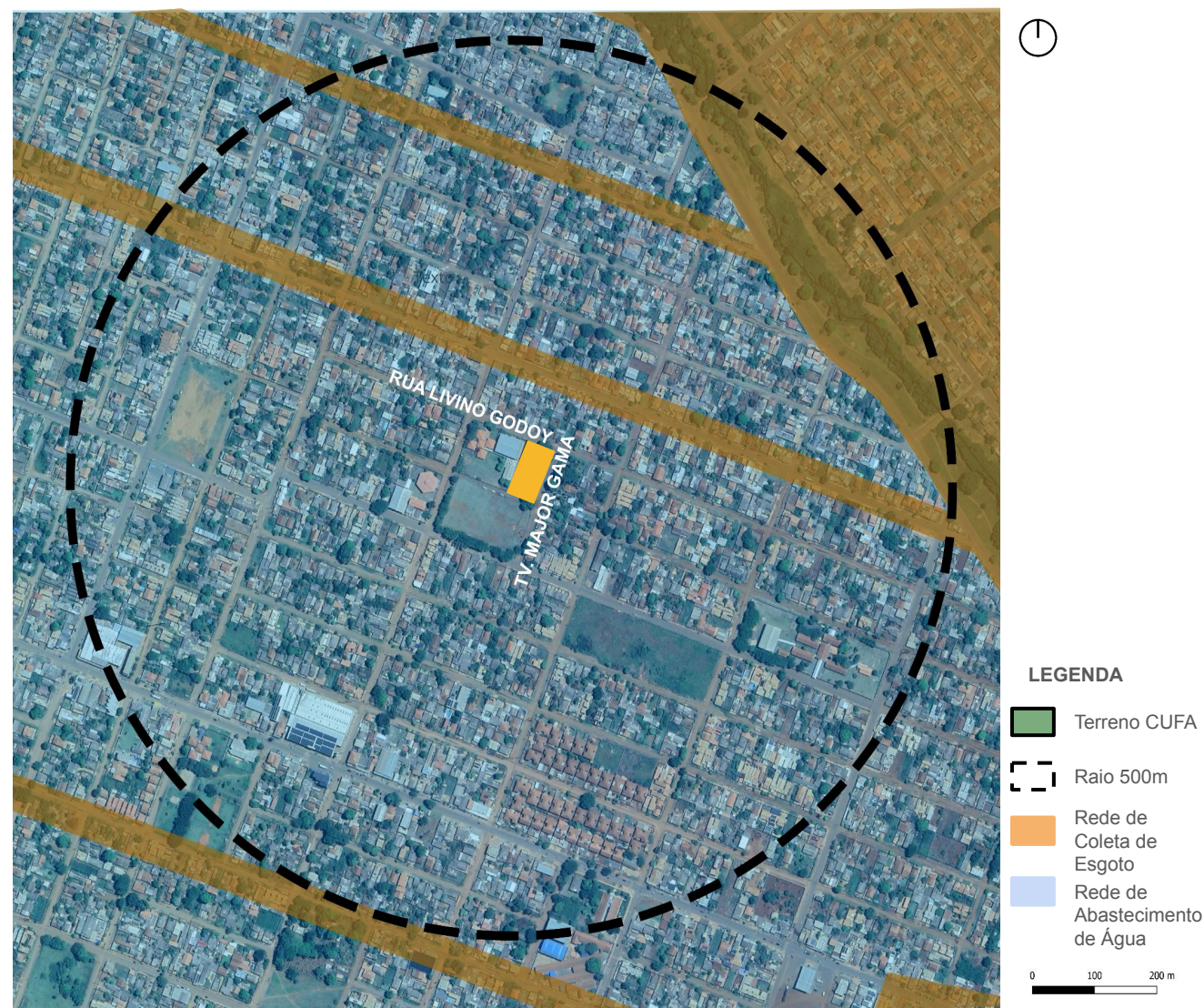
Figura 35: Mapa das condições de mobilidade urbana no entorno da sede da CUFA Campo Grande



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

A região da CUFA Campo Grande é abrangida pela rede de abastecimento de água. Entretanto, a rede de coleta de esgoto e de gás natural não chegam à sede. Quanto à coleta de resíduos sólidos, a área de estudo recebe a coleta domiciliar, porém não é contemplada pelo sistema de coleta seletiva.

Figura 36: Mapa da rede de abastecimento de água e esgoto no entorno da sede da CUFA Campo Grande

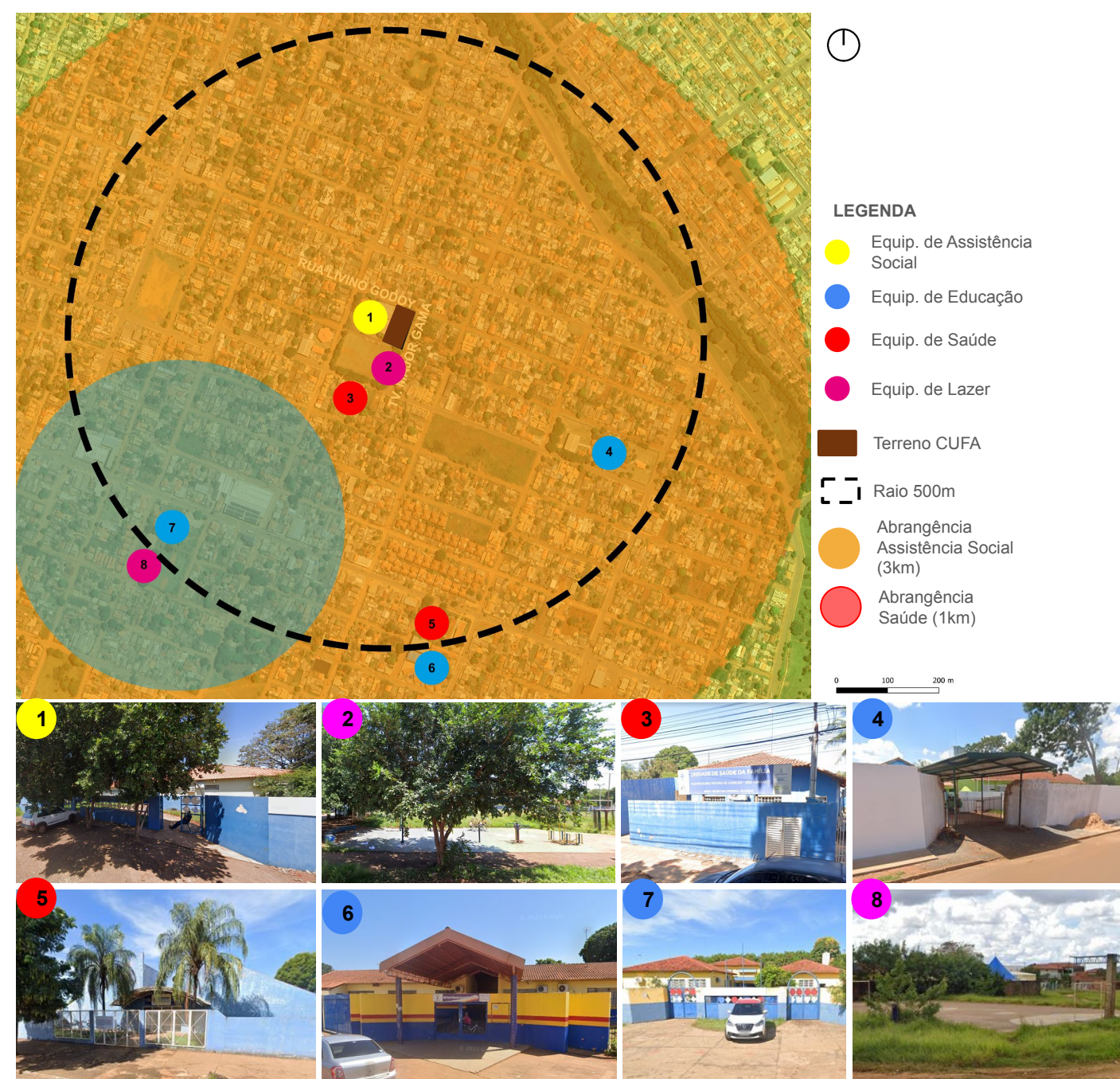


Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

Outra medida de qualidade de vida urbana é a disponibilidade de equipamentos comunitários. Além de serviços de infraestrutura como rede de esgoto e água, segundo o Ministério das Cidades (2023), instalações e espaços destinados à educação, saúde, cultura, assistência social, lazer e demais aspectos são vistos como equipamentos comunitários também.

Com o objetivo de avaliar a condição de acesso a esses equipamentos no entorno da CUFA Campo Grande, é usado como parâmetro, novamente, os distanciamentos mínimos propostos pelo Plano Diretor do Município de Goiânia (LC n. 349/2022). Os mapas elaborados pela autora apresentam os raios de abrangência dos equipamentos, divididos pelos eixos de educação, saúde, lazer e segurança pública.

Figura 37: Mapa de abrangência dos equipamentos comunitários e fotos dos equipamentos



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG

Portanto, a partir das observações apresentadas percebe-se que o entorno do terreno da organização apresenta certa carência de medidas públicas de desenvolvimento urbano. Como já discutido anteriormente neste trabalho, se a qualidade de vida nas cidades, composta pelo acesso a infraestrutura, espaços livres e equipamentos públicos, não atinge determinada população, pode-se afirmar que o direito à cidade está sendo negado a esses cidadãos. Nesse espaço, a CUFA Campo Grande atua com propostas que amenizam essa negativa e aproximam essa população de uma vida urbana digna.

Conforme exposto pela Lei de Uso e Ocupação do Solo de Campo Grande (LC n. 74/2005), o ordenamento das atividades realizadas no território municipal visa preservar o patrimônio público, melhorar a qualidade de vida urbana e cumprir com a função social da propriedade. Além disso, esse tipo de controle garante uma base de dados para aplicar políticas públicas eficazes.

A fim de desenvolver propostas que se relacionam com os espaços e os usos existentes e sejam eficientes, foi desenvolvido o mapa de uso do solo no entorno da sede da CUFA (vide Figura 39). Como referido, a área, mesmo que considerada única nos registros legais, se divide em três grandes lotes, a saber: 1. Lote do CRAS Jd. São Conrado; 2. Lote da CUFA e, por fim, 3. Lote do Campo de Futebol.

Logo, é possível adotar que o lote onde poderia ser feita alguma intervenção, sem que houvesse grandes impactos no funcionamento das outras atividades da quadra, seria o lote 2. O lote possui 37 metros na fachada norte, 70 metros na fachada leste, e a metragem se repete nas fachada opostas, o que também pode ser visualizado na Figura 39.

Além das condições de infraestrutura urbana, é importante analisar o terreno atual por seus aspectos físicos e naturais. Nas Figura 60, é possível visualizar que o terreno onde a CUFA funciona possui uma topografia amena, com um desnível, entre o ponto mais alto e o mais baixo, de um metro. A cerca de 400 metros do terreno, há o córrego Buriti, com sua área de preservação permanente (APP), destinada a preservação ambiental. A arborização é baixa, se comparada ao tamanho do lote, o que diminuiria a

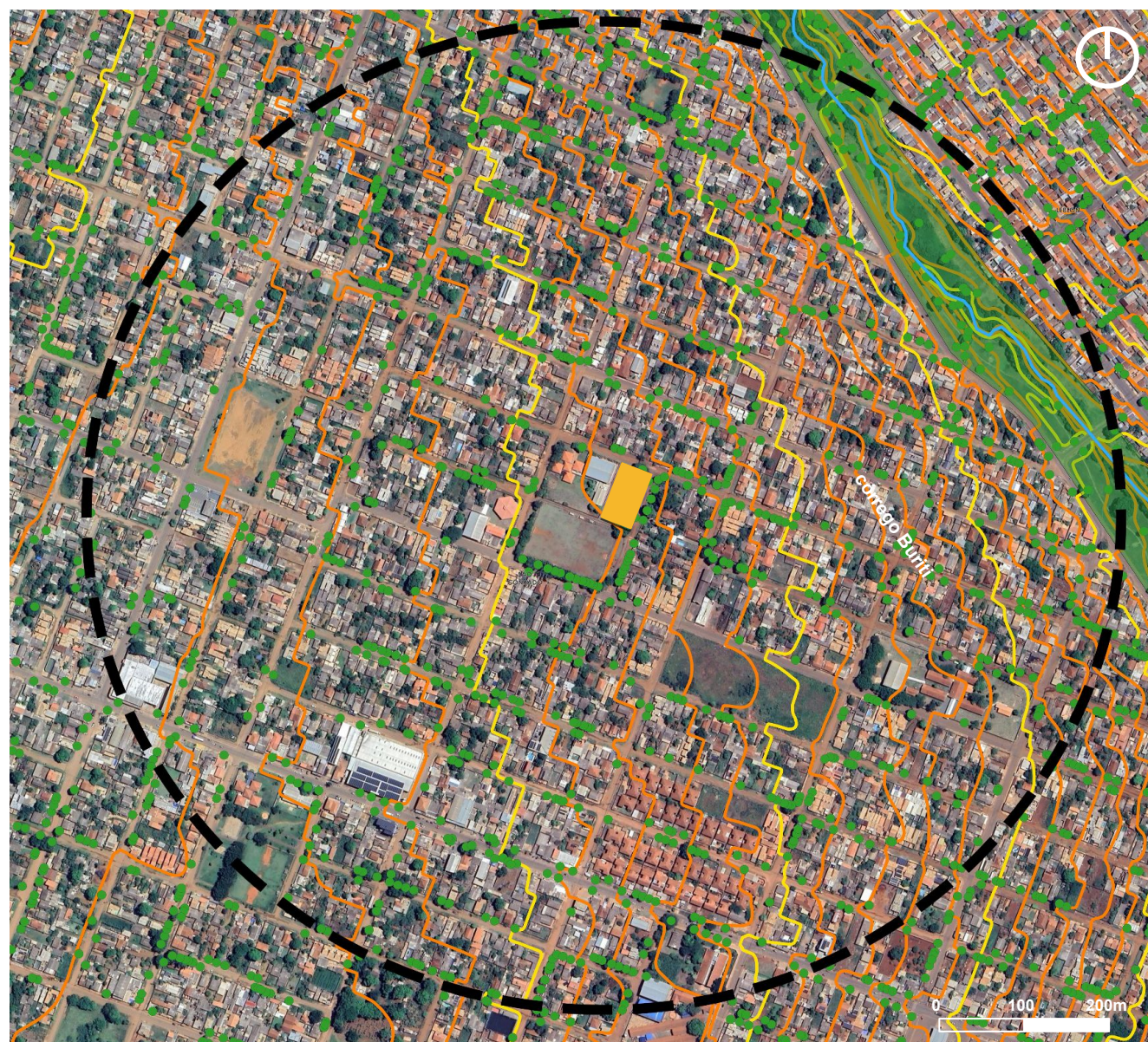
Figura 38: Mapa de uso do solo do entorno da sede da CUFA Campo Grande



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

necessidade de replantio, no caso de intervenção arquitetônica.

Figura 39: Mapa do terreno com destaque para a topografia e arborização existente



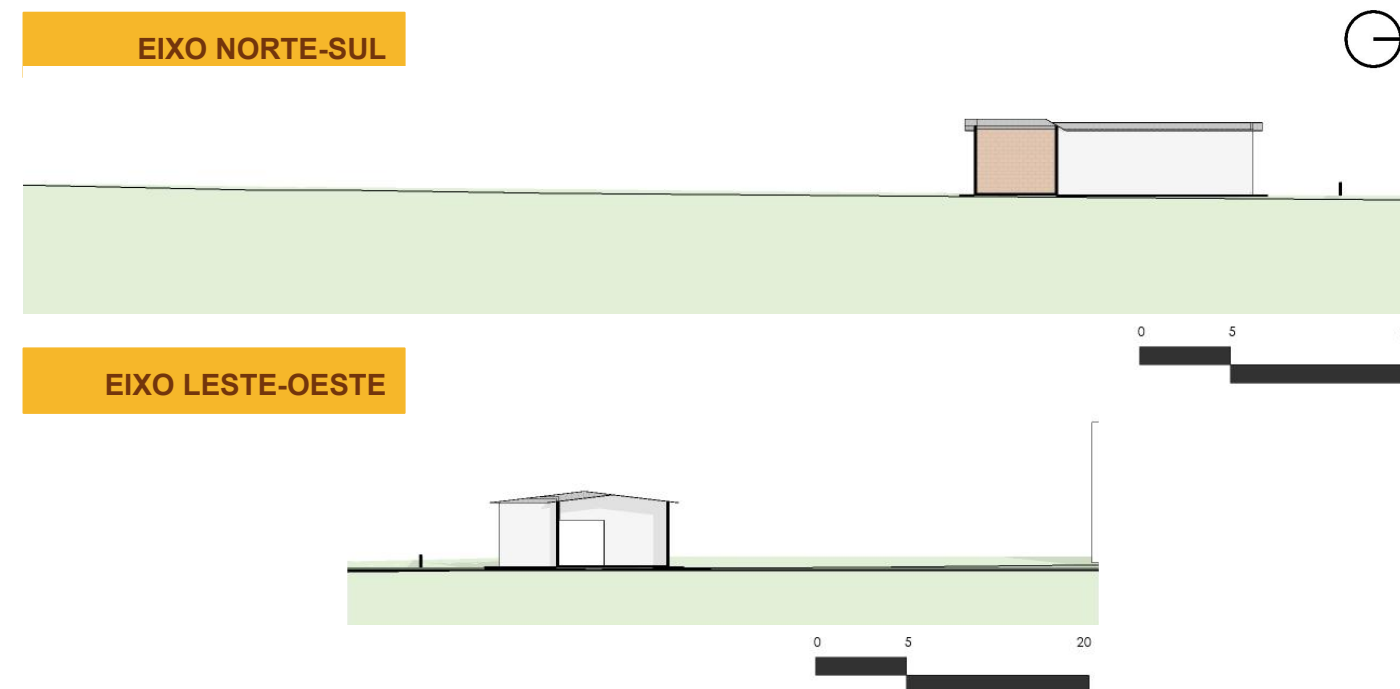
LEGENDA

- Curvas de nível mestras
- Curvas de nível intermediárias
- Córrego Buriti
- Terreno CUFA
- Raio 500m

Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

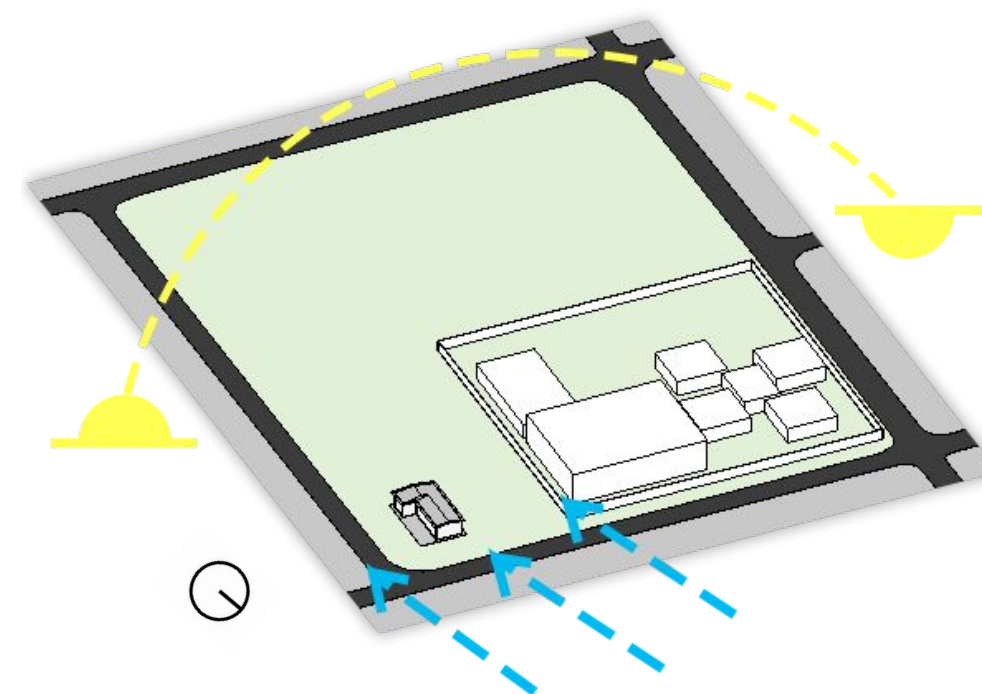
Quanto ao posicionamento geográfico, como já citado anteriormente, o terreno está em uma esquina, sendo um dos acessos à norte e o outro à leste. Isso interfere diretamente na radiação solar recebida e na predominância dos ventos, que podem ser visualizados no esquema da Figura 42.

Figura 40: Perfil topográfico do terreno



Fonte: Perfil desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

Figura 41: Radiação solar e predominância dos ventos



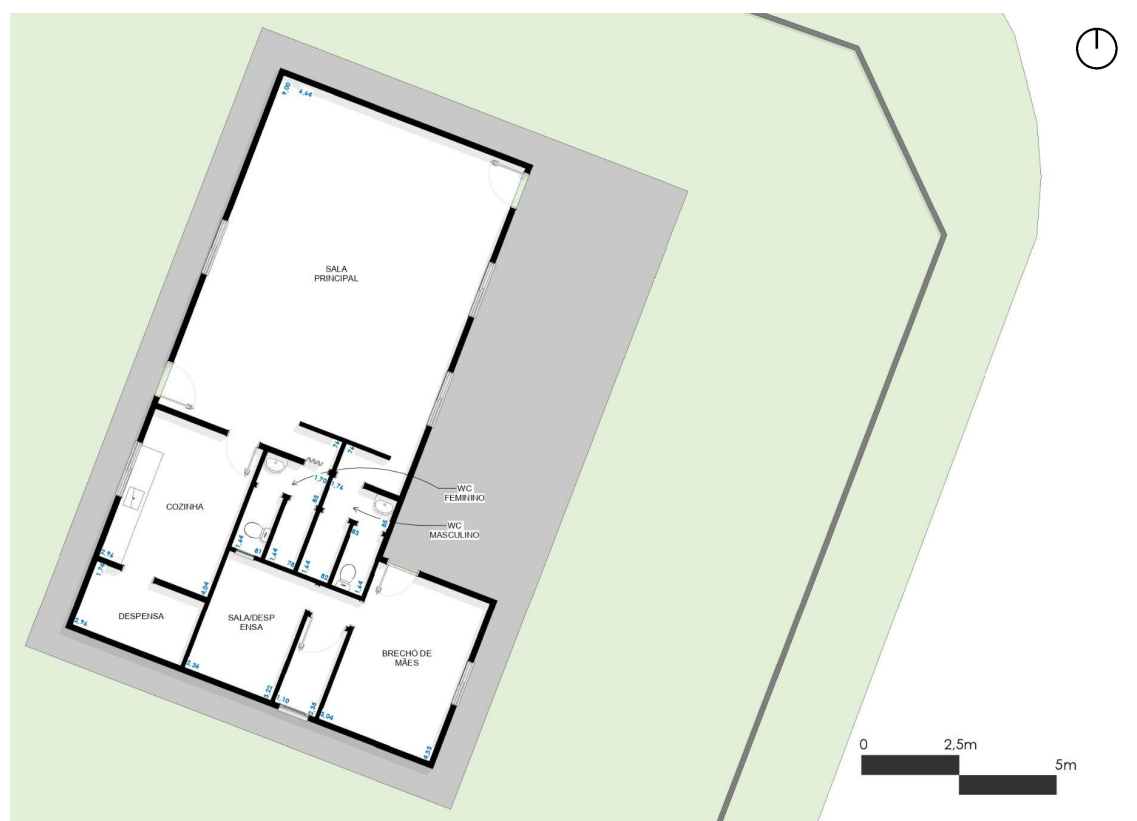
Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

Por meio de todas as análises aqui trazidas, e também pelo entendimento de que existe uma identificação entre a população atendida e o espaço atual de funcionamento da organização, concluiu-se que seria ainda mais aproveitável definir como terreno de intervenção, o terreno que já é ocupado pela ONG. O próximo subcapítulo analisa o espaço construído da organização, suas problemáticas e potencialidades.

3.3 O espaço construído existente

Após a compreensão do contexto urbano onde está inserido, o espaço físico da CUFA deve ser analisado pelo aspecto da edificação existente. Com pouco mais de 110 metros quadrados de área construída, a planta do espaço pode ser visualizada na Figura 43. Os dados apresentados neste subcapítulo são fruto do levantamento arquitetônico e da observação do funcionamento da organização, realizados pela autora.

Figura 42: Planta layout da edificação existente



Fonte: Mapa desenvolvido pela autora com os dados disponibilizados pela SEMADUR/PMCG, 2024.

A técnica construtiva utilizada foi a alvenaria convencional, com estrutura em concreto armado e madeira. As janelas são de alumínio com vedação em vidro com persiana, algumas portas são de madeira, outras de alumínio. Os banheiros são divididos entre gênero masculino e feminino. Na cozinha, há uma pia de alumínio e armários. A despensa possui prateleiras para armazenamento de doações, seja de alimentos ou de outros produtos. O piso foi feito a partir da técnica de cimento queimado e possuía uma coloração que já está desgastada pelo uso. O telhado é estruturado por tesouras de madeira, sendo composto por telhas de fibrocimento, sem forro.

Figura 43: Fotos da atual sede da CUFA Campo Grande



Fonte: Acervo autoral.

A despensa externa funciona como um anexo do bloco principal e desde 2024 tem sido usada como espaço para o *Brechó de Mães*, que funciona a partir da organização das próprias mães que são atendidas pela CUFA Campo Grande, como forma de arrecadar fundos para o funcionamento da ONG.

Do lado de fora da sala há uma calçada que cria uma espécie de caminho entre o bloco principal e o Brechó. Esse espaço funciona também como uma varanda de convívio (mesmo sem cobertura), é comum ver os membros da organização reunidos, sentados em roda, conversando e trocando experiências nesse espaço. Algumas vezes, é nessa varanda que acontece o café da tarde entre a equipe e vizinhos. Uma coisa evidente é que a vizinhança acolhe a organização muito bem, mesmo quando não participam ativamente das atividades ali oferecidas. Esse acolhimento vai de encontro com o que o referencial teórico trazido no item 1.2 deste trabalho afirma:

O morador geralmente recebe bem qualquer iniciativa de trabalho comunitário, ainda que não esteja engajado nela. A postura da maioria dos moradores é raramente crítica com relação às atividades desenvolvidas, aos meios utilizados ou aos objetivos propostos. (CDDH Bento Rubião, 1993, p. 90).

As paredes externas são pintadas de tinta na cor preta e apenas a fachada norte possui uma placa de reconhecimento do espaço. Recentemente, em maio de 2024, as fachadas receberam mais cor, através da oficina de pintura da 1ª Mostra de Artes Pretou, ministrada pela artista Flore. Os participantes da oficina foram, majoritariamente, as crianças atendidas pela organização.

Ainda na temática, é notável a relação da CUFA Campo Grande com aspectos culturais e com as diversas formas de arte. A sala, espaço principal da sede, possui vários quadros com pinturas de artistas renomados da música, como Bob Marley, Mano Brown e Tim Maia. Em uma estante, e em algumas prateleiras, é possível encontrar vários livros, gibis e revistas, disponíveis para leitura para qualquer pessoa. Uma das paredes internas recebe uma arte feita pelo artista Léo Mareco, pela técnica lambe-lambe, com os rostos de algumas crianças participantes na organização. Na arte, é possível identificar a frase “arte é necessidade básica”, o que mais uma vez aponta para a relação da ONG com a arte e a cultura.

Figura 44: Relação da organização com a arte



Fonte: Acervo autoral.

Como citado anteriormente, a sala é um dos cômodos principais da sede, visto que ela recebe todas as atividades oferecidas pela ONG. O reforço escolar acontece semanalmente, a partir da disposição de cadeiras e mesas pela sala. As oficinas e ações de agentes externos acontecem quase toda semana também, e portanto, é comum que o mobiliário seja rearranjado na sala, para atender a demanda do dia. Quando o clima é chuvoso, a aula de capoeira é transferida para a sala coberta, e novamente o mobiliário é reorganizado. Essa dinâmica, muitas vezes cansativa, indica a demanda por mais espaço.

O próximo subcapítulo fará a análise das relações entre membros da CUFA e a população atendida com o espaço atual da organização, buscando não somente um embasamento projetual, mas também uma interação participativa com esses usuários.

3.4 As relações entre a população e a sede da CUFA Campo Grande

Como forma de compreender qual a visão de membros da organização e da população atendida, que são os principais usuários do local, sobre o espaço da sede da CUFA Campo Grande, foram usadas duas técnicas participativas.

A primeira delas foi a realização de entrevistas com membros da equipe, onde foi possível absorver as necessidades da organização e os apegos pessoais. Por fim, foi proposta ainda uma interação mais lúdica com as crianças que frequentam as atividades da ONG.

A partir da entrevista feita com Letícia Polidorio (2024), percebe-se que a atual coordenadora da CUFA Campo Grande possui apego e afeto pelo espaço ocupado pela organização hoje:

Julia: [...] e eu queria saber de você, se você sente que as pessoas têm apego com esse espaço que está construído aqui ou se você acha que ele poderia ser desconsiderado?

Letícia: O que eu acho? Eu acho que as pessoas não [têm apego], mas eu tenho um apego aqui. Com essa casinha aqui. Com essa parte aqui. Tanto assim que eu tenho amigos que trabalham diretamente na política, falando de política mesmo, que trabalham com pessoas que vão ser candidatos a prefeito e tal... E aí a ideia é muito de mim, de ver eu com amor nesse espaço. Julia, eu já ganhei chave de lugar novo, um lugar novinho, “cheirando novo” assim e aí: “Letícia, vai lá para o Itamaracá, tá aqui a chave, tá aqui, olha!” e eu falo: “Eu não quero, eu quero que reforma lá!” [...] Então, assim, eu tenho vontade de ter esse espaço pra mim, pra eu fazer coisas lá no fundo, mas eu não vejo que eu conseguiria desmanchar esse aqui. Eu acho que aqui eu faria um galpão para guardar os alimentos, ou uma biblioteca [...]

Outro ponto debatido com a coordenadora foram as aspirações pessoais dela para o local, questões arquitetônicas que ela gostaria que fossem diferentes. Segundo Letícia, algumas das suas maiores vontades são: um espaço para aulas de dança; uma quadra, principalmente, para fomento do basquetebol, esporte que ela tem mais apreço; um espaço para organizar o café com as idosas e o calçamento de alguns trechos.

Durante a entrevista, Letícia levantou um tópico crucial sobre a acessibilidade da sede. Segundo ela, o banheiro existente, devido suas dimensões irregulares, não abrange, por exemplo, pessoas em cadeiras de rodas, com sobrepeso, etc:

Letícia: Outra coisa que eu vejo muita necessidade aqui na CUFA, e é uma coisa até que me pega porque não é acessível pra mim, é o banheiro. Você já foi ao banheiro aqui? O banheiro aqui é uma portinha assim, Julia. Ele não me cabe, eu não consigo ir nesse banheiro aqui. Eu não consigo usar. Então, eu fico pensando nas crianças que são gordas... Eu penso que se precisar entrar uma cadeira de roda ali, não entra, né? A questão da acessibilidade é horrível nesses banheiros, entendeu? E assim, a gente lida com todo o público aqui. Então a gente precisa dos banheiros que fossem mais acessíveis, sabe?

O público infantojuvenil é um dos principais alvos de atuação da CUFA Campo Grande. Logo, é justo que seja analisada a relação destas pessoas com o espaço existente. Inspirada pela atuação do Instituto Fazendinho (abordado no subcapítulo 2.3), com a finalidade de direcioná-los à temática arquitetônica, mas compreendendo que este não é um tema habitual para eles, foi proposto que as crianças respondessem, em formato de desenho, a uma questão: “o que hoje a CUFA não possui, mas que você gostaria que fosse oferecido?”. Explicou-se que as respostas poderiam ser direcionadas a itens físicos ou não, podendo ser desde cômodos específicos a alguma atividade ou serviço. Deste modo, buscou-se entender quais as aspirações das crianças com a CUFA e qual a maneira que eles enxergam a organização.

Ao todo foram coletadas 17 respostas, sendo que, em média, a organização atende cerca de 50 crianças semanalmente. Todos os desenhos estão disponíveis no Apêndice C (p. 74). A seguir, serão analisadas as respostas, por meio da produção de gráficos e da apresentação dos desenhos.

Dentre os 17 desenhos recebidos, três apresentavam um apelo por atividades esportivas, representando uma quadra de esportes e uma pista para bicicletas. Cinco desenhos trouxeram o desejo por atividades artísticas e culturais, como salas para artes, culinária, danças e música. Outros cinco desenhos revelaram a vontade por mais acesso ao mundo digital, por meio da representação de salas de TV, aparelhos celulares e rede *wi-fi*.

Percebeu-se, ainda, que alguns dos participantes não priorizam aumentar a oferta de

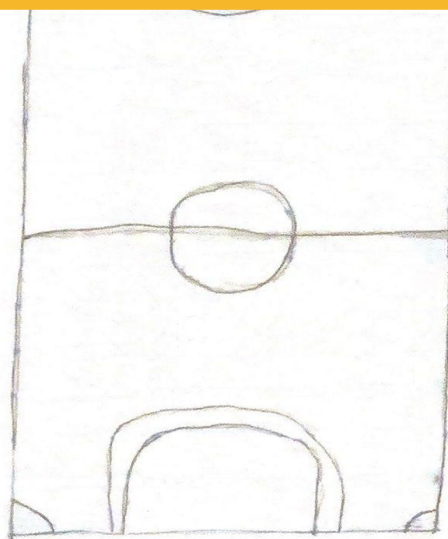
atividades, mas melhorar a distribuição destas, aumentando o espaço físico. As duas atividades principais oferecidas semanalmente na organização são o reforço escolar e a aula de capoeira. Três participantes desenharam uma edificação a mais, separando a sala de reforço escolar do espaço para aulas de capoeira.

Figuras 45: Alguns dos desenhos entregues pelos participantes da dinâmica

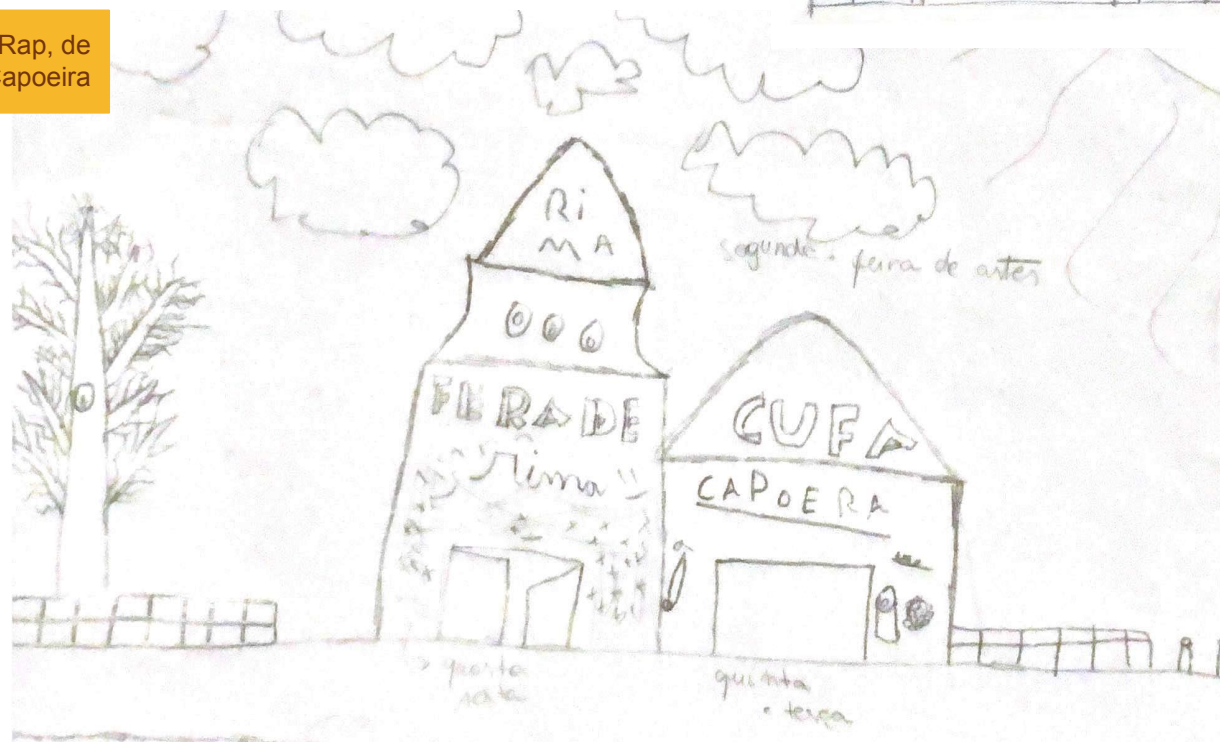
PEDRO: espaço para assistir TV



MIGUEL: Quadra de futsal, ar condicionado e uma lousa maior para as atividades de reforço escolar

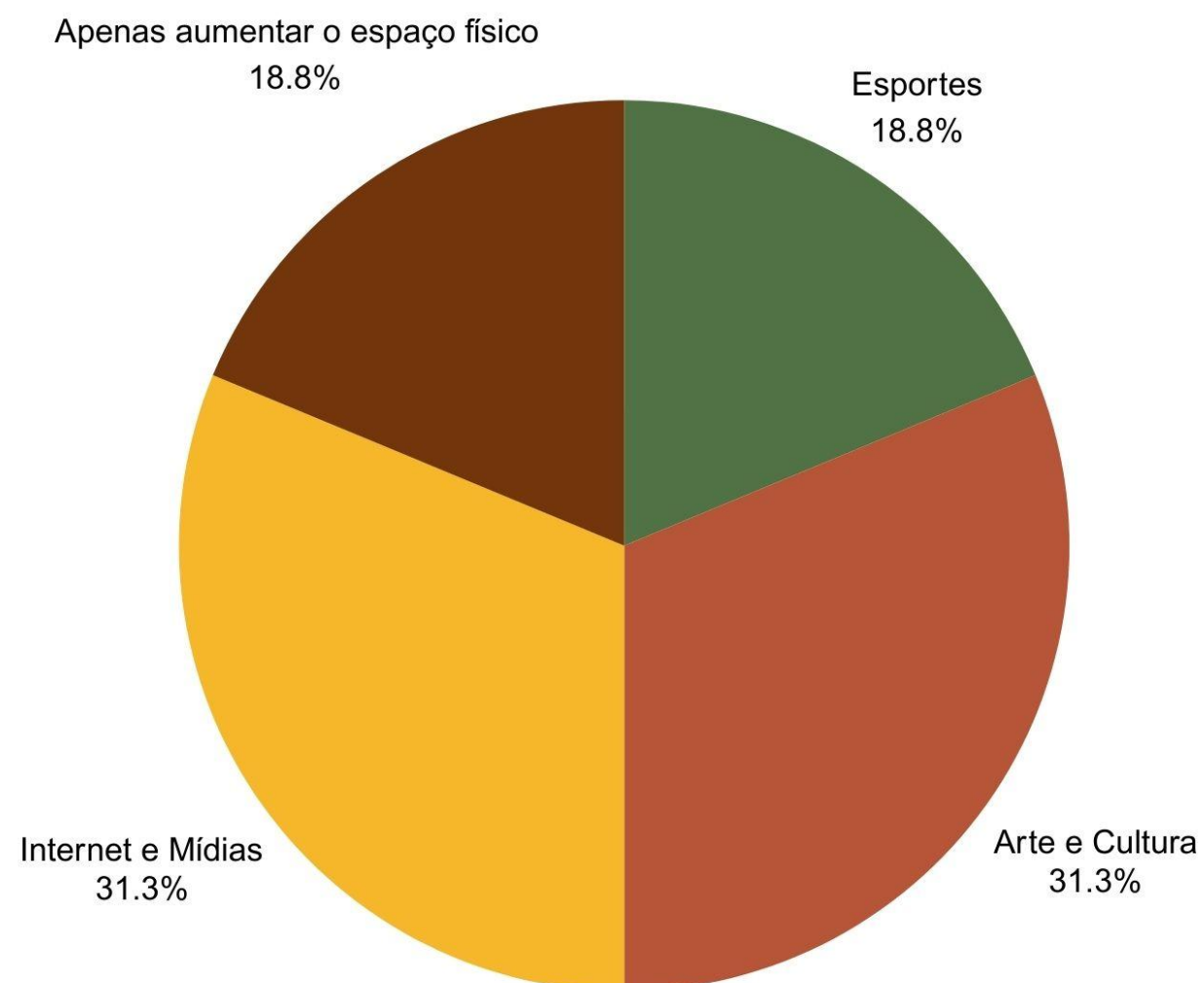


JHONATA: Feira de Rap, de Artes e aula de Capoeira



Fonte: Apêndice C, 2024. Acervo autoral. Com edição e diagramação da autora.

Gráfico 01: Representação dos principais interesses analisados na dinâmica.

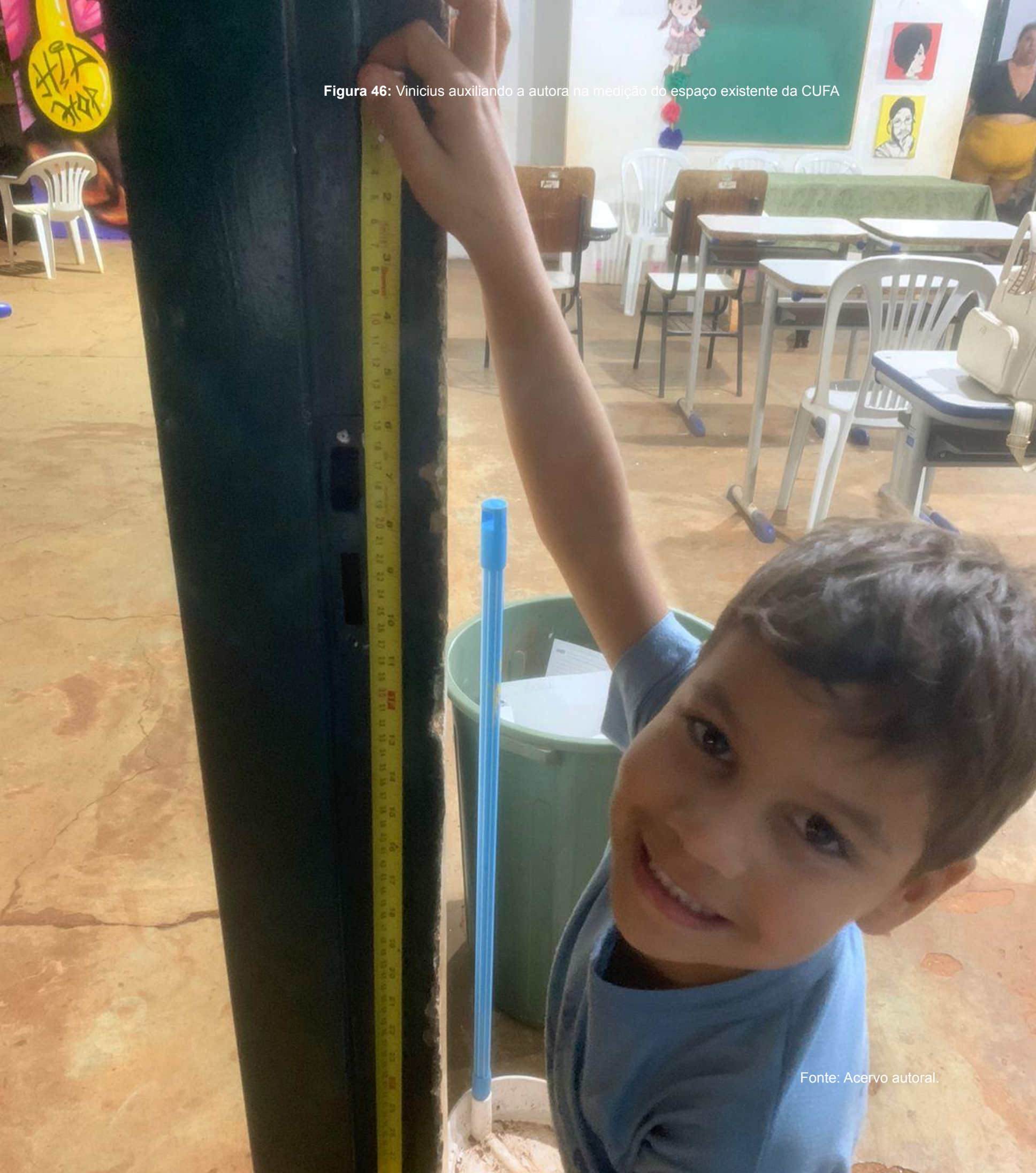


Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dos resultados da dinâmica feita.

Outra participação marcante foi a do Vinícius (6 anos), que demonstrou certo interesse pelo contato com animais e pela preservação da árvore principal do terreno, que fica na fachada norte. Vinicius foi o único a demonstrar esse desejo, pedindo pela existência de um galinheiro no projeto.

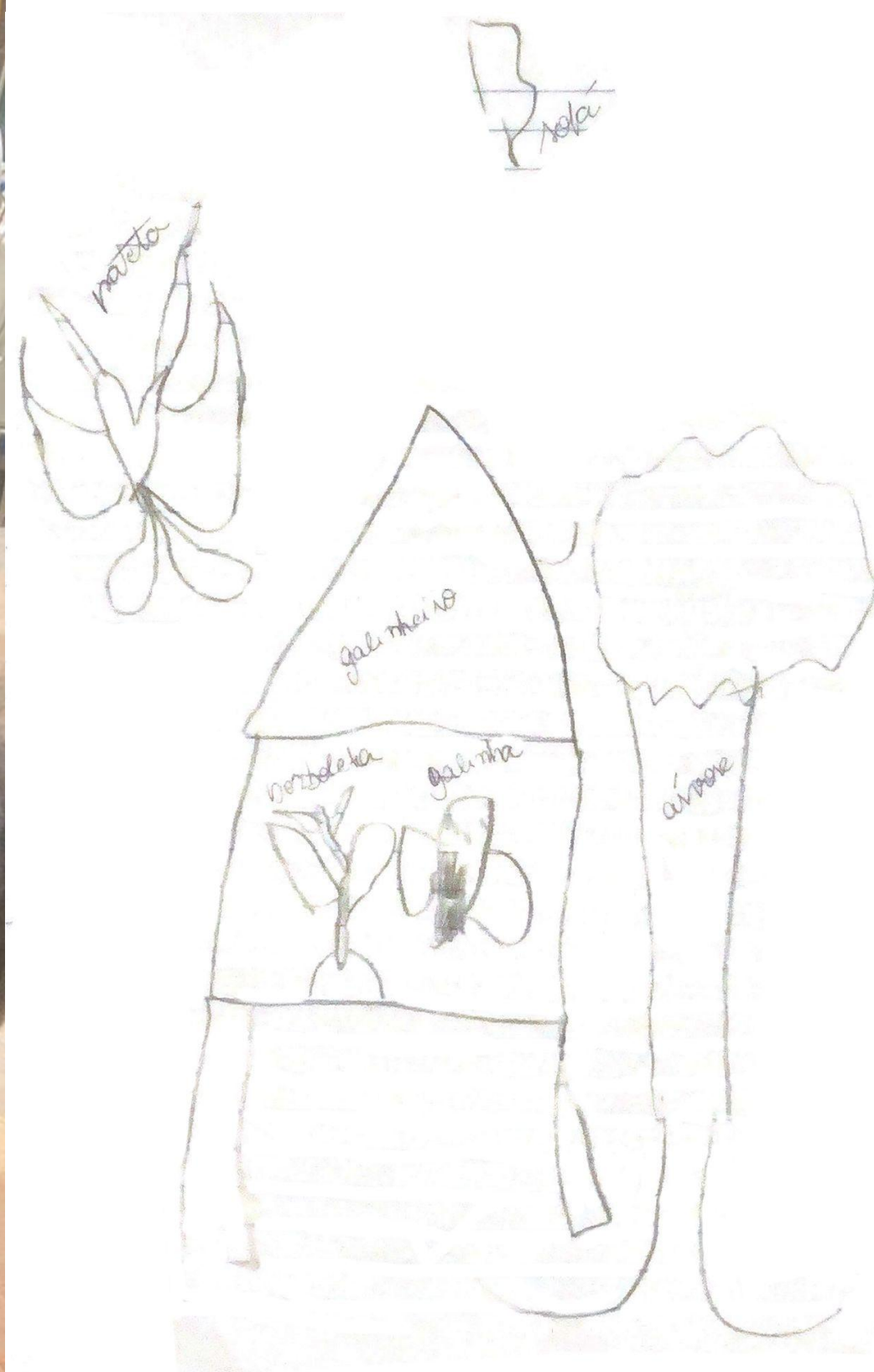
Deste modo, é notável que, apesar da participação dos usuários ter acontecido de maneira pontual, foi possível retirar dados e análises que possam embasar as próximas etapas projetuais. Entender a maneira como a população enxerga o espaço existente da CUFA Campo Grande, permite conceber o que esse público prioriza no funcionamento da instituição. Registra-se aqui, novamente, o agradecimento a todos que se dispuseram a atender e participar das atividades de pesquisa propostas pela autora.

Figura 46: Vinicius auxiliando a autora na medição do espaço existente da CUFA



Fonte: Acervo autoral.

Figura 47: Desenho de Vinicius, representando um galinheiro, uma borboleta, um sofá e o pateta



4

Proposta de sede para a CUFA Campo Grande





Neste capítulo, busca-se apresentar os conceitos que participam da concepção projetual da sede da CUFA em Campo Grande, bem como detalhar o início do processo criativo, até o desenvolvimento da etapa de estudo preliminar, contemplando o partido arquitetônico, os estudos volumétricos e de ocupação do terreno.

4.1 Conceitos

De acordo com Lorraine Farrelly (2014, p. 172), o conceito é a ideia motriz de um projeto, é a “resposta à sua função [função do projeto], ao terreno e ao programa de necessidades [...]” Acompanhando essa afirmação, tem-se que a função do projeto está definida e o terreno foi analisado no item 3.2. Entretanto, o programa de necessidades deste trabalho não será precursor dos conceitos, mas sim, a consequência destes.

Os conceitos debatidos durante o trabalho foram essenciais para o amadurecimento dos significados que espera-se alcançar neste projeto. Um desejo é propor uma arquitetura que acolha, através do menor impacto visual e da horizontalidade. O direito à cidade, tema discutido ao longo do trabalho, direcionou decisões conceituais, garantindo a prioridade das áreas livres para convívio e expressão cultural. Além disso, o diálogo (com o usuário e com o entorno) e a receptividade são noções indispensáveis no projeto, que implicam em respeitar os fluxos, a edificação e as condições naturais existentes.

A partir da leitura dos capítulos anteriores, é evidente que a aproximação com a CUFA Campo Grande permitiu que o trabalho exercido pela ONG se tornasse uma inspiração para definir ideais de projeto. Dentre as definições discutidas ao longo do texto, algumas foram adotadas como conceitos gerais para o desenvolvimento da sede da CUFA em Campo Grande, sendo elas:

-  **Acolher:** aquele que chega e cuidá-lo;
-  **Conviver:** respeitosamente com todos que pertencem;
-  **Incentivar:** aquele que precisa de oportunidades;
-  **Autogerir:** capacidade daqueles que pertencem, manterem a qualidade do espaço.

Cada um desses termos se desdobram em eixos do programa de necessidades, que será analisado no próximo subcapítulo.

Figura 48: Diagrama de conceitos



4.2 Programa de necessidades

Tabela 03: Programa de necessidades

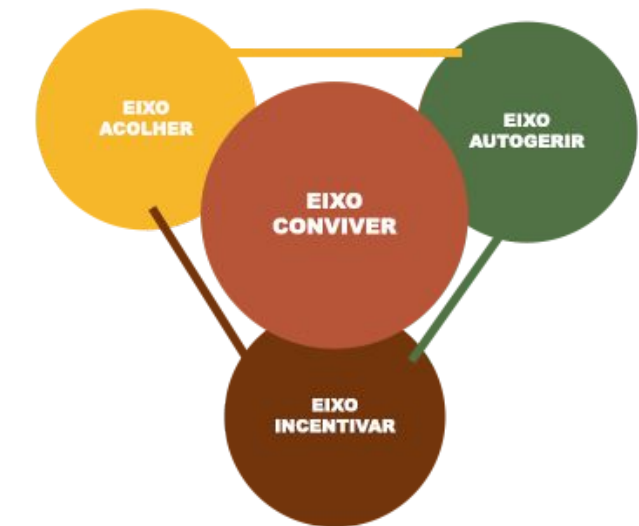
Programa de Necessidades									
EIXO CONVIVER		EIXO ACOLHER		EIXO INCENTIVAR		EIXO AUTOGERIR		Apoio	
Ambiente	Área	Ambiente	Área	Ambiente	Área	Ambiente	Área	Ambiente	Área
Praça	-	Recepção	25 m ²	Quadra Poli.	432 m ²	2 salas adm.	60 m ²	4 banheiros (divididos por gênero)	30 m ²
Horta comunitária	-	Sala atendimento psicossocial individual	25 m ²	Salas p/ reforço escolar + oficinas	50 m ²	Espaço p/ reuniões	60 m ²	2 banheiros PNE	30 m ²
Espaço para refeições	-	Sala atendimento psicossocial em grupo	50 m ²	Sala p/ danças / lutas	100 m ²	Copa	30 m ²	Depósito de doações de alimentos	20 m ²
				Lab. Digital	40 m ²			Depósito de doações de objetos (roupas, kits de higiene, etc)	20 m ²
				Cozinha-escola	100 m ²			Depósito de doações de itens p/ esporte	20 m ²
				Biblioteca	80 m ²				

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Adotando os conceitos elencados anteriormente como elementos-guias do programa de necessidades, cada um deles designou um eixo, o que facilitou a organização dos cômodos. Ao todo, são estipulados 840 metros quadrados de área ocupada, já que a área da quadra poliesportiva não é contabilizada, para alojar todos os ambientes definidos. Com o objetivo de estudar a melhor maneira de distribuir os cômodos definidos, foi desenvolvido um fluxograma entre os eixos programáticos.

De acordo com os parâmetros urbanísticos apresentados na Tabela 02 (p. 46), a área de ocupação não deve ultrapassar 50% da área do lote. A ocupação no programa de necessidades representa apenas 32,4% da área do lote, o que não ultrapassa a taxa de ocupação máxima exigida. Ademais, a área estipulada obedece a taxa de permeabilidade mínima de 30%, considerando que de área impermeável (área ocupada, área da quadra e mais 10% de caminhos) estão estipulados 1.400 metros quadrados, ou seja, apenas cerca de 54,2% da área do terreno.

Figura 49: Organograma dos eixos



Fonte: Organograma elaborado pela autora.

Por meio do organograma dos eixos, é possível elencar que os eixos Conviver e Incentivar devem ser de fácil acesso, tendo em vista que abrangem as atividades de principal interesse da organização. O eixo Acolher é de atuação sensível e humanitária, portanto devem ser conectados entre si, mas garantir privacidade no atendimento. Por fim, o eixo Autogerir se divide entre espaços ora restritivos, ora de livre acesso, sendo a parte administrativa conectada aos blocos mais privativos e a parte irrestrita ligada aos eixos de convívio.

Figura 51: Imagens destacando os elementos que consolidaram o partido arquitetônico

4.3 Partido Arquitetônico

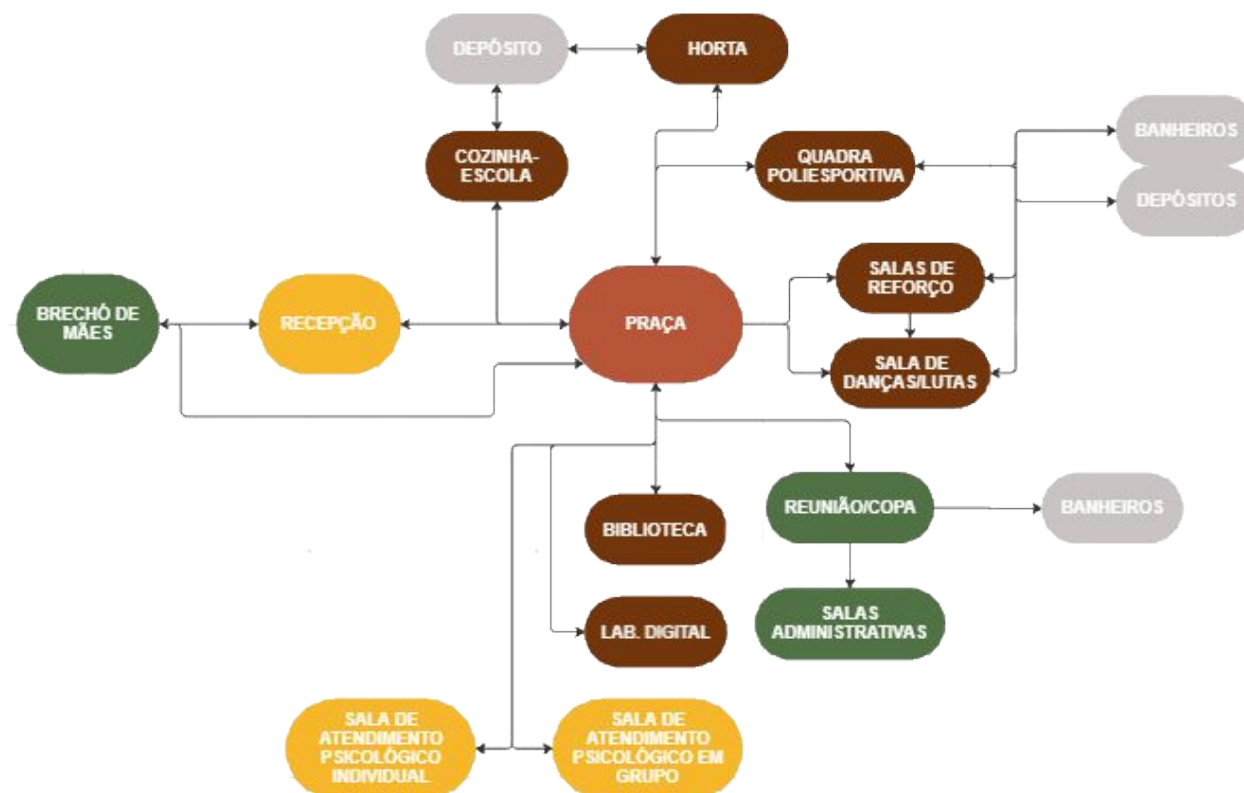
Por meio de uma análise visual, é possível identificar 3 elementos marcantes no terreno. O primeiro deles é o espaço existente, que foi trabalhado com mais detalhes anteriormente neste trabalho. Depois, há a presença indubitável de espécies arbóreas em pontos específicos do lote.

Compreendendo que tais elementos fazem parte da identidade e da história da ONG, como também representam marcas da relação entre a comunidade local e o terreno, definiu-se que o partido arquitetônico do projeto se desenvolveria a partir da reforma e restauro da edificação existente, da preservação das espécies arbóreas nativas e da ênfase no caminho diagonal já marcado pelo uso do terreno.

A partir de mais alguns estudos, a melhor solução encontrada foi a de criar blocos novos que conectem o novo com o antigo, mas mantenham o fluxo de caminhada pelo terreno, garantindo a função de espaço livre urbano, semelhante a uma praça.



Figura 50: Fluxograma

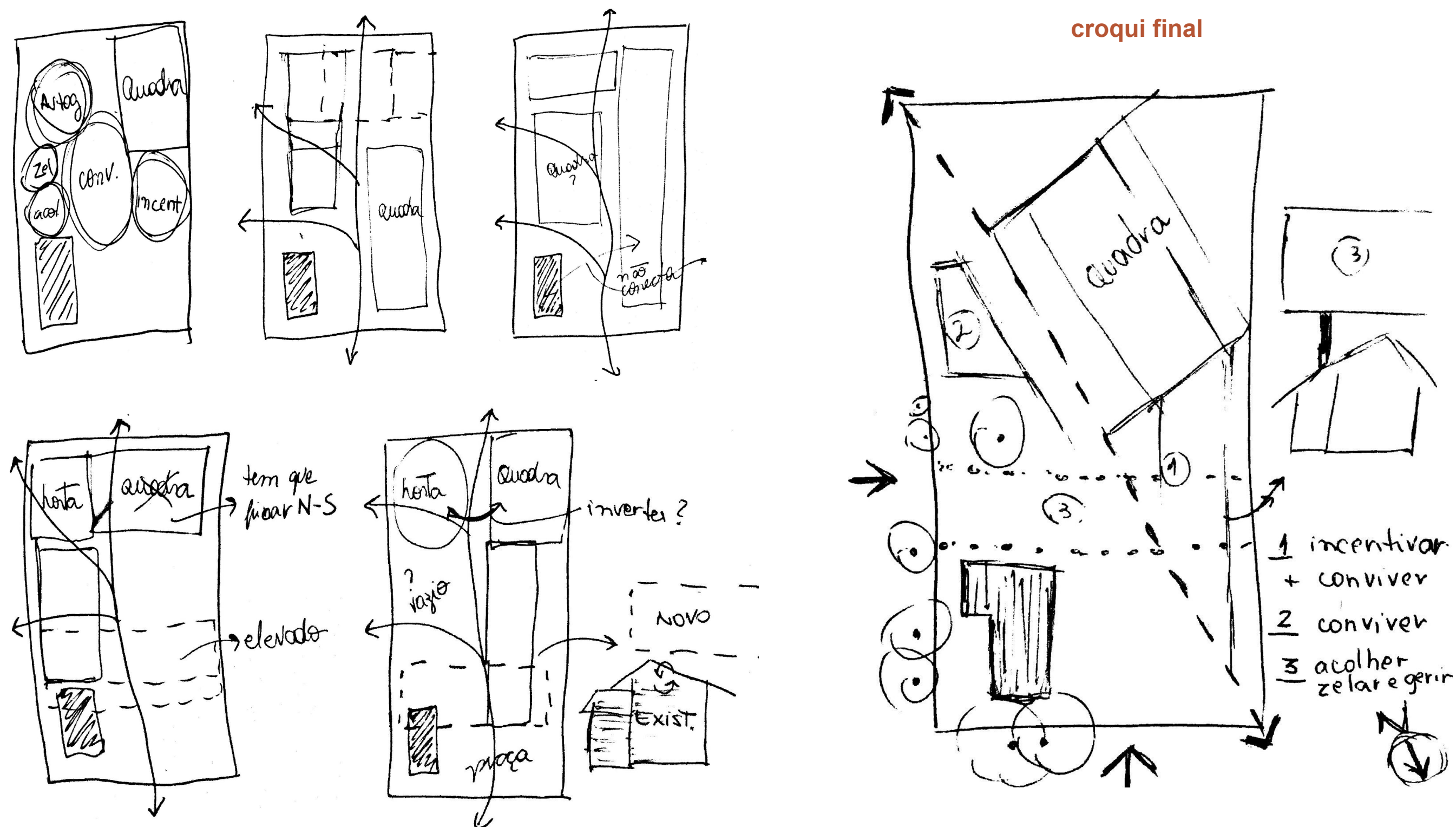


Fonte: Fluxograma elaborado pela autora.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir de mais alguns estudos, a melhor solução encontrada foi a de criar blocos novos que conectem o novo com o antigo, mas mantenham o fluxo de caminhada pelo terreno, garantindo a função de espaço livre urbano, semelhante a uma praça.

Figura 52: Croquis



Fonte: Croquis elaborado pela autora durante processo criativo.

4.4 Volumetria

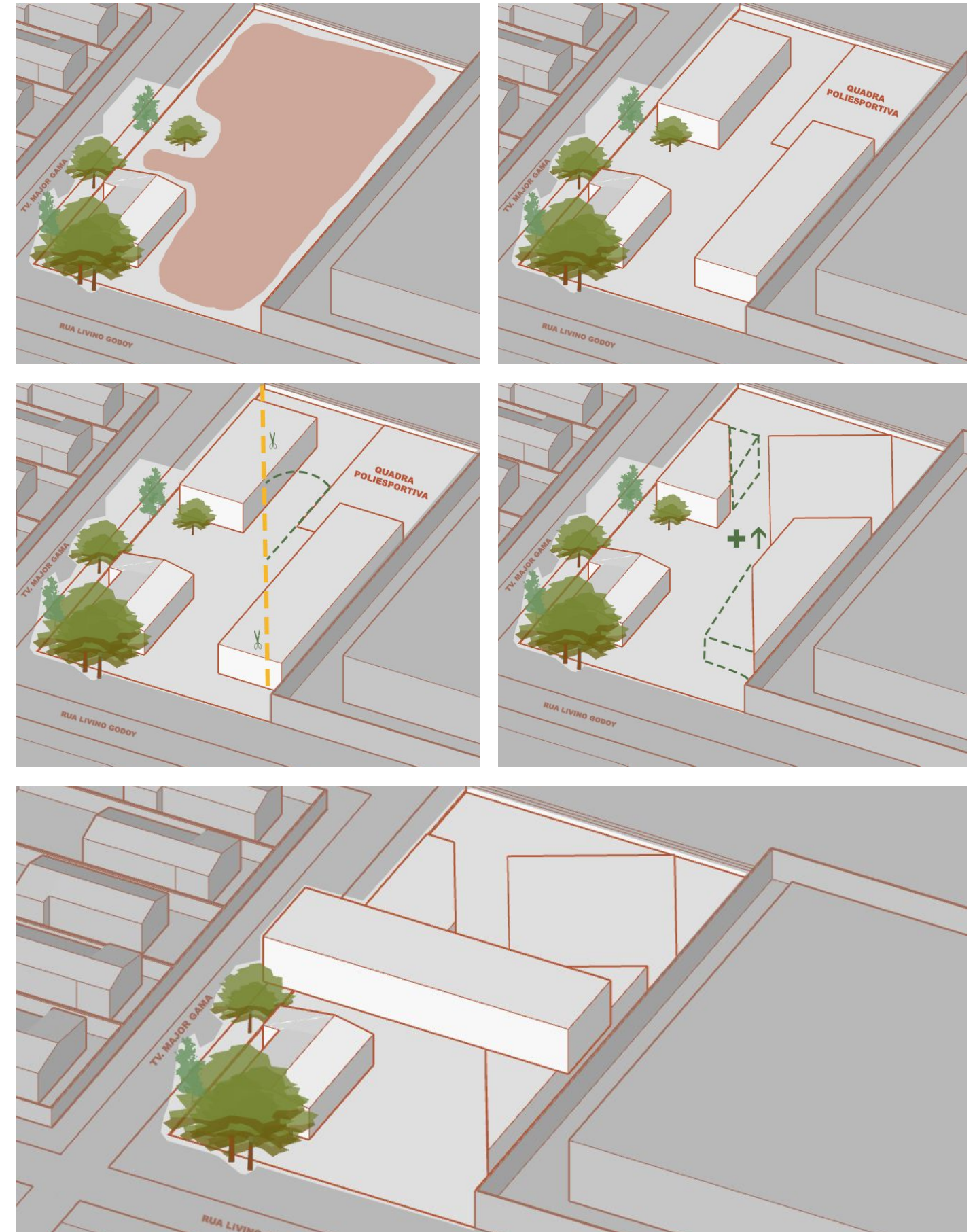
Após a definição do partido arquitetônico, a área passível de edificação reduziu-se, o que acarretou na busca por soluções. O primeiro item a ser locado no terreno foi a quadra poliesportiva, entendendo que suas dimensões impactam na área edificável. Foram locado também dois blocos separados, tentando manter a circulação de espaços livres.

Depois, assim como a representação da edificação e das tipologias arbóreas existentes, importou-se o eixo diagonal, que também compõe o partido. O eixo foi responsável por definir um ângulo de recorte dos dois blocos, mantendo sua coluna como uma área destinada a circulação principal do projeto. A quadra poliesportiva também acompanha o eixo, o que além de melhorar a composição projetual, mantém sua orientação no sentido norte-sul, o sentido mais recomendado para evitar a insolação durante as atividades esportivas.

A ideia volumétrica inicial era desviar-se de uma proposta muito verticalizada, tanto para evitar que a população se afastasse, temendo a caracterização de edificação privada, quanto para amenizar o impacto na paisagem local. Contudo, pela necessidade de espaço, de cômodos com acessos mais limitados e de abraçar o espaço existente, a solução foi a elevação de um dos blocos. A fim de evitar um edifício vertical, apostou-se na horizontalidade do bloco elevado, disposto no eixo leste-oeste. Essa proposta, além de garantir a horizontalidade desejada, incentiva um percurso mais instigante para o pedestre, sem colocar obstáculos no fluxo de caminhada.

A horta comunitária e a quadra poliesportiva foram implantadas nos fundos do terreno. Essa solução se deu por três condições: manter a proximidade do espaço poliesportivo com o campo de futebol existente na mesma quadra; o desejo de manter a horta comunitária perto do bloco térreo, facilitando o uso dos ingredientes na cozinha e perto de uma das vias, podendo ser usada pela vizinhança; por fim, para que esses equipamentos não fossem dispostos diretamente na fachada norte e ocupassem o acesso principal da edificação.

Figura 53: Diagrama de volumes



Fonte: Desenvolvido pela autora.

4.5 Materialidade e estrutura

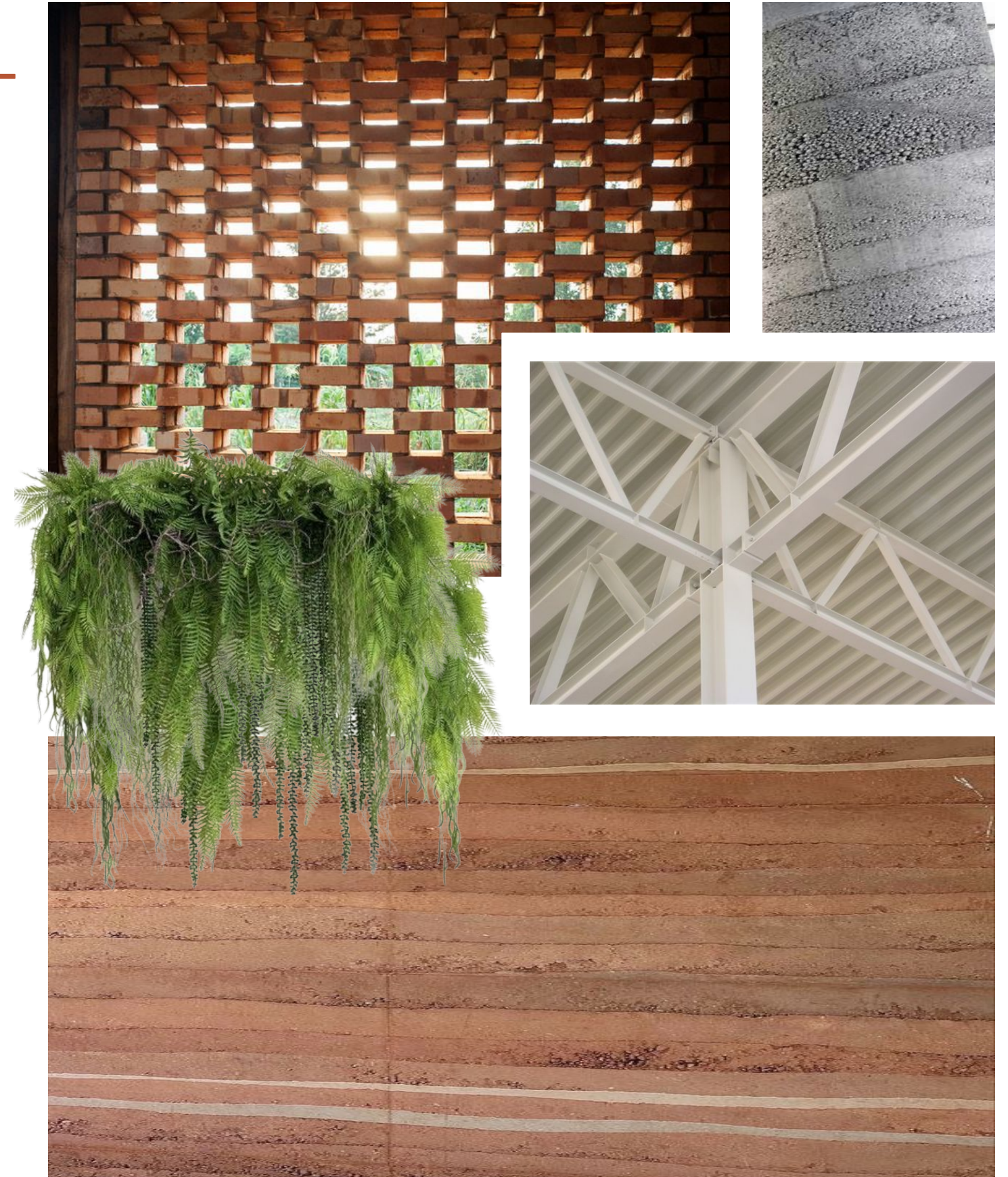
A materialidade do projeto buscou afirmar uma estética vernacular, com muitos traços de brasilidades. A textura orgânica da taipa com as cores quentes do tijolo a vista passam a ideia de um ambiente de aconchego.

Internamente, as paredes de alvenaria recebem a pintura na cor branca, a fim de evitar a fadiga visual e a escuridão do ambiente. Todos os cômodos possuem aberturas para a entrada de ventilação e iluminação natural, sendo que na maioria dos casos há janelas opostas, incentivando a ventilação cruzada. As esquadrias são de alumínio e vidro, sendo o metal pintado na cor branco.

O vão abaixo do pavimento superior traz leveza e linearidade. Os pilares circulares em concreto contrastam com as cores quentes dos outros materiais. A lateral do corredor em cobogó traz espontaneidade e charme para o corredor. Os brises verticais em tijolo ecológico somado aos horizontais em chapa metálica propõem um brise misto em ambos os significados.

Por fim, a grande presença da vegetação traz o contraste de cor necessário, além de promover sombreamento e resfriamento da área.

Figura 54: Elementos da materialidade do projeto

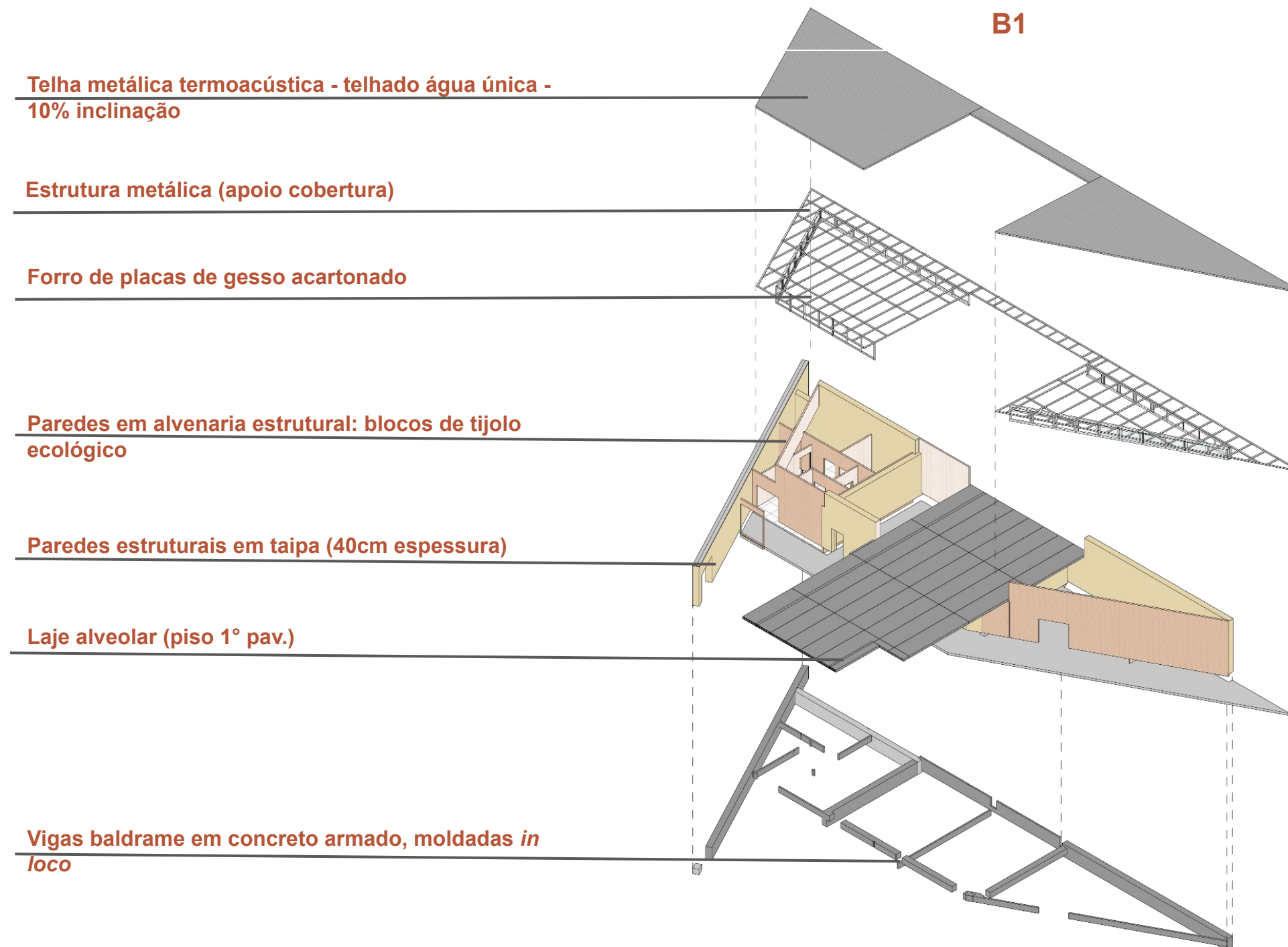


Fonte: Desenvolvido pela autora.

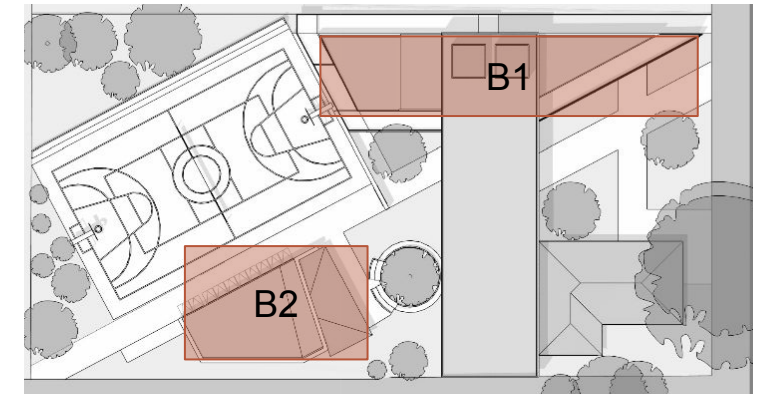
4.5 Materialidade e estrutura

Blocos térreos

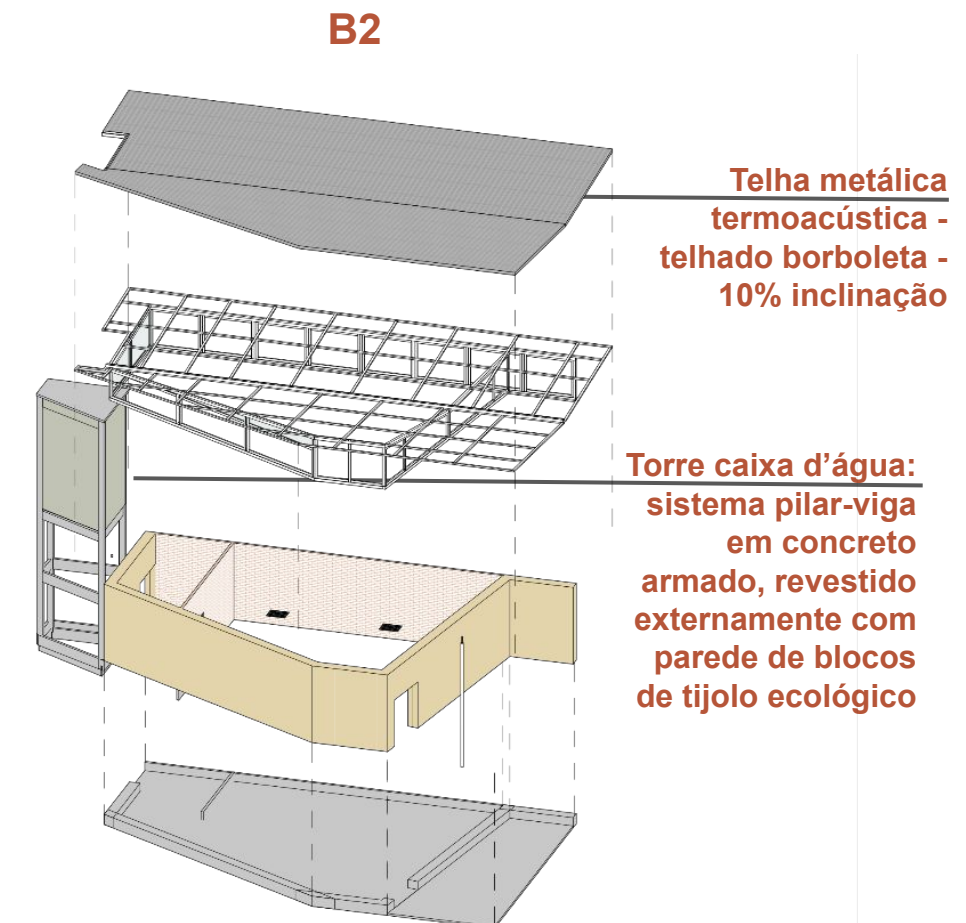
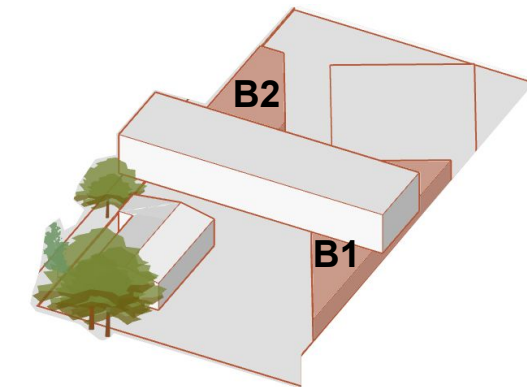
Figura 55: Axonométrica estrutural dos blocos 1 e 2



MAPA CHAVE:



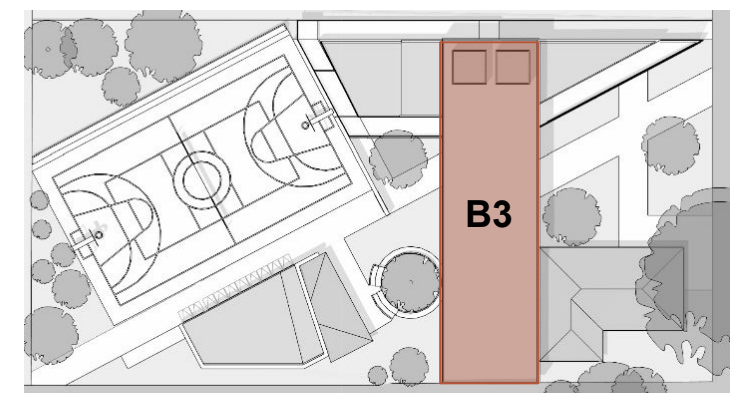
VOLUMETRIA CHAVE:



Fonte: Desenvolvido pela autora.

Bloco superior

MAPA CHAVE:



VOLUMETRIA CHAVE:

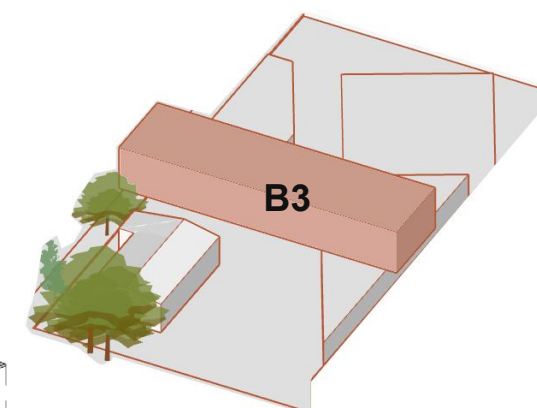
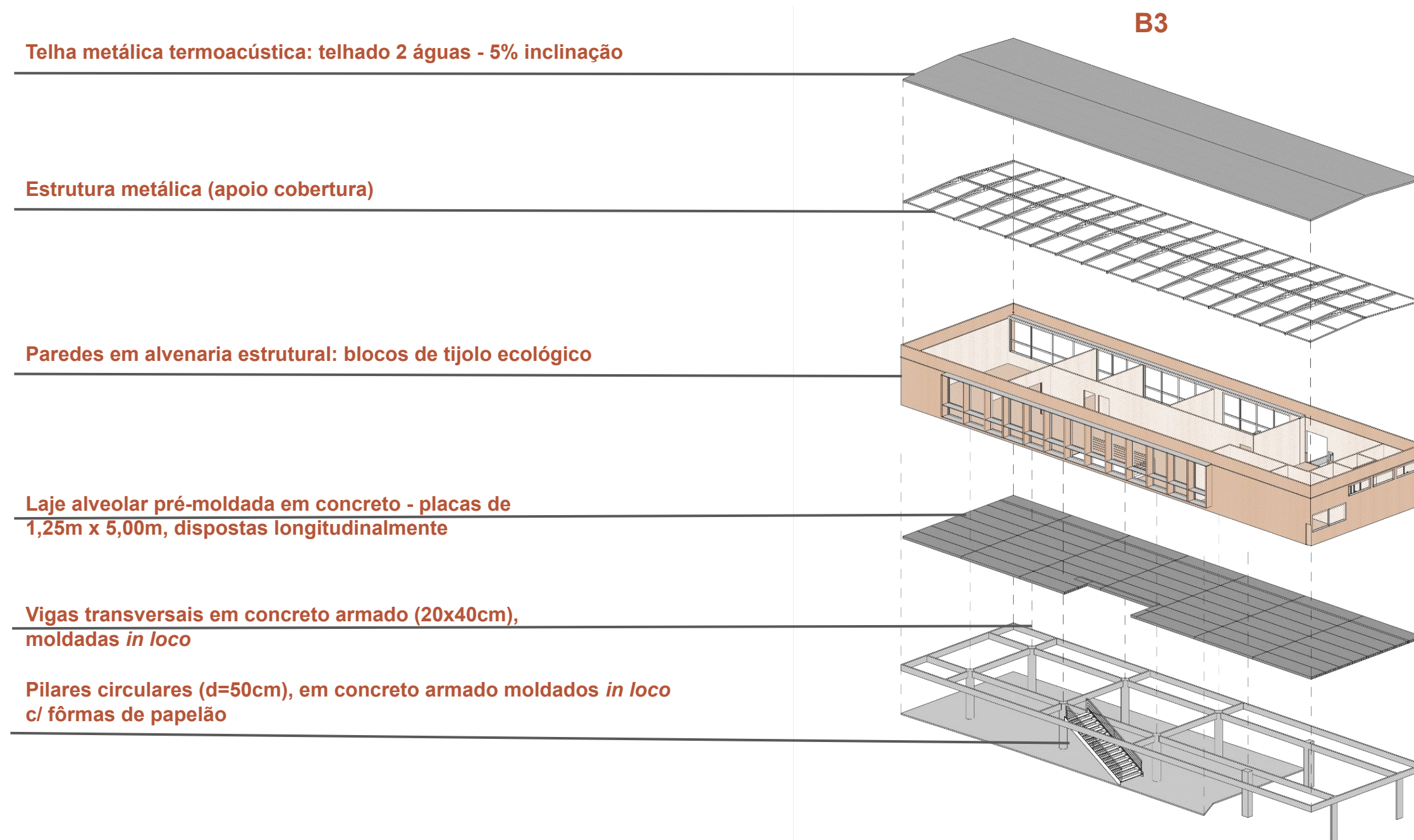


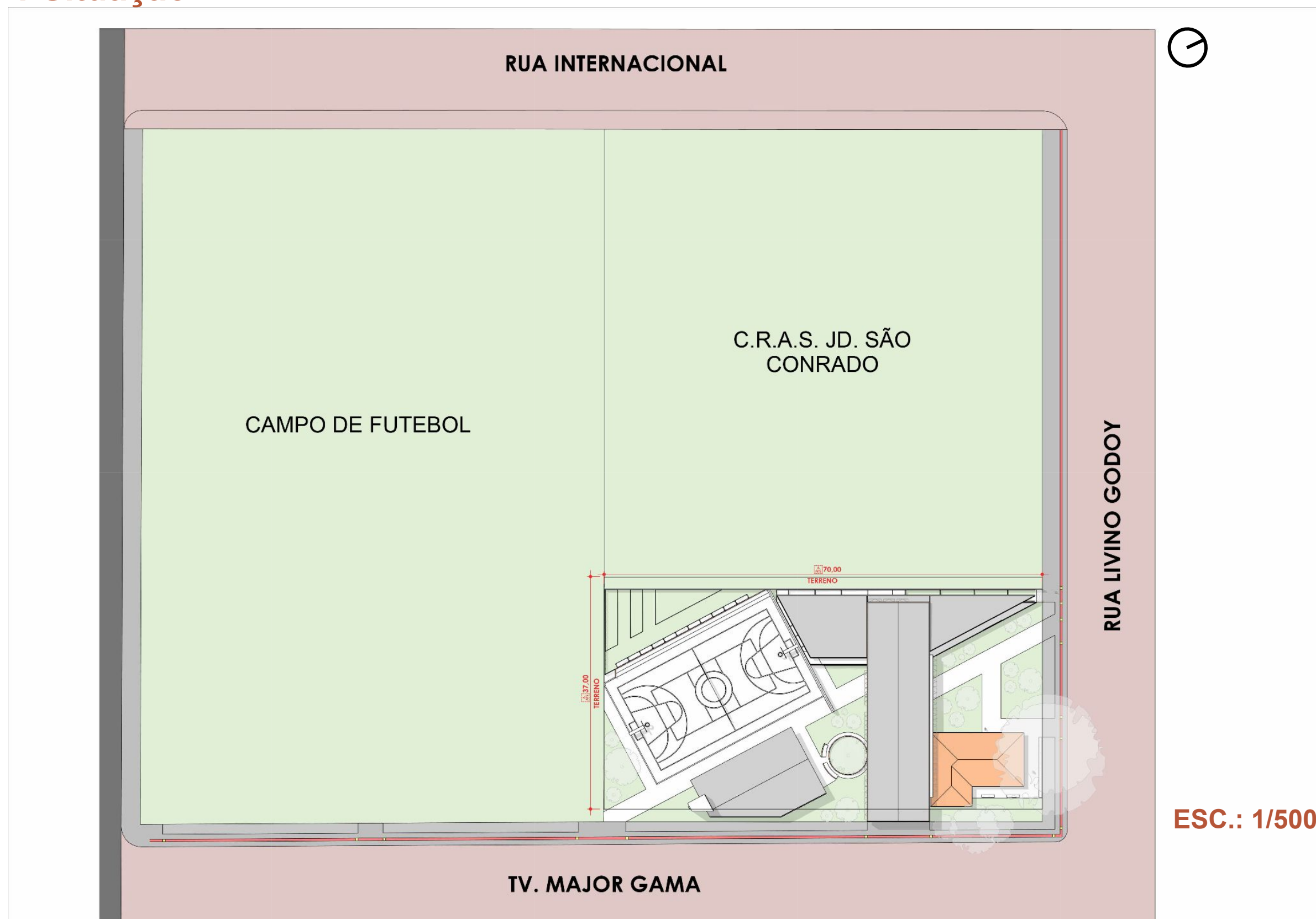
Figura 56: Axonométrica estrutural do bloco 3



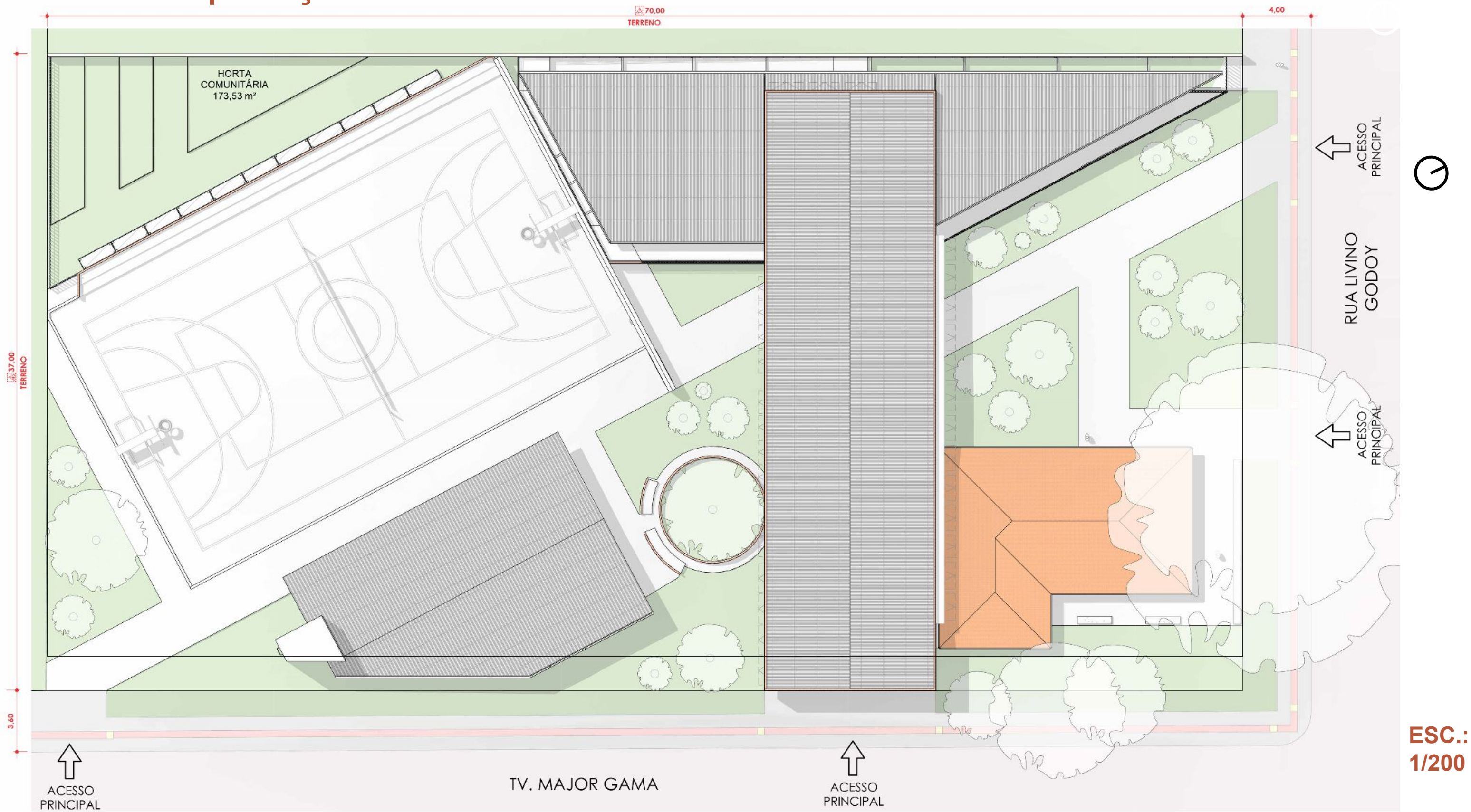
Fonte: Desenvolvido pela autora.

4.6 Projeto _____

4.6.1 Situação

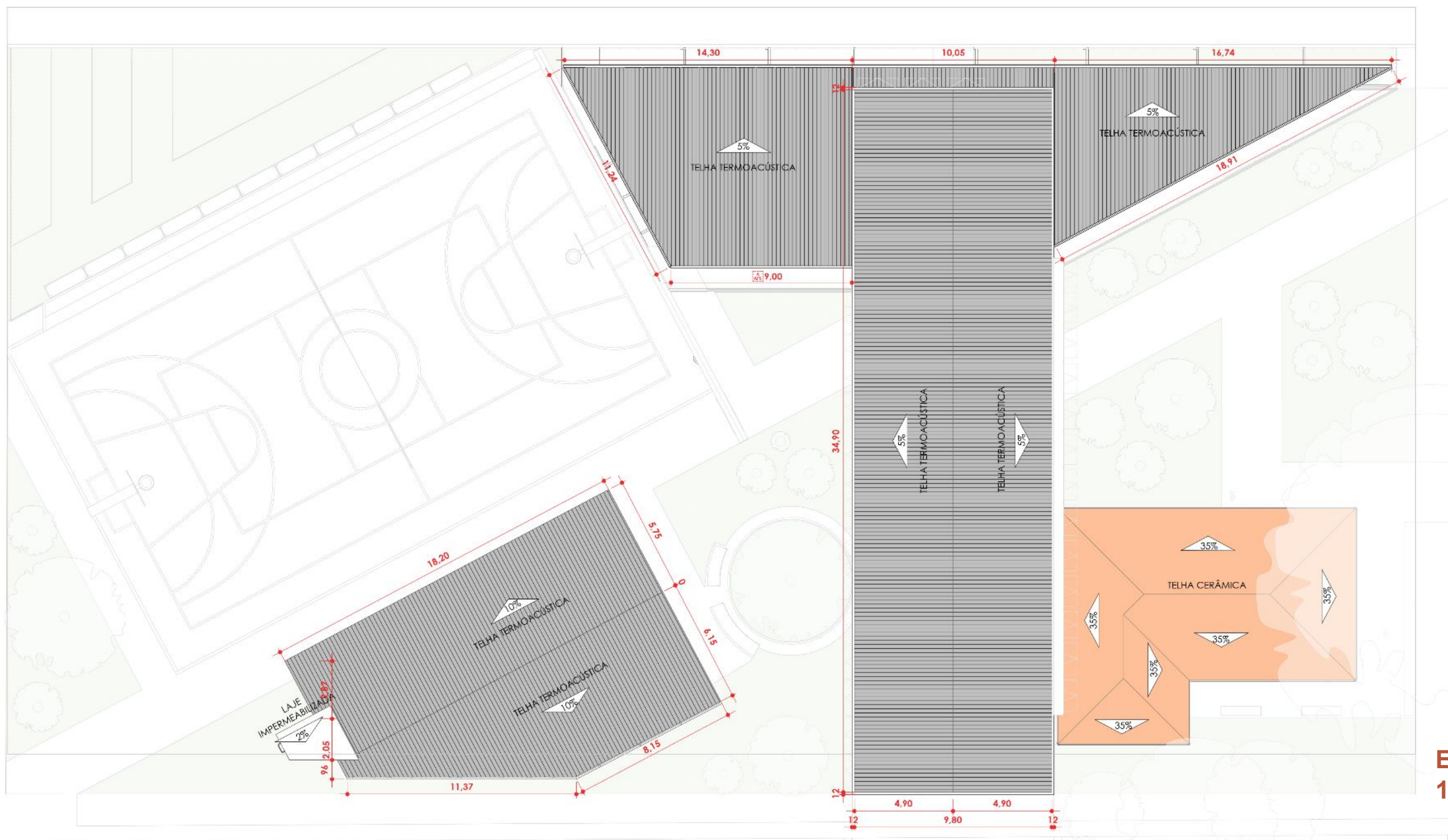


4.6.2 Implantação



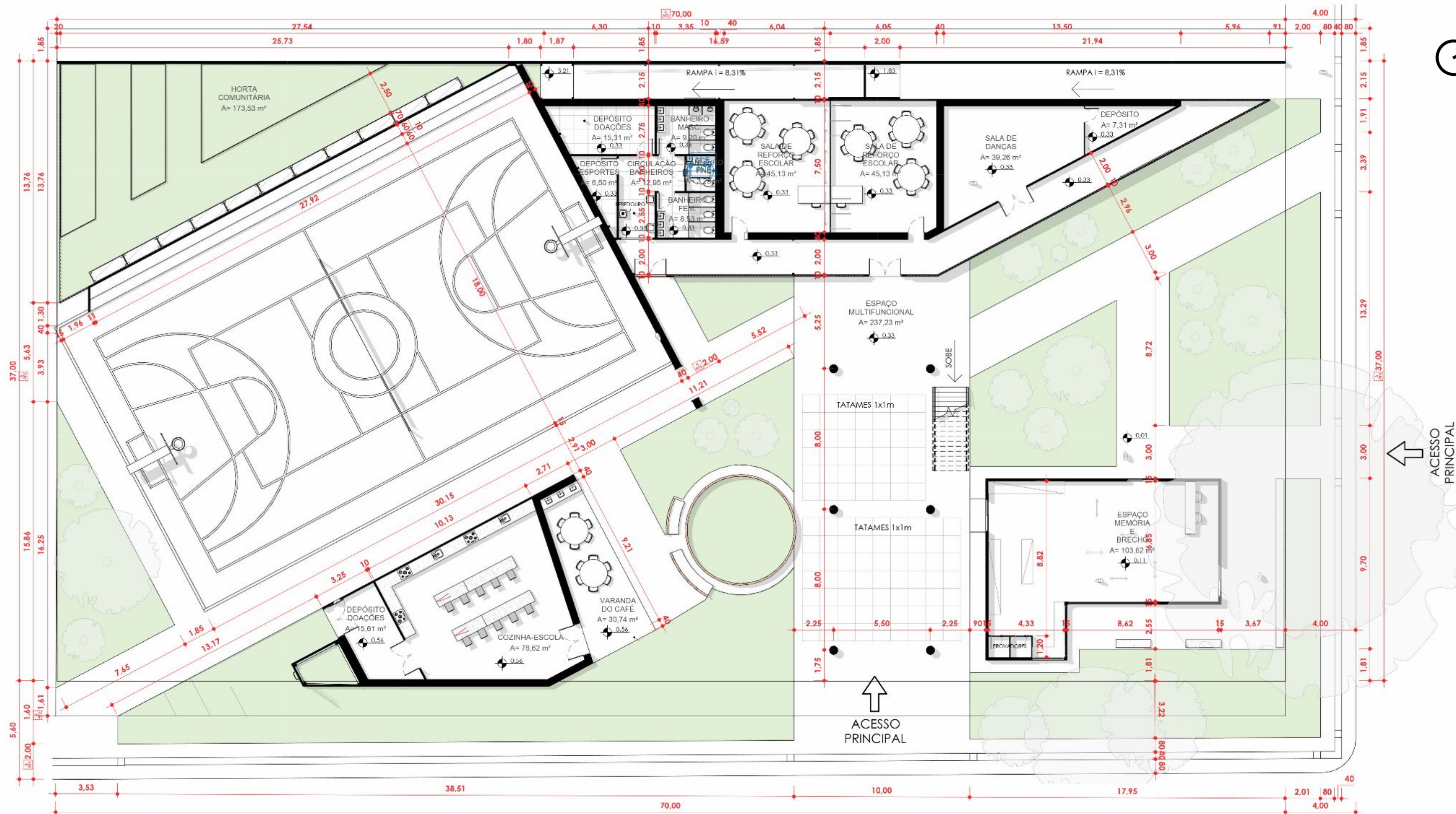
**ESC.:
1/200**

4.6.3 Planta de cobertura

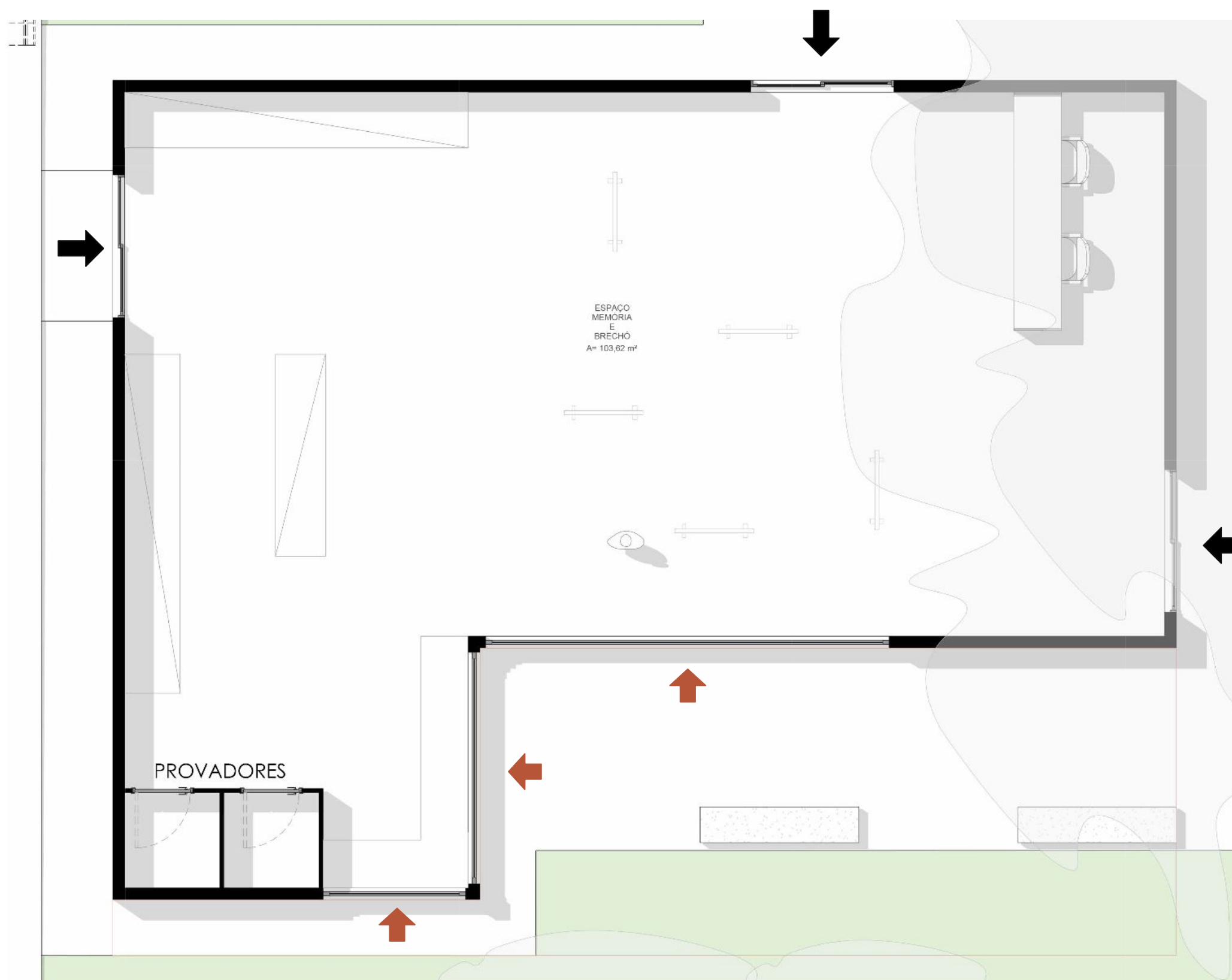


ESC.:
1/200






4.6.4 Planta baixa: Pavimento térreo



4.6.4.1 Planta baixa: Pavimento térreo - Alterações na edificação existente



LEGENDA:

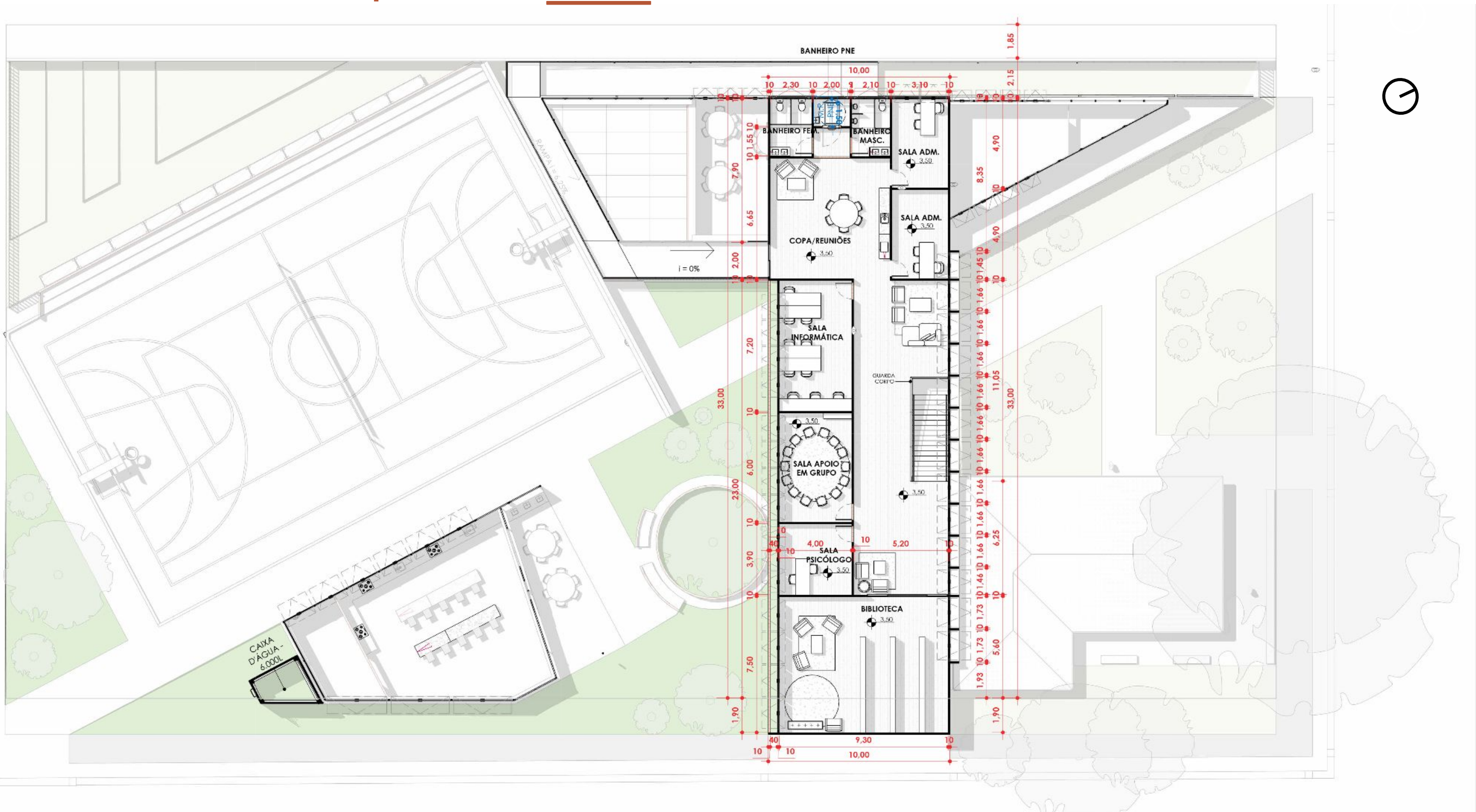
-  Alvenaria a manter
-  Alvenaria a demolir / aberturas a serem fechadas
-  Piso a demolir
-  Acessos
-  Vitrines

Na edificação existente, as principais melhorias sugeridas foram a integração de toda a área interna, propondo um espaço para exposições culturais e de museu da memória da organização. Além disso, a integração com o brechó também tem interesse em movimentar as vendas, trazendo duas vitrines na fachada.

Foram propostos novos acessos e uma alteração do telhado atual, propondo o telhado em telha cerâmica com quatro águas e inclinação em 35%. Sugere-se ainda um estudo da estrutura existente, a fim de verificar a necessidade de reforços estruturais na edificação.

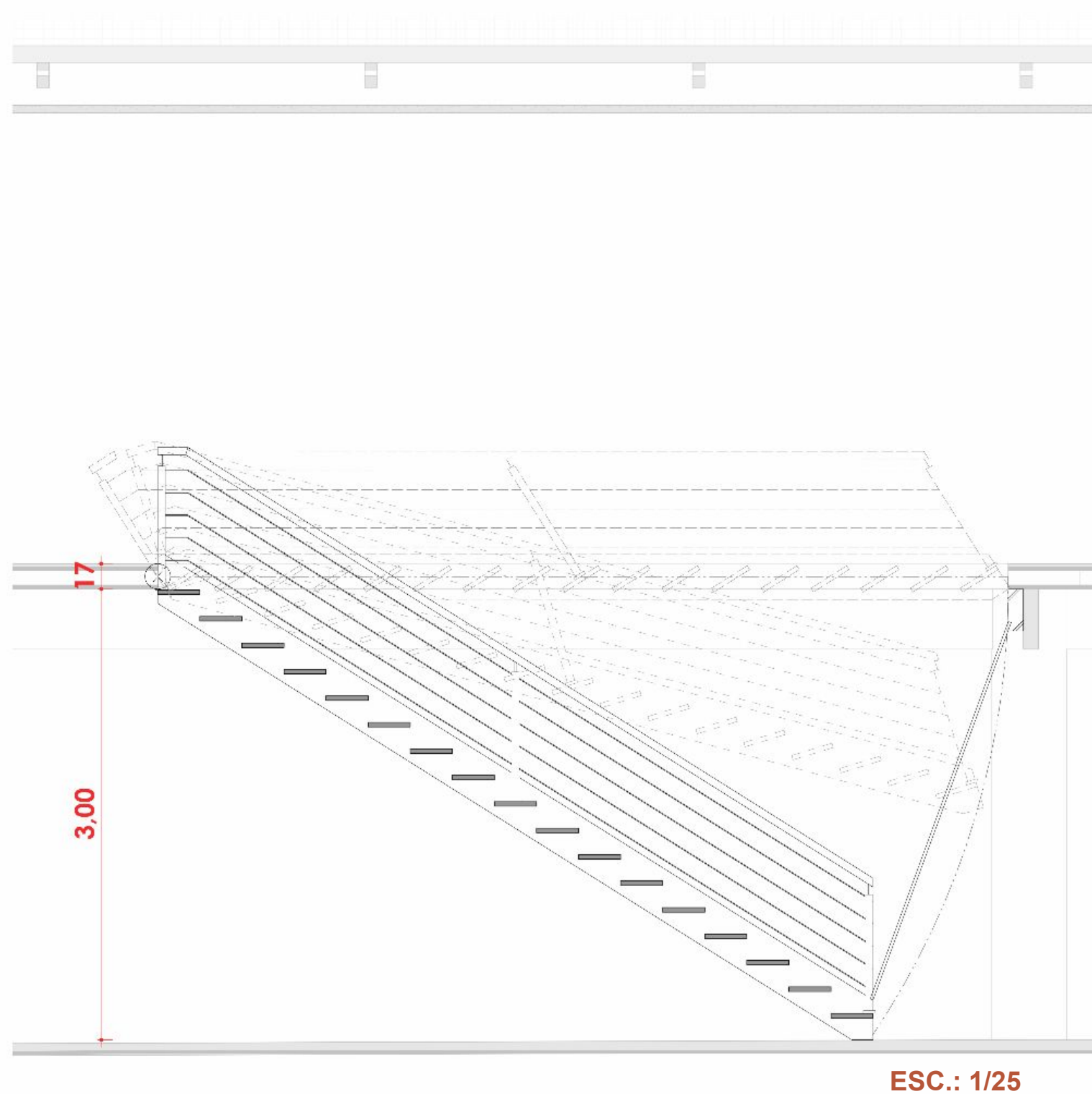
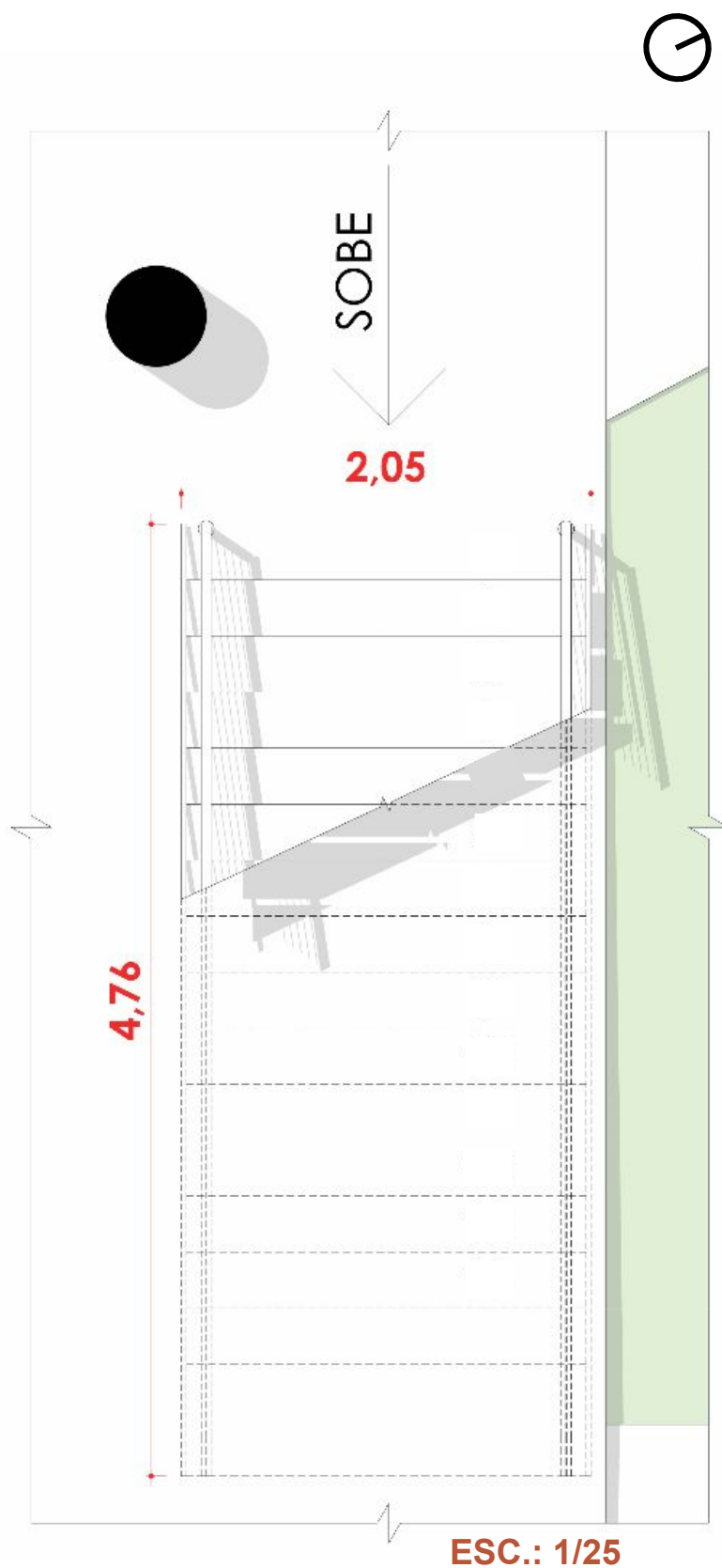
Na parte externa, próxima a Tv. Major Gama, propõe-se a retirada de parte do contrapiso, a fim de garantir um canteiro maior.

4.6.5 Planta baixa: 1º pavimento



ESC.: 1/200

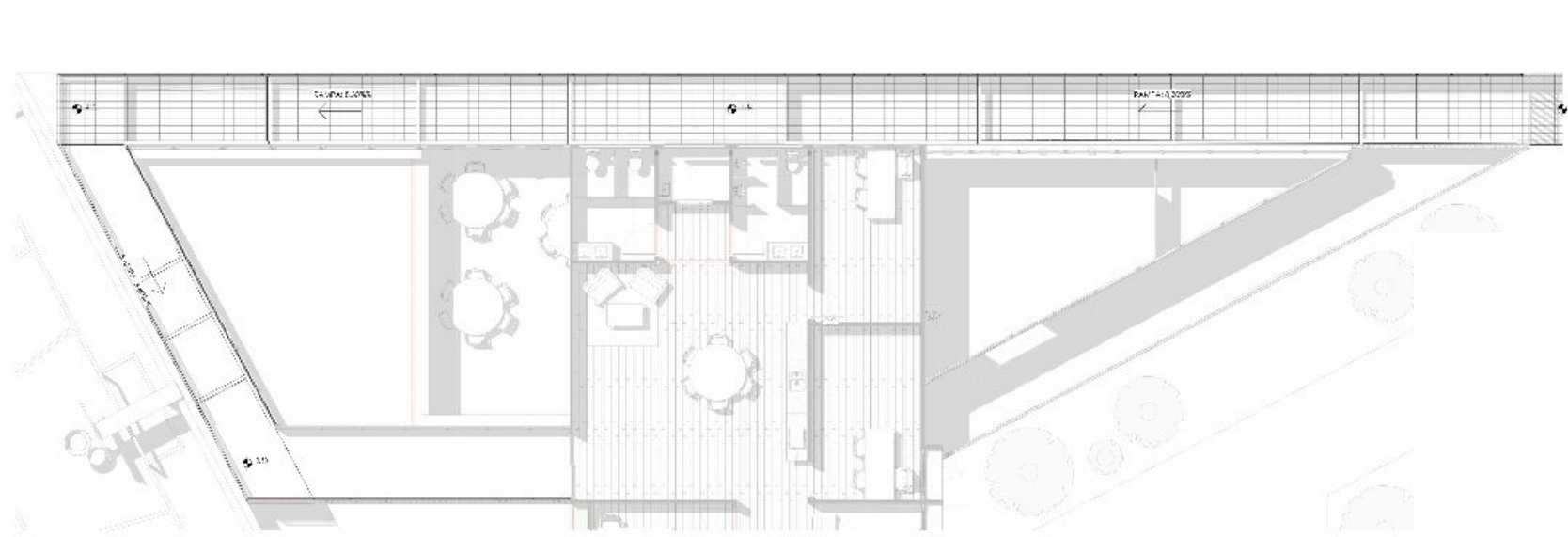
4.6.6 Circulação vertical: Escada _____



A proposta de escada se deu para isolar o acesso ao pavimento superior, deixando o térreo livre, sem precisar segregar a escada do layout do primeiro pavimento. A escada utilizada se inspira na escada proposta pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha no projeto da Loja Forma (1987).

A escada é de estrutura metálica para garantir resistência e leveza. A manobra de abertura e fechamento possui uma roldana na extremidade superior e é pensada para funcionar sob acionamento motorizado. O tirante é acionado pelo motor, que fica alocado na extremidade oposta à roldana.

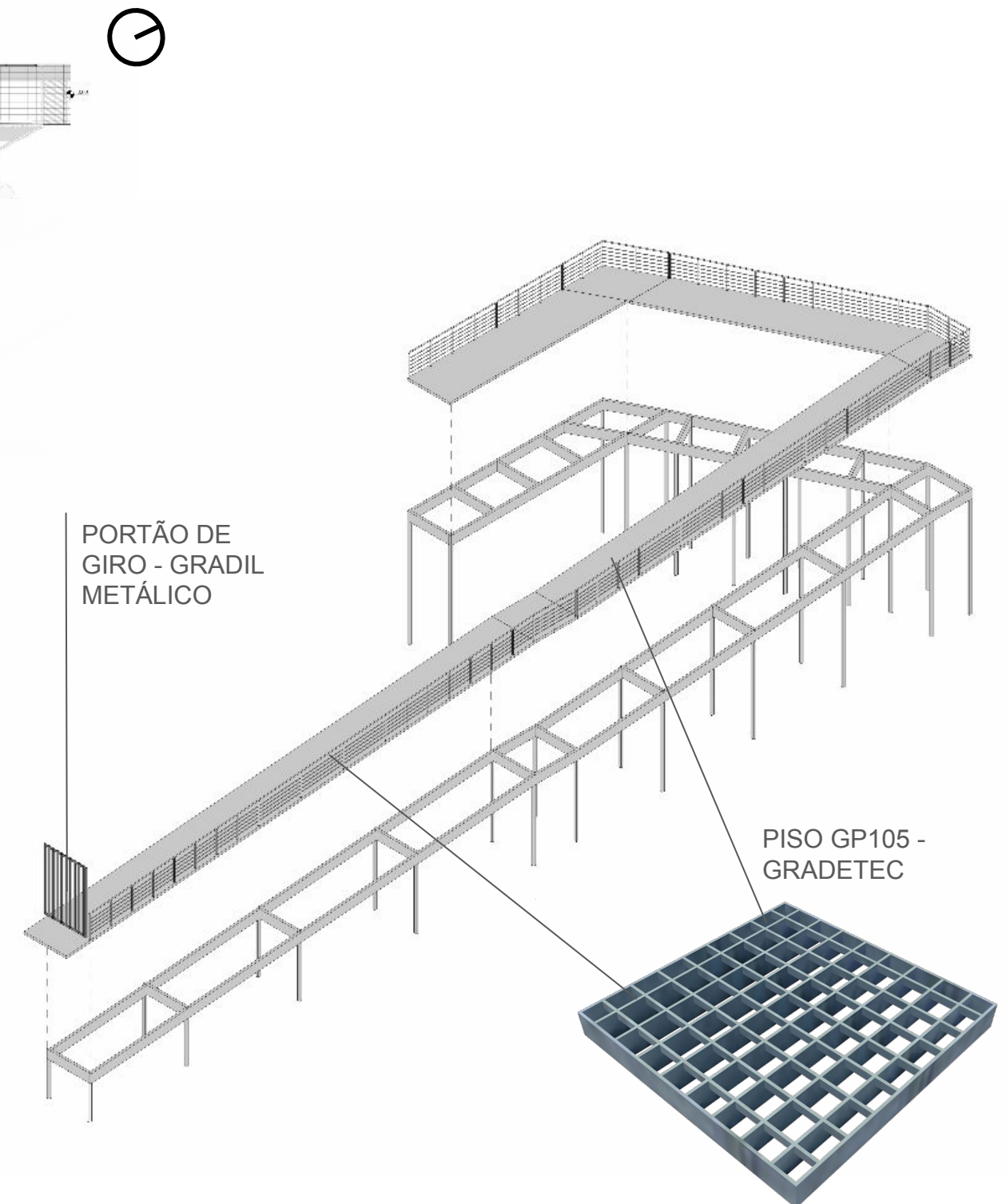
4.6.6 Circulação vertical: Rampa



Já a proposta estrutura para a rampa é mais simples. Contornando todo o bloco das salas de reforço, a estrutura é mantida por uma estrutura em pilares e vigas metálicas, espaçados de maneira simétrica, que sustentam os pisos inclinados e patamares.

O primeiro e segundo lances tem como piso o material Grade de Piso Metálica, comumente utilizado em indústrias. O módulo utilizado foi o disponibilizado pela empresa especialista Gradetec, sendo adotado o GP105, modelo voltado exclusivamente para a passagem de pedestres. A especificação por este piso se deu pela necessidade que essa área recebesse a incidência de luz solar, para não atrapalhar a passagem de iluminação para os cômodos que fazem divisa com a rampa, e se mantivesse permeável abaixo, por conta dos parâmetros urbanísticos que precisavam ser atingidos.

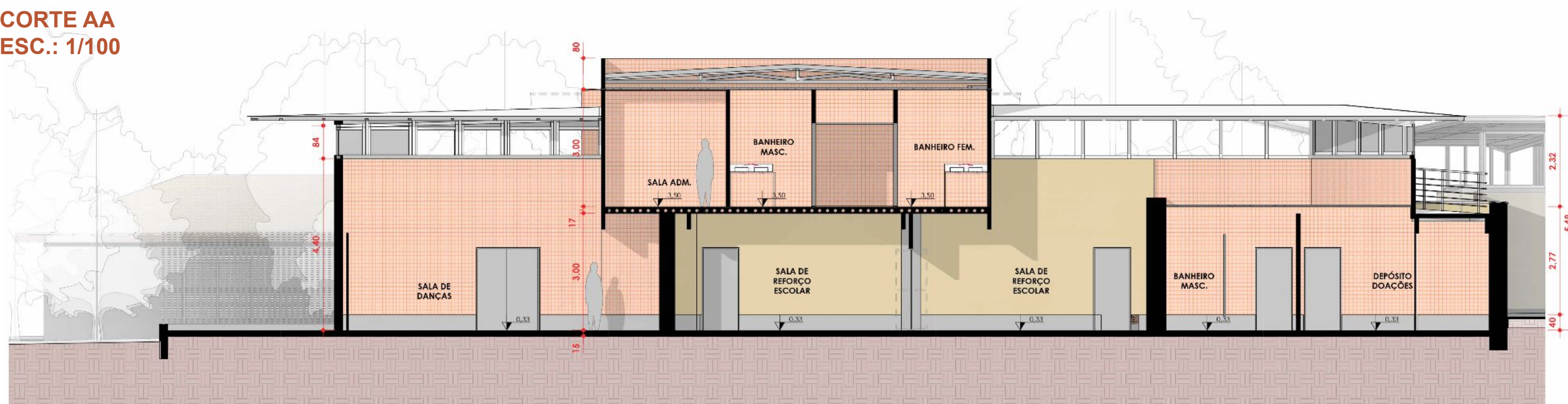
O terceiro e quarto lances da rampa têm o piso em laje de concreto armado, sendo o último lance já sem inclinação.



4.6.7 Cortes

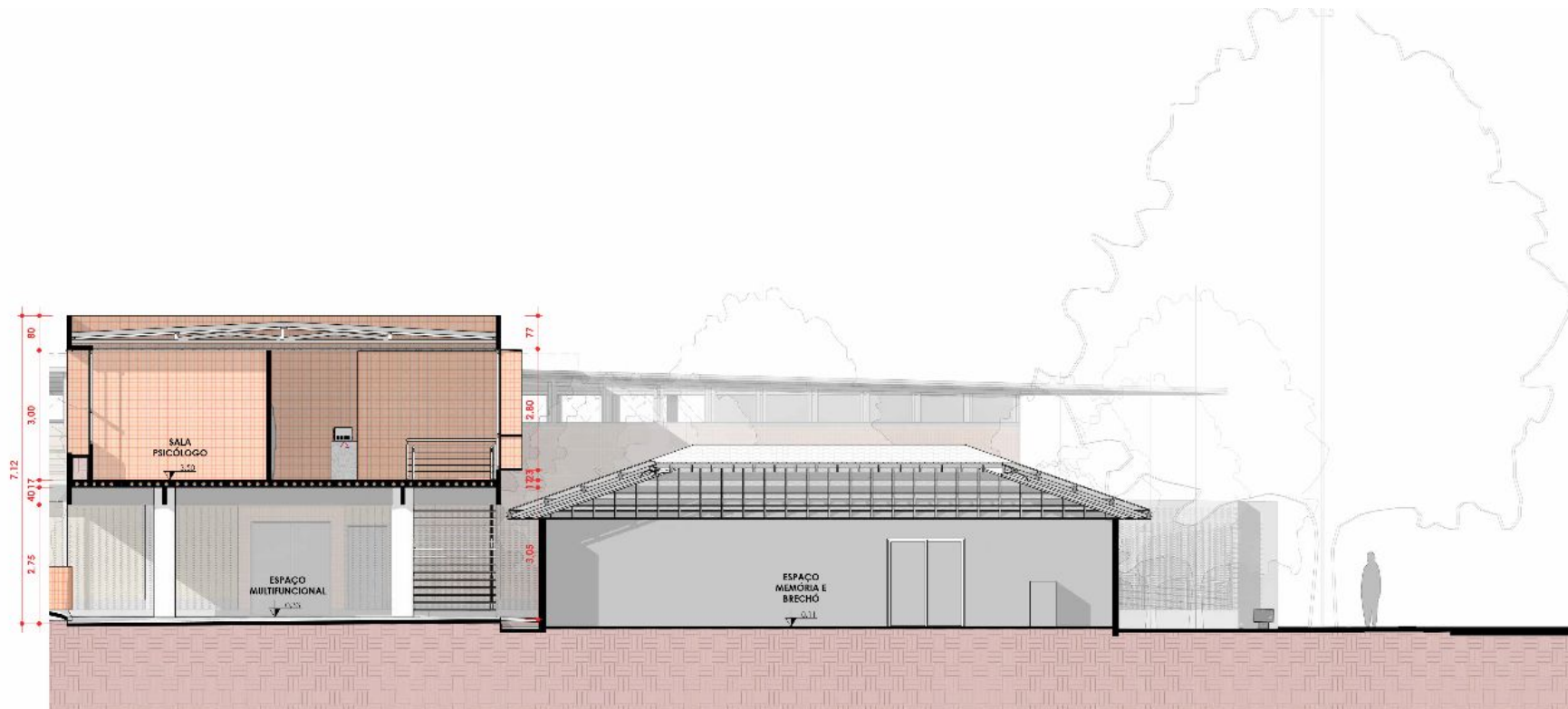


CORTE AA
ESC.: 1/100

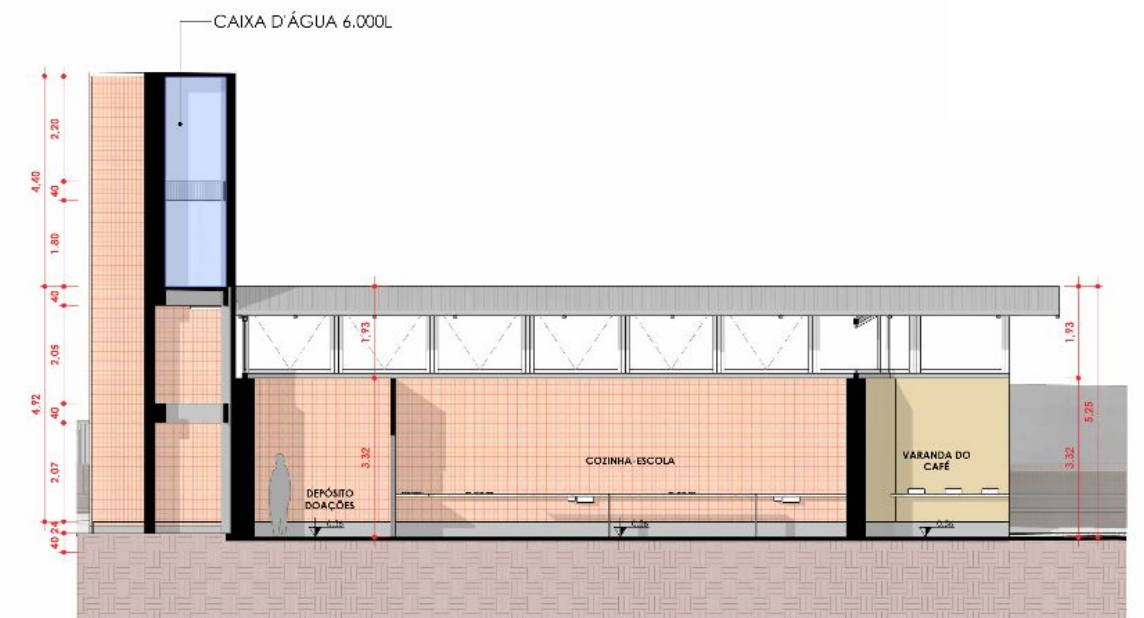


CORTE BB
ESC.: 1/100

4.6.8 Cortes



CORTE CC
ESC.: 1/100

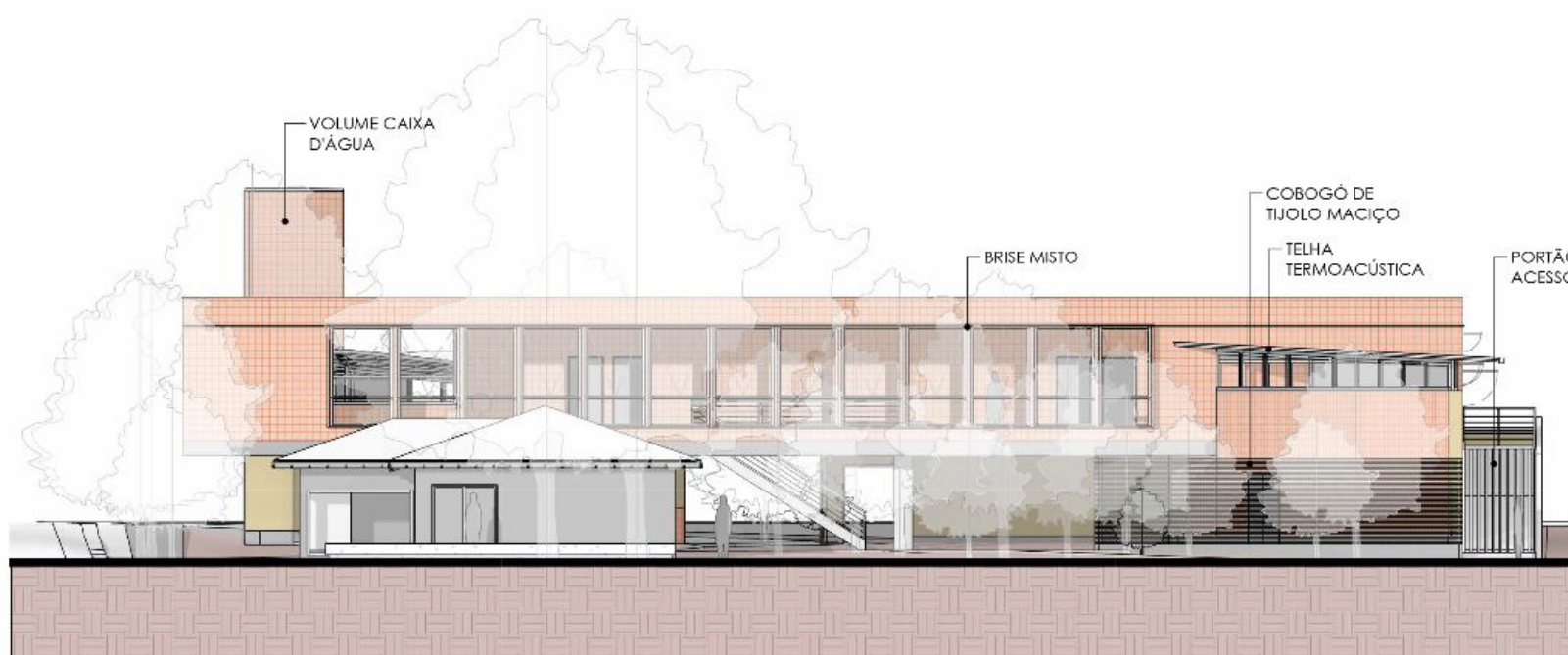


CORTE DD
ESC.: 1/100



CORTE EE
ESC.: 1/100

4.6.9 Elevações



ELEVAÇÃO A: Rua Livino Godoy
ESC.: 1/100

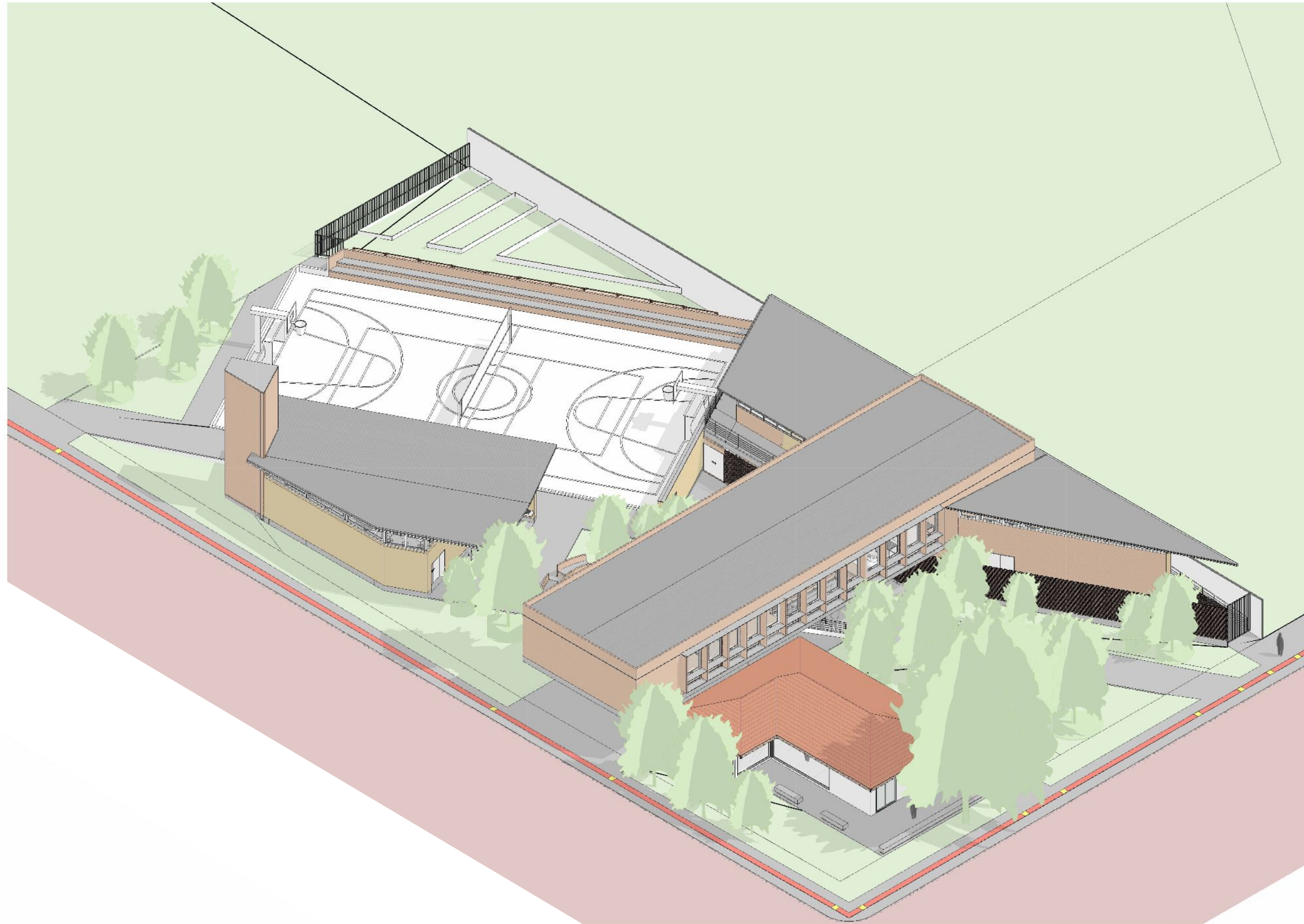


ELEVAÇÃO B: Posterior
ESC.: 1/100



ELEVAÇÃO C: Tv. Major Gama
ESC.: 1/100

4.6.10 Perspectiva geral _____



4.6.11 Perspectivas renderizadas _____







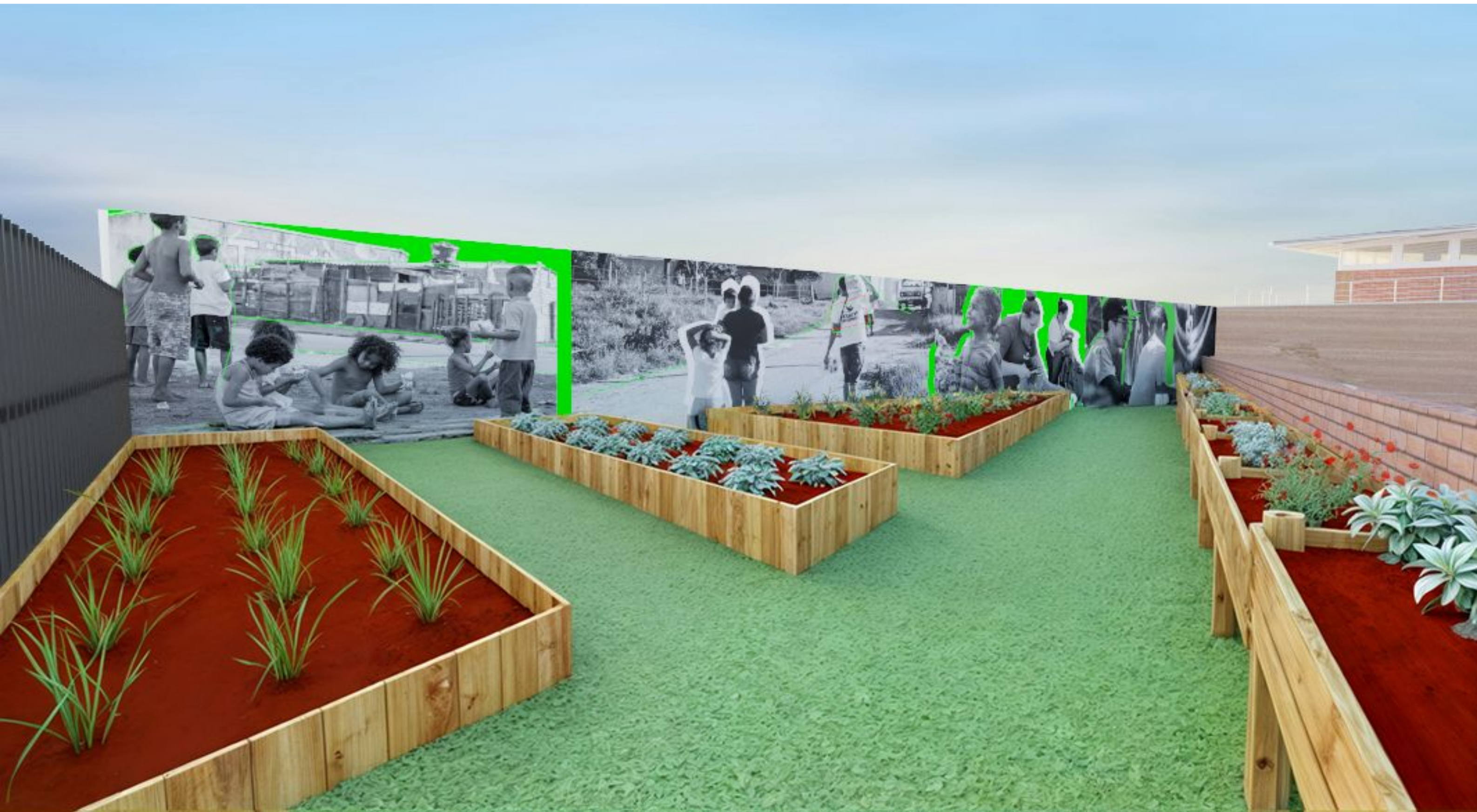


ocupando o vão









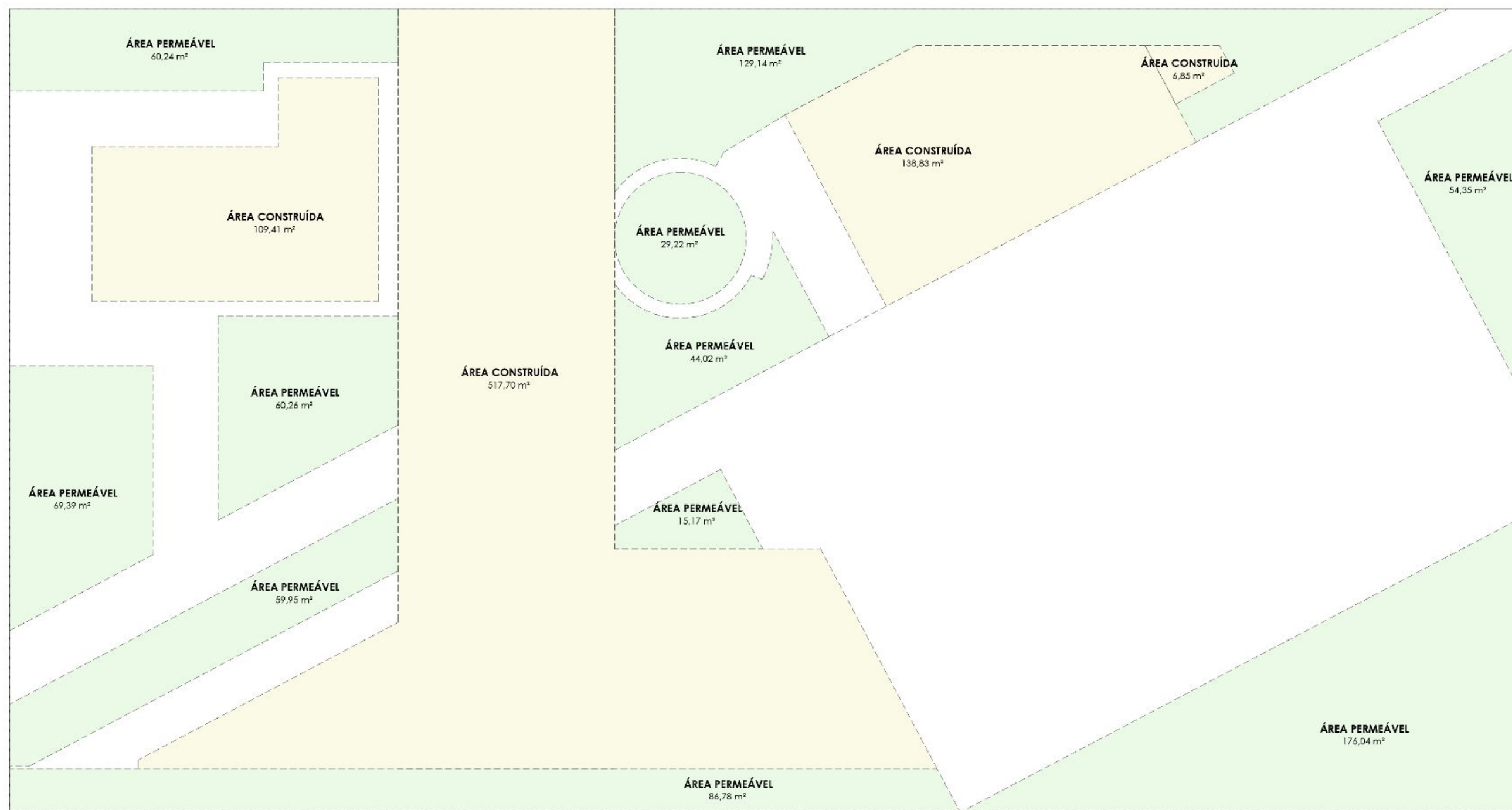
Espaço memória _____



Biblioteca _____



4.6.8 Parâmetros urbanísticos atingidos



PLANTA DE ÁREAS
ESC.: 1/200

PARÂMETRO	REQUISITADO PELA PMCG	ATINGIDO
TAXA DE OCUPAÇÃO	0,50 = até 1.295m ²	= 0,43 = 1.115,94 m ²
TAXA DE PERMEABILIDADE	0,30 = 777 m ²	= 0,31: 784,56 m ²

Considerações finais ---

Diante de todo o debate apresentado, o desenvolvimento do conceito e partido arquitetônico para a sede da CUFA Campo Grande é resultante do desafio de inserir as populações marginalizadas nas dinâmicas urbanas da cidade em geral. Essa inserção é feita através da educação, da cultura e da arte, atrelada a uma solução projetual que permite o uso integral do edifício pela população.

Todavia, o marco desse projeto está na análise dos problemas que permeiam a qualidade de vida da população residente de favelas, desde as suas raízes até suas possíveis soluções. Outro elemento fundamental para compreensão do tema foi a investigação histórica sobre as organizações comunitárias e não-governamentais, que, certamente, trilharam os primeiros passos para o que, recentemente, a CUFA pôde conquistar.

Buscando a melhor condução do processo do projeto, a aproximação pessoal da autora com a organização trouxe frutos para as concepções conceituais e funcionais desenvolvidas. Além da troca no âmbito de pesquisa, o período de voluntariado fortificou a relação da autora com o público do espaço, incentivando a discente na procura pelos melhores resultados.

Mesmo que o mercado de trabalho atual conduza o arquiteto para outras áreas, trabalhar com a arquitetura, dentro de sua função social, é descobrir um universo de possibilidades transformadoras e que ressignificam o fazer arquitetônico e o “ser” arquiteto perante à sociedade..

Do processo projetual, por fim, afirma-se que a meta foi alcançada, devido ao levantamento de dados e conhecimento adquirido sobre uma tipologia de projeto sensível e humanitária. Todo o programa e os objetivos do projeto, principalmente os que discorrem sobre relação do usuário com o espaço existente e com o fomento do direito à cidade, foram contemplados e postos em prática. A sede da CUFA Campo Grande nasce do esforço de uma estudante, que busca expandir o direito à arquitetura.

Referências bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. **Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro**. Espaço & Debates, 1994.

AGÊNCIA Municipal de Meio Ambiente e Planejamento Urbano - PLANURB. **Perfil Socioeconômico de Campo Grande**. – 30. ed. – Campo Grande, 2023.

ALBUQUERQUE, Flávia. Favela cresce demograficamente e movimenta mais de R\$ 200 bilhões. **Agência Brasil**. São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/favela-cresce-demograficamente-e-movimenta-mais-de-r-200-bilhoes>>. Acesso em: 30 mar. 2024.

ALONSO, Analúcia Faggion. **A contribuição do terceiro setor para a qualidade de vida em favelas**. São Paulo: FGV/EAESP, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.fgv.br/items/f76cbf57-6e65-4107-8a32-f652441dfe31>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

AMMANN, Safira Bezerra. **Movimento Popular de Bairro: de frente para o Estado, em busca do Parlamento**. São Paulo: Cortez, 1991.

ARCHDAILY. **Centro Cultural Lá da Favelinha / Coletivo LEVANTE**. ArchDaily Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/976529/centro-cultural-la-da-favelinha-coletivo-levante?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ARCHDAILY. **Espaço Acolhedor BE / H&P Architects**. Archdaily Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/870886/espaco-acolhedor-be-h-and-p-architects?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ARCHDAILY. **Espaço Comunitário De Hué / Studio Voi**. Archdaily Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1014319/espaco-comunitario-de-hue-studio-voi?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ARCHDAILY. **Favela Nova Jaguaré - Setor 3 / Boldarini Arquitetura e Urbanismo**. ArchDaily Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-182522/favela-nova-jaguare-setor-3-slash-boldarini-arquitetura-e-urbanismo?ad_source=search&ad_medium=projects_tab>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ARCHDAILY. **Fazendinha: de lixão a parque**. ArchDaily Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/941633/fazendinha-de-lixao-a-parque?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&ad_source=search&ad_medium=search_result_all>. Acesso em: 04 jun. 2024.

ARCHDAILY. **Nave Multiprograma - sistema vertical de plataformas esportivas e culturais / Alejandro Haiek / LAB PRO FAB**. Archdaily Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/939450/nave-multiprograma-sistema-vertical-de-plataformas-esportiva-e-culturais-lab-pro-fab?ad_medium=gallery>. Acesso em: 09 jun. 2024.

ARNSTEIN, Sherry R. **The Ladder of Citizen Power**. Journal of the American Planning Association, 1969. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php>>. Acesso em: 25 maio 2024.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **A função social do arquiteto**. São Paulo: Fundação Vilanova Artigas, Nobel, 1989.

BRASIL. **Estatuto da Cidade: Lei n. 10.257**. Brasília, 2001. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm>. Acesso em: 15 maio 2024.

BRITES, Fausto. **E a cidade ganhou “favela oficial”**. **Correio do Estado**. Campo Grande, 2017. Disponível em: <<https://correiodoestado.com.br/correio-b/e-a-cidade-ganhou-favela-oficial/263128/>>. Acesso em: 26 mar. 2024.

CAMPO GRANDE. **Lei Complementar n. 341: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Campo Grande**. Campo Grande: 2018. Disponível em: <https://prefcg-repositorio.campogrande.ms.gov.br/wp-cdn/uploads/sites/18/2017/11/PDDUA_PGM-FINAL2.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

CAMPO GRANDE. **Lei Complementar n. 74: Ordenamento do uso e ocupação do solo de Campo Grande**. Campo Grande: 2005. Disponível em: <<http://www.secovi-ms.com.br/legislacao/LEI%20USO%20SOLOde%206%20Set%202005.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2024.

CARVALHO, Luciene Ferreira Mendes de. **Pobreza e desigualdade social: fundamentos sociais e históricos**. Em pauta - Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/download/36689/26321/124278>>. Acesso em 30 out. 2024.

CENTRO de Defesa dos Direitos Humanos “Bento Rubião”. **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis: Vozes, 1993.

COSTA, Antonia Gama Cardoso de Oliveira da. **"Fazendo do nosso jeito": o audiovisual a serviço da "ressignificação da favela"**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2009.

CUFA: Central Única das Favelas. Portal oficial da organização. 2024. Disponível em: <<https://cufa.org.br/>>. Acesso em: 08 mar. 2024.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões** – 1 ed. – Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. Disponível em: <<https://fundar.org.br/wp-content/uploads/2021/06/os-sertoos.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2024.

DE BOTTON, Alain. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482003000200011>. Acesso em: 27 maio 2024.

DIAS, Alisson de Souza; ANJOS, Marcelo França dos. **Projetar sentidos: a arquitetura e a manifestação sensorial**. 5º Simpósio de Sustentabilidade e Contemporaneidade nas Ciências Sociais, 2017. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/upload/contemporaneidade/anais/594c063e6c40e.pdf>>. Acesso em: 28 de maio 2024.

DOIMO, Ana Maria. **A Vez e a Voz do popular: movimentos sociais e a participação política no Brasil pós-70**, capítulo 3, p.74-94. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, ANPOCS, 1995. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/doimo-a-vez-e-a-voz-do-popular-pdf-free.html>>. Acesso em: 13 abr. 2024

ELVAS, Susana; MONIZ, Maria João Vargas. **Sentimento de comunidade, qualidade e satisfação de vida**. Lisboa: Revista Análise Psicológica, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/312/pdf>>. Acesso em: 28 de maio 2024.

FARRELLY, Lorraine. **Fundamentos de Arquitetura** – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2014.

FERNANDEZ, Fernando Negret; OLIVEIRA, Guilherme Resende. **Brasília, entre as desigualdades e a exclusão social**. Goiânia: Barú, 2020. Disponível em: <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/7674>>. Acesso em: 4 de maio 2024.

FERRAREZI, Elisabete; REZENDE Valéria. **OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público: A Lei 9.790/99 como Alternativa para o Terceiro Setor**. – 2. ed. – Brasília: Comunidade Solidária, 2001. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2097413/mod_resource/content/1/Elisabete%20Ferrarezi%20-%20OSCIP%20a%20Lei%20979099%20como%20alternativa%20para%20o%20Terceiro%20Setor.pdf>. Acesso em: 12 maio 2024.

FUÃO, Fernando Freitas. **Derrida e a Arquitetura: As formas do acolhimento na arquitetura**. Rio de Janeiro: EduRJ, 2014. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com/2015/07/httpwww.html>>. Acesso em: 21 maio 2024.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. – 2. ed. – São Paulo: Perspectiva, 2013. Disponível em: <https://www2.fag.edu.br/professores/solange/2021.1%20-%20URBANISMO%20LEG.%20URBANA%20EST.%20CIDADE/BIBLIOGRAFIA/4.4%20Livro_Cidade_para_pessoas_-_Jan_Gehl_text.pdf>. Acesso em: 06 maio 2024.

GHISLENI, Camila. **As cores da favela: o que um pouco de tinta pode fazer pelas comunidades**. ArchDaily Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/1014578/as-cores-da-favela-o-que-um-pouco-de-tinta-pode-fazer-pelas-comunidades>>. Acesso em: 30 maio 2024.

GOIÂNIA. Lei Complementar n. 349: **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental de Goiânia**. Goiânia: 2022. Disponível em: <<https://www.goiania.go.leg.br/plano-diretor>>. Acesso em: 23 maio 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

IBGE. **Nota metodológica: Sobre a mudança de aglomerados subnormais para favelas e comunidades urbanas**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102062>>. Acesso em: 26 mar. 2024.

INSTITUTO Alana. **Portal oficial do instituto**. 2024. Disponível em: <<https://alana.org.br/>>. Acesso em: 21 maio 2024.

KOWALTOWSKI, Doris Catharine Cornelie Knatz. et al. **Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico**. Porto Alegre: Ambiente Construído, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 7–19, 2008. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/ambienteconstruido/article/view/3683>>. Acesso em: 25 maio 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica** – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7237618/mod_resource/content/1/Marina%20Marconi%20Eva%20Lakatos_Fundamentos%20de%20metodologia%20cient%20C%20ADfca.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LANA, Sibelle Meyer. **O arquiteto e o processo de projeto participativo: o caso do RSV**. Belo Horizonte: UFMG, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/RAAO-7BRLWX/1/o_arquiteto_e_o_processo_de_projeto_participativo__o_caso_rsv.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

LARA, Fernão Lopes Ginez de. **Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro**. São Paulo: USP/FFLCH, 2017. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-11032013-111954/en.php>>. Acesso em: 4 de maio 2024.

LEITE, Marco Antônio Santos. **O terceiro setor e as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIPs**. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2003. Disponível em: <<https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/1113>>. Acesso em: 12 maio 2024.

LOURENÇO, Mariane Lemos. **Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos**. México: Psicol. Am. Lat., n. 19, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 20 abr. 2024.

LOVATTO, Tatiana Quintana Samper. **Favela Corpo Feminino: uma investigação conduzida pelas mulheres da quebrada**. Campo Grande: UCDB-Programa de Mestrado em Desenvolvimento Local - FUNDECT, 2024.

MINISTÉRIO das Cidades. **O que são equipamentos públicos (urbanos e comunitários)?**. Brasília, 2023.

MORAIS, Livia Zanelli de. **Next 21: Experimentações em espacialidades habitacionais**. São Paulo: Arqtextos, Vitruvius, 2018. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/19.220/7120>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

NANTES, Alex. Prefeito Marquinhos Trad afirma que Campo Grande não tem favelas. **Correio do Estado**. Campo Grande, 2021. Disponível em: <<https://correiodoestado.com.br/cidades/prefeito-marquinhos-trad-afirma-que-campo-grande-nao-tem-favelas/392525/>>. Acesso em: 26 mar. 2024.

NETO, Edgardo Moreira; MALARD, Maria Lúcia; SIQUEIRA, Renata Alves. **O projeto de arquitetura e a institucionalização da participação comunitária: o caso de uma requalificação ambiental no campus da UFMG**. Curitiba. Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana, 2023. p. 6591-6611. Disponível em: <<https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/891>>. Acesso em: 21 maio 2024.

O MALHO. **Uma limpeza indispensável**. Rio de Janeiro. Revista O Malho, ed. 247, 1907 in Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/pdf/116300/per116300_1907_00247.pdf>. Acesso em 15 mar 2024.

PAESE, Celma. **O acolhimento na arquitetura da cidade: uma visão a partir do pensamento de Jacques Derrida.** São Paulo: Arqtextos, Vitruvius, 2018. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/19.220/7120>>. Acesso em: 27 maio 2024.

PARDO, Laura Paes Barreto. **Espaços Comunitários em territórios vulneráveis: uma análise sobre processos e realizações.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018. Disponível em: <<https://dspace.mackenzie.br/items/eaa9464a-8712-459b-9374-b112800ba84b>>. Acesso em: 21 maio 2024.

RIO DE JANEIRO. **Código de Obras de 1937.** Rio de Janeiro: PMRJ, 1937. Disponível em: <<https://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/codigo-de-obras-de-1937>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

ROCHA, Juliana D.; BURSTZYN, Maria Augusta. **A importância da participação social na sustentabilidade do desenvolvimento local.** Campo Grande: Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local, 2005. p. 45-52. Disponível em: <<https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article>>. Acesso em: 14 de maio 2024.

SANTIAGO, Paula Soldera de Barros. **CUFA (Central Única das Favelas): um agente político na renovação das desigualdades sociais na sociedade de controle.** São Paulo: PUC-SP, 2011. Disponível em: <<https://www5.pucsp.br/ecopolitica/downloads/paula-soldera-de-barros-santiago.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SEGRE, Roberto. **Espaço público e democracia: experiências recentes nas cidades da América Hispânica.** São Paulo: Arqtextos, Vitruvius, 2005. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/05.060/461>>. Acesso em: 27 maio 2024.

SHIMBO, Lúcia Zanin. **A casa é o pivô: mediações entre o arquiteto, o morador e a habitação rural.** 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004. . Acesso em: 25 nov. 2024.

SILVA, Samara Santana. **Os Cortiços e a cidade do Rio de Janeiro durante seu processo demodernização na virada para o século XX.** Encontro Estadual de História - ANPUH, Bahia, 2018. Disponível em: <https://www.encontro2018.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1535059482_ARQUIVO_Corticofinalanpuh.pdf>. Acesso em 23 out 2024.

SOCIEDADE Brasileira de Urbanismo. **O Urbanismo.** Bahia, UNEB, 201-. Disponível em: <<https://sburbanismo.wordpress.com/apresentacao/o-urbanismo/>>. Acesso em: 13 maio 2024.

SOUZA, Eduardo. **Como trazer conforto e aconchego ao design de espaços públicos?.** ArchDaily Brasil, 2024. Disponível em: <<https://www.archdaily.com/1012247/how-to-bring-comfort-and-warmth-to-the-design-of-public-spaces>>. Acesso em: 21 maio 2024.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem à favela.com.** Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005. Disponível em: <<https://pdfcoffee.com/a-invencao-da-favela-pdf-free.html>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

VOORDT, Theo J. M. van der; WEGEN, Herman B. R, van. **Arquitetura sob o olhar do usuário: programa de necessidades, projeto e avaliação de edificações.** São Paulo: Oficina de Textos, 2013. 24.

A

pêndices

Neste capítulo, busca-se apresentar os conceitos que participam da concepção projetual da sede da CUFA em Campo Grande, bem como detalhar o início do processo criativo, até o desenvolvimento do partido arquitetônico, dos estudos volumétricos e de ocupação do terreno.

APÊNDICE A – Entrevista com Livia Lopes

Esta entrevista, bem como a entrevista do Apêndice B, teve como objetivo coletar dados sobre o histórico e a atuação da CUFA Campo Grande. Foi feita de acordo com a definição de Entrevista Despadronizada, onde, segundo Marconi e Lakatos (2017), o entrevistador é livre para desenvolver o direcionamento de cada questão, podendo explorar mais as dúvidas conforme o decorrer da entrevista. Ainda dentro dessa conceituação, a entrevista se enquadra em Despadronizada Focalizada, quando existem tópicos a serem levantados mas não se obedece uma estrutura formal, o que permite ao entrevistador fazer as perguntas que lhe interessam conforme as respostas aparecem.

Julia: *Livia, inicialmente, eu gostaria que você começasse se apresentando, falando sobre como você chegou até a CUFA e qual o seu cargo atualmente na organização...*

Livia: *Meu nome é Livia Lopes, eu sou artista, artista da dança, produtora cultural e professora de artes.*

Eu adentrei na CUFA em 2019, foi por indicação. A galera da antiga gestão tava buscando pessoas para poder ficar à frente da CUFA. E eu não sei dizer quem começou de fato, mas quem entrou em contato comigo foi o DJ Magão, não sei se você conhece ele, ele é do hip hop, um dos DJs mais antigos aqui da capital. Ele me convidou e na época, eu aceitei. Eu não sabia muito bem como seria e achei interessante, tanto porque a CUFA, pelo menos pelo que ele me passou, tinha uma inspiração em relação ao movimento hip hop e à cultura de rua, que é um lugar que eu estou dentro, né? Eu também sou professora de danças urbanas, a companhia que eu faço parte chama Cia Dança Urbana, a gente também tem um trabalho com danças urbanas e contemporâneas, e naquele momento, isso me atraiu para entrar na CUFA. E então eu conheci o Higor Lobo, se eu não me engano agora ele tá em outra cidade, mas era ele quem estava à frente da CUFA antes da minha gestão, representando a CUFA aqui no estado. Então, antes de 2019, eu não consigo te ajudar, até porque essa galera [gestão anterior] não se organizou pra montar um Drive, uma pasta de fotos, se existe isso ou outros arquivos, eles não repassaram. Então, quando eu vou fazer alguma entrevista ou falar em algum lugar, eu gosto de falar que a CUFA Mato Grosso do Sul ela ressurgiu, começou de fato, em 2019, porque antes disso, você pode até encontrar uma matéria ou outra, mas eu não tenho um histórico anterior a 2019 pra poder te passar.

Mas então, quando eu entrei na CUFA, logo de cara eu já conversei com o Celso Athayde, que é um dos fundadores da CUFA e foi aí que eu percebi a dimensão do que seria a CUFA, de fato. Porque antes, quando eu aceitei, eu não conhecia sobre o

terceiro setor, eu não sou ligada com assistência social, eu sou mais conectada às artes, às atividades culturais. Então, foi só nessa conversa que eu fui entender a dimensão do que seria esse trabalho.

Em 2019, era somente eu na equipe. Eu aceitei esse trabalho, de forma totalmente voluntária, nunca recebi nada por estar à frente da CUFA Mato Grosso do Sul. E eu representava a CUFA Mato Grosso do Sul e, também, a CUFA Campo Grande, porque eu sou aqui de Campo Grande. Naquela época, eu não tinha equipe, eu passei basicamente o ano inteiro de 2019 sozinha, tinha algumas pessoas que vieram para ser voluntários e tal, mas eu organizava sozinha as coisas.

Em 2019, eu comecei fazendo algo que eu já sou mais acostumada, que é dentro da área cultural, que foi fazendo eventos culturais. Eu fiz o “Favela Literária”, que é um projeto da CUFA Nacional, ele é feito na semana ou no dia quatro de novembro, que é o Dia da Favela, isso já é Lei, inclusive aqui em Campo Grande. A Letícia quem conseguiu isso inclusive, por meio de um vereador. Além do “Favela Literária” eu também fiz o “Streetopia”, que é um evento, na verdade, anterior ao “Favela Literária”, e foi uma união nossa com um projeto do Bairro Los Angeles, que é o Projeto Coruja. Nós nos juntamos para movimentar os dois projetos juntos, para incentivar a galera a ir até esses projetos e conhecer o trabalho da própria galera da quebrada. E foi assim que eu comecei, através desses projetos culturais. O “Streetopia” misturava dança, basquete e grafitti. Foi o primeiro evento que eu fiz enquanto CUFA.

Em 2020 vem a pandemia. Fiz esses dois eventos e algumas campanhas que vieram da CUFA Nacional. Na CUFA nós temos essas duas esferas: cada estado tem a sua autonomia, de criar campanhas e projetos, eu posso encabeçar isso aqui no MS, mas também eu tenho que encabeçar essas campanhas que vêm da CUFA Nacional, ou CUFA Brasil, enfim, e são demandas ou projetos que acabam englobando o país todo, e eu tenho que organizar a ação aqui também.

Julia: *Então, a CUFA Brasil monta esse calendário de programação do ano?*

Livia: *Sim, a gente tem já alguns projetos que são fixos e que todo ano as lideranças estaduais têm que mobilizar isso, mas ao mesmo tempo nós somos autônomos para seguir com as nossas coisas por aqui. Você consegue ver eles [os projetos fixos] inclusive, no site, lá você encontra quais são. Continuando, em 2020, quando a pandemia começou, Celso Athayde, o fundador que estava à frente da CUFA Brasil, decidiu que a gente ia pra rua. A CUFA ela tem esse histórico de ação social, de arrecadação de alimentos, eu é quem não tinha feito isso aqui em Campo Grande ainda. E aí nesse período da pandemia, ele iniciou um projeto que existe até hoje, que é o “Mães da favela”. Não tô querendo ser humilde [acredito que ela quis dizer esnobe] nem nada do tipo, mas a CUFA foi a primeira organização sem fins lucrativos a ir pra rua na pandemia. A gente começou logo em março, a gente já tava na rua fazendo campanha com a máscara. Em 2020, a minha equipe estava menor ainda, mesmo sozinha em 2019, eu*

ainda tinha algumas meninas atuando comigo, e eu queria manter isso de manter apenas mulheres na organização. Esse foi inclusive um dos motivos por que eu fui convidada, porque eles queriam uma mulher negra para representar o Mato Grosso do Sul. Mas em 2020 essa equipe se desfez e veio a pandemia, e fomos para a rua.

Eu comecei a soltar mais as redes sociais da CUFA, falando das nossas campanhas, falando que estávamos precisando de voluntários e, assim, em 2020, eu conheço a Letícia [Polidorio] e ela entra pra CUFA. E foi muito chocante assim, logo no início desse programa do Mães da Favela, a gente foi para as favelas de Campo Grande e em uma das primeiras favelas que a gente foi, nós conhecemos a Janaína. Logo que ela viu a gente ela disse: “O que tá acontecendo? É Zika? [vírus]”. Ela não sabia o que era, ela achava que era o vírus da Zika. Foi aí que a gente percebeu que não faltava só alimento, mas também informação. Se eu não me engano isso foi no Jardim Centro Oeste, na favela Só por Deus. Tanto eu, quanto a Letícia, a gente ficou em choque e explicamos: “Não, não é zika”. Explicamos que era Covid, que as pessoas tinham que usar máscara...inclusive, uma das primeiras doações que a gente realizou nesse período foi as doações de máscaras, feitas pela Riachuelo, e a doação de álcool em gel, que a gente conseguiu parceria aqui em Campo Grande. No início também, o Celso conseguiu, por meio de patrocínio, distribuir um cartãozinho, como se fosse um ticket, e entregava, se eu não me engano 120 reais, 130 reais para as pessoas usarem como quisessem, além de cestas básicas e tudo mais. É mais ou menos assim esse começo.

Antes de eu conhecer a Letícia, lá em 2019, eu também procurei me aproximar de assistentes sociais para entender melhor esses dados aqui de Campo Grande e foi aí que a gente começou a identificar as favelas. A gente só identificou porque a gente foi pra rua, não tinha como ligar para um CRAS e tirar essa informação, a gente ia por relatos de pessoas: “Olha, ali atrás tem uma quebrada. Aqui tem outra”.

Recapitulando então, em 2020 a gente começa esse trabalho de assistência social, com o início da pandemia, e nesse mesmo ano, com a entrada da Letícia, eu consegui começar a expandir meus trabalhos para outras cidades. E eu senti a necessidade de ampliar, porque a gente recebeu muita doação, era muita coisa para eu distribuir só aqui em Campo Grande. Foi aí que começou a minha saga para encontrar possíveis lideranças para encabeçar as outras cidades do estado. Aí eu consegui primeiro Três Lagoas, depois Corumbá, Amambai, Ivinhema, e também tinha Dourados. Era muita doação, máscara, álcool em gel, ovos... E aí tinha uma luta também de conseguir transporte para distribuir isso pras cidades. Conseguimos também botijões de gás, era muita coisa, porque a pandemia foi muito intensa e a CUFA tava conseguindo muita visibilidade. Não sei se você se lembra, mas tinham lives de arrecadação pra CUFA, então o país inteiro estava se mobilizando. Essas doações chegavam aqui na capital, e eu tinha que fazer essas distribuições pras cidades do interior. A gente tinha que se virar para desenrolar isso, era a partir de acordo, parcerias. Acho que o principal é isso.

Esse programa Mães da Favela seguiu em 2021, inclusive ele tá ativo ainda hoje. Se eu não me engano foi em 2022 que a gente conseguiu a sede ali no São Conrado e foi quando a gente começou a focar mais ali.

E assim, pras outras cidades [do interior] é muito difícil de manter a CUFA. Aqui na capital você consegue mais recursos, mais parceiros, mais oportunidades. E no interior as sedes têm dificuldade de serem autônomas, elas esperam uma campanha da CUFA Nacional, para conseguir fazer alguma doação para as famílias. Eu acho que as únicas CUFAs que conseguiram deslanchar foi a CUFA Corumbá, que está ali na entrada do Pantanal, tem todo o contexto com a população ribeirinha, e lá a liderança é a Amanda, que tem feito um trabalho super legal lá. É uma CUFA ativa que não fica esperando a CUFA Nacional para se mobilizar. E também a CUFA Três Lagoas e a CUFA Ivinhema, que também hora ou outra consegue se mobilizar de forma autônoma. Mas ainda sim, a única CUFA que tem ações semanalmente, e que é a mais ativa, é a CUFA Campo Grande.

Essa dificuldade de autonomia das sedes do interior também tem relação com a burocracia do CNPJ. A CUFA Nacional, eu falo CUFA Nacional mas esse é um termo que não existe tá? É interno nosso... Mas seguindo, a CUFA Nacional tem um CNPJ, se eu não me engano a CUFA do Rio de Janeiro, que é a “CUFA Matriz”. E ela até consegue ter filiais, mas para criar isso implica muitas questões jurídicas e bancárias. Então, hoje o CNPJ que existe é o da CUFA Matriz e isso barrava muito a gente de conseguir patrocínio e de conseguir doações maiores, porque antes a gente não tinha um CNPJ. Nós criamos um CNPJ, que é o da Associação de Mulheres das Favelas do Mato Grosso do Sul, e agora nós conseguimos receber doações de pessoas físicas. E isso barra as cidades do interior, porque sem CNPJ você fica sem saber como evoluir...

Julia: Bom, muitas das questões que eu tinha para fazer você já foi respondendo...Mas uma das coisas que eu queria perguntar para você é sobre a dificuldade de trazer visibilidade para as favelas aqui no MS, porque as pessoas tem no imaginário aquele favela do Rio e de São Paulo, que são os morros. Porque eu imagino que deve ter um desafio para entenderem que aqui tem favela e que aqui nós precisamos tanto quanto lá.

Livia: Foi muito difícil, entre 2019 e 2020, eu convencer as pessoas que existiam favelas em Campo Grande. Porque o termo favela as pessoas lembram de Rio de Janeiro, morro, então para as pessoas, se não tem morro em Campo Grande, não tem favela. Tudo bem que a palavra tem origem do termo e da relação com o morro, com a planta e os soldados que voltaram da guerra, enfim, mas não é isso que define. Aqui em Campo Grande foi muito difícil assim, tanto que quando eu lancei o “Favela Literária”, as pessoas queriam que eu mudasse para “Quebrada Literária”, “Periferia Literária”, mas nunca favela...Inclusive, quando a imprensa foi fazer a entrevista, eles também não escreveram o título do projeto como “Favela Literária”. Até durante o auge do Mães das Favelas, a imprensa não colocava favela, colocava CUFA, mas se eu chamasse de Central Única das Favelas, eles cortavam. O que melhorou

esse aspecto, foi quando nós começamos a movimentar nosso instagram e colocar fotos e registros dessas favelas. E também a gente começou a falar: “Favela não é só morro”. Se você vê num bairro, numa rua, uma casa de barraco, sem tijolos, já é considerado favela. Uma casa que não tem água potável, não tem o mínimo de saneamento básico, já é considerada favela. A gente foi tentando mudar esse pensamento das pessoas, para elas poderem entender que ali era uma favela. Tinha muito o termo comunidade também, em 2019 e 2020, esse termo tava muito forte, até nós usávamos às vezes, mas ele romantiza um pouco a ideia da favela, como uma ideia de comunhão. Mas a gente dizia: “Olha, essa união de vocês, essa ajuda mútua entre famílias é sim uma comunidade, mas onde vocês estão é uma favela!”. Inclusive, os moradores tinham dificuldade de reconhecer que viviam em favelas. Fora nosso esforço de retomar o termo favela e a visibilidade crescente da CUFA, o IBGE também nos ajudou muito, desde 2022, eles têm mantido esse contato com a gente. A gente chegou a gerar um mapa de Campo Grande que pontuava a localização das favelas, porque a gente precisava de um dado, e aí de 2023 pra cá o governo do Mato Grosso do Sul já oficializou o termo favela aqui no estado. Então, mas a Letícia pode te dizer bem melhor do que eu, ela está mais próxima do IBGE do que eu. Mas é isso, começou desse jeito, com a imprensa resistindo e aí também teve algumas outras matérias mais... sensacionalistas, até mesmo da gente querer bater de frente, porque querendo ou não a imprensa também queria fazer esse jogo com a gente, “Aí a CUFA tá batendo de frente com a prefeitura.” Teve também esses tipos de matérias assim, porque a gente tava falando que tem favela e a prefeitura falando “não, não tem favela.” E as pessoas não entendem isso assim, às vezes elas veem um barraco no meio da rua, acham que é só um barraco, mas é uma favela. E aqui também tem muitas ocupações, é muita ocupação de terrenos que foram abandonados pela prefeitura. Então, assim, nada mais justo. Não acho que seja ruim, nada mais justo. Porque as pessoas estão indo ali para ter moradia. Mas assim, essas matérias que surgiram, a gente meio que batia de frente também. A gente falava: “Olha, é engraçado Campo Grande dizer que é a primeira capital sem favela, sendo que há 10 anos atrás, sei lá, 15 anos atrás, 20 anos atrás, quando eles começaram a ter esse discurso, que a primeira capital sem favela, já tinha favela. E eu caí nessa história, todo mundo caiu nessa história. Mas tinha, sabe? Então é muito louco como foi maquiado aqui em Campo Grande, assim, né? Dizer que era uma capital sem favela. Então começou assim, começou com muita resistência, até mesmo das próprias famílias, assim, dos lugares que a gente iria. As famílias falavam “comunidade”, elas nunca falavam favela. Hoje em dia também a gente ainda vê algumas famílias, né, algumas lideranças nas favelas falarem: “Ah, é que lá é quebrada”, enfim. Mas acho que esse termo favela parece que agora está mais fácil de ser dito, de ser visto, porque as pessoas agora estão vendo o trabalho da CUFA. E vem também o que está acontecendo na cidade. Você vê as pessoas na rua, né? Pessoas em situação de rua. Você vê os barracos sendo montados. Então não tem como agora dizer que em Campo Grande não tem favela. É impossível.

Julia: Outra coisa que eu queria entender é se... Eu acho que talvez a Letícia também vai me responder a mesma coisa, mas não tem problema. Pode falar. É se a CUFA sempre se organizou ali onde era a antiga associação, se vocês sempre se reuniram ali no São Conrado ou se antes vocês tiveram outras sedes.

Livia: Deixa eu só voltar no papo anterior que eu esqueci das cidades. Nas cidades também, onde tem CUFA, foi muito difícil também eles entenderem esse termo favela. E também por ser uma cidade do interior. Meio que a cidade do interior parece que é uma grande favela, né? Não sei se você já reparou, porque a cidade do interior parece que é uma grande favela, assim, são poucas cidades do interior que têm uma boa estrutura. Talvez Dourados, sei lá, enfim.

Julia: Eu sou de Dourados, e assim, se eu te falar que eu acho que eu conheço uma favela, é muito... Lá tem muita mania de chamar de cohab.

Livia: É, e Três Lagoas também, a galera de Três Lagoas fala cohab. Então, eu tinha uma liderança lá [em Dourados] que era um acadêmico, aí ele não aguentou, porque querendo ou não, é pressão, assim. A CUFA também tem uma característica que, assim, a gente recebia a campanha e a campanha tinha que ser feita em uma semana, duas semanas, três semanas, então é muita pressão. Então, imagina para mim, para as pessoas que estão dentro da CUFA, que não recebem nada para isso, é tudo voluntário. E a gente precisa entregar porque querendo ou não tem um patrocinador que doou, que fez aquela doação e que tá querendo prestação de contas. Ela quer saber o que você fez com a doação. Então, foi muita pressão para essa pessoa, até esqueci o nome dele, acho que é Diogo. Ele era acadêmico, um homem preto, assim, ele foi maravilhoso no começo, mas aí depois ele desandou. Porque de fato, cara, não é fácil trabalhar com o terceiro setor, trabalhar com assistência social, trabalhar com a arrecadação de alimentos, trabalhar com pessoas, não é fácil. Então ele não deu conta, assim, mas em Dourados eu sei que tem favela porque ele chegou a ir nos locais. E também tem, se não me engano, acho que tem duas aldeias aí em Dourados, que também ele fez um trabalho, ele chegou a fazer o trabalho em Dourados, se não me engano, uns dois anos, acho que 2019, 2020. Acho que 2021 ele largou a mão porque estava prejudicando ele na universidade, ele preferiu sair e aí depois disso também eu fechei, não quis abrir mais ninguém em Dourados. Mas é isso, nas cidades também teve muita dificuldade desse termo favela e também de entender que tem favela também no interior. A gente até fez uma pesquisa...Acho que se não me engano foi em 2022, de 10 anos, né? Tipo, há 10 anos atrás. O dado que eu tenho aqui é de 2021, já é um pouco defasado, mas era uma matéria que a gente fez, assim, a nível estadual, tipo há 10 anos atrás, em 2011. Quantas favelas tinha em Três Lagoas? Tinha uma favela hoje, em 2021, já tinha seis. Em Ivinhema, em 2021 tem dez favelas, há dez anos atrás tinha uma. Em Campo Grande, em 2011 tinha seis favelas, em 2021 foi para 38. Esse número já aumentou agora para 2024. Então a gente chegou a fazer esses dados para uma matéria. Mas é isso que a gente tinha, assim, que o número triplicou, né, esses dados no interior, de

uma passou para seis, de uma passou para dez, aqui em Campo Grande de seis passou para 38. Então é um número, assim, bem... bem ampliado, assim, em relação a como era antes, né. Então a gente teve também muita dificuldade com esse termo favela no interior, até hoje ainda tem sim, as pessoas chamam de periferia. E qual que era a pergunta mesmo de agora?

Julia: Era sobre a sede. Porque assim, eu queria entender se existe essa diferenciação entre a CUFA Mato Grosso do Sul, que é a sua coordenação, e a CUFA Campo Grande. Mas vocês trabalham em conjunto ou existe essa separação? Sempre foi lá no São Conrado?

Livia: A gente sempre fez em conjunto, tanto que até para mim também era um pouco difícil dividir a demanda e dar atenção para confirmar que o Estado, porque como eu moro em Campo Grande, querendo ou não, é mais fácil. É mais fácil e eu dava muita atenção para Campo Grande, porque eu participava das ações, eu ia nas ações, organizava as ações junto com a Letícia. E como a gente tinha poucos voluntários, eu também fazia as redes sociais, até mesmo as redes sociais, ela foi dividida, se não me engano, acho que 2020, quase pra final de 2020, porque antes a gente colocava numa única rede social que era a CUFA MS, que hoje se tornou a CUFA Campo Grande. Então por isso que ela tem mais seguidores do que a CUFA MS, por exemplo, porque antigamente a conta da CUFA Campo Grande, o nome era CUFA MS. Então, a gente começou a perceber que a gente precisava dividir... E precisava de equipe, mas eu nunca consegui uma equipe estadual. Eu tinha eu e tinha as lideranças de cada cidade. Mas eu nunca consegui uma equipe, sabe assim? Ah, eu tenho a Livia enquanto coordenadora e tenho, sei lá, a Karen. que mora em Dourados, que é das redes sociais da CUFA Mato Grosso do Sul, tem a Bia, que é de Três Lagoas... A gente nunca teve uma equipe a nível estadual. Então, tinha eu enquanto liderança e representante da CUFA Mato Grosso do Sul, e as lideranças das cidades, para poder conversar e atuar na CUFA MS. Então, tudo que era entrevista, organizar coisas para a Cufa Mato Grosso do Sul, tudo com a minha pessoa. Inclusive da CUFA Nacional, tudo que chegava ali, eu preciso que você me mande até amanhã, quantas favelas têm em Mato Grosso do Sul? Então, tinha que mandar, era eu, não tinha uma pessoa, eu não tenho uma equipe, nunca tive na verdade. Então, foi muito difícil também, demorou pra gente separar as coisas, e mesmo quando separou, pra mim também foi muito difícil, porque eu moro aqui em Campo Grande, conseqüentemente, eu tava mais próximo da galera da CUFA Campo Grande. E aí as nossas reuniões, ou fazia na minha casa, que antes era no Caiobá, ou fazia na casa da Letícia, que era no Bonança. Então antes de ter a sede, a gente fazia essas reuniões nesses lugares, inclusive também deixava doações nesses lugares. Na minha casa chegou a ter todos os ovos que a gente recebeu do Estado, estava na minha casa, na minha sala. Chegou a ter barata, assim, foi trágico, foi trágico. Porque a gente não tem depósito. A gente não tem um lugar para armazenar grandes

doações. Então, quando chegaram os ovos, eu lembro até hoje que eu morava no Caiobá, a rua de chão. Aí veio um caminhão gigante, cheio de caixa de ovo. E aí eu precisei chamar dois voluntários, assim, às pressas. Porque eu não achei que ia ser tanto ovo. E aí só foram dois voluntários homens pra poder ajudar. E aí deixou tudo na minha sala. Minha sala era um pouquinho grande, e aí coube tudo lá, cara, assim, aí a gente teve que fazer a entrega da doação naquela semana, a gente ficou acho que duas semanas entregando só ovo, para o ovo não apodrecer na minha sala e a gente entregar logo e foi assim, foi bem louco. Então as reuniões e também o armazenamento de doações eram separados assim, um pouco na minha casa no Caiobá e um pouco no Bonança, na casa da Letícia. Mesmo com um ponto de coleta, ainda assim as pessoas deixam coisas na casa da Letícia. E se não me engano, também a partir de 2020 ou 2021 a gente também conseguiu essas parcerias de pontos de coleta no centro da cidade, tipo Maciel Livros, Bourbon Café, quando o Laricas Cultural era aberto também era o Laricas Cultural. A gente também tinha um ponto de coleta no Mais Que Salada, o que mais? com Capivas, então a gente conseguiu esses parceiros enquanto ponto de coleta, mas nem sempre funciona porque as pessoas querem deixar ou na sede ou na casa da Letícia porque já conhece. É isso aí, a gente conversava, montava estratégias o que a gente poderia fazer, seja um evento, seja uma campanha nova nesses dois lugares, ou era minha casa ou a casa da Letícia.

Julia: Entendi. Legal. O que eu queria saber hoje também é se você tem projeções para a CUFA MS, você vai seguir na gestão, como funciona isso, se você sai ou não, mas se você tem projeções de crescimento. Eu preciso entender o quanto que a edificação precisa ter, sabe? O que é que precisa ter. E, por exemplo, isso de receber doação é uma coisa que dá para propor no espaço um lugar só para isso, só para quando chegar a doação ter um lugar para guardar, sabe? Então, existem projeções ou existem atividades que talvez hoje em dia vocês não consigam fazer por não ter um espaço físico tão acolhedor e se vocês tivessem, quais seriam esses planos, quais seriam essas atividades?

Livia: A gente quer um dos nossos sonhos principais, além de ter um local para armazenar doações é aumentar nossa sede porque a gente só tem... Acho que você já foi lá, né? É só uma sala que tem uma cozinha e dois banheiros, e que normalmente faz muitas atividades lá com as crianças, seja de capoeira, seja de reforço. A gente também virou um ponto lá de reuniões do Alcoólico Anônimos. Então eu queria muito ampliar aquele espaço para que tenha mais salas. A gente separa, cada sala pode ser para cada ação, para cada atividade. É um dos meus sonhos principais, aumentar aquela sede. Em relação ao futuro da CUFA Mato Grosso do Sul, eu sempre quis ter uma equipe que pensasse só na CUFA Mato Grosso do Sul para me afastar um pouco, não queria me afastar da CUFA Campo Grande, mas para ficar um pouco mais de stand-by. Mas eu nunca consegui isso e eu também não sei como vai ser daqui pra frente, porque igual eu falei, a gente nunca recebeu para poder representar a CUFA aqui no Estado, né? A gente acaba sendo autônomo e a CUFA Nacional nunca repassou nenhum tipo de verba pra gente poder fluir por aqui. Então é nós, por nós, assim, literalmente. É que a

CUFA tem uma visibilidade muito grande. Mas a gente não tem pernas pra essa visibilidade aqui no estado, porque a gente não conseguiu apoio. Hoje a gente tentou, a gente tentou esse ano uma emenda via o nosso CNPJ, que é a Associação das Mulheres das Favelas de Mato Grosso do Sul. Vamos ver o que que vai dar. Se rolar massa, a gente vai conseguir pagar aos professores para poder manter aquela sede, porque tudo tem gasto. E acho que o principal foco para mim hoje não é mais a CUFA Mato Grosso do Sul, é a associação. Como a gente criou esse CNPJ, o meu sonho hoje é crescer com a Associação e me desvincular um pouco da CUFA. A Letícia, por outro lado, quer continuar na CUFA Campo Grande. É o trabalho dela mesmo, ela trabalha só com isso durante o dia. Eu já tenho minhas minhas ressalvas, que eu sou professora de arte, na semana durante o dia, eu não estou disponível 24 horas para a CUFA, não mais. Eu acho que a época que eu mais trabalhei na CUFA foi mesmo na pandemia, porque era home office, então ninguém podia estar perto. Então eu consegui estar mais à frente da CUFA. Então quando voltou às atividades dos meus trabalhos, eu fiquei meio que mais distante. Tudo era no final de semana. Então isso também foi desgastando a galera. Organizar as ações durante a semana e aí então eu fiquei um pouco mais afastada, sabe? Hoje eu trabalho na CUFA mais em relação a coisas de computador, planilha, ofício, projetos, mas o meu sonho mesmo assim é voltar para a Associação que querendo ou não é o CNPJ, e que querendo ou não faz parte daquela sede. Agora, eu tô voltando a ficar mais próximo da CUFA Campo Grande para agir enquanto voluntária, enquanto professora de dança, que é o meu sonho dar aula lá pras mulheres. Eu já cheguei a dar aula pras mulheres lá. Então é isso. E a Letícia também pode falar outras coisas, que com certeza a gente a gente fala em muitas coisas, cara, a gente não tem logística, a gente não tem transporte, a gente não tem um local para armazenar doações, a gente só tem aquela sede, daquela sede a gente faz milagre para as atividades acontecerem. Então esse é o meu sonho hoje.

Julia: *Uma coisa então que eu queria, é uma dúvida minha, inclusive do meu orientador. No caso ali, aquela sede que existe hoje no São Conrado, a gente pode considerar, se fosse pra gente trabalhar numa proposta de edificação ali, a sede Mato Grosso do Sul ou a sede Campo Grande, ou é tudo uma coisa só? Ou poderia ser tudo uma coisa só?*

Lívia: *Pode ser tudo uma coisa só. Porque também as CUFAs nas cidades, elas conseguem também apoio local, assim. Não me engano que a CUFA em Corumbá tem uma sede, enfim. Então... Pode considerar uma coisa só, porque quando a gente vai conversar com outros estados, a gente conversa enquanto com o CUFA Mato Grosso do Sul. A gente conversa com todos os acordos, as parceiras que a gente consegue sempre a nível estadual.*

Julia: *Entendi. Beleza, então acho que era isso. Não sei se você quer falar mais*

alguma coisa, mas assim, eu vou ainda falar com a Letícia e talvez eu ainda pesquise mais.

Lívia: *Ah, perfeito. É só isso mesmo.*

Julia: *Muito obrigada pela entrevista e parabéns pelo seu trabalho.*

Lívia: *Eu quem agradeço, boa sorte com seu trabalho.*

APÊNDICE B – Entrevista com Letícia Polidório

Julia: Primeiramente, eu gostaria que você se apresentasse, falasse sobre seu cargo e como você entrou na CUFA.

Letícia: Meu nome é Letícia Polidório, tenho 36 anos, sou formada e pós graduada em Serviço Social, sou funcionária pública. Eu estou atualmente como coordenadora da CUFA Campo Grande, tem 4 anos que eu tô nesse lugar. A CUFA não tem troca de coordenação, só se a nacional [a CUFA Brasil] achar que meu trabalho não tá legal, aí eles intervêm e trocam. Meu trabalho na CUFA começa em 2019 para 2020, começa ali quando dá aquele boom da pandemia, que aqui [em Campo Grande] a gente ainda não tinha nenhum caso, no Rio de Janeiro e São Paulo já tinha bastante caso, então a CUFA Nacional já tava com várias demandas muito fortes, de mães precisando de ajuda, já tava parando lá... E aí, eu vi uma postagem, eu já tinha ido em alguns eventos que a Livia Lopes, que é a coordenadora hoje da CUFA Mato Grosso do Sul, tinha feito, então eu já ia nesses eventos dela, mas eu ia assim como pessoa mesmo, para poder assistir, e eu sempre gostei assim do movimento da CUFA, eu sou do Rio de Janeiro, então já conhecia. E aí o que acontece, eu vi uma postagem dela no Facebook, pedindo pessoas que ajudassem ela com arrecadação de alimentos, que tivesse facilidade com esse trabalho, e eu sempre gostei muito dessa área social, sempre na minha casa a gente recolhia muitas doações e organizava, e repassava, e na época, eu era de um coletivo de mulheres que fazia poesia na rua, o Slam Camélias, então eu entro na CUFA como uma apoiadora, então era CUFA e Slam Camélias, tanto que a nossa primeira arte é CUFA e Slam Camélias. E aí a gente começa a trabalhar nessa arrecadação, eu fico dois meses como uma apoiadora da CUFA, enquanto Slam Camélias, e aí a gente já tinha uma demanda muito grande, porque daí chegou a pandemia aqui no estado e aí começaram os pedidos das mães, e a nossa necessidade de mapear e ir para as favelas mesmo, fazer o trabalho real dentro das favelas. Então, eu e a Livia começamos a fazer um trabalho de formiguinha mesmo, eu até brinco que a gente era “caça-favelas”, a gente parava o carro e ia procurando favelas. E eu lembro que, nesses dois meses, meu primeiro contato com a favela foi o Mandela [favela de Campo Grande], foi em um domingo de Páscoa, eu nunca me esqueço disso, e foi assim um contato que eu tive que eu vou pro segundo plano e vou me lembrar ainda disso, que foi um momento que me impactou bastante. Então eu comecei esse trabalho lá. Acho que com uns três meses que eu estava lá na CUFA, eu já fui convidada a ser coordenadora.

Eu demorei para aceitar o cargo. Eu demorei pra aceitar o cargo. Eu ficava: “Não, eu não quero, não sei o que. Eu nunca coordenei nada e tal.” E a Livia falava: “Lê, seu trabalho é essencial, você trouxe várias... Várias outras visões pra mim, né, sobre trabalho social e tal. Então é você nesse lugar, é você nesse lugar.” E aí eu sei que eu

fui, assim, tomar posse desse lugar mesmo, já tinha um ano que eu tava fazendo isso, sabe? Assim, quando eu falei assim: não, hoje eu sou coordenadora.” Eu tinha medo de dar entrevista. Eu não dava entrevista, Julia, eu tinha tanto medo que eu não falava. O povo chamava, aí Livia dizia:, “você vai dar entrevista.”

Julia: Interessante. Então, você não falava [que era coordenadora], mas todo mundo via.

Letícia: É, então. E até hoje, eu fico vendo as entrevistas, às vezes eu falo e eu nem lembro o que eu falei. Depois, sabe, você ouve a entrevista e você fala: “Nossa, eu falei isso? Eu nem lembro!”. Mas aí é isso, foi aí que eu comecei e aí eu já fui chamada para estar nesse lugar e desde então eu comecei a movimentar várias coisas, comecei a ver várias necessidades que a gente precisava para melhorar a vida para essas pessoas, para pedir moradia para esse povo, pedir um respaldo deles maior, que eles pudessem atender... Começamos um trabalho de deixar as favelas mais visíveis na cidade, porque a gente tinha o mito que Campo Grande não tinha favela. Eu tive vários conflitos com a prefeitura, mas o nosso trabalho foi tão [relevante; grande], assim, que eu vejo que as favelas que a gente deixava mais em evidência foram as favelas que foram regularizadas aqui, entendeu? Mas assim, a gente conseguiu isso, pra gente é um avanço já, né? E aí a gente começa a caminhar de pouco para poder fazer esse trabalho, mais social, porque a gente não conseguia ter um trabalho maior. Era um trabalho grande, mas era esse trabalho de entrega de sacolão, doações que a gente recebia, outras coisas, porque a gente não tinha um espaço físico, né? Tava na época da pandemia, meu trabalho na CUFA teve um boom na pandemia. Eu falo que a CUFA cresceu muito na pandemia. Porque eu acredito que se não tivesse tido a pandemia, eu acho que ela continuaria tendo o rolê de lazer cultural que tinha, mas esse rolê social mesmo, de assistência não. Eu acho que não. Acho que não teria. Tipo da gente ter que ir mesmo, mapear a favela, entender como aquelas pessoas vivem, como que é a matrícula de escola, como que é o atendimento do postinho, como que é o atendimento do CRAS próximo da casa, sabe? Vaga na escola, vaga na creche, sabe? Como que essas pessoas eram atendidas quando elas iam nesse lugar, quando elas buscavam esse recurso para ir lá na favela, até questão de segurança pública mesmo, como que era. Então a gente foi fazendo assim uma linha de tudo, de todos esses atendimentos, pra gente chegar onde a gente está hoje, sabe?

Julia: Uma coisa que eu conversei muito com a Livia foi justamente isso da invisibilidade das favelas. Eu encontrei uma entrevista sua que você fala, na época que o Marquinhos Trad falou que não existia favela e tudo mais, aí você falava na entrevista que você já tinha contabilizado, na época, 38 favelas. A Livia me falou que vocês tinham conseguido uma proximidade com o IBGE também, uma época, para tentar mapear isso. E eu queria saber, assim, de você... se ainda existe esse trabalho, se você sabe de mais favelas além dessas da época e se existe alguma peça gráfica, algum mapa mesmo, visual. Se não [existir], daí

eu vou produzir, mas que você consiga me apontar: “olha, aqui tem uma, aqui tem outra, aqui tem outra, aqui tem outra”, para eu poder também trazer isso no meu trabalho falar sobre isso, sobre essa invisibilidade aqui na cidade...

Letícia: *Então, Julia, o que aconteceu? Quando a gente começou a mapear as favelas Eu lembro assim que num curto espaço de tempo, a gente conseguiu 13 favelas. Sabe assim [estalo]? Foi 13 favelas. Em semanas. E aí, quando teve esse embate entre eu e o Marquinhos... A gente tinha 38, né? Nessa época a gente tinha 38. Hoje a gente tem mapeada 43 e a gente refez um novo mapeamento que vai sair uns números muito maiores ali. A gente tem hoje um número muito, muito grande, um trabalho de quatro anos, se você dividir assim a quantidade que tem quatro anos é absurdo esse aumento e vai vir mais aí. A gente sabe que vai ter um aumento muito maior ainda. Se a gente não tiver um gestor municipal que pense numa política pública de moradia, que sane isso de verdade, né?*

Sobre o mapa, a gente tem um mapa, foi feito um mapa dividido por regiões, a quantidade, e aí inclusive eu quero falar pra você, que eu tenho uma pessoa que eu queria que você conversasse sobre isso, que é a Tatiana Samper, que é a nossa psicóloga. Ela recente fez o mestrado dela e ela fez esse mapa. Então assim, a Tati ela tem escrito isso, ela pode te proporcionar isso, ela defendeu a tese dela tem duas semanas e ela traz isso “prontinho”, ela tem “prontinho” pra te entregar assim “Julia, tá aqui”. Você pode conversar com ela, eu tenho certeza que ela vai super te ajudar, inclusive o marido dela é... arquiteto. Então, assim, ela vai super te ajudar, assim, eu tenho certeza. E a gente remapeou por conta do trabalho da Tati. Então, tipo, está fresquinho. Eu não vou te falar a quantidade, vou deixar ela falar pra você, pra você se surpreender. É, porque o que que acontece, na verdade, a gente queria fazer uma coletiva de imprensa. A gente quer fazer uma coletiva de imprensa, é, eu não sei se você viu ali dentro [quando eu estava conversando com as mães] que eu citei que ela quer fazer uma festa aqui, porque o trabalho da Tati, ele começa na casa da mulher brasileira e aí termina na favela. Ela fez esse percurso. E aí termina na favela. Ela passa pela casa da mulher brasileira que foi onde ela trabalhava, daí ela passa pela universidade, daí ela ela faz todo esse trabalho até ela chegar na CUFA, o trabalho que ela fazia com as mulheres na favela. Então ela fala das mulheres, ela fala no TCC [dissertação] dela, ela conta a história das mulheres, né? Como que foi essa trajetória dela de trabalhar com as mulheres.

Julia: *Eu acho que vocês divulgaram a banca dela e eu ia assistir, que foi numa sexta à tarde. Eu tinha marcado pra eu assistir, só que na hora eu tava longe do meu computador...*

Letícia: *Isso, isso mesmo. Nossa, foi lindo, assim, muito bonito, eu até chorei no final, assim, até que ela terminou, foi lindo. A gente remapeou para ela poder fazer.*

Agora, não sei se vai dar tempo, né? Porque como você já vai estar escrevendo... mas a gente fez um sistema da CUFA, chama-se SisCUFA, e a gente vai cadastrar todas essas famílias e essas lideranças de todas as favelas. A gente vai fazer esse mapeamento. Porque a gente tem cadastrado, mas era um cadastrinho do Google Forms, sabe? E aí a gente pagou um sistema lá, um amigo nosso fez o sistema pra gente, a gente pagou e aí chama-se SisCUFA. Então a gente vai ter tudo nesse sistema, a quantidade de pessoas que tem na casa, se tem alguma deficiência, se tem idoso, se é acamado, entendeu? A gente tem tudo isso lá. A gente vai ter esse sistema.

Julia: *Ah que legal! Beleza. Você falou que então vocês já tem esse mapa das favelas, o que é ótimo. Agora, mais para eu ir entendendo como que funciona a organização: a Lívia comentou comigo que como ela é [a liderança a nível] do estado, ela tenta fazer a correria em outras cidades também, mas que você é focada só aqui. E aí uma coisa que eu tinha muita dúvida era se eu colocaria como título do trabalho “Sede para a CUFA Campo Grande” ou uma “Sede para CUFA Mato Grosso Sul”. A Lívia me falou que é quase que uma coisa só, hoje em dia, porque vocês trabalham muito junto e como ela é daqui ela não consegue atender tanto o restante do estado. Mas eu queria saber de vocês, você acha que a gente pode propor então “Sede para a CUFA Campo Grande” ou “Sede para CUFA Mato Grosso Sul”; ou ainda “Sede para a CUFA em Campo Grande”...O que você acha?*

Letícia: *Eu acho que você pode por como CUFA MS, não tem problema nenhum, eu acho que não tem. Porque eu e ela nós trabalhamos muito junto e eu acho que eu vou acabar ficando no lugar dela e eu acho que é por isso que ela falou isso para você [risos]. Faz um tempo que ela quer sair. A Lívia, ela não tem a mesma pegada que eu, não é nem falando mal não. A Lívia não é mãe, ela tem um outro rolê. Ela tem os trabalhos dela, que tomam muito tempo dela, que são vários trabalhos. E eu já pensei na CUFA de uma forma diferente, do que a Lívia pensou. Para a Lívia, a CUFA era tipo um hobby. E tipo assim, eu tenho a CUFA pra mim como uma função, uma responsabilidade, um trabalho, por mais que eu não receba pra estar aqui.*

Mas pra você ter uma ideia, assim, o nível meu, assim, que tipo, eu batalhei, batalhei até eu conseguir um serviço, que eu trabalhasse seis horas, pra ficar seis horas nesse trabalho e depois ficar aqui. Então assim, eu tenho isso, eu gosto desse lugar que eu ocupo, eu gosto da CUFA, por mais que seja muito difícil, pra mim, estar nesse lugar, liderar. Porque trabalhar com gente não é fácil, não é fácil trabalhar com gente. Eu tenho várias dificuldades, assim, tem momentos, mas eu tenho a CUFA desse jeito, como uma responsabilidade, como um trabalho. Eu costumo falar que eu trabalho pras mulheres da favela e é isso mesmo, eu trabalho pra elas. E a Lívia, já não tem esse olhar, essa pegada do social. Mas agora você entrega uma produção pra ela, tipo uma festa aqui na CUFA. Cara, ela te entrega lindo, perfeito, entendeu? E eu já consigo fazer as duas coisas. Então é isso, assim, eu acho que eu vou acabar caindo porque ela já me falou várias vezes pra eu pegar a [coordenação da] CUFA Mato Grosso do Sul. Só que eu não consigo sair... Eu não consigo largar o osso. Eu

não consigo largar o osso. Eu não vou conseguir sair da CUFA Campo Grande e falar que vou assumir a CUFA MS.

Julia: *Porque daí você vai ter que atender outras cidades, né?*

Letícia: *É... e eu já falei “Eu posso até ficar no lugar, mas eu não vou largar a CUFA Campo Grande”. Porque, assim, não é que eu não confio nas pessoas que estão do meu lado, mas é porque eu tenho muito cuidado. Sabe, Julia? Eu tenho muito cuidado. Eles falam assim pra mim: “Lê, você precisa demandar”. Eu não consigo, por exemplo, a Julia vai dar uma oficina aqui e eu não vou estar nessa oficina. Entende? A Julia vai fazer um negócio com as crianças lá na UFMS e eu não vou. Eu não consigo. Isso não passa pela minha cabecinha. Não consigo. Eu chamo pra ir comigo: “Ó, vamos comigo lá? São tantas crianças, eu preciso da sua ajuda”...mas eu não consigo deixar de ir e ver. Já aconteceu caso de... vamos supor, você é um empresário e você fala assim: “Eu tenho que doar 100 sacolão”. E eu falar pra você: “Vai lá na favela do Mandela, lá tem 100 famílias, você entrega” e você chegar lá e tratar mal as pessoas lá. Isso, eu acho inadmissível, então eu prefiro ir junto, quando chega lá, eu faço o contato, você só entrega e tira sua foto bonitinha e vai embora. Então eu prefiro ir, eu prefiro visualizar o que está acontecendo.*

Julia: *Bom, outra coisa agora, puxando o gancho. Você falou que tem decisão com esse projeto de fazer o sistema. Você consegue, hoje, me dizer, “a gente atende, juntando capoeira, reforço e as ações de sábado, são tantas crianças, tantas famílias”? Eu sei que nem todas estão aqui todo sábado, e nem todas estão aqui para pegar todo mês o sacolão, mas existe talvez uma média, assim: “olha a gente atende em média tantas famílias aqui.”*

Letícia: *Só na nossa sede, aqui na sede, eu tenho 304 cadastros. Mães, eu cadastro só mães. Eu tenho 300 mães cadastradas. 300 famílias eu tenho cadastrada. Se for o total, o total das favelas e dos outros bairros, são 46 mil mães. Cadastrado nessa coisa que eu tô te falando do Google Forms, pensa pra você ver que a gente fez isso. A gente fazia isso na favela. Acontecia assim, por exemplo: entregava hoje uma doação de gás que vinha da [CUFA] Nacional. E, era 100 [botijões de] gás. A gente cadastrava 100 pessoas ali, na hora, no sistema. A gente cadastrava, por exemplo, a entrega de chip. A gente ganhou chip, do Alô Social, que era uma parceria da CUFA com a Tim, na época da pandemia, para as crianças estudarem. Eram seis meses de internet e ligação, para as crianças estudarem. Só aqui, a gente ganhou mais de 30 mil chips. Então a gente ia cadastrando. Pra você ter uma ideia, a gente já conseguiu atender toda a HOMEX. A HOMEX é a maior favela que a gente tem aqui. E assim, a gente conseguiu atender tudo. Hoje ela tá maior ainda, hoje ela tem duas mil pessoas a mais do que na época que a gente cadastrou. A gente conseguia ir e cadastrar ali na hora. Tipo, eu cadastrava [uma pessoa], você cadastrava o “Chico”, sabe assim? E a gente cadastrou desse jeito.*

A gente entregou, Julia, na época da pandemia, 56 toneladas de alimento. Só alimento. Sem contar frango, gás, cartão que a gente tinha. Então a gente conseguia ir e cadastrar ali na hora. Você ia cadastrando.

Julia: *E isso vem da CUFA Nacional?*

Letícia: *Isso. Olha, a gente entregou gás, gás a gente entregou uma vez e teve uma outra vez que a gente entregou, o caminhão parava, e você chamava as mães com o vasilhame, e trocava na hora o gás. Foi 800 botijão e dessa outra vez a gente conseguiu 300 botijão durante um ano, veio tanto pra cá e quanto pro interior. Uma vez nós conseguimos 82 mil caixas de ovos. A gente até fedia ovo, de tanto ovo que a gente tinha [risos].*

Julia: *A Livia me falou que ficava na casa dela um pouco e aí não cabia...*

Letícia: *A sala dela ficou cheia até o teto. Meu Deus. E o ovo tem que ser rápido pra doar, porque senão, apodrece tudo. Assim, a gente tinha um trabalho muito grande, a gente tinha muita doação sempre, a gente ganhava muitas coisas, então a gente conseguiu fazer esse trabalho com as pessoas.*

Julia: *E esse contato da CUFA Nacional com vocês? Sempre tem esse tipo de relação? Que vem direto deles... Ou você faz as correrias só da CUFA Campo Grande?*

Letícia: *Então, na pandemia a gente tinha essas doações que vinha de lá, depois da pandemia nunca mais a gente teve. Aí, é por nossa conta. Então assim, a CUFA Campo Grande faz sua correria, a CUFA Corumbá a dela, outra CUFA faz a dela. Se tem uma ação nacional, por exemplo, a CUFA Nacional consegue parceria com a PicPay, igual a que a gente conseguiu, que dava uma parcela de 120 reais para as mães, aí sim, vem da CUFA Nacional e tal. Mas, faz muitos anos que não tem, uns dois anos que a gente não recebe nada da CUFA Nacional.*

Julia: *Entendi. Entendi agora como que funciona essa questão de quem comanda o que. Agora puxando outra pergunta, eu queria saber de você, porque você falou que você não “larga o osso”... Eu queria saber quais são as atividades que, hoje, tem na CUFA Campo Grande e as que você pretende ofertar, até para eu ter uma noção do que vocês usariam mais, no espaço físico mesmo. Para eu ter noção de projeto. O que que você acha que ajudaria vocês no dia a dia? Por exemplo, a Livia me passou a demanda de doação, porque chega muita doação e vocês não tem onde guardar. Então, o que você me diz? O que você queria?*

Letícia: *Então, a minha maior vontade é que tem uma sala que possa ter aula de dança. Eu acho que é uma das coisas que eu sonho pra esse lugar. Eu acho que uma quadra, também. Eu entendo que o futebol é um esporte acessível para a periferia, mas eu acredito que tem tantos outros esportes, como o basquete. É um esporte que eu acho lindo e a gente não vê*

tantas quadras de basquete na periferia. E tem uma galera que joga basquete que gosta de basquete. Então, eu gostaria muito que tivesse uma quadra. Um espaço onde eu possa tomar café da manhã com as minhas idosas, tipo uma varanda. Eu sou louca para fazer uma varanda aqui na frente pra receber elas, sabe? Outra coisa, calçar. Calçar o espaço. É coisa básica, mas é coisa que faz total diferença pra gente. Outra coisa que eu vejo muita necessidade aqui na CUFA, e é uma coisa até que me pega porque não é acessível pra mim, é o banheiro. Você já foi ao banheiro aqui? O banheiro aqui é uma portinha assim, Julia. Ele não me cabe, eu não consigo ir nesse banheiro aqui. Eu não consigo usar. Então, eu fico pensando nas crianças que são gordas... Eu penso que se precisar entrar uma cadeira de roda ali, não entra, né? A questão da acessibilidade é horrível nesses banheiros, entendeu? E assim, a gente lida com todo o público aqui. Então a gente precisa dos banheiros que fossem mais acessíveis, sabe? Para as crianças usarem, até as mães mesmo...

Julia: *Entendi. E eu queria saber por você, se você sente que as pessoas têm apego com esse espaço que está construído aqui ou se a gente ele é desconsiderável, que poderia fazer tudo do zero O que você acha?*

Letícia: *O que eu acho? Eu acho que as pessoas não [têm apego], mas eu tenho um apego aqui. Com essa casinha aqui. Com essa parte aqui. Tanto assim que eu tenho amigos que trabalham diretamente na política, falando de política mesmo, que trabalham com pessoas que vão ser candidatos a prefeito e tal... E aí a ideia é muito de mim, de ver eu com amor nesse espaço. Julia, eu já ganhei chave de lugar novo, um lugar novinho, “cheirando novo” assim e aí: “Letícia, vai lá para o Itamaracá, tá aqui a chave, tá aqui, olha!” e eu falo: “Eu não quero, eu quero que reforma lá!”. Mas eles não podem mexer aqui porque é pela prefeitura... Então, assim, eu tenho vontade de ter esse espaço pra mim, pra eu fazer coisas lá no fundo, mas eu não vejo que eu conseguiria desmanchar esse aqui. Eu acho que aqui eu faria um galpão para guardar os alimentos, ou uma biblioteca.*

Julia: *Uma coisa também que agora eu fiquei curiosa, conforme a gente conversava... quais são as atividades que são ofertadas atualmente?*

Letícia: *Hoje, aqui na sede a gente tem as aulas de reforço, a capoeira e a gente tem o núcleo psicossocial, com a nossa psicóloga, ela vem com acadêmicas e ela faz o atendimento, a Tati faz com as meninas, com as mães, com as idosas. Eu gosto muito desse jeito que ela trabalha, trabalha o coletivo, as mulheres conseguem falar, ela passa exercícios para melhorar a ansiedade, essas coisas. E eu tenho várias oficinas, amigos meus que querem dar oficina de quadrinho, assim como teve esse final de semana. Oficinas de leitura, de música, de poesia, ritmo e poesia. A Livia, que traz a dança dela, que ela tem um treino da dança que ela faz.*

Julia: *E tudo acontece nesse ambiente [me referindo à sala principal]?*

Letícia: *Isso, nesse ambiente ou do outro lado ali, de fora. Tudo acontece ali. Às vezes, eu tenho várias coisas que daria pra fazer se eu não tivesse que ficar me organizando. A gente tem várias sessões de cinema aqui também. A gente tem atendimento com a Defensoria Pública que vem aqui mensalmente, geralmente mensal. Às vezes, eles vem mais no mês da mulher, outros meses vem mais vezes, no “agosto lilás”. Eu acho que é isso, acho que são essas coisas que acontecem aqui na CUFA.*

Julia: *E esse formulário que você tem de cadastro, você consegue tirar alguma informação dele? Estatísticas, por exemplo: “dessas 304 famílias, representante é a mulher em 100% dos casos”, algo assim...*

Letícia: *Sim. Em torno de uns 79% são mulheres que são as chefes de família, e cerca de 85% são mulheres pretas. A gente procurou fazer bem esse recorte. O SisCUFA, eu acho que ele vai trazer melhor esse recorte pra gente. A Tati já começou a mapear nele, mas eu não sei se vai dar pra te passar, porque como é muita, né? E a gente tem o recorte da mulher indígena, porque a gente também atende as aldeias urbanas. Então, vai ter esse recorte também das mulheres indígenas.*

Julia: *Outra coisa que eu queria saber é sobre esse espaço aqui, desde quando vocês estão ocupando aqui?*

Letícia: *Tem três anos que eu tô usando aqui? [perguntando para Bruna, voluntária da CUFA]*

Bruna: *Na verdade, desde 2020.*

Julia: *E desde então, é só aqui que usa? Quantas crianças e mães vem, semanalmente, que são ativas?*

Letícia: *Em torno de 50, quase 60... Esse ano, mas, ano passado chegamos a atender 92 crianças. Mãe é mais, nós temos mais mães, podemos estipular cerca de 100 mães atendidas, contando com o núcleo psicossocial, as outras atividades, a dança...*

Julia: *Legal... Bom Lê, por hoje é isso, obrigada pela disponibilidade e pela atenção...*

Letícia: *Por nada, qualquer dúvida estamos à disposição.*

APÊNDICE C – Desenhos desenvolvidos na dinâmica com as crianças

Neste apêndice, pretende-se registrar os resultados da dinâmica realizada com 17 crianças, participantes do reforço escolar da CUFA Campo Grande. A interação ocorreu no dia 15 de maio de 2024, na sede da organização, após as atividades de reforço escolar, ministradas pela voluntária e autora deste trabalho.

Inicialmente, explicou-se sobre a profissão e graduação em arquitetura, sobre a temática escolhida para este trabalho de conclusão e sobre a importância da opinião e participação deles para o processo criativo da autora. Um pouco resabiados, concordaram em colaborar. Em seguida, foi explicado que a dinâmica constava em produzir um desenho a partir da seguinte questão: “o que hoje a CUFA não possui, mas que você gostaria que fosse oferecido?”. A seguir, estão disponíveis os desenhos recebidos, juntamente com o autor, sua respectiva idade e uma breve descrição do desenho, dada pelo autor e anotada pela pesquisadora.

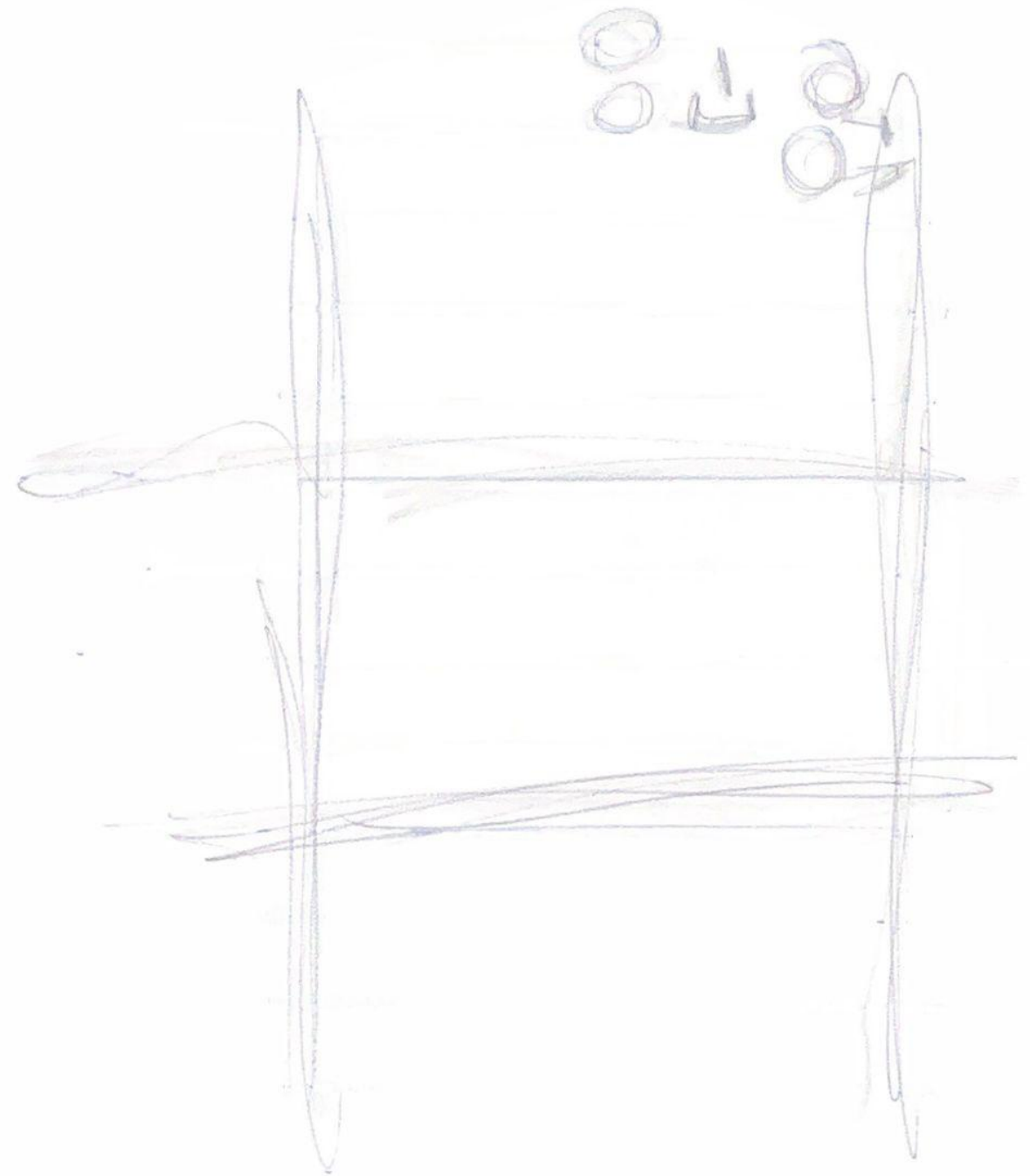
ALICE, 10 ANOS: Oficina de arte



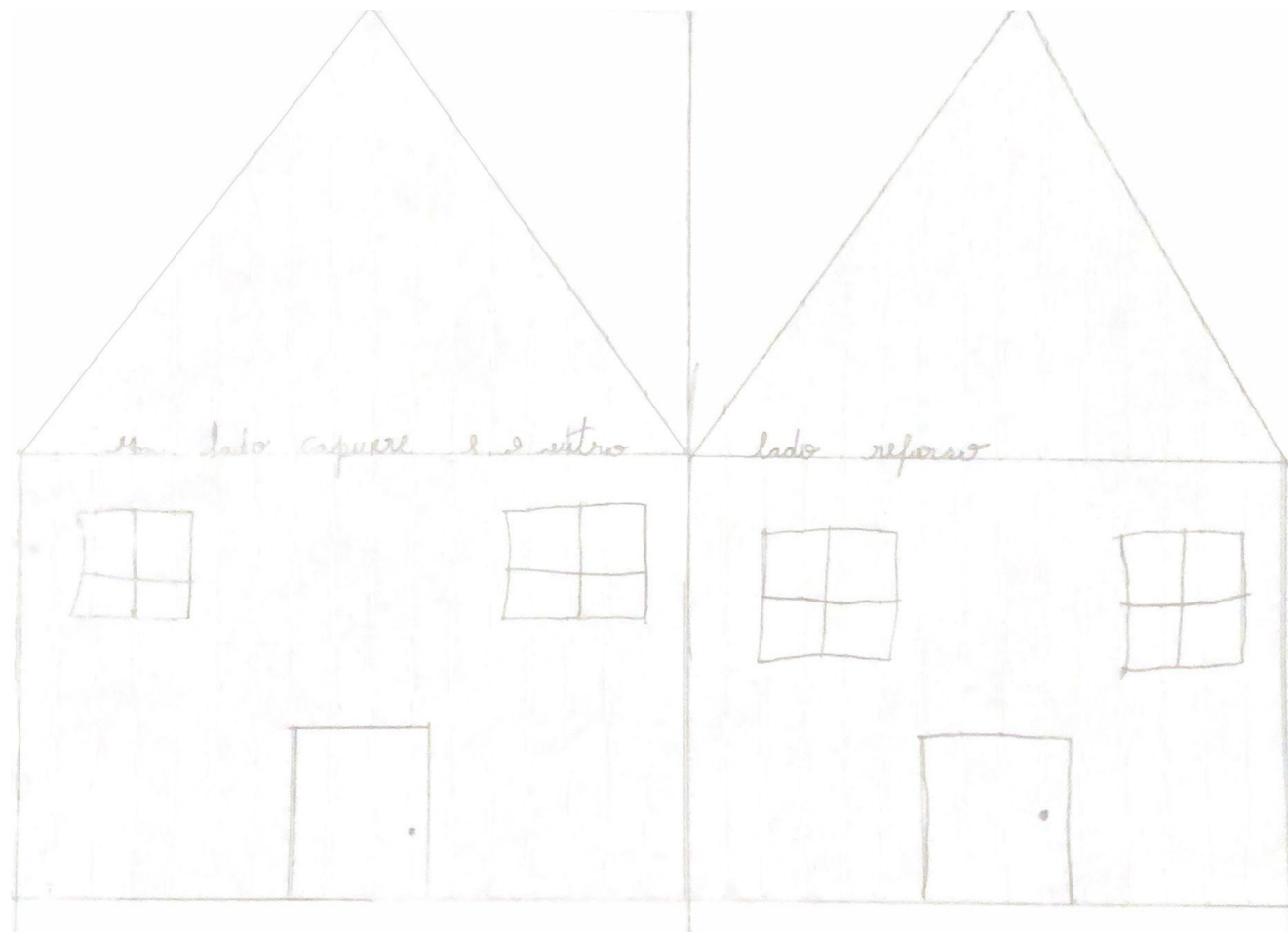
EMILY SOFIA, 8 ANOS: Sala de ballet



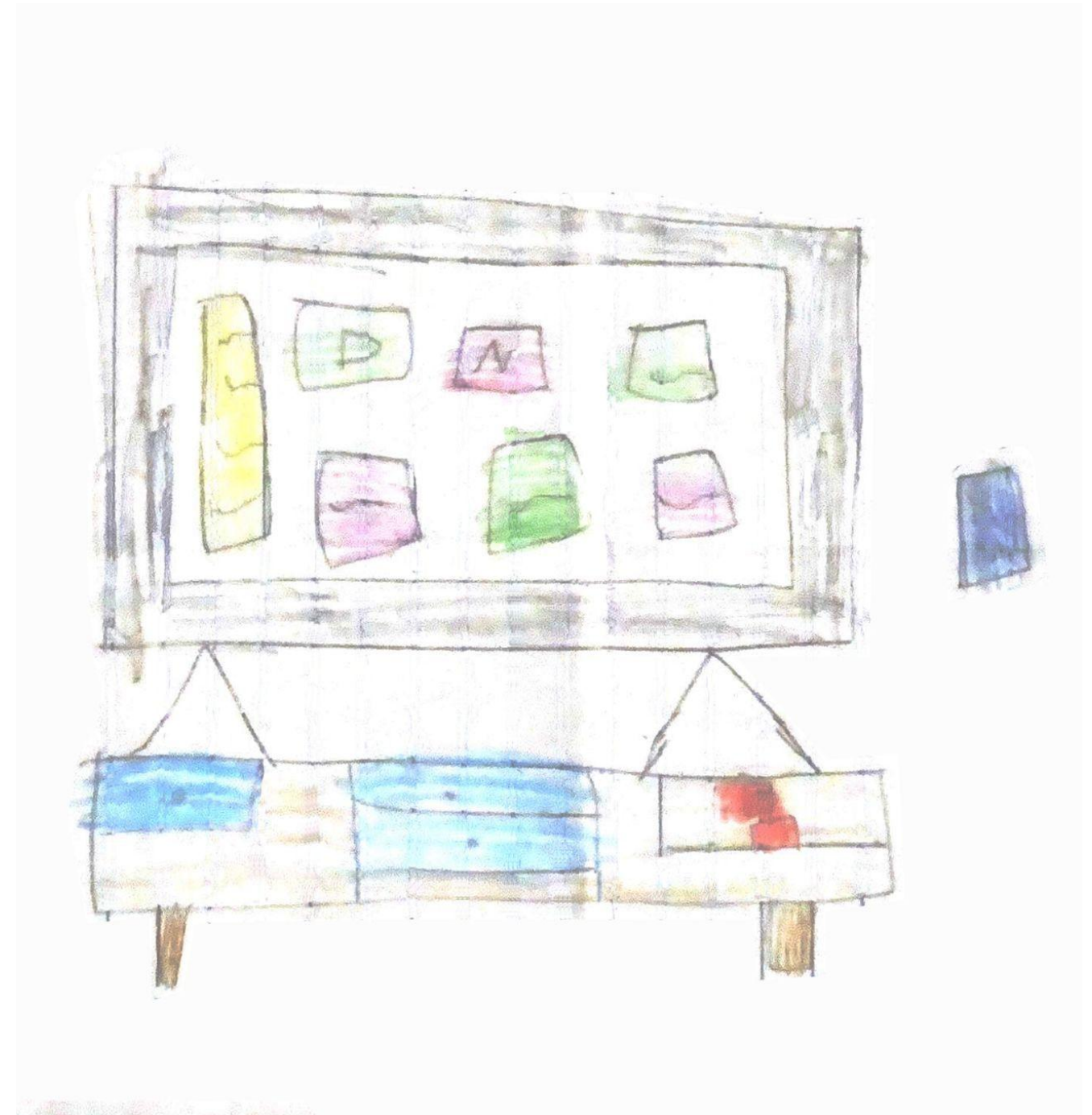
ENZO, 6 ANOS: Pista de corrida de bicicleta



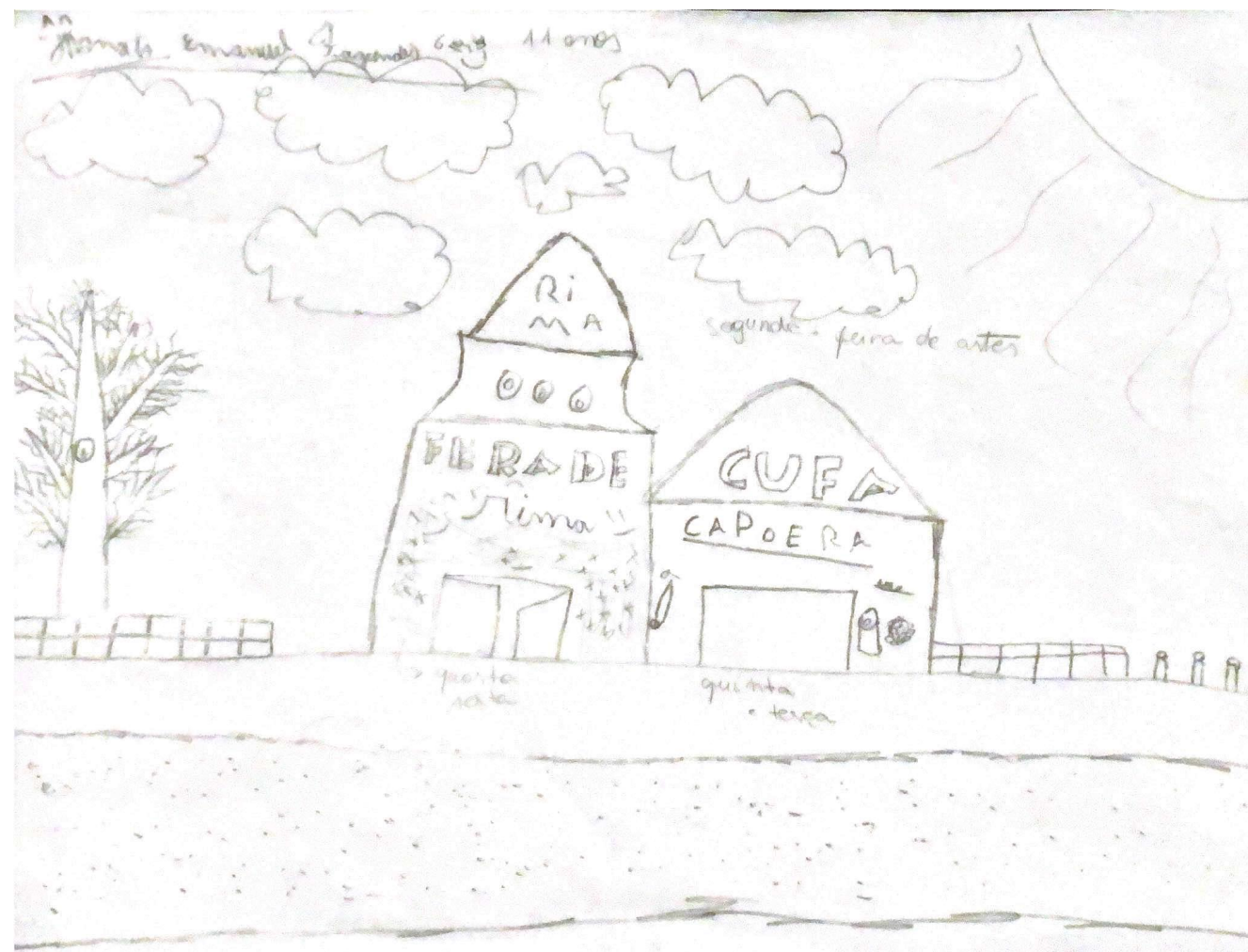
KEMILY, 12 ANOS: Um lado capoeira e o outro, reforço



FELIPE, 11 ANOS: Espaço para assistir TV



JHONATA, 11 ANOS: Feira de rima, feira de artes e aulas de capoeira



KAUANE, 7 ANOS: Um lado capoeira e o outro reforço



LARA, 10 ANOS: Sala de jogos e sala de cinema



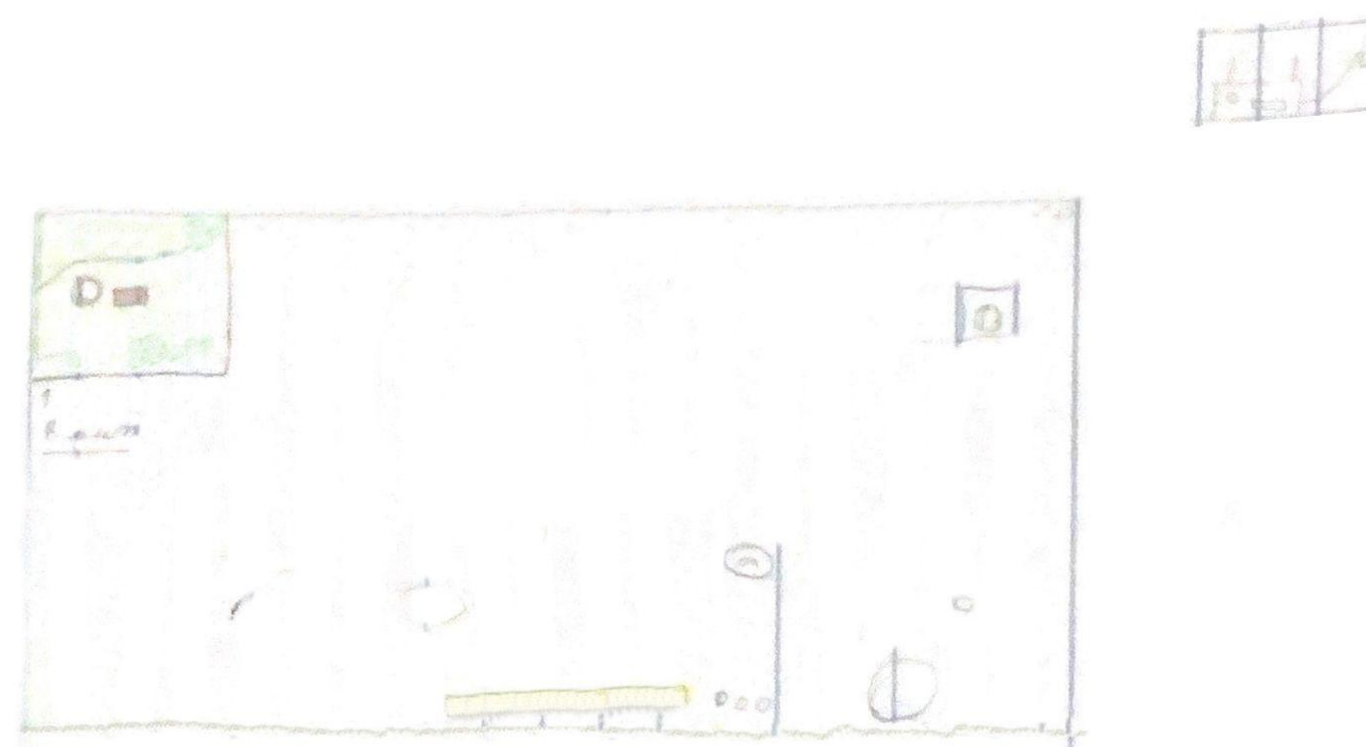
LUIZA, 9 ANOS: Sala de balé e sala de dança



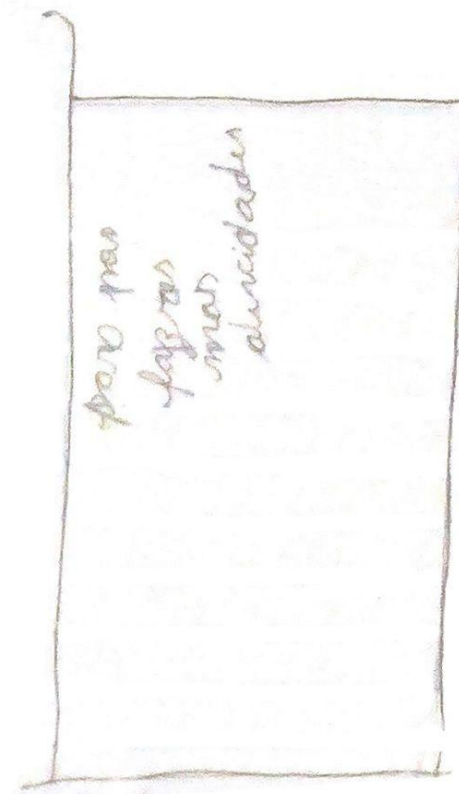
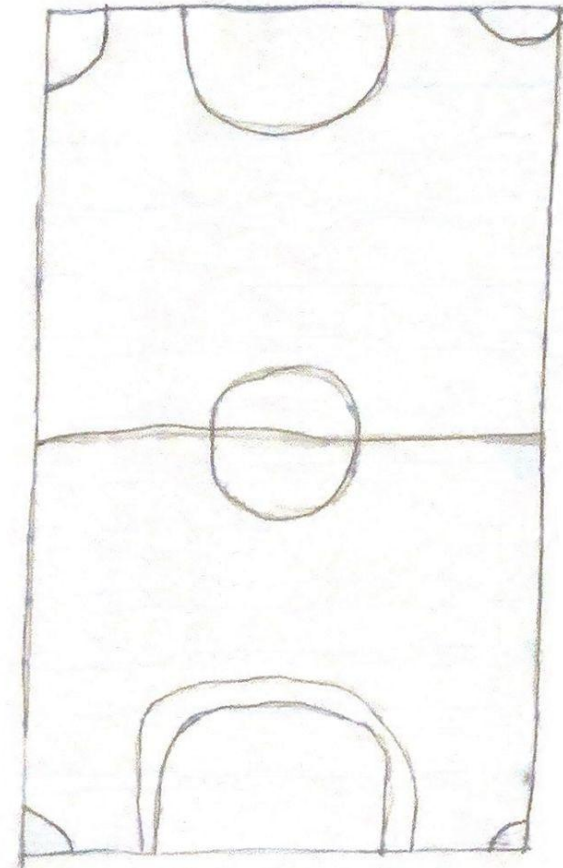
MARIA CLARA, 12 ANOS: Espaço para capoeira e para reforço, separados.



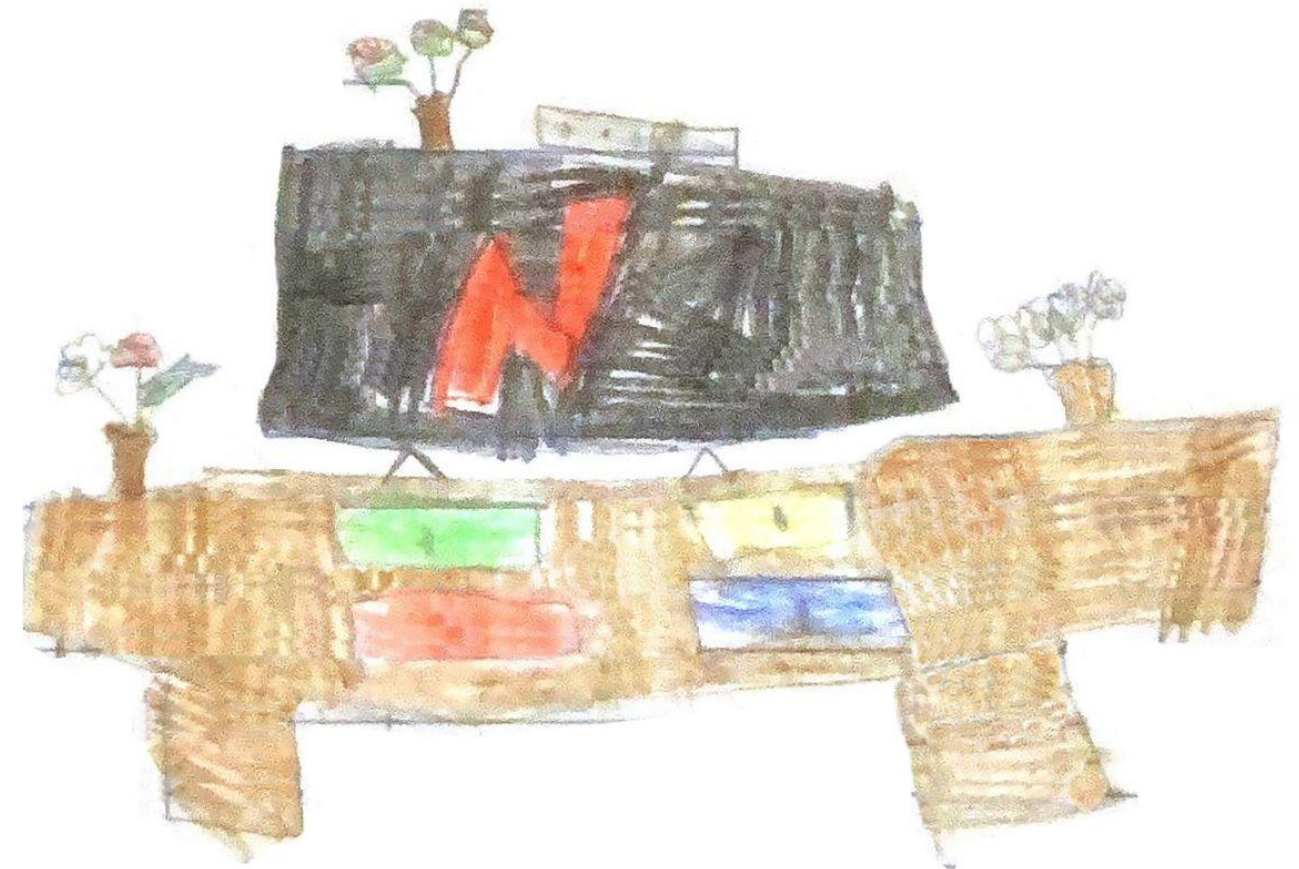
MATEUS, 10 ANOS: Sala de Tv com sofá e rede wi-fi para "jogar no celular"



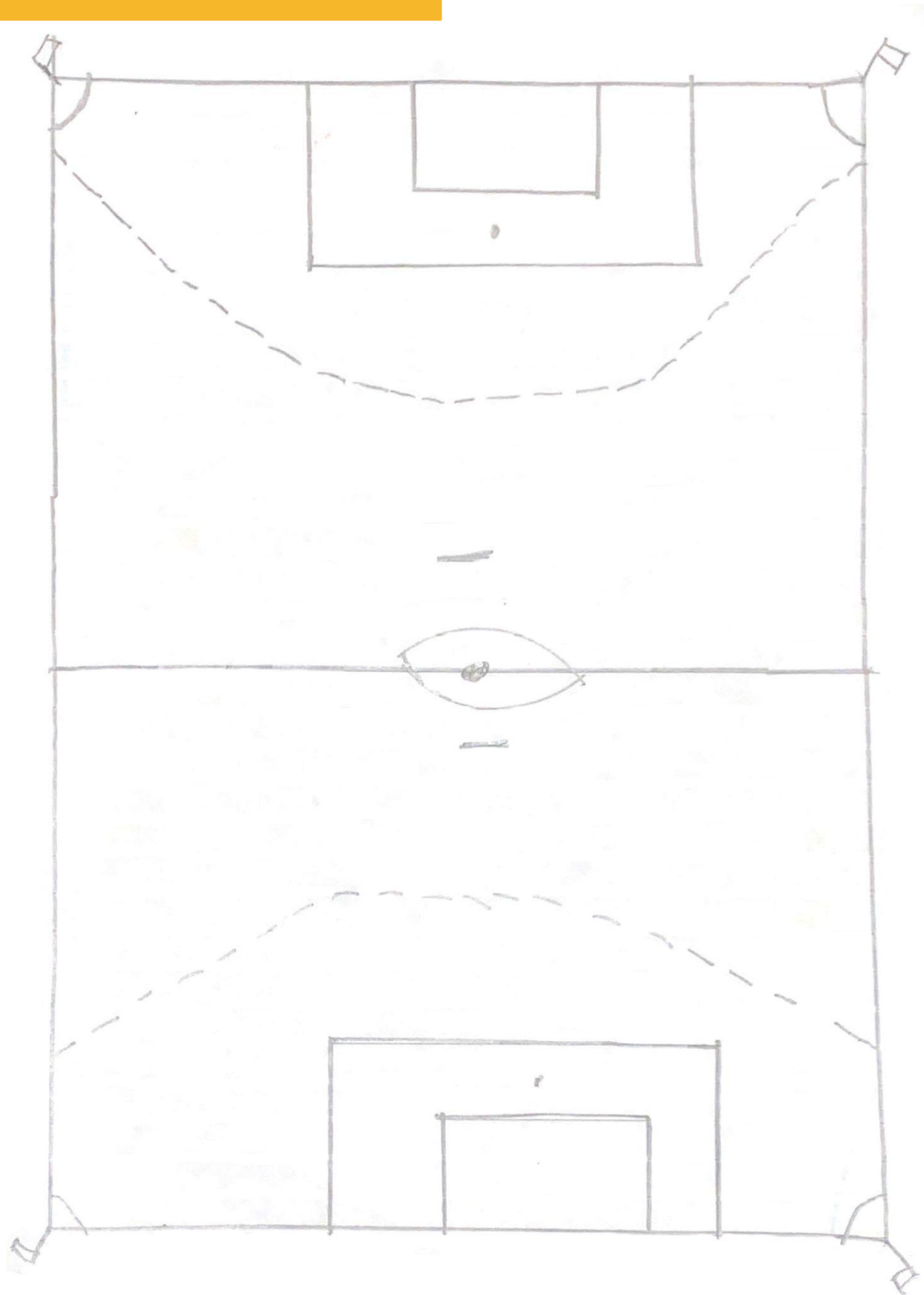
MIGUEL, 12 ANOS: Quadra de futsal, ar condicionado e uma lousa maior para as atividades do reforço escolar



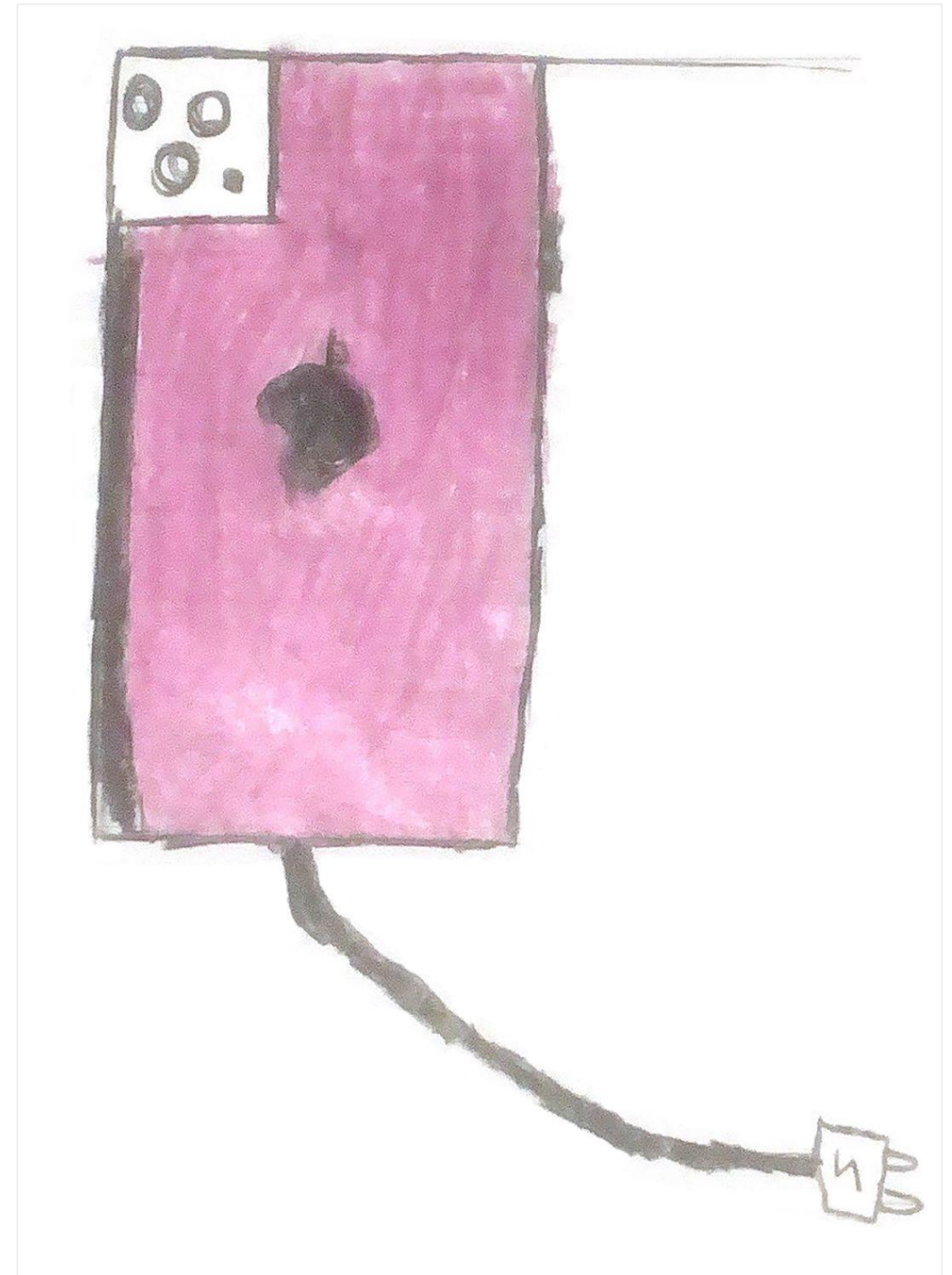
PEDRO: espaço para assistir TV



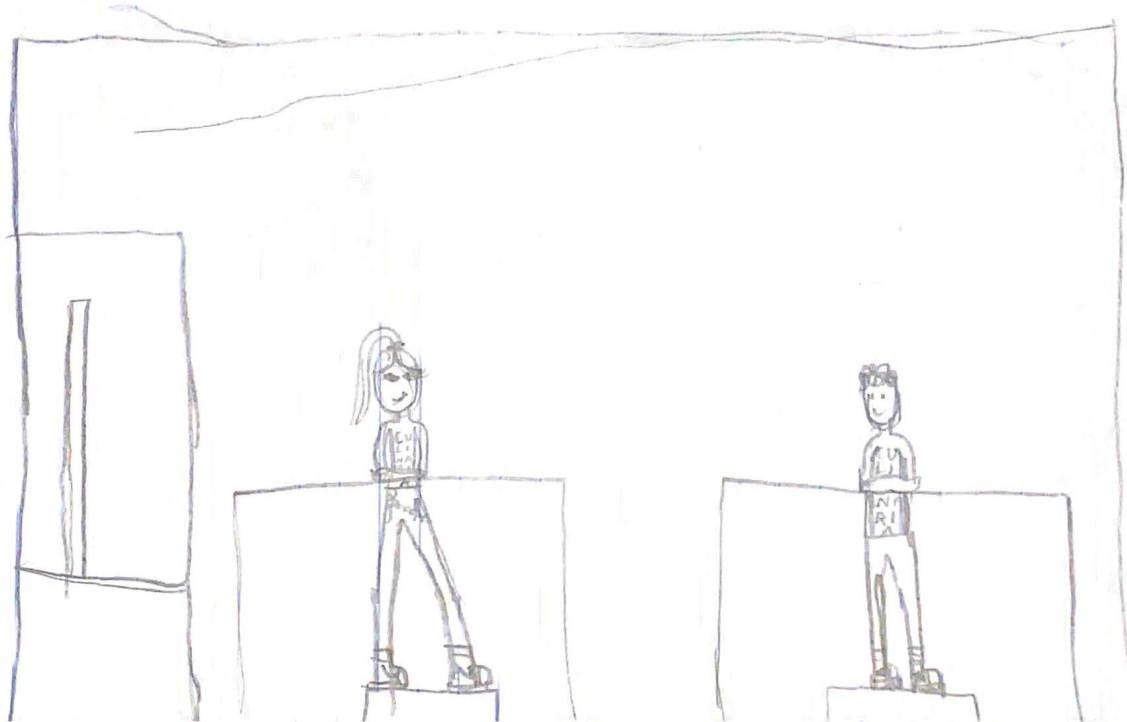
PEDRO, 12 ANOS: Quadra de futsal



RUAN, 11 ANOS: Iphone 14 para jogar Free Fire



TALITA, 11 ANOS Aula de culinária



VINICIUS, 5 ANOS: Galinheiro, borboleta, sofá, árvore e o pateta

